



EDISE

HENRIQUE MAYNART



NEM COPO
DE CACHAÇA
NEM PRATO
DE COMIDA

A primeira greve
dos comunicadores
sergipanos





GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado do Governo

Elder Sandes Vieira



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Administrativo-Financeiro

Marcos Antonio Moura Sales

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Antônio Amaral Cavalcante

Cristiano de Jesus Ferronato

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

HENRIQUE MAYNART



NEM COPO
DE CACHAÇA
NEM PRATO
DE COMIDA



A primeira greve
dos comunicadores
sergipanos



EDISE

Aracaju

2018

Copyright©2018 by Henrique Maynard

CAPA

Cícero Guimarães

DIAGRAMAÇÃO

Cícero Guimarães

REVISÃO

Yuri Gagarin

PRÉ-IMPRESSÃO

Marcos Nascimento / Dalmo Macedo

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Elaborado por Neide Maria J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Bibliotecária Neide Maria J. Zaninelli - CRB-9/ 884

M471n Maynard, Henrique
Nem copo de cachaça nem prato de comida : a primeira greve dos comunicadores sergipanos [recurso eletrônico] / Henrique Maynard.
– Aracaju : Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2018.
230 p.; il.: 21 cm. E'book PDF.

Modo de acesso: world wide
web: <https://segrase.se.gov.br/>
ISBN 978-85-53178-11-7

1. Jornalismo. 2. Comunicação. 3. Greve. 4. Sergipe. I. Vieira Filho, Henrique Maynard Garcez. II. Título.

CDU 070.48

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro
49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@segrase.se.gov.br

Manual de Agradecimentos

Agradecer é obrigação diária de quem transpira e resiste em bando. Dar as costas a esta constatação é padecer na arrogância, na solidão da falsa autossuficiência. Sigamos, então, a hierarquia cerimonial do Manual de Agradecimentos tendo início, desde sempre, pelo sagrado: a Olorum e ao dono da minha cabeça, tallhado em mim sob fagulhas de proteção, serenidade e axé. Sigo sob a vigília atenta do patrono da mata, sob a fartura justa do caçador. Okê Arô. Família carnal também é de lei pra abrir qualquer agradecimento que se preze, segue o script do semi matriarcado da família Pereira: vó Aliete, a quem dirigi meu primeiro bilhete de amor, mãe Luizete, coautora deste livro e entusiasta pra mais de metro, Maria, pela paciência e rabujo regimental, Simone, pela torcida e camaradagem, dinda Rita, porque dinda tem que ter moral. Pai Henrique, de quem tratei de herdar o nome, a teimosia, o gosto pelo papel ofício, a agonia sistemática, a lida com documentos de registro e a paixão insólita pelo centro histórico de Aracaju, arrastar sola por suas ruas estreitas no cerne da cerveja.

Cristian Góes, por ter me contado a primeira versão desta estória lá pelos idos de 2013 no finado Bar do Coelho, na Catedral Metropolitana de Aracaju, e por contribuir com o prefácio que apresenta esta obra. Camarada Babi, Bárbara Nascimento em pura e desnecessária formalidade, que ouviu esta estória comigo lá no Coelho e me aturou repetindo-a em dezenas ou centenas de oportunidades, compulsivamente, dentre tantos embates e lutas sociais que travamos ombro a ombro. Rian Santos, que mesmo em meio às grandes diferenças que guardamos, me ensinou que todo texto deve ser tratado, lapidado e revisado como uma obra

de arte, por colaborar com a orelha desta edição e me desfazer das reticências desnecessárias de uma vida verborrágica.

Agradeço às mulheres, homens e pessoas sem identidade de gênero definida que, na convivência militante por outro mundo possível, me moldaram para a escrita de combate na disputa pela memória, seja no movimento estudantil, na assessoria sindical, no partido político, nos movimentos de combate às opressões ou nos coletivos em que tive a oportunidade de construir e colaborar. Sem vocês esta reportagem seria mais uma pauta engavetada em qualquer arquivo morto pela rodovia do mundo.

Aos professores e professoras da Universidade Tiradentes por todo apoio na confecção da obra: Vanessa Ponte, pelas indicações de organização e estilo, pelos pitacos cruciais, pelas palavras e excessos que a virginianice nos concede a rodo. José Juva, primeiro editor e revisor sádico do manuscrito, de orientador a parceiro pelas estradas notívagas. Ronaldo Linhares e Juliana Almeida, pelas contribuições de banca e palavras gentis de incentivo. Valéria Bonini, pela disposição inesgotável para com as tramitações burocráticas da vida acadêmica, apoio e torcida. Talita Deda, pelas infundáveis indicações bibliográficas e aportes para narrativas de não ficção. A Elis Valença, e através dela toda equipe do Unit Notícias, pela acolhida entusiasta do projeto, aos parceiros e camaradas que encontrei no labirinto pedregoso de uma graduação tardia.

Às direções do Sindicato dos Jornalistas e Radialistas de Sergipe, em especial Paulo Souza e Fernando Cabral, pelo apoio incondicional no acesso à documentação, registros, atas e contatos de entrevistados. Augusta, do Sindijor, e Carol, do Sterts, pela atenção e disponibilidade, além de aturar as trapalhadas de um pesquisador ainda imberbe. Ao Club Sportivo Sergipe, Associação Desportiva Confiança e Federação Sergipana de Futebol,

pela atenção e cordialidade. Aos homens e mulheres, sujeitas desta obra, por me confienciarem parte de suas vidas e relatarem em voz coletiva um capítulo incontestado da luta social das bandas do Cacique Serigy. Agradeço e cumprimento o conselho editorial da Edise, assim como todo corpo de funcionários da Segrase na pessoa de Milton Alves, por acolher a primeira edição desta obra.

Não menos importante, já que é visível a proximidade com o final do rito previsto no Manual: agradeço àquela que me descobriu no auge do recolhimento para redigir esta reportagem, que me correspondeu com um ano de atraso em um sábado sem graça de abril, que reconheceu - ainda à distância - minhas compulsões de traça, minhas unhas roídas e minha coluna torta. Que mesmo sem prever, saber ou querer, foi a brisa fresca que entrou pela janela entreaberta do *Whatsapp* em uma rotina que clamava por paciência, retidão e fôlego. Testemunha diária do início ao fim com periodicidade inabalável. Tathy Moura: declaro em excesso e ternura, abestalhadamente, que gratidão pouca é bobagem.

Aos operários do verbo e da luz, aos que batalham, persistem e cumprem o *deadline*. Aos que valeram muito mais que um copo de cachaça e um prato de comida, aos que não se envergararam aos *releases* do mandonismo, aos que não foram dobrados pela agonia do tempo presente, aos que insistem em reescrever um desfecho coletivo em direção à liberdade.

*Para vó Aliete, por ensinar que
a escrita é a maior burrice que eu
poderia cometer.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	15
APRESENTAÇÃO: OS LADOS DO BANQUETE.....	23
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	27
CAPÍTULO 1: ARACAJU NA CURVA DO NEOLIBERALIS- MO.....	29
Reestruturação produtiva e ordem neoliberal.....	30
Disputa eleitoral entre 1985 e 1990.....	33
A imprensa e a radiodifusão na capital.....	36
Os donos da mídia no acordão de 1990.....	38
Destaques dos jornais em novembro de 1991.....	39
CAPÍTULO 2: DISSÍDIO.....	49
A fundação dos sindicatos e o desespero que era moda em 1976...50	
Caminhando contra o vento pelos anos 1980.....	54
Caminhos e percalços para a unidade.....	56
Nova década e novas gestões. Velhos dilemas.....	59
A data-base chegou.....	66
Braços cruzados.....	68
A vida do lado de fora do auditório.....	70
Primeiros piquetes.....	73
CAPÍTULO 3: O CLÁSSICO DO SILÊNCIO.....	79

Bola pro mato que o jogo é de campeonato.....	80
A greve do clássico.....	82
Cabos cortados.....	85
TV Atalaia no camburão.....	87
O jogoprestesa começar.....	89
Segundo tempo.....	94
E fim de papo.....	100
CAPÍTULO 4: A ÚLTIMA SEMANA DE NOVEMBRO...103	
Aracaju, 25 de novembro de 1991.....	103
Assessores legislativos.....	107
Assessoras em um turno, grevistas em outro.....	108
Editores e diretores de jornalismo.....	109
Correspondentes da imprensa nacional.....	110
Aracaju, 26 de novembro de 1991.....	111
Aracaju, 27 de novembro de 1991.....	117
Denúncias da Gazeta contra Chiquinho Ferreira.....	121
Aracaju, 28 de novembro de 1991.....	124
Aracaju, 29 de novembro de 1991.....	127
CAPÍTULO 5: PROGNÓSTICO E PERSPECTIVAS.....133	
CAPÍTULO 6: CÉLULA MATER.....145	

CAPÍTULO 7: OS GREVISTAS DE ONTEM E OS DIRE- TORES DE HOJE.....	153
Eduardo piqueteiro, Eduardo diretor.....	153
Eugênio grevista, Eugênio diretor.....	158
CAPÍTULO 8: LUZINETE QUER TUDO OUTRA VEZ...163	
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	177
ANEXOS.....	188

PREFÁCIO

“Depois todo mundo chorou... foi um fato que ninguém vai apagar”

Cristian Góes

Jornalista

A frase-título do prefácio é de autoria do radialista Raimundo Macedo e foi tomada emprestada à sua entrevista que consta dessa obra. Ela foi escolhida porque pode mobilizar várias camadas de sentido que compõem e atravessam um dos episódios mais marcantes e, curiosamente, mais esquecidos da história da comunicação em Sergipe: a greve dos trabalhadores da imprensa, ocorrida entre os dias 22 a 29 de novembro de 1991. Aquele acontecimento foi tão inédito e intenso à época que, ao final, “todo mundo chorou”. De fato, quem viveu a experiência do atrevimento de parar a comunicação em Sergipe chorou e jamais deve ter esquecido e apagado de sua memória.

Entretanto, aquela ousadia inimaginável de jornalistas e radialistas, imaginados como subservientes e vendáveis por um prato de comida e um copo de cachaça não podia, na lógica do sistema de poder local, ganhar a memória coletiva e correr o risco de ser lembrada e revivida. Por isso, aquela inédita e ousada greve de 1991 acabou sendo condenada ao silenciamento cotidiano, enterrada na sepultura mais profunda e fria do esquecimento. Os trabalhadores e suas organizações venceram a batalha sindical e perderam a guerra de sua narrativa. O esquecimento venceu e a jornada de oito dias de greve que parou a imprensa e que teve reflexos surpreendentes caiu na vala comum da invisibilização. Essa ação de poder, de construir esse apagar é tão violenta que as novas gerações de jornalistas e radialistas jamais ouviram falar dessa greve. Muitos podem até duvidar de que ela existiu.

Ocorre que existe um antídoto poderoso contra o esquecimento, o silenciamento e a invisibilização e, independente dos sistemas

de poder, mais cedo ou mais tarde ele será usado: uma necessidade incontornável do sujeito em narrar, em contar sobre sua vida e a dos seus. Essa ação nos obriga a retomar o passado e é aí que percebemos o quanto ele é indomável, isto é, o quanto está vivo, o quanto não passou. Isso porque o passado nunca estará pacificado. Graças às narrativas, ele jamais é passado. E é aqui que faz todo sentido a segunda parte da frase de Raimundo Macedo: “um fato que ninguém vai apagar”. Ela encontrou guarida na ideia e na potência criativa e narrativa do jornalista Henrique Maynard, autor dessa obra. Para além dos acontecimentos e dos seus personagens, para além do seu narrador existe um terceiro elemento que é convocado para constituir uma frente de luta pela memória: os leitores. A acolhida ativa e reflexiva desse belíssimo texto de Henrique Maynard é parte desse processo. Percebe? A greve de 1991 não acabou. Não é passado. É presente. Está viva e é inédita para muitos de nós.

Chamamos atenção da deliciosa e poética narrativa de Henrique Maynard, as suas opções convocadas para enfrentar esse brutal esquecimento, sua sagacidade em deixar que as pedras falassem, e sua sensibilidade de um diálogo constante de afetos com gentes visíveis e invisíveis. Na narrativa do autor e dos seus parceiros de memória expressos nas entrevistas podemos sentir a cadência das respirações a flertar com as lembranças que parecem do passado, mas que estão a pular no presente, a exigir olhar em termos de perspectivas. Quando “todo mundo chorou” traz um fundo de enorme alívio pela conclusão da greve dos jornalistas e radialistas sergipanos. “Oito dias de disputa da narrativa que corria viva em frente às portas das emissoras e redações, oito dias de garganta e papel. Oito dias, cento e noventa e duas horas de ousadia, quatro mil seiscientos e oito minutos de cansaço. Oito dias bambeando uma mesa que se julgava inabalável”, conta-nos Henrique.

Sim. Foi uma greve insolente, duríssima e vitoriosa, e que cravou uma fissura na história de uma realidade povoada por coronéis e jagunços, dominada pelo medo, opressão, machismo e por um lambe-botismo cultural acentuado entre nós. Os mais de 25 anos de silenciamento daqueles oito dias de novembro de 1991 ainda

são uma prova inequívoca desses traços e de várias forças mobilizadas para o seu esquecimento. Todavia, elas não são absolutas, e uma prova, também inequívoca disso, é exatamente essa obra de Henrique Maynard, fruto do seu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo na Universidade Tiradentes, e que teve como orientador o professor doutor José Juva. De saída, existe um mérito extraordinário nesse trabalho: mexer com a memória, enfrentar a cultura do esquecimento. A senha para isso já existia antes mesmo da entrevista de Henrique a Raimundo Macedo: “um fato que ninguém vai apagar”.

Para aquele que chora, a memória custa a falhar. As lágrimas parecem ter algum poder de irrigar a lembrança de tal forma que a recordação ganha resistência ao tempo e, dificilmente, apaga-se. Entretanto, ao final da greve dos jornalistas e radialistas o choro não foi individual. Naquela assembleia, “todo mundo chorou”. Estamos aqui na dimensão coletiva do choro, de um fim de uma paralisação histórica em razão do seu contexto, que denunciou opressões e anunciou esperanças, mexendo-se com uma realidade de subserviência que se pensava consolidada. A vitória foi conquistada, “todo mundo chorou”, mas a luta não tinha chegado ao fim. O movimento nos dias, meses e anos subsequentes foi engolido pelo esquecimento. Reorganizadas depois do susto, as forças políticas e sociais majoritárias parecem que continuaram usando o prato de comida, o copo de cachaça e acrescentando mimos desprezíveis. O resultado disso foi o emudecer do choro coletivo, o secar das lágrimas de todos, o impedimento à memória.

Lembram-nos, porém, Foucault (1988, p. 96), que as forças não são de mão única. O poder que limita, controla, apaga, carrega nele mesmo as condições que também “o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo”. Essas tensões são a potência da realidade, e as narrativas de contracorrente são um dos modos de disputa pelo direito à memória, de resistência e reação à construção política da cultura do esquecimento. A ideia, as buscas, as insistências, as seleções, a escritura, o jeito e a forma da obra de Henrique Maynard é uma ação política a dar consequência e vida ao complemento da frase de Raimundo Macedo: “ninguém vai apagar”. Henrique, da

ideia à narrativa, ajuda a libertar a memória, traz à luz as contas de um passado que, nem tão distante assim, alguns não queriam que fossem lembradas. Esse trabalho dar voz a um choro coletivo que “grita” distante dos poderes econômicos, como disse Michel de Certeau (1994, p. 222), e que sempre grita contra o esquecimento.

“Nem o copo de cachaça nem o prato de comida” é um dos meios fundamentais para que não nos esqueçamos que um dia “todo mundo chorou”, o que implica perceber uma trajetória de lutas e de suas incontáveis adversidades, sonhos, medos, esperanças e frustrações. Essa obra, de narrativa viva, inteligente e inquieta, ainda associa-se ao compromisso histórico de que “ninguém vai apagar” a ousadia da greve dos jornalistas e radialistas sergipanos em novembro de 1991. Ou seja, nós, seus leitores, estamos obrigatoriamente enredados nessa história.

Essa obra tem uma importância tão grande na luta pelo direito à memória e à história que talvez nem o seu autor nem alguns dos seus leitores possam dimensionar o alcance das raízes de seu valor. Não se trata apenas de mais um livro, mas de um movimento que mira o passado como elemento vivo e padrão para o presente, como argumentou Eric Hobsbawm (1998). Na sociedade brasileira, esse exercício já é revolucionário em si mesmo, porque grande parte do passado que temos segue um padrão manipulado para produzir o que Paul Ricoeur (2008) vai chamar de “abuso de memória”. Ora, em lugares como Sergipe, em que as “colonialidades”¹ persistem e dão o tom das relações sociais, políticas e culturais na contemporaneidade, grande parte da memória coletiva é impedida, obrigada e manipulada para produzir uma história serva que atende aos interesses das forças dominantes de plantão. Nessa história, as lutas, greves, choros coletivos, memórias dos trabalhadores estarão sempre invisíveis, mesmo quando aparecerem. E quando tratamos de jornalismo, esse quadro de impedimentos da memória é acentuado porque o jornalismo e os seus

1 Expressão em QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 73-117.

atores são uma realidade extremamente precária, que se desfaz ao vento dobrar a esquina mais próxima.

Assim, esse trabalho de Henrique Maynard, por diversas razões, toma o rumo contrário da historiografia oficial, acordada, domesticada, bem-comportada. Ela segue em sentido oposto à lógica do registro pelo registro e propõe uma visada sobre a greve de 1991 que ultrapassa, e muito, as marcas temporais e espaciais. “Nem o copo de cachaça nem o prato de comida” faz enxergar tantos anônimos trabalhadores de jornais e emissoras de rádio e TV em Sergipe que ousaram dizer “não” a uma cultura do capachismo, mesmo diante de ameaças, seja de perder o emprego, seja de perder a vida. Esse trabalho é também uma homenagem às mulheres, a exemplo de Luzinete Silva, a primeira mulher presidente do Sindicato dos Jornalistas de Sergipe, que mesmo afastada da direção do sindicato para cuidar da gestação estava lá, na linha de frente com o bravo companheiro José Araújo e tantos outros. Todavia, a greve foi na gestão de Luzinete e isso “ninguém vai apagar”. Henrique também acende as memórias das mulheres jornalistas e radialistas na frente de batalha, nos piquetes, no destemor de invadir um campo de futebol e estender uma faixa atrás das traves, na bela valentia de enfrentar os patrões, os coronéis e seus jagunços. Sem a bravura e a participação ativa das mulheres, essa greve talvez não tivesse chegado tão longe.

A narrativa de Henrique Maynard ainda traz um recado claro para as organizações dos trabalhadores que constroem a consciência de que as lutas transitam em uma arena de classes, em que a conciliação com o capital pode representar um pacto de silenciamento, invisibilização e apagamento da memória dos trabalhadores e de suas lutas. Essa obra é um chamado a essas organizações para que percebam o quanto é estratégico cultivar, registrar, narrar, organizar a memória porque ela é central nas disputas narrativas das realidades. E isso não é “coisa do passado”. Lutar contra o capital é também lutar contra a construção do esquecimento, é fazer-se em constante memória a animar o presente e fortalecer o futuro. Os grupos de poder majoritários sabem disso há muitos séculos. Eles sabem que o passado é uma dimensão permanente da

consciência humana, como disse Hobsbawm (1998), ou seja, o passado é uma condição vital nas nossas relações e, por isso, essas forças se mobilizam, com firmeza e sutileza para o seu controle, manipulação e domesticação.

Ainda há lacunas nas pesquisas sobre as histórias de outras greves dos trabalhadores da imprensa em Sergipe, especialmente no século XIX e na primeira metade do XX. Até aposto que houve, mas o certo é que desde a criação oficial dos sindicatos dos jornalistas e dos radialistas nos anos 1970, essa greve foi única, unificada, a mais marcante em razão dos enfrentamentos, das tensões, das ameaças e da grande e inédita interferência nas partidas finais do campeonato sergipano de futebol profissional, disputadas entre Sergipe e Confiança no Estádio Batistão. Nesse ponto, Henrique Maynard é o narrador do “clássico do silêncio”, o jornalista a estender a faixa, a conversar com a vendedora de espetinhos de carne, a passar instruções a seus jogadores, a chutar no ângulo, a gritar um gol entalado na garganta. Uma greve que produz o silenciamento das transmissões de um clássico de futebol em sua reta final é “algo mais que fantástico”, como dizem os portugueses. Essa narrativa apaixonada do autor sobre esse episódio transforma a greve dos jornalistas e radialistas sergipanos em novembro de 1991 em um clássico do trabalho contra o capital. E também por isso, esse “é um fato que ninguém vai apagar”. As edições atrasadas dos jornais, o jogo de futebol mudo, as edições impressas borradas e mal editadas, os programas locais suspensos e mal feitos, tudo isso são rastros visíveis e valiosos desse movimento invisível para a grande maioria, mas que por meio dessa obra ganha vida para ser lembrado e relembado, vivido e revivido.

A perspectiva da memória que estamos tratando, e é ela que está em jogo nesse trabalho, não é estática, jamais será letra morta da história, uma lembrança empoeirada do passado. Como temos refletido, estamos em movimento que, por si só, somente existe enquanto dinâmica. O livro *Nem o copo de cachaça nem o prato de comida* é, assim, uma força viva que nos obriga pensar no agora do jornalismo, no seu contexto e, principalmente, inquietarnos a projetá-lo, a perceber seus movimentos e refletir como agir

nele. Ao narrar, de forma extraordinária, a greve dos oito dias de novembro de 1991, o autor desse trabalho lança sobre nós a lembrança de um compromisso inadiável com as condições que não terminaram naquele ano: a superação de todas as formas de opressão de um sistema político e econômico baseado na colonialidade, e a luta, sem trégua, pelo direito ao choro da vitória e da derrota, pela memória coletiva dos trabalhadores, pela liberdade.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade.** 13ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História.** São Paulo: Companhia de Bolso, 1998.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

OS LADOS DO BANQUETE

Servidos à mesa em prato fundo, colher e copo americano, o cenário precede o ofício que dispensa talher e cristal. “Para comprar um jornalista ou um radialista em Sergipe, basta um prato de comida e um copo de cachaça”. A afirmação é remetida nas rodas informais das duas categorias ao ex-prefeito, ex-deputado federal, advogado e empresário Antônio Fernandes Viana de Assis, nos idos da década de 1980. Há também quem afirme que o próprio ex-deputado viera a público desmentir a frase, através de declaração oficial na imprensa. Mesmo tendo partido da boca de Viana é sabido que a afirmativa é de paternidade coletiva, esculpida sobre os ritos do patronato da comunicação sergipana. A frase do ex-deputado ganha abrigo nas bocas que se entopem na ponta estreita da mesa, que, deglutindo a carne e mordiscando os ossos em busca de tutano, dispensam a cartilagem pelos cantos dos lábios. Acontece que qualquer móvel, seja ele mármore ou mogno, pode amolecer pela tangente das curvas que habitam a história, ora para reorganizar o lugar das refeições, ora para dispensar as cumbucas e travessas no chão. O mogno da comunicação sergipana bambeou em uma sexta-feira quente de novembro sob a brisa morna do Rio Sergipe que soprava da Ivo do Prado, o banquete não seria mais o mesmo.

O ano de 1991 testemunhou a primeira – e única – paralisação unificada de radialistas e jornalistas no estado de Sergipe. Entre os dias 22 e 29 de novembro as ruas de Aracaju presenciaram o silêncio das estações e as estampas das gazetas que insistiam em pular da boca das prensas. Oito dias de piquete e convencimento, oito dias de combate às perdas salariais que solapavam a cesta básica nos tempos do cruzeiro. Oito dias de disputa da narrativa que corria viva em frente às portas das emissoras e redações, oito dias de garganta e papel. Oito dias, cento e noventa e duas horas de ousadia, quatro mil seiscientos e oito minutos de cansaço. Oito dias bambeando uma mesa que se julgava inabalável.

A paralisação foi organizada pelas direções do Sindicato dos Jor-

nalistas Profissionais de Aracaju (Sindijor) e Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão do Estado de Sergipe (Sterts), e contou com o apoio direto e indireto de uma série de entidades sindicais e da sociedade civil. As duas jovens organizações naquele momento herdavam a verve do combate à ditadura civil-militar, da reorganização do movimento sindical e do ascenso das lutas populares que comeram os anos 1980 pelas beiradas do tempo, a batalha por valorização salarial, contra a inflação, a carestia e pela democratização dos meios de comunicação. Uma ação organizada na antessala dos protestos que viriam a exigir o impeachment do então presidente Fernando Collor, ocorrido em 1992, uma ação que cravou os dentes no tempo e não teve direito a uma manchete sequer. Triste paradoxo.

A inédita paralisação carrega consigo feitos de glória e agonia, como a interrupção da programação da TV Sergipe, o fechamento de estações e a obstrução da transmissão da fase final do Campeonato Sergipano de 1991, protagonizado pela rivalidade histórica entre as equipes do Club Sportivo Sergipe e da Associação Desportiva Confiança. Os casos pitorescos, as tratativas frente à Associação de Rádio, Televisão e Jornais do Estado de Sergipe (Asert), entidade representativa do patronato, e à Divisão Regional do Trabalho (DRT), os avanços e retrocessos, as limitações estruturais, os erros e acertos daquele processo e as reflexões sobre suas lições para o tempo presente constituem os objetos deste trabalho.

A presente obra foi organizada a partir da leitura das edições dos periódicos Jornal da Cidade, Cinform, Jornal de Sergipe e Gazeta de Sergipe que circularam entre os dias 22 e 30 de novembro daquele ano – mesmo em meio à paralisação de boa parte das redações – com foco nos dois últimos em virtude do acesso ao material digitalizado tanto do Jornal de Sergipe quanto da Gazeta, o que trouxe um dinamismo crucial em torno de seus exemplares. A história é contada a partir dos dados apresentados pela Federação Sergipana de Futebol (FSF), da leitura das atas dos sindicatos e do relato de grevistas e personagens que narram suas vidas pessoais, profissionais e políticas sob os labirintos espinhosos da memória, além de bibliografia indicada no Trabalho de Conclusão de Curso

no curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, no período de 2017.1 na Universidade Tiradentes (Unit).

O primeiro capítulo do livro “Aracaju na curva do neoliberalismo”, apresenta um retrato político, econômico e demográfico do estado de Sergipe e da cidade de Aracaju no início dos anos 1990, dados dos processos eleitorais ocorridos entre 1985 e 1990, a formação do parque de radiodifusão sergipano, a relação do empresariado da comunicação na disputa política local e acontecimentos de novembro de 1991 ocorridos em paralelo, concomitantemente à narrativa da greve. Em “Dissídio”, é possível ler a história da formação dos dois sindicatos, o contexto político de suas fundações, as primeiras mobilizações das categorias pelos anos 1980 até a deflagração da greve. No capítulo “O clássico do silêncio”, o autor narra a interrupção do clássico entre Sergipe e Confiança, ocorrido a poucos dias de decretação da paralisação, em “A última semana de novembro” é apresentado o relato sobre os casos ocorridos entre os dias 25 e 29 de novembro, desde os piquetes em frente aos grupos de Comunicação, o clima das assembleias e estórias ocorridas naquela semana. Em “Estilhaço: Prognóstico e consequências”, o livro aborda os efeitos e saldos da paralisação e suas consequências imediatas e históricas. Os últimos três capítulos, “Célula Mater”, “Os grevistas de ontem e os diretores de hoje” e “Luzinete quer tudo outra vez”, constituem perfis de quatro personagens da paralisação: Elito Vasconcelos, então presidente da Associação Sergipana de Imprensa (ASI), Eugênio Nascimento e Eduardo do Valle, que atualmente cumprem a função de editor-chefe e diretor de jornalismo, respectivamente, em veículos de comunicação sergipanos, e Luzinete Silva, primeira presidente da história do Sindicato dos Jornalistas, que mesmo licenciada da presidência em virtude da primeira gestação participou ativamente da paralisação.

Este trabalho ouviu Milton Alves, Niúra Belfort, Raimundo Macêdo, Ofélia Onias, Eduardo, Elton Coelho, Eugênio Nascimento, Ivan, Rita Oliveira e Porfírio, além de: Núbem Bonfim, Diógenes Di, Adiberto Souza, Augusto, Chiquinho, Fernando, Carlos, Luzinete, Roberto, Dida Araújo, Elito Vasconcelos

e Lealdo. Repórteres, gestores, cronistas, narradores e técnicos, produtores, assessores, correspondentes e diretores. Mulheres e homens que, em sua maioria, ousaram abaixar o volume oficial e amplificar o tom de suas vozes pela planta baixa da capital sergipana, trabalhadores e trabalhadoras da comunicação que brigavam não só por melhorias e qualificação de seus empregos, mas pelo emprego pleno de suas vidas através de suas próprias mãos, pés, braços e gargantas. Estejam servidos.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ACDS** - Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe.
- ADC** - Associação Desportiva Confiança.
- Alese** - Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe.
- Arena** - Aliança Renovadora Nacional.
- Asert**- Associação de Rádio, Televisão e Jornais do Estado de Sergipe.
- ASI** - Associação Sergipana de Imprensa.
- CGT**- Confederação Geral dos Trabalhadores.
- CMA** - Câmara Municipal de Aracaju.
- CSS** - Club Sportivo Sergipe.
- CUT**- Central Única dos Trabalhadores.
- Dieese** - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sociais e Econômicos.
- DRT**- Divisão Regional do Trabalho.
- FSF** - Federação Sergipana de Futebol.
- GS** -Gazeta de Sergipe.
- JS**- Jornal de Sergipe.
- MDB** - Movimento Democrático Brasileiro.
- PCB** - Partido Comunista Brasileiro.
- PC do B** - Partido Comunista do Brasil.
- PDS** - Partido da Defesa Social.

PFL - Partido da Frente Liberal.

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

PRN - Partido da Reconstrução Nacional.

PSB - Partido Socialista Brasileiro.

PST - Partido Social Trabalhista.

PT - Partido dos Trabalhadores.

Secom - Secretaria de Comunicação.

Sindijor- Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Aracaju.

Sindimina- Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Prospecção, Pesquisa, Extração e Beneficiamento de Minérios e Trabalhadores Portuários.

Sindipetro - O Sindicato Unificado dos Trabalhadores Petroleiros, Petroquímicos, Químicos e Plásticos nos Estados de Alagoas e Sergipe.

Sindisan - Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Purificação e Distribuição de Água.

Sintese - Sindicato dos Eletricitários do Estado de Sergipe.**Sintiese** - Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Superior de Sergipe.

SMTU - Secretaria Municipal de Transportes Urbanos.

Sterts- Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão de Sergipe.

ARACAJU NA CURVA DO NEOLIBERALISMO

Aracaju, nome tupi. Cajueiros dos Papagaios em mau português. O povoado de Santo Antônio do Aracaju foi elevado à condição de capital do estado de Sergipe em 17 de março de 1855, arrancando de São Cristóvão a alcunha de centro político e administrativo das bandas de cá. Era preciso uma saída larga em direção ao mar de comércio e comunicação, o progresso dos homens de terno contava as horas, não haveria de esperar. Os quadrados de Pirro² tabulam o terreno plano que corre solto até as margens do Rio Sergipe bordeadas pela Ivo do Prado, Rua da Frente para os íntimos. O Bairro Industrial, nome que já se adianta em explicações de seu ofício e importância, congregava ao longo das décadas os principais parques fabris como a Sergipe Industrial, a Fábrica de Tecidos Confiança – cujo proprietário, Sabino Ribeiro, viria a fundar a Associação Desportiva Confiança em 1º de maio de 1936 – e as principais vilas operárias da cidade, enquanto que os mais abastados se agregariam pelos cantos da Catedral Metropolitana, nos arredores da Praça dos Três Poderes.

Foi nesta cidade que ocorreu a paralisação de parte dos trabalhadores da comunicação que este livro pretende contar. Uma cidade planejada para veículos de tração animal e pouco afeita ao cargo de capital enfiado goela abaixo. A segunda metade do século XX prometia dias conturbados pelas bandas do Cacique Serigy. Entre os anos de 1970 e 1990 a população de Aracaju duplicou de tamanho, acompanhando a curva demográfica do estado de Sergipe, mas seu crescimento econômico ainda era tímido. A implantação de empresas industriais de grande porte nos anos 1970 e 1980 como a Petrobrás, Nitrofértil e Petromisa, indústrias do setor de cimento com os grupos João Santos e Votorantin constituíram fatores chaves para o estado como um todo, mas a economia ainda constituía uma forte dependência da União. Portanto;

2 Alusão ao engenheiro Sebastião José Basílio Pirro, responsável pelo projeto urbanístico fundacional de Aracaju.

O fato mesmo de se constituir num estado pobre, com indicadores econômicos e sociais, na sua grande maioria, abaixo da média do país, e totalmente dependente das transferências de recursos do Governo Federal, obriga o executivo estadual a seguir cegamente as orientações emanadas do Planalto. (Azevedo, 2003. p.6)

De acordo com índices do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Aracaju apresentava em 1991 um censo de 402.341 mulheres e homens de todas as idades. Já não havia classificação de zona rural na cidade naquele tempo. O número representava 26,96% da população do estado e 2,74 % da população brasileira no período, com exatos 90.168 domicílios³. Um quadro de equilíbrio relativo de distribuição demográfica, que se mantém até os dias atuais. Sua atividade econômica estava baseada, assim como ainda está, no setor de serviços, contando com um número de servidores públicos da administração direta significativo, com dez mil funcionários em sua folha de pagamento. (JORNAL DE SERGIPE, 26 DE NOVEMBRO DE 1991)

Nos indicativos do Mapa da Fome 5, publicado em 2015, apresentado pelas Organizações das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), Sergipe possuía 31,4% de seus habitantes vivendo abaixo da linha de pobreza, dos quais 18,1% eram moradores do campo e 13,3% residentes na cidade. (LOPES apud AZEVEDO, 2003)

Reestruturação produtiva e ordem neoliberal

O final de década de 1980 e início da década de 1990 é marcada pelo enfraquecimento e queda da ordem geopolítica bipolar. A “guerra fria” que enervou os ânimos de milhões de humanos por décadas a fio era representada, no canto esquerdo do Mapa Mun-

3 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Dados da população de Aracaju**. 2016. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?codmun=280030>> Acesso em 05/04/2017

di, pelos Estados Unidos da América (EUA), e do outro lado, no corner do Leste Europeu, pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O encerramento oficial da União Soviética em 26 de dezembro de 1991 se desdobrou na formação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), protagonizado pelo então presidente da Federação Russa, Boris Nicoláievitch Iéltsin.

De acordo com Hobsbawn (2010), o novo ordenamento geopolítico internacional estava combinado com problemas no tempo em que ele intitula “Décadas de Crise”, em que as flutuações conjecturais coincidiam com convulsões estruturais, tornando-os “extraordinariamente perturbadores, e socialmente subversivos” (HOBSBAWN, 2010). O movimento de reestruturação produtiva colocava em xeque a era do pleno emprego, consolidada nas décadas anteriores através de conquistas no campo da estabilidade laboral e da previdência. As teses dos economistas liberais voltaram à baila em detrimento da corrente dos keynesianos, consolidadas na eminência do Consenso de Washington celebrado em 1989, que estabelecia o marco zero da ordem neoliberal para todo o planeta. Os governos abertamente liberais como os do presidente estadunidense Ronald Reagan (1980-1988) e da primeira ministra britânica Margareth Thatcher (1979-1990) construíram os pilares para a consolidação desta nova ordem.

Após 1974 os defensores do livre-mercado estavam na ofensiva, embora só viessem a dominar as políticas de governo na década de 1980, a não ser no Chile, onde após a derrubada de um governo popular em 1973, uma ditadura militar terrorista permitiu a assessores americanos instalar uma economia de livre-mercado irrestrita, demonstrando assim, aliás, que não havia ligação intrínseca entre o livre mercado e a democracia política. (Para ser justo com o professor Von Hayek, ao contrário dos propagandistas comuns da Guerra Fria, ele não dizia haver tal ligação). (HOBSBAWN, 2010. p.399)

A América Latina passa por um movimento de luta democrática contra os regimes de exceção impostos nas décadas de 1960 e

1970 em interferência direta dos mecanismos de inteligência dos Estados Unidos, com atenção especial para os casos do Brasil, Argentina e Chile. Um movimento de abertura e redemocratização que culminou, no caso brasileiro, com a pressão para a assinatura da Lei de Anistia em 1979, a liberação de registro para partidos políticos além de Arena e MDB – siglas permitidas pela ditadura civil-militar – na forte campanha pelas “Diretas Já!” organizada por amplos setores da sociedade civil no ano de 1984, que reivindicava eleições diretas para presidente da República. Este movimento pode ser evidenciado no resultado das eleições para governadores do ano de 1986, quando a oposição elegeu todos os chefes do executivo estadual com exceção de Sergipe, que elegeu Antônio Carlos Valadares (PFL), além dos movimentos em torno da Assembleia Nacional Constituinte, ocorrida em 1988. Este movimento de abertura política estava combinado aos efeitos das crises do petróleo de 1973 e 1979 que afetaram fortemente a economia nacional e as instituições do país, o avanço da inflação e o desgaste dos governos militares frente a opinião pública.

Ausente de maior controle fiscal, o movimento de inflação propiciava perdas salariais de grande porte, pressionando o custo de vida na aquisição de produtos e serviços básicos, abrindo espaço para amplas mobilizações massivas por lutas salariais e de articulação contra a carestia. As mobilizações de centenas de milhares de trabalhadores no cinturão operário do ABC paulista, em 1979, chamou atenção de todo país. A figura de Luis Inácio Lula da Silva aparecia pela primeira vez no noticiário nacional. Aquele era o embrião de uma nova etapa na cena política e econômica nacional. Em 1983 era criada a Central Única dos Trabalhadores (CUT) dirigida majoritariamente pela militância do recém-criado Partido dos Trabalhadores (PT), em 1980. A central é criada após dois anos de articulações e tentativas de acordo com diversas forças que atuavam no seio do movimento sindical, o que não se concretizou plenamente e provocou a saída de setores do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), que atuava nas estruturas internas do MDB, do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que estava retornando à legalidade, do Partido Comunista do Brasil (PC do B). Estas organizações viriam a criar a Con-

federação Geral dos Trabalhadores (CGT) poucos meses após o anúncio de criação da CUT.

O estado de Sergipe seguia o cenário nacional de abertura política e rearticulação das entidades da sociedade civil. A última ação de fôlego das forças da repressão no estado constituiu na Operação Cajueiro, orquestrada no carnaval de 1976, que culminou na prisão e tortura de quadros ligados à oposição clandestina à ditadura civil-militar em vigor desde 1964, setores ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e nomes do MDB na cidade. João Alves estava à frente da prefeitura na época (1975-1979) através de um mandato biônico.

Disputa eleitoral entre 1985 e 1990

No terreno eleitoral, as primeiras experiências dos anos 1980 já davam pistas para a consolidação de um eleitorado alinhado às oposições ao regime civil-militar na capital sergipana. Enquanto as eleições para o Executivo e Legislativo estaduais eram marcadas pela hegemonia das forças oligárquicas ligadas ao regime em vigor, tendo como marco a vitória de João Alves (PDS) nas eleições de 1982 e a eleição de Antônio Carlos Valadares (PFL) em 1986 contra José Carlos Teixeira (PMDB) – representando a única candidatura vitoriosa da situação para governadores e governadoras do país naquele ano – a eleição municipal de 1985, primeira desde a instalação da ditadura civil-militar, demonstrou uma força incontestável da oposição em Aracaju. O candidato Jackson Barreto de Lima (PMDB) venceu o pleito com 85.964 votos de um total de 158.894 eleitores, representando 54% do total de votos e 66% dos votos válidos (TRE, 2015). Jackson foi seguido pelo candidato Marcelo Déda do PT, com 19.898 votos, derrotando o candidato apoiado pelas forças da situação, Gilton Garcia, do PDS, com apenas 15.171 votos. A segunda participação do PT em eleições majoritárias no estado foi considerada um sucesso por sua militância, um ano depois o candidato Marcelo Déda se elegeu a deputado estadual com pouco mais de 32 mil votos⁴.

4 INSTITUTO MARCELO DEDA, **Quadro Político**. 2016. Disponível

As eleições de 1988, de acordo com Dantas (2002), representaram a continuidade deste movimento do eleitorado em direção às oposições. O então prefeito Jackson Barreto é alvo de investigações do Tribunal de Contas de Estado (TCE), investigações que encontram irregularidades no gerenciamento de recursos públicos por parte de seu secretariado. Jackson rompe com o PMDB de José Carlos Teixeira e migra para o PSB. A Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe (Alese) decide em favor da intervenção na Prefeitura de Aracaju e, para escapar de um processo de impeachment, Jackson renuncia e se candidata a vereador nas eleições de 1988, assumindo em seu lugar Antônio Fernandes Viana de Assis, suposto autor da frase que provocou o título do presente trabalho. Jackson Barreto organiza uma coligação entre o PSB, PDT, PC do B, dentre outras siglas em torno do nome de Wellington Paixão, que vence o pleito contra Lauro Maia, candidato do governador Antônio Carlos Valadares (PFL) e do candidato do PT, deputado estadual Marcelo Déda, cuja bancada votara em favor da intervenção na Prefeitura. Wellington Paixão vence a eleição com 78.257 votos (TRE, 2015). Jackson fora o vereador mais votado com 23.988 votos, arrastando com ele mais nove vereadores de sua chapa, em uma legislatura de vinte vereadores, e conquistando mais votos que o candidato Marcelo Déda tivera na disputa majoritária, com 10.521 votos. Wellington assume o comando da prefeitura até o ano de 1992, quando é substituído novamente por Jackson Barreto.

As eleições presidenciais ocorridas em 1989 demonstraram mais uma vez a vocação oposicionista da capital sergipana. Em Sergipe, o pleito disputado entre Luís Inácio Lula da Silva (PT) e Fernando Collor (PRN) no segundo turno daquele ano apresentou 65,89% dos votos para Collor, candidato apoiado pelo então governador Antônio Carlos Valadares, e 34,11% para Lula, cujo candidato a vice, José Paulo Bisol, pertencia ao PSB, mesmo partido do prefeito Wellington Paixão. Já na capital Aracaju o candidato Lula recebe 51,14% dos votos e Collor 48,86%. Aracaju,

em <<http://www.institutomarcelodeda.com.br/biografia-md>>. Acesso em 04/04/2017

o único município entre as 74 cidades do estado de Sergipe onde Fernando Collor não saíra vitorioso⁵.

Empossado em 15 de março de 1990, o presidente Fernando Collor dá início a um amplo movimento de enfraquecimento das entidades e máquinas do poder público. Orientado sob as diretrizes do Consenso de Washington, ele anuncia um plano de combate à inflação intitulado Plano Collor. O plano consistia, dentre outras medidas, no retorno do cruzeiro como moeda corrente e no confisco das poupanças sobre o valor acima de cinquenta mil cruzeiros pelo prazo de dezoito meses, a fim de restringir a quantidade de moeda circulando no mercado. O plano, organizado pela ministra da economia Zélia Cardoso de Melo, foi apresentado e aprovado no Congresso poucos dias depois (CARVALHO, 2006).

O seu Programa Nacional de Desestatização (PND), instituído em 12 de abril de 1990 através da Lei Nº 8031 (PICCOLO, 2007) extingue a Petrobrás Mineração SA (Petromisa). A extinção da Petromisa afeta diretamente a mina-usina do Complexo Taquari Vassouras, localizada em Rosário do Catete, a 37 quilômetros de Aracaju. Única mina-usina de potássio presente no Hemisfério Sul, a mina não fora privatizada por uma série de mobilizações do Sindicato dos Mineiros (Sindimina), presidido naquele momento pelo petista José Eduardo Dutra, contando também com a intervenção do então senador e presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) Albano Franco, e do governador João Alves Filho. Em coluna de opinião publicada na edição de 22 de novembro do Jornal de Sergipe – coluna que não leva assinatura, tratando-se, portanto, de opinião do veículo – o então senador Albano Franco havia feito a campanha do presidente Collor no estado sob a alegação de que o mesmo agilizaria o projeto de construção do Pólo Cloroquímico do Complexo Taquari Vassouras, projeto que fora frustrado com a extinção da

5 ATLAS DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NO BRASIL. 1989- O segundo turno nos municípios de Sergipe. Disponível em <<https://sites.google.com/site/atlaseleicoespresidenciais/1989---segundo-turno-nos-municipios-de-sergipe>> Acesso em 06/04/2017.

Petromisa. A mina-usina seria absorvida pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a integração de seus 830 funcionários se encontrava em disputa pelo Sindimina em novembro de 1991 (JORNAL DE SERGIPE, 22 DE NOVEMBRO).

Nas eleições para governador, senador, deputados federais e estaduais no ano de 1990, um “acordão” envolvendo José Carlos Teixeira (PMDB), João Alves (PFL), Antônio Carlos Valadares (PST) e Albano Franco (PRN), e lideranças políticas regionais como Rosendo Ribeiro Filho e Arthur Reis, adversários históricos da cidade de Lagarto, levou aquele pleito em uma chapa envolvendo PFL, PMDB, PDS, PSDB, PRN, PL, PDC, PCN, PST. João Alves Filho, José Carlos Teixeira e Albano Franco são eleitos mais uma vez para governador, vice e senador em Sergipe contra o candidato do PT, José Eduardo Dutra (PT), em uma coligação que contava com o PSB, PCB, PCdoB, PDT, PMN e PV. A chapa encabeçada por João Alves elegeu todos os oito deputados federais do estado, nenhum candidato natural de Aracaju, e vinte dos vinte e quatro deputados estaduais eleitos para a Assembleia Legislativa do Estado (Alese). (TRE, 2015)

A imprensa e a radiodifusão na capital

O estado de Sergipe não contava com uma estação de TV oficial antes dos anos setenta. Além de periódicos como o diário Gazeta de Sergipe, fundado em 1890, a comunicação sergipana era protagonizada pela Rádio Difusora 670 AM (Aperipê) fundada em 1938, a Rádio Liberdade 930 AM (1946), a Rádio Jornal 540 AM (1958) e a Rádio Cultura 630 AM (1959), sendo a última de propriedade da Diocese Metropolitana de Aracaju sob o comando do bispo D. José Vicente Távora, idealizada e projetada inicialmente para funcionar como “Escola Radiofônica” (NASCIMENTO, 2008), e finalmente a Rádio Atalaia AM 770 (1968), de propriedade de Walter Franco.

A primeira estação de televisão foi instalada de forma permanente em 15 de novembro de 1971, na comemoração da Proclamação

da República. A Rede Televisão de Sergipe, de nome fantasia TV Sergipe, foi organizada por um grupo de empresários representados por Nairson Menezes, Francisco Pimentel, Josias Passos, Getúlio Passos, José Alves, Hélio Leão, Augusto Santana, Paulo Vasconcelos, Lauro Menezes e Luciano Nascimento e contava com Sérgio Gutemberg na direção de jornalismo⁶. A emissora contou com autorizações provisórias entre 1967 e 1971, propiciando a transmissão da chegada do homem à Lua e a conquista do tricampeonato mundial de futebol pela seleção brasileira de 1970. Afiliada inicialmente à Rede Tupi, ela é a primeira emissora montada com equipamentos produzidos no Brasil, instalada no bairro Cidade Nova, no Alto do Morro da TV. Em 1973 a estação se filia à Rede Globo, em 1976 ela é vendida ao empresário Alberto Maluf, proprietário da baiana TV Aratu, que trazia um projeto de construir uma rede nordestina de televisão. O projeto não vinga e a emissora é vendida no ano de 1984 ao empresário Augusto Cesar Franco, filho do empresário e político sergipano Augusto Franco, que assume a superintendência até o ano de 2002. A estação FM Sergipe 95,9 também pertence ao grupo, que é presidido pelo empresário Albano Franco.

A segunda emissora do estado é a TV Atalaia, fundada em 17 de maio de 1975 pelo então senador Augusto Franco, como afiliada à Rede Tupi e sob a direção de jornalismo de Sérgio Gutemberg. Com a extinção da rede em 1980 a TV Atalaia passa a transmitir a programação da TV Bandeirantes, recém-inaugurada, e em 1986 se filia ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), do empresário Silvio Santos. A TV Atalaia foi a primeira emissora do estado a transmitir em cores, ela compõe o Sistema Atalaia de Comunicação, juntamente com a Atalaia AM 770 e a Atalaia FM⁷. Em 1985 chega a vez da TV Aperiipê, primeira emissora

6 Globo.com. **Pioneirismo e inovação marcam 45 anos da TV Sergipe.** Disponível em <<http://redeglobo.globo.com/se/tvsergipe/TV-Sergipe-45-Anos/noticia/2016/11/pioneirismo-e-inovacao-marcam-historia-de-45-anos-da-emissora.html>> Acesso em 22/04/2017

7 A8SE. **TV Atalaia: 37 anos de história.** Disponível em <<<http://a8se>

pública do estado de Sergipe. Em 1987 chega em Aracaju a TV Jornal, afiliada à Rede Manchete, de propriedade do então ministro do Interior, João Alves Filho, e é vinculada à Rede Jornal de Comunicação. A Rede compõe, além da TV, a Rádio Jornal 540 AM, adquirida pela família Alves no início dos anos 1980, a Jornal FM 98,1 e o periódico Jornal da Manhã, antiga Tribuna de Aracaju, de propriedade do ex-deputado José Ribeiro, de Lagarto.

Além das emissoras de televisão e os grupos de comunicação, destacam-se as emissoras Delmar FM 88,7, que atualmente pertence ao grupo Jovem Pan, e a Aracaju FM, que usa atualmente o nome fantasia 103 FM, de propriedade do grupo Cosil, além das rádios Liberdade FM 99,7 e Liberdade 930 AM, pertencente ao grupo Torre nos dias atuais. No ano de 1971 é inaugurado o periódico Jornal da Cidade, sob a direção de Ivan Valença e Nazário Pimentel, adquirido pelo empresário Antônio Carlos Franco no início da década de 1980. Em 1978 Nazário Pimentel se afasta do Jornal da Cidade e funda o Jornal de Sergipe, periódico de maior circulação no estado no início da década de 1990. Em 1982 é inaugurado o semanário Cinform, de José Antônio Moura Bomfim.

Os donos da mídia no acordão de 1990: A Rede Cabaô de Notícias

Constata-se uma alta concentração das propriedades e concessões de veículos de radiodifusão no estado de Sergipe, com foco especial no município de Aracaju, acompanhado de um forte protagonismo de seus atores e proprietários na disputa política local. Pudemos observar que nas eleições de 1990 fora costurado um “acordão” envolvendo as principais lideranças conservadoras e oligárquicas presentes no estado. O candidato a governador que venceu o pleito, João Alves Filho, é o representante da Rede Jornal de Comunicação, que engloba a TV Jornal (afiliada da TV Manchete), a Rádio Jornal AM 540, adquirida nos anos 1980,

o periódico *Jornal da Manhã*, que viria a se tornar *Correio de Sergipe* em 2001, e a *Jornal FM 98.1*.

O candidato eleito para o Senado é o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e proprietário da TV Sergipe (afiliada da Rede Globo), Albano Franco, que também responde pela FM Sergipe 95,9. Seu irmão, o ex-deputado constituinte Walter Franco, é proprietário da TV Atalaia (afiliada do SBT na época), da Atalaia AM 770 e Atalaia FM. Seu outro irmão Antônio Carlos Franco, ex-prefeito da cidade de Laranjeiras, é proprietário do periódico *Jornal da Cidade*.

Verifica-se que o acordo costurado para o pleito conta com governador, vice-governador, o senador eleito, os oito deputados federais do estado, vinte dos vinte e quatro deputados estaduais. A presença de apenas duas famílias na composição acrescenta ao grupo três emissoras de TV (excetuando a TV Aperipê devido ao seu caráter de rede pública) duas estações de rádio AM, três estações de FM e dois jornais impressos diários. O então governador Jackson Barreto, vereador à época, costumava dizer que em Sergipe existe apenas a “Rede Cabaô de Notícias”, uma referência à oligarquia da cana de açúcar representada pela família Franco, detentora da TV Sergipe, Grupo Atalaia de Comunicação, FM Sergipe, *Jornal da Cidade* e da família Dantas, detentora do periódico *Gazeta de Sergipe*.

Destaques dos jornais em novembro de 1991

Entre os dias 22 e 30 de novembro de 1991, período em que transcorreu a paralisação unificada dos trabalhadores da comunicação, foram identificadas manchetes de ordem internacional, nacional e local, que escapuliram ao movimento paredista e foram estampadas nos periódicos sergipanos *Jornal de Sergipe* e *Gazeta de Sergipe*. Foram destacadas questões de saúde pública, com os relatos dos casos de Aids e a epidemia de cólera que se aproximava naquele período, as questões de gênero, imbróglios

políticos de esfera municipal e estadual, além de tópicos gerais de temas variados como o Festival de Arte de São Cristóvão (FASC), ocorrido entre 23 e 30 de novembro, e a comemoração dos 38 anos do município de Barra dos Coqueiros. As notícias referentes às mobilizações sindicais do período estarão presentes no capítulo seguinte, as informações e manchetes esportivas seguem no capítulo 3. Optou-se por suprimir as notícias referentes aos cadernos de polícia a fim de otimizar o quadro de informações secundárias da narrativa, excetuando o registro da elucidação, em curso naquele período, de um grupo de pistoleiros que agia no estado comandados pelo policial civil José Correia Filho, conhecido como Dedé Correia, e o pistoleiro Jorge de Jesus Souza, o “Jorge Manequim”. A quadrilha seria responsável pelo assassinato de seis pessoas, por tramar o assassinato do Secretário de Segurança Pública, Flamarion D’ávila Fontes, do superintendente da Polícia Civil, Coronel Gildo Mendonça, além dos delegados Jonas Amaral e Raimundo da Veiga, roubos e assaltos nas cidades de Aracaju e Belo Horizonte. Os delegados Jonas Amaral e Raimundo da Veiga continuavam a frente do caso.

Aids

As manchetes dos jornais do início da década de 1990 ainda alardeavam informes em relação ao vírus HIV. A Aids, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, descoberta oficialmente em 1984, ainda ocupava o centro das atenções da comunidade científica internacional na curva dos anos 1990. A Assembleia Mundial da Saúde, com apoio da Organização das Nações Unidas, instituiu, em 1987, o dia 1º de novembro como o Dia Mundial de Luta Contra a Aids. O Brasil ratifica a data um ano depois através de portaria do Ministério da Saúde. O grupo LGBT sergipano Dialogay viria a organizar juntamente com a Associação dos Moradores do Bairro América (Amaba) entre os dias 25 de novembro e 1º de dezembro de 1991, a Semana de Mobilização contra a Aids.

O cantor brasileiro Cazuza, ex-vocalista do grupo Barão Vermelho, já havia declarado ser portador da “maldita” em 13 de fevereiro de 1989 ao jornalista Zeca Camargo, correspondente

da Folha de São Paulo em Nova York, e morre em 7 de julho 1990. Antes dele o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, já havia descoberto ser portador do vírus em 1986, contaminado através de transfusão de sangue em decorrência de sua hemofilia. Seus irmãos, o cartunista Henfil e o músico Chico Mário, também hemofílicos e vítimas do vírus HIV por transfusão de sangue contaminado, vieram a falecer em 1988.

O jogador de basquete da NBA, Magic Johnson, havia declarado ser portador da Aids em 7 de novembro de 1991, em coletiva de imprensa transmitida ao vivo pela CNN e ESPN. A descoberta do vírus precipita sua saída das quadras, seu retorno só viria a ocorrer quatro anos depois. O vocalista Freddie Mercury, do grupo britânico Queen, assume publicamente a doença apenas um dia antes de sua morte em 24 de novembro de 1991, em Londres, na mesma data da partida entre Sergipe e Confiança para a disputa do campeonato sergipano daquele ano. O primeiro estoque do antirretroviralazidotimidina (AZT), medicamento utilizado no tratamento contra os efeitos do vírus, chega a Sergipe para distribuição em novembro de 1991 (Jornal de Sergipe, 22 de novembro de 1991). Em 29 de novembro, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) publica relatório em Genebra, na Suíça, apontando que a doença provocaria um número entre 10 e 15 milhões de crianças órfãs no mundo até o final do século.

Aturdido com os dados do Ministério da Saúde, que apontava um número de um milhão de habitantes infectados no país até o ano 2000, o presidente Fernando Collor fez um pronunciamento que foi ao ar na noite do dia 29 de novembro, uma sexta-feira. O pronunciamento feito a pedido da Organização Mundial da Saúde (OMS), anunciava a criação do Conselho Nacional de Prevenção da Aids, que seria presidido pelo ex-craque Pelé.

Cólera

A preocupação com o avanço da cólera também era uma constante naquele período. A edição de 26 de novembro do Jornal de Sergipe mostra o primeiro caso de cólera do estado do Pará,

o marítimo Osório Ramos de 36 anos, seguida de outra matéria sobre as falhas de controle da doença em Rondônia e de ações de combate à doença no Mato Grosso, sobretudo no controle do tráfego de embarcações. A edição do dia 29 de novembro do Jornal de Sergipe publica uma matéria contendo uma declaração do governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola (PDT), onde ele afirma que, caso seja confirmada a epidemia de cólera no estado, o mesmo decretaria Estado de Calamidade Pública. A mesma edição mostra o primeiro caso de cólera no estado, constatado na Vila Joaniza, na Ilha do Governador. A edição de 22 de novembro da Gazeta de Sergipe traz a matéria intitulada “Secretaria teme epidemia de cólera em Sergipe”, noticiando a formação de uma força-tarefa envolvendo a Deso, Polícia Militar, Universidade Federal de Sergipe e Secretaria Estadual de Saúde para organizar ações de prevenção à doença no estado, que não contava até então com nenhuma notificação em seu território. A edição do dia 22 de novembro do Jornal de Sergipe aborda a falta de remédio das cerca de 700 farmácias presentes no Estado, em cerca de 100 itens considerados medicações básicas.

Relações de gênero

No que tange às relações de gênero, um fato chamou atenção na penúltima semana de novembro. A revista paulista Marketing concedeu à primeira dama do Estado e empresária Maria do Carmo, o título de Homem do Marketing de 1991. Ela fora a primeira mulher a receber a premiação desde sua primeira edição em 1981. A edição de 29 de novembro do diário Gazeta de Sergipe traz a matéria “A sergipana rompe tradição masculina”, além de anúncios comemorativos de congratulação à primeira dama das empresas Condic Engenharia, Fiação e Tecelagem Nortista, Conenge Construção e Engenharia, Nippo equipamentos do Nordeste, Construtora Queiroz Galvão, Confederação Nacional da Indústria (CNI). A mesma edição do Jornal de Sergipe traz um caderno especial de trinta e duas páginas, provido de homenagens de empresas privadas e médio e longo porte, além das prefeituras de Pinhão e Brejo Grande.

A mesma edição do Jornal de Sergipe aborda ainda o quadro crescente de abortamentos ocorridos no estado na matéria intitulada “Sergipe aumenta estatísticas de aborto”, que aproveita a oportunidade do Primeiro Encontro de Sexologia do estado, organizado pelo médico Marcos Cavalcante, entre os dias 29 e 30 de novembro no Centro de Interesse Comunitário (CEI). De acordo com a matéria, a maternidade Hildete Falcão realiza uma média de 90 a 100 atendimentos por problemas relacionados a abortos, representando dois terços dos atendimentos da Maternidade. A matéria calcula uma estimativa de 800 mil abortos provocados no país naquele período.

A edição do dia 23 de novembro do diário Gazeta de Sergipe trás a matéria “Menor xinga Collor na descida da rampa”. O fato aconteceu no dia 22, sexta-feira, em meio a um protesto organizado por membros da União Nacional dos Estudantes (UNE). A adolescente Ana Cristina, de apenas 16 anos, foi a primeira adolescente a ser enquadrada por injúria pela Vara da infância, o primeiro caso de julgamento após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

No dia 26 de novembro, a capa dos periódicos Jornal da Cidade e Gazeta de Sergipe traziam a manchete de uma disputa judicial envolvendo o empresário sergipano Luis Crispim de Veras e sua ex-mulher Sônia Regina da Silva. De acordo com a reportagem, o empresário havia orquestrado uma internação forçada contra Sônia na Clínica Dr. Eiras, no Rio de Janeiro, para ser submetida a tratamento psiquiátrico mesmo sem dispor de diagnóstico. Alegando incapacidade mental da esposa para cuidar dos quatro filhos do casal, Luis Crispim se recusava a dividir a herança com ela e estava disputando a guarda das crianças. Sônia havia galgado vitória em primeira instância. O imbróglgio foi tema da revista eletrônica Fantástico, veiculada no dia 25 de novembro pela Rede Globo.

Na edição do Jornal de Sergipe de 26 de novembro, uma nota apresenta dados do grupo pernambucano Viva Mulher, organizado em relatório para o Dia Latino Americano e Caribenho pela Não Violência contra a Mulher, celebrado no dia 25 de novem-

bro. De acordo com o relatório, 65 mulheres foram assassinadas em Pernambuco de janeiro a outubro de 1991, 83 foram vítimas de crimes sexuais, 22 mulheres sofreram lesões corporais, 7 ameaças de morte e 3 casos de cárcere privado, além de 17 tentativas de homicídio ocorridas no período. O grupo protestou em frente ao Palácio da Justiça de Pernambuco em denúncia contra a impunidade nos casos de violência doméstica e a subnotificação e ausência de números oficiais acerca do tema.

Imbróglis na Prefeitura e Câmara Municipal de Aracaju (CMA)

O terceiro ano de mandato do prefeito Wellington Paixão, eleito em 1988, parecia transcorrer com alguma tranquilidade até a chegada de novembro. No dia 15 daquele mês o prefeito parte para o Chile em uma viagem prevista para vinte dias, assumindo em seu lugar o vice-prefeito Carlos Alberto Meneses (PDT) pela segunda vez na gestão. Na tarde de quinta-feira (21) o então vereador, Edvaldo Nogueira, fizera uma denúncia envolvendo a dívida de empresas de grande e médio porte, com destaque para construtoras, no valor de 45 bilhões de cruzeiros em IPTU e ISS, o que equivaleria a 414 milhões de reais em abril de 2017, de acordo com o cálculo referenciado no Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC)⁸. De acordo com o vereador, o recolhimento deste valor seria suficiente para sanar os problemas financeiros da prefeitura. Apenas a União Brasileira de Mineração (UBM) consta no relatório da dívida ativa do município de Cr\$⁹ 27 bilhões naquele período, sendo que o orçamento do município previsto para o ano de 1992 era de Cr\$ 23 bilhões, além de 13.280 contribuintes que deixaram de contribuir com o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). O tema ganhou as capas do Jornal de Sergipe e Gazeta de Sergipe de 22 de novembro. Na

8 FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Atualização de valores.** Disponível em <<http://www.fee.rs.gov.br/servicos/atualizacao-valores/>> Acesso em 03/04/2017.

9 Unidade referente ao cruzeiro, moeda corrente na época.

mesma semana o reajuste das planilhas de custo das empresas de ônibus havia sido rejeitado em plenário, em discussão de redação final. O líder da prefeitura na Câmara Municipal de Aracaju (CMA), vereador Sérgio Bezerra, havia retornado do Chile no final de semana para tentar contornar a situação, e emite nota à imprensa alertando sobre o impacto da negativa da casa às empresas de ônibus. A decisão gera um impasse jurídico e a bancada de situação alega irregularidades no resultado da votação, já que, segundo os mesmos, um projeto que se encontra em redação final já fora aprovado cabendo apenas a discussão de emendas no texto final. Os vereadores Marcélio Bonfim e Carlos Santana, haviam entrado com recurso. Um fato curioso é que o assessor jurídico da Câmara de Vereadores de Aracaju, José Augusto Siqueira, que havia dado parecer positivo à votação, estaria sendo “convidado a mudar de opinião” por também integrar a assessoria jurídica da Associação das Empresas de ônibus. A notícia saiu em nota na coluna Paineis, do Jornal de Sergipe, do dia 22 de novembro.

Mas o fato que abalara as relações entre as forças que compunham a prefeitura fora a exoneração no dia 22 de novembro do superintendente municipal de transportes urbanos Aerton Silva, pelo prefeito em exercício Carlos Alberto Meneses. A exoneração teria se dado por descumprimento do princípio de autoridade, o superintendente viajara para o Chile em comitiva junto ao prefeito Wellington Paixão e não nomeara oficialmente nenhum substituto em seu lugar. Fora nomeado o assessor especial da prefeitura Antônio Jacinto Filho para assumir a pasta interinamente. O fato ganhou as capas das edições do dia 23 de novembro. No dia 24 de novembro o prefeito, direto do Chile, conversa com seu imediato sobre a decisão de exonerar Aerton Silva, um dos homens fortes do gestor titular, e Carlos Alberto se compromete a repensar a ação.

Comunicado sobre a decisão do prefeito em exercício, Aerton Silva retorna do Chile na segunda-feira (25) sob orientação de Wellington Paixão e tenta reassumir o cargo já no dia 26 de novembro, na terça-feira. No mesmo dia de seu retorno, o prefeito em exercício é convidado a dar explicações de sua decisão na

Câmara Municipal de Aracaju (CMA), reafirmando sua posição quanto ao caso. Seu pronunciamento causa polêmica entre os vereadores. Em meio à crise instalada, o prefeito Wellington Paixão retorna a Aracaju na noite de terça (26) e toma posse mesmo na Área Vip do Aeroporto Santa Maria, e devolve a superintendência da SMTU a Aerton Silva no dia seguinte (27). Na edição do dia 27 de novembro o vereador Rosalvo Alexandre, vice-presidente estadual do PDT, faz uma declaração à imprensa afirmando que articulará um pedido de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar as contas da SMTU e supostas irregularidades no repasse do ISS e da chamada Zona Azul à Secretaria de Ação Social do município. Reempossado, o superintendente acusa o vice-prefeito de tentar utilizar verba específica da superintendência para patrocinar um campeonato de surf ocorrido na cidade em Cr\$ 6 milhões, fato que causa estranheza já que a bancada do PDT na CMA estava em pleno questionamento dos gastos da prefeitura naquele período. A assessoria do vice-prefeito afirmou que o valor utilizado no campeonato fora de Cr\$ 2,4 milhões e que o restante do valor fora utilizado em recuperação de ruas e vias da cidade. As relações entre PSB e PDT ficam estremecidas.

Saída de Elisiário Sobral e crise no acórdão do governo

O Governo do Estado também apresenta seus primeiros ruídos desde a chapa articulada para as eleições de 1990, e a polêmica surge diretamente da cidade de Lagarto. O ex-deputado e então diretor do Departamento Estadual de Trânsito (Detran), Elisiário Sobral, pede demissão no dia 21 de novembro frente a uma disputa municipal protagonizada pelos deputados Arthur Reis e Rosendo Ribeiro Filho, adversários históricos. De acordo com versão apresentada por Arthur Reis à Gazeta de Sergipe, na edição de 23 de novembro, o diretor havia sido procurado pelo deputado federal Jerônimo Reis, filho do deputado Arthur Reis, para uma audiência no começo do ano junto a ele e o prefeito da cidade, Zezé Rocha, aliado político dos Reis. A audiência ocorreria entre os meses de setembro e outubro, tendo como pauta a realização de exames para carteira de motorista no município. Na oportunidade o prefeito cedeu a Escola Municipal Frei Cristóvão. Quinze

dias após a audiência, o diretor do Detran haveria entrado em contato com o deputado Rosendo Ribeiro Filho e, a pedido deste, haveria mudado o local da realização dos exames para a Escola Estadual Abelardo Romero Dantas.

Acontece que o exame, que ocorreria nos dias 22 e 23 de novembro, já contava com mais de 1700 inscritos na cidade, e uma mudança de local acarretaria desgaste político ao grupo de Arthur Reis. Para tanto, o grupo da família Reis insistiu na manutenção do local original e, em meio ao embate regional, o diretor Elisiário Sobral decide suspender a realização dos exames. Neste momento, ainda de acordo com a versão de Arthur Reis, o mesmo decide entrar em ação e ameaça a saída de seu bloco da base de sustentação ao governo estadual, e sua saída do PFL – partido do governador – caso os exames não fossem mantidos na data original. O governador cede à pressão da família Reis e na mesma semana o diretor é comunicado pelo secretário de Segurança Pública (SSP), Flamarion D`avila Fontes, da manutenção das datas. Em protesto, o ex-deputado Elisiário decide entregar o cargo no dia 21 de novembro, causando um abalo sísmico no “acórdão”, já que Elisiário teria sido indicação do PMDB, do vice-governador José Carlos Teixeira, e indicado pelo Senador Albano Franco (PRN).

Outras ações de ordem secundária envolvendo o Governo do Estado ocorreriam naquela semana, como a 1ª Feira de Sergipe, ocorrida no Parque João Cleofas de 28 de novembro a 1º de dezembro, e o envio da proposta de redução de 18% para 17% da alíquota do ICMS para o ano de 1992, após declarar a isenção da amônia, uréia e insumos agropecuários.

Notícia de jornal é retrato em movimento de uma cidade chafurdada no mangue.

DISSÍDIO

Substantivo masculino. Conflito de interesses ou opiniões, controvérsia, divergência, dissensão. O dicionário do Google dá alguma pista sobre as lamúrias que se escondem no termo corriqueiro em conflitos judiciais do mundo do trabalho. O dinheiro de quem não dá é o trabalho de quem não tem, Vinícius de Moraes não é de mentir. Quando o salário que aparece no mês, seja no fim ou no começo, não sobra pra quem quer cobrir o custo, passar a régua e fazer feira, é hora de acender o sinal amarelo no farol carcomido da luta de classes que desorienta o tráfego dos de baixo. Quando o semáforo se demonstra incapaz de ordenar o trânsito silencioso que corre entre a manhã e a noite, é porque a vida está prestes a declarar dissídio. Cedo ou tarde a discordância há de chegar.

Nas avenidas em que escorrem o suor e o sangue quente da luta de classes, as organizações sindicais são instrumentos para organização formal da categoria, para sistematizar os anseios coletivos e demandas corporativas dos setores que vivem exclusivamente do seu sustento, da sua força de trabalho. Os conflitos da vida e do universo do trabalho correm tanto por dentro quanto por fora dos sindicatos e associações de classe, mas estes podem dar saltos de qualidade junto às vitórias econômicas de cada setor. A ditadura civil-militar que se instalou em 1º de abril de 1964 em todo país arrefeceu as organizações sindicais e populares do país. Muitos sindicatos foram fechados, houve intervenção direta em suas entidades, culminando na criminalização expressa do instrumento de greve.

Acontece que os jornalistas e radialistas sergipanos não contavam com qualquer organização sindical até a segunda metade dos anos 1970. A Associação Sergipana de Imprensa (ASI) criada em 1933 para representar os anseios da imprensa sergipana cumpria demandas importantes como a defesa da democracia e da liberdade de imprensa, mas não gozava de prerrogativa para organização classista. A ASI fora gestada sob inspiração da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), fundada em novembro de 1908, esta não

dava cabo dos conflitos salariais e de condições de trabalho que habitavam as redações, sob a prerrogativa de uma defesa global de um “proletário intelectual”, assim definida por Gustavo de Lacerda, um de seus fundadores e primeiro presidente. A Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe (ACDS) criada em 1946, também possuía caráter limitado quanto à defesa da categoria dos radialistas, alcançando apenas os trabalhadores do rádio enredados na cobertura esportiva sergipana.

A fundação dos sindicatos e o desespero que era moda em 1976

No dia 3 de janeiro de 1976, a junta governativa da Associação dos Jornalistas Profissionais de Sergipe se reunia na sede da Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe (ACDS) localizada no Complexo Esportivo Lourival Batista, para, na presença de mais de dois terços da categoria presentes, anunciar o deferimento do pedido de transformação da associação em sindicato, depois de quase duas décadas batalhando para fundar um sindicato da categoria. Presidida pelo jornalista Leo Filho, a assembleia aprovou todos os itens do futuro estatuto da organização, indicando o jornalista Célio Nunes para a presidência da associação, enquanto esta ainda se mantivesse. A carta de autorização do Ministério do Trabalho só viera a chegar no dia 16 de julho de 1977 e a primeira diretoria do sindicato só seria empossada em junho de 1978, indicando mais uma vez o jornalista Célio Nunes como primeiro presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Aracaju (Sindijor), tendo seus cargos distribuídos em 21 de abril. O sindicato instala sua sede no prédio da Associação Sergipana de Imprensa (ASI), na Rua Itabaianinha, nº 261, Centro. O informativo da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) daquele ano apontava a existência de cerca de 100 profissionais de imprensa no estado. Dentre as principais bandeiras da nova organização estavam a regulamentação da profissão, a defesa de estabilidade mediante o Decreto nº 972 de 1969, que regulamentava a profissão de jornalista, e a briga por uma escola de comunicação no estado.

No dia 10 de maio de 1979, exatamente às quatorze horas, a sede da Associação de Cronistas Desportivos de Sergipe (ACDS)

testemunha a fundação da Associação Profissional dos Radialistas do Estado de Sergipe. A reunião aprovava a criação da associação por unanimidade, elegendo o radialista Antônio Barbosa de Melo para a presidência, Acival Gomes Santos para secretário e Carlos Rodolfo Rodrigues para tesoureiro, indicando ainda Reinaldo Moura, Paulo Antônio dos Santos e Givaldo Batista para suplentes. A associação seria o embrião do Sindicato dos Empregados em Empresas de Radiodifusão e Televisão do Estado de Sergipe, oficializado anos depois. Também foram escolhidos os senhores José Eugênio de Jesus, Gilson Rollemberg Ferreira e José Roberto da Silva Santos para o Conselho Fiscal, e os senhores Rosevaldo Ferreira de Santana, José Santos e Raimundo Macedo Ferreira para suplentes. Sua sede fora instalada junto à Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe, nas dependências do Batistão.

A segunda fatia dos anos 1970 apresentava uma série de limitações a qualquer organização da sociedade civil. Com o fim do Ato Institucional nº 5 e a chegada do presidente Ernesto Geizel, representante da ala moderada das Forças Armadas, em 15 de março de 1974, o regime prometia uma abertura “lenta e gradual”. A “Operação Condor”, orquestrada entre setembro de 1976 e maio de 1977 e relatada no romance ficcional “O Beijo da Morte”, de Carlos Heitor Cony e Anna Lee, viria a eliminar todas as lideranças civis da “Frente Ampla”, formada pelos ex-presidentes Juscelino Kubitschek, João Goulart e o jornalista Carlos Lacerda. Com a saída das principais lideranças civis o processo de abertura estaria sob controle.

O assassinato do jornalista Wladimir Herzog em 25 de outubro de 1975, nos porões do DOI-CODI em São Paulo, catalizou uma série de ações civis unitárias em denúncia à ditadura. Filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), ele trabalhava como editor da TV Cultura e não chegou a se envolver na clandestinidade. A morte de Herzog era parte de uma ação nacional que visava desbaratar os focos isolados de resistência organizada à ditadura, tendo desdobramento na morte do operário Manoel Fiel Filho, em janeiro de 1976. A continuidade deste plano tomou corpo pelas bandas de Sergipe no carnaval de 1976, em 20 de março, com o

advento da Operação Cajueiro. A experiência mais marcante de tortura e violação ocorrida no estado desbaratou os quadros ligados ao PCB, dentre eles o advogado Carlos Alberto Menezes, o deputado estadual Jackson Barreto (MDB), os militantes Wellington Mangueira, Marcélio Bomfim, Goisinho, Rosalvo Alexandre, Milton Coelho, dentre outros. A prefeitura de Aracaju se encontrava sob o comando de João Alves Filho, detentor de um mandato biônico que perdurou de 1975 a 1979, o governador de Sergipe era José Rollemberg Leite, ambos da arena.

Mesmo diante de situação adversa e um terreno árido para as reivindicações de dentro e fora do mundo do trabalho, jornalistas e radialistas seguiram com a organização de suas entidades. O jornalista Milton Alves é fundador do Sindicato dos Jornalistas de Aracaju e presidente da entidade por dois mandatos¹⁰ (1988/1990 e 1996/1999). Ele começou sua carreira na Gazeta de Sergipe em 1969, localizada na Avenida Ivo do Prado. Ele ressalta que o convívio no interior das redações constituiu um traço a amplitude ideológica na composição das diretorias. “Você sabia quem era de esquerda e quem era de direita, quem era conservador e quem era radical. Mas a convivência do dia-a-dia acaba quebrando a mancha né, como se dizia, a mancha ideológica. Então você tinha uma coexistência pacífica na verdade. As matrizes ideológicas coexistiam pacificamente. Bem, como você não usava o jornal pra fazer a bandeira ideológica, na verdade a bandeira ideológica do jornal era a do patrão, que não é muito diferente de hoje, a coexistência era pacífica... Você não poderia ter uma tendência única de direita, e nem poderia ter uma tendência única de esquerda. Se fosse só de esquerda tudo era vetado, se fosse só de direita a DRT até engolia, o Ministério do Trabalho engolia e até festejava, mas você não teria a essência de mobilizar redações, seja em rádio, na televisão ou nos jornais, pra você dar vida ao sindicato”.

Raimundo Macedo Ferreira ainda não era o “Pingo de Leite”

10 Entrevista concedida ao autor em 16 de março de 2017

quando chegou ao rádio em abril de 1975¹¹. Estudante secundarista do Colégio Atheneu Sergipense, ele narrou suas primeiras partidas da quadra do colégio na hora do intervalo. Ele foi fazer uma experiência na Rádio Liberdade AM, que funcionava na Rua Itabaianinha, a convite de Roberto Silva, que ouvira uma de suas “narrações” pelo pátio do Atheneu. Fundador da associação profissional e presidente do Sindicato dos Radialistas de maio de 1988 a maio de 1991, ele reforça o papel de profissionais como Acival Gomes, Paulo Lacerda, Antônio Barbosa, José Eugênio de Jesus na condução e fortalecimento da organização e conta o primeiro desafio do sindicato: unificar os pisos da capital e do interior, além de regulamentar as tratativas previstas na Lei 6.615 de 1978, legislação que regulamenta a profissão de radialista. “Nós tínhamos um piso na capital e um piso no interior. Como é que o radialista da capital recebia um piso diferente do radialista do interior se o salário é um só no Brasil? Daí foi uma luta muito grande, não por culpa dos meus antecessores não, mas porque era difícil sentar com os patrões numa mesa de negociação. Então a partir do momento em que nós nos mobilizamos, nos juntamos com os jornalistas e fomos atrás de cláusulas sociais, porque atrás do salário tem um monte de coisa”.

José Roberto da Silva Santos, o Roberto Silva¹², iniciou sua carreira no rádio em 1971 na antiga Rádio Jornal 540 AM, que nesta época era na Rua da Frente (Avenida Ivo do Prado) no prédio em que funciona atualmente o Diário de Aracaju. Repórter de rua, repórter setorista da Associação Desportiva Confiança, locutor apresentador, colunista, editor e narrador, ele conta que chegou a trabalhar vinte horas por dia entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980, ressaltando que antes da fundação do sindicato o pagamento nas rádios era por hora trabalhada. “Eu sou um fato raro na comunicação. Eu trabalhava no início da minha

11 Entrevista concedida ao autor em 15 de março de 2017

12 Entrevista concedida ao autor em 11 de abril de 2017

carreira na Rádio Jornal, Aperipê, depois fui pra Cultura, tudo de uma vez só trabalhando ao mesmo tempo. Jornal, Aperipê, Cultura. Depois da Cultura fui pra Liberdade, trabalhei em todas as rádios já... Vida eu vivia dentro do trabalho. Tinha uma época em que eu era plantonista na Rádio Cultura, eu dormia na própria emissora... Quem me acordava era o padre que ia fazer a Hora Católica de manhã cedo, cinco e pouca da manhã... Ele batia assim e eu me levantava cheio de gases, porque dormir sentado não é fácil não. A vida foi assim, e até hoje não me arrependo não”.

Caminhando contra o vento pelos anos 1980

Os anos de 1980 testemunharam a reorganização do sindicalismo de massas no país. A fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em 28 de agosto de 1983¹³, que viria a se tornar a maior central sindical da América Latina, fora expressão organizativa e política do retorno das grandes mobilizações por salários, condições de trabalho e luta contra a carestia. Tendo como ponto de partida a greve geral dos metalúrgicos de São Paulo, a partir de março de 1979, as comissões de fábrica, as oposições sindicais e a constituição do que veio a ser chamado de “novo sindicalismo” atropelavam as antigas direções burocratizadas e ameaçavam as forças da repressão. A formação dos primeiros núcleos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em 1985, originários na região Sul do país, a organização acelerada dos servidores públicos em associações profissionais – a Constituição de 1967 vedava o direito à organização sindical –, a reorganização do movimento estudantil com o retorno da União Nacional dos Estudantes (UNE) à legalidade a partir de 1979, constituíam um novo cenário de convulsão social e participação na vida política nacional.

A partir dos anos 1980 as organizações de jornalistas e radialistas, a exemplo das mobilizações que sucediam no estado, foram

13 CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. **Histórico**. Disponível em <<http://www.cut.org.br/conteudo/historico/>> Acesso em 31 de março de 2017.

construindo sua trajetória e fortalecendo suas estruturas sindicais. De acordo com o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, ocorreram 1.548 greves no ano de 1989¹⁴, contando com a greve geral unificada organizada pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), nos dias 14 e 15 de março daquele ano. Outras mobilizações de caráter nacional já haviam sido convocadas nos anos de 1986 e 1987, mas a eminência do Plano Verão proposto pelo presidente Sarney, que visava congelar os salários e instituir o Cruzado Novo como moeda, fez o país cruzar os braços em boa parte dos estados. De acordo com dados da Folha de São Paulo, apresentados em matéria do site UOL¹⁵, doze das dezesseis capitais brasileiras pararam completamente nos dois dias de protesto, o comando de greve havia anunciado um prejuízo calculado em U\$¹⁶ 1,6 bilhão da economia nacional e um alcance de 70% na população economicamente ativa do país. A jornalista Niúra Belfort¹⁷ afirma que os profissionais da imprensa aderiram à paralisação em assembleia da categoria fazendo menção a duas greves no período, que podem remeter às mobilizações ocorridas em 86 ou 87, a segunda em 1989 que durou dois dias, ou a terceira greve geral ocorrida em 1991 entre os dias 23 e 24 de maio, contra a agenda privatista do governo Collor. Não foram encontrados registros sobre esta adesão nas atas pesquisadas e a entrevistada não soube precisar a datas das paralisações, mas o relato de Niúra demonstra as primeiras experiências coletivas da categoria que, mesmo limitadas, levanta um dilema que viria a acompanhar as mobilizações da categoria anos mais tarde: a ausência de registro.

14 SINDICATO DOS METALURGICOS DO ABC. **Histórico**. Disponível em <<http://www.smabc.org.br/smabc/>> Acesso em 25 de março de 2017

15 UOL. **O Brasil vai parar na sexta**. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/04/24/o-brasil-vai-parar-na-sexta-desde-a-decada-de-90-o-pais-nao-tem-greve-geral-de-fato.htm>> Acesso em 2 de abril de 2017

16 Unidade referente ao dólar

17 Entrevista concedida ao autor em 20 de março de 2017

“Quando houve aquelas duas greves gerais com todos os trabalhadores do Brasil, eu não me lembro o ano... teve uma primeira greve geral, depois teve uma segunda greve geral, eu acho que ainda tenho as fotos deste movimento... Quando houve a primeira greve geral a gente parou. A gente parou não, alguns pararam, a maior parte foram os dirigentes dos jornais, mas o jornal fechou com *release*, aí não tem pra onde correr. Aí quando teve a segunda greve geral a gente avaliou, na segunda greve a gente fez uma assembleia pra discutir o que você me perguntou agora: Se a gente fizer greve, quem vai mostrar pro povo que houve greve geral? E o que aconteceu em Sergipe? Então a gente fez uma opção de trabalhar só pra cobrir a greve... A gente só trabalharia pra cobrir os atos da greve”.

Caminhos e percalços para a unidade

Um elemento que contribuiu para modelar o perfil profissional sergipano foi a chegada do Curso de Jornalismo nas Faculdades Integradas Tiradentes (FITS) que ofertou o primeiro vestibular no primeiro semestre de 1981, uma demanda histórica do Sindicato dos Jornalistas e da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Para a jornalista e radialista Luzinete Silva, a chegada do curso foi o primeiro ponto para a construção de ações unitárias entre as duas categorias¹⁸. “Com o advento da primeira faculdade de comunicação em Sergipe, passamos a discutir conjuntamente as questões relativas às duas categorias, a exemplo das funções: Locutor e Locutor apresentador, Cinegrafista e Repórter Cinematográfico, Produtor e Repórter, etc. A união foi significativa ao ponto de passarmos a discutir, elaborar pautas de reivindicações conjuntas e juntar as duas categorias nas mesas de negociação com os patrões, na DRT”.

As primeiras atas de assembleias conjuntas entre jornalistas e radialistas datam de 1989 para a discussão de ações conjuntas. Neste ano a inflação acumulada no país chegou a 1.782,9%, o

18 Respostas enviadas por e-mail no dia 28 de março de 2017.

maior índice inflacionário da história do Brasil. Em assembleia ocorrida em 12 de setembro de 1989, o índice de perdas salariais dos radialistas era de 125%, quando fora aprovada uma comissão formada por Luzinete Silva, Fernando Cabral e José Eugênio de Jesus para discutir a proposta salarial com os jornalistas. Na mesma assembleia o presidente do Sertis, Raimundo Macedo, “conclamou a categoria a se unir cada vez mais, pois a luta dos empresários da comunicação será árdua em busca de um salário digno e compatível para a classe, lembrando inclusive a dificuldade em dobrá-los, em negociação”.

Em relação às diferenças que haviam entre as duas categorias, Milton Alves é taxativo ao ressaltar os conflitos e ruídos que circundavam as redações e emissoras. O Sindicato dos Radialistas organiza a categoria em três níveis: o nível artístico (locutores, produtores, apresentadores, repórteres) nível técnico (técnicos de mesa de som, cinegrafistas) e o pessoal do setor administrativo, o que acarreta uma diversidade que muitas vezes não era compreendida. “Um conflito ideológico. Um conflito, este é o mais crítico, cultural. Mesmo com o surgimento do curso de radialismo, sempre existe uma coisa do jornalista dizer: ‘eu sou bacana e você não é’. Isso hoje até por uma dosagem menor, mas o radialista sempre foi visto como um subproduto da comunicação em todos os sentidos. Quando nós assumimos o sindicato havia isso, de chegar ‘ah, esses porra aí’. Muitos colegas eram de uma agressividade terrível. ‘Ah, esse cara é semianalfabeto”, ‘porra, esse cara fala errado pra cacete e é radialista’... E quando eles viam um jornalista chegar a uma redação de rádio, eles queriam proibir, o Sindicato dos Radialistas. ‘Não vai proibir porra nenhuma, jornalista está preparado pra trabalhar em qualquer redação, seja de televisão, seja de jornal, seja de rádio. O jornalista não é só de jornal’. A coisa era pior quando o jornalista se apresentava como apresentador de jornal e de televisão... Nós conseguimos uma coisa que (sic) acabou quando nós conseguimos chamá-los e discutir um dissídio coletivo das duas categorias”.

O radialista Fernando Cabral começou sua carreira na produção da Rádio Difusora, pertencente à Fundação Aperipê, no ano

de 1984¹⁹. Para Fernando, naquele momento a experiência de unidade era reflexo da própria composição do trabalho das duas categorias. “Trabalhador jornalista e trabalhador radialista têm o mesmo patrão, a divisão só interessa ao patrão... Senta na mesma sala o editor de imagens e o editor de texto, um é radialista e o outro é jornalista. No carro da reportagem vai o cinegrafista, o áudio, o repórter e o motorista, jornalistas e radialistas juntos. Convivem juntos o tempo todo, o patrão é o mesmo”.

Luzinete Silva também ressalta que “no final dos anos oitenta, a política salarial do governo levou os patrões da comunicação ao encolhimento salarial, a exemplo das demais categorias profissionais no país. A queda salarial e a falta de condições de trabalho, fortalecera o movimento sindical sergipano, respaldado pelas centrais sindicais nacionais. A união dos trabalhadores na luta levava a categoria a reuniões mais frequentes e o chamamento do sindicato cresceu, reunindo cada vez maior o número de trabalhadores”. Niúra Belfort foi da primeira turma de jornalismo da FITS que entrou em 1981 e saiu em 1985, iniciou sua carreira como locutora-entrevistadora da TV Atalaia, portanto registrada como radialista, porque estágio naquele momento era proibido. “Então o que passou a acontecer foi isso... as funções começaram a se misturar muito, e a gente começou a ver que na redação, por exemplo em rádio e jornal, tinha radialista e tinha jornalista, e a gente começou a perceber que se a gente brigasse separado nessa época, a discussão começou por aí, como é que você para uma redação se você tem radialista e jornalista e eles não brigam juntos?”.

Nubem Santos Bonfim²⁰ tem 57 anos, é natural de Salvador e foi da primeira turma de jornalismo da FITS em 1981. “Nós éramos a primeira turma e tínhamos um desafio. Tinha que dar certo né, para que o nosso diploma tivesse valor, que a gente fosse reconhecido pelo mercado. A própria faculdade dependia do sucesso da primeira turma e muitos profissionais que já tinham o

19 Entrevista concedida ao autor em 3 de abril de 2016.

20 Entrevista concedida em 15 de agosto de 2017

registro profissional, porque naquela época não tinha faculdade você poderia fazer o seu provisionamento, e muitos deles entraram na faculdade, cursaram jornalismo porque viram que valia a pena né...”.

Para além da questão salarial e de condições de trabalho, um aspecto presente nas redações era o constante assédio moral. A iminência de perder o emprego, de ser substituído por um colega mais jovem, de sofrer represália por participar das atividades sindicais. Milton relata parte desta experiência em curso naquele tempo. “É, terrível. É um câncer, é um cranco. Por mais que você combata o vírus da doença, tá lá dentro. ‘Olha, você precisa do emprego. Tá saindo tanta gente da escola... Você conhece aquela coleguinha que estagiou aqui? Você conhece aquele coleguinha que estagiou aqui? Tanto ela quanto ele tem um textozinho bacana... Um textozinho enxuto... Se cuide!’, isso é terrível, cara. Mas na nossa época a gente discutia, na minha época, na época de Luzinete, de José Araújo, da Rita Oliveira, da Niúra Belfort... A gente partia pra grossura, a gente saía com boletim, chegava na redação e falava ‘olha, aqui dentro tá rolando assédio moral. É preciso que se acabe com essa esculhambação, com essa escrotonidã, porque se for o caso a gente vai officiar denúncia na DRT’. Geralmente funcionava”.

Nova década e novas gestões. Velhos dilemas.

A eleição para a diretoria do Sindicato dos Jornalistas de Aracaju ocorreu no dia 27 de abril de 1990. A Chapa 1, encabeçada pela jornalista e radialista Luzinete Silva e representando o atual agrupamento político à frente do sindicato (PT, PC do B e independentes), obteve 130 votos contra 78 votos da Chapa 2, composta por militantes e simpatizantes do PCB e independentes, de um total de 307 associados aptos para o pleito. A cerimônia de posse da nova diretoria ocorreu no Centro de Interesse Comunitário Ministro José Hugo Castelo Branco, no dia 1º de junho, às vinte horas e cinquenta minutos. Era empossada a primeira presidente da história do Sindicato dos Jornalistas de Aracaju, que contava em sua diretoria com o jornalista José Araújo (vice), Eliézer

Cupertino (2º vice), Niúra Belfort (secretaria geral) Eugênio Nascimento (1ª tesouraria) e Nairson Socorro (2ª tesouraria).

A eleição para a diretoria executiva do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão do Estado de Sergipe (Sterts) ocorreu em 6 de abril de 1991. A Chapa 1, encabeçada por Carlos Rodrigues, venceu o pleito por 200 votos contra 104 votos da Chapa 2, encabeçada por Fernando Cabral, de um total de 507 associados devidamente regularizados pelo sindicato. A posse da nova diretoria ocorreu no dia 24 de maio no auditório do Teatro Tiradentes. A solenidade contou com a presença do radialista Raimundo Luis, representando o governador João Alves, e o radialista e secretário municipal de Comunicação da Prefeitura de Aracaju, Francisco Ferreira, além de representações sindicais e da Associação Sergipana de Imprensa (ASI).

Niúra Belfort fala sobre uma parte da rotina que tomava conta daquela gestão. “A gente não se reunia toda semana não, era uma reunião por mês, mensal, mas como todo mundo trabalhava perto ali toda hora a gente tava no sindicato vendo o que é que tava precisando, o que é que tava faltando, o que é que tinha pra fazer, entendeu? Os diretores tinham o hábito de passar na entidade pra ver como é que estavam as coisas. A gente tinha uma diretoria atuante, não era uma diretoria de fachada”. As primeiras reflexões em relação à concentração midiática e a necessidade da construção de políticas públicas para o campo da comunicação social estavam em processo de amadurecimento. A Frente Nacional por Políticas Democráticas de Comunicação (FNPDC), que articulou uma série de entidades da sociedade civil para disputar os capítulos referentes à Comunicação Social na Assembleia Constituinte de 1988, se transformara no primeiro semestre na Associação Civil do que viria a ser o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC)²¹, oficializada quatro anos

21 FÓRUM NACIONAL PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO. **Quem somos.** Disponível em <<http://fndc.org.br/forum/quem-somos/>> Acesso em 26/04/2017.

depois. Fundada em 11 de fevereiro de 1990, a Federação Interestadual dos Trabalhadores em Empresas de Rádio, Televisão Aberta ou por Assinatura (Fitert) surgiria, de acordo com o inciso 1 do Artigo 1º de seu estatuto, “para fins de defesa, organização, coordenação, proteção e representação legal dos trabalhadores em empresas de publicidade, agenciadores, trabalhadores administrativos em empresas de Rádio ou Televisão – aberta ou por assinatura, localizados na base territorial de seus sindicatos filiados, cujo estatuto preveja essa representação”²².

Eleitas as duas diretorias que estariam à frente das mobilizações que correriam novembro adentro, a primeira assembleia conjunta das duas categorias após a posse do Sterts ocorreu em 16 de agosto de 1991, às vinte horas no auditório da Rua Itabaianinha, nº 261, Centro. A assembleia foi aberta por Luzinete Silva, que declarou o cálculo previsto de 201% de perda salarial da categoria até o final do corrente mês e propôs uma “campanha salarial emergencial”. Houve algumas polêmicas de fundo, como uma suposta intervenção infeliz dos jornalistas do interior do estado, retrucadas em plenário pelo ex-presidente do Sterts, Raimundo Macedo, e a apresentação de um cálculo de salário apresentado pelo Tribunal do Trabalho aparteadado pela jornalista Niúra Belfort sobre a desconfiança em relação ao Ministério do Trabalho. A jornalista Elizabeth, cujo sobrenome não consta em ata, sugeriu a filiação do sindicato à Central Única dos Trabalhadores (CUT)²³.

22 FEDERAÇÃO INTERESTADUAL DOS TRABALHADORES EM RADIODIFUSÃO E TELEVISÃO. **A entidade**. Disponível em <<http://fitert.org.br/a-fitert/a-entidade>> Acesso em 26/04/2017

23 O Sindicato dos Jornalistas era composto por militantes do PT, que construíam a CUT, do PC do B, que construíam a CGT, e de independentes, mas neste tempo o sindicato não era filiado a nenhuma central por não haver acordo de filiação nas assembleias. O Sindicato dos Radialistas também não possuía filiação a qualquer central e, a título de esclarecimento,

A assembleia decretou, por unanimidade, “estado de assembleia permanente”, podendo então ser convocada uma nova sessão extraordinária das duas categorias em caráter extraordinário sem necessidade de comunicação prévia e publicação em jornal de circulação. A próxima reunião com os patrões da Asert estava marcada para uma sexta-feira, 13 de setembro. Àquela altura da década Hollywood já havia apresentado o Jason²⁴ a milhões de espectadores no mundo inteiro, indicando o quão aterrorizante poderia ser marcar qualquer atividade numa sexta-feira 13, não haveria data pior. Não há qualquer registro ou menção a esta reunião nos encontros seguintes.

A próxima assembleia unificada ocorreria dois meses depois, no dia 10 de outubro às vinte horas e trinta minutos, em segunda convocação. O plenário foi presidido pelo presidente do Sterts, Carlos Rodrigues, e pelo presidente em exercício José Araújo. A presidente do Sindicato dos Jornalistas, Luzinete Silva, precisou se afastar oficialmente do sindicato a partir de 1º de outubro. A ata de reunião da diretoria do Sindijor de 30 de setembro consta que Luzinete se afastara para “tratamento médico”, quando na verdade ela se licenciou para cuidar da gestação de sua primeira filha. O adendo é importante tendo em vista que gravidez não é doença e sua gestação não demandou maiores cuidados, mas esta premissa não era levada em conta tanto no período quanto no espaço das organizações sindicais e populares. A assembleia manteve o estado permanente de mobilização, decidiu que os cálculos das perdas salariais seriam calculados pelo Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Econômicos (Dieese). Procurada

não foi possível precisar a composição político-partidária de sua direção, caso ela houvesse. De acordo com depoimento de Raimundo Macedo, as duas centrais naquele momento eram filiadas à CUT, o que contradiz o depoimento de Niúra Belfort. Não há qualquer registro de filiação a centrais sindicais dos dois sindicatos neste período.

24 O primeiro longa-metragem da série de terror *Sexta-feira 13* fora lançado em 1980.

no dia 23 de agosto de 2017 a economista Lúcia Fálcon, diretora técnica do Dieese naquele período, afirmou não possuir qualquer recordação sobre a campanha salarial de jornalistas e radialistas.

Dois fatos que chamam atenção na ata desta assembleia: o primeiro foi a presença do técnico em cooperativismo, José Carvalho, representante da Organização das Cooperativas do Estado de Sergipe (Ocese), que orientou os presentes sobre as dificuldades e possibilidades de montagem de uma cooperativa profissional nas categorias. Esta foi a pauta da assembleia do Sterts ocorrida em 4 de outubro, seis dias antes daquela assembleia geral unificada, e a proposta era de fundar uma cooperativa dos radialistas. Como a assembleia não atingiu o quórum mínimo para deliberação, 16 associados, foi proposto e devidamente aprovado submeter a discussão junto aos jornalistas. De acordo com Raimundo Macedo, tratava-se das primeiras articulações para a criação da Cooperativa de Radialistas de Sergipe, a Cooperase, uma alternativa dos radialistas e cronistas desportivos frente ao desmonte dos departamentos esportivos que já corriam céleres naquele ano. “Como a legislação exigia que a iniciativa fosse dos trabalhadores organizados o sindicato tomou a frente formalmente, mas depois entregou o comando aos narradores e cronistas”. Fundada oficialmente em 1993, a Cooperase funcionou em contrato de cessão com a Rádio Cultura AM 630 até dezembro de 2016. Em relação às propostas de cooperativas discutidas com a categoria dos jornalistas, Milton Alves afirma em seu depoimento que a possibilidade de uma organização cooperativa sempre foi colocada como alternativa frente às negociações com proprietários de jornais em Sergipe, quando estes afirmavam passar por dificuldades financeiras. ‘A gente sempre discutiu isso. ‘Ah, tá ruim? Venda’. Quantas e quantas vezes em mesa de negociação na DRT, ou numa negociação com os patrões diretamente na Asert, que é a associação deles. ‘Ah, porque nós estamos com dificuldade’. Tá com dificuldade? Quanto custa sua empresa? Diga que nós vamos fazer agora uma cooperativa e vamos pedir ao banco dinheiro emprestado, e a garantia é o prédio onde funcionar e o maquinário.’ Diga quanto querem. Quanto vocês ganham numa campanha eleitoral?’. Nunca quiseram vender. A gente se propunha a com-

prar, se propôs a comprar eu perco as contas”.

Outro fato importante na assembleia do dia 10 de outubro foi a presença do presidente do Sindicato dos Gráficos, cujo nome não está explicitado na ata pesquisada. O presidente “interrompe a sessão por alguns minutos falando aos presentes da luta salarial em que eles estão travando com os patrões, que nós do sindicato se-
jamos solidários aos gráficos”. Isso remete à campanha salarial dos gráficos que, pelas conclusões do relato, seguia paralelamente à dos jornalistas e radialistas. Não foram pesquisados registros do Sindicato dos Gráficos, vide o extravio de atas e documentos, comunicado pela secretaria da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), central a qual o sindicato é filiado atualmente.

A pesquisa nas atas constatou ação unificada junto aos gráficos em assembleia ocorrida em 18 de setembro de 1990, no ano anterior, quando fora repassado aos associados presentes o adiantamento do abono de 15% dos meses de agosto e setembro para as três categorias. O presidente da entidade, José Luis Andrade, ressaltara na oportunidade a necessidade de união e luta da categoria. A outra menção aos gráficos foi registrada na ata da assembleia geral conjunta de radialistas e jornalistas, data do dia 27 de novembro de 1990, quando fora aprovado o acordo coletivo daquele ano, em votação polêmica, e aprovado Estado de Mobilização até janeiro do ano seguinte. Em meio às discussões fora ressaltado, e registrado em ata, a proposta de envolver os gráficos no final da campanha. Mas por que, ainda em 1990, a negociação ocorria conjuntamente com os gráficos em setembro e em novembro a categoria se descolara? O que houve neste intervalo? Os gráficos conseguiram avanços em separado? Houve imbróglio de ordem política entre as direções? Por que o sindicato dos gráficos, cujo presidente esteve em assembleia para pedir apoio em outubro de 1991, não estava na campanha salarial daquele ano? Nenhum entrevistado soube precisar a relação que se estabelecera com os gráficos naqueles anos, boa parte dos depoimentos coletados ressalta que houve tentativa de unificação de campanha, sem sucesso, mas não explica a mudança de postura de um ano para outro. Uma nota assinada pelos dois sindicatos publicada

na edição nº 450 do semanário Cinform em 25 de novembro de 1991, nota que será trabalhada na íntegra nos capítulos seguintes, afirma que os jornalistas, radialistas e gráficos estão juntos na paralisação. “*Na história do jornalismo sergipano, é a primeira vez que os jornalistas, junto com os radialistas e os gráficos entram em greve*”. É possível supor, a partir a leitura da nota, que alguns setores isolados da categoria dos gráficos tenham aderido à greve chamada pelos jornalistas e radialistas à revelia de sua entidade sindical.

A Associação de Rádio, Televisão e Jornais do Estado de Sergipe (Asert) era presidida pelo radialista e adjunto da Fundação Aperipê, Augusto Júnior. João Augusto Celestino de Assis²⁵ fora eleito como vice-presidente na chapa da associação encabeçada pelo Cônego José Carvalho, representante da Rádio Cultura. No início de 1990, o Cônego renuncia à presidência e Augusto Júnior assume o posto quando ainda estava à frente da Superintendência do Grupo Jornal, de propriedade do governador João Alves Filho. Augusto assume a Superintendência Adjunta da Fundação Aperipê no início do segundo mandato de João Alves aos trinta anos de idade, em janeiro de 1991, tendo à frente da Superintendência Marlene Alves Calumby. Ao comentar sobre os trâmites entre os representantes dos veículos na Asert, Augusto nos dá uma pista sobre o peso dos grandes grupos de comunicação no resultado das votações. Os Grupos Jornal, Atalaia e satélites da TV Sergipe desequilibravam constantemente a votação das questões apreciadas.

“Certa feita, numa votação lá na Asert, eu na verdade decidia em alguns momentos a votação porque eu chegava com cinco votos, cinco ou seis votos. Porque era a FM, a AM, a TV, o Jornal e as rádios do interior. Daí quando batia seis votos de uma vez, ou mudava pra direita ou pra esquerda. Aí o pessoal me olhava feio (risos)”.

Ao descrever o perfil do empresariado sergipano, o então presidente da Asert aponta os resquícios de uma formação colonialista e pouco aberta ao diálogo. “Na verdade, é o seguinte: a cabeça

25 Entrevista concedida em 21 de agosto de 2017.

do empresariado sergipano é uma cabeça bem atrasada. Estou falando de todos os setores, não estou falando de um setor, um setor especificamente não. E isso faz com que resquícios ainda da ditadura, dos senhores de engenho, ainda faça com que as pessoas achem que o empregado é o 'meu escravo', entendeu?"

A data-base chegou

Em novembro de 1991 os jornalistas sergipanos ganhavam Cr\$ 89.000,00, o equivalente a R\$ 759,00 tendo o cálculo referente ao Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) de abril de 2017²⁶. O radialista de nível artístico (locutores, locutores apresentadores, dentre outros) recebia o piso ordenado em Cr\$ 71.428,00 o equivalente a R\$ 658,00 e os radialistas de nível técnico ganhavam Cr\$ 61.294,00 o equivalente a R\$ 564,00. O salário mínimo estipulado em setembro de 1991, mediante a Lei nº 8.222, era de Cr\$ 42.000,00, equivalente a R\$ 396,17. O reajuste dos aluguéis assinado no mês de maio seria de 140%, a inflação no mês de outubro bateu a casa dos 28% em Aracaju, de acordo com dados da Secretaria de Estado do Planejamento, informados à época. O acúmulo de perdas salariais de janeiro a outubro atingiu a casa de 332%, com destaque para alimentação (38,7%) vestuário (32,8%), saúde (20,21%) e transportes/comunicação (26,2%). A vida seguia encurralada pelos números e os percentuais grandiloquentes da corrosão salarial ampliavam os buracos dos bolsos, um rasgo novo a cada dia.

No dia 7 de novembro, às vinte horas e quarenta e cinco minutos, ocorreu mais uma assembleia conjunta, a primeira na data-base das duas categorias. Presidida por Luciano Tavares, que substituíra Carlos Rodrigues que estava impossibilitado de comparecer à reunião, e José Araújo, foi repassado o resultado da negociação realizada junto à DRT. O relato ressalta o desinteresse dos

26 FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Atualização de valores.** Disponível em <<http://www.fee.rs.gov.br/servicos/atualizacao-valores/>> Acesso em 03/04/2017.

patrões em negociar as cláusulas e propostas de reajuste salarial, indicando ainda problemas na mesa de negociação, ocorridas no mês de setembro. De acordo com relato registrado em ata, a delegada substituta tomara as rédeas da reunião e exigira uma proposta concreta do patronato para o dia 12 de novembro. Naquele momento os gráficos se encontravam em greve, de acordo com repasse de Niura Belfort registrado em ata, mas a adesão estava baixa e eles estavam enfraquecidos. Mais uma vez a questão dos gráficos entra em cena, não se soube precisar a relação dos radialistas e jornalistas com esta campanha salarial em separado. O jornalista Vieira Neto sugere a preparação para o estado de greve, quando foi retrucado por José Araújo que expôs a situação de fragilidade financeira do sindicato. “Finalmente, ao ressaltar a possibilidade de uma greve o companheiro José Araújo explicou que o Sindicato dos Jornalistas vem registrando baixas arrecadações e suas reservas não é das melhores. Significa dizer que precisamos equilibrar a situação para depois pensarmos em greve. E terminou pedindo o apoio de todos não somente para convidar os companheiros a saldarem seus débitos como também comparecerem às reuniões. Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão mandando que fosse lavrada a presente ata que depois de discutida e aprovada vai assinada pelos presentes”. Compareceram à assembleia apenas nove jornalistas.

No dia 13 de novembro, seis dias depois, fora convocada nova assembleia geral das duas categorias, mais uma vez na Associação Sergipana de Imprensa (ASI), às vinte e uma horas. A contraproposta apresentada pela Asert propunha: Cr\$ 110.000,00 para jornalista, o equivalente a R\$ 1.103,46, equivalente 26% de reajuste a quem recebia o piso; Cr\$ 89.000,00 para radialistas da área artística, equivalente a R\$ 819,00; Cr\$ 79.000 para radialistas de área técnica, equivalente a R\$ 727,00; e Cr\$ 63.000,00 para o pessoal de escritório, equivalente a R\$ 580,00. Tendo em vista um cálculo de perdas salariais em 171%, o presidente José Araújo considerou a proposta irrisória “uma vez que o Governo Federal já garante reposição para quem tem data-base em novembro”, caso das categorias. Ele afirmou ainda que os patrões se recusaram a analisar as cláusulas sociais e propôs uma tomada de deci-

são firme, seis dias depois de afirmar que era melhor “equilibrar a situação para depois pensarmos em greve”. Carlos Rodrigues considerou a proposta “ridícula”, salientou que os patrões estão debochando das duas categorias e convidou as categorias a entrar em greve por tempo indeterminado, caso não fosse apresentada uma proposta coerente na próxima reunião. Aprovado estado de mobilização permanente e indicativo de greve para o dia 21 de novembro caso não houvesse avanço nas negociações, os dois sindicatos encaminhariam uma campanha de mobilização com panfletos, carros de som, boletins e visitas às redações.

O cenário estava se afunilando para uma situação radicalizada. No dia 20 de novembro, mais uma vez às vinte horas e trinta minutos no auditório da Rua Itabaianinha, nº 261, Centro, 63 profissionais da imprensa se encontravam reunidos na noite de quarta-feira. Repassados os valores da reunião ocorrida à tarde no prédio da Divisão Regional do Trabalho (DRT), a proposta avançara alguns milímetros: Cr\$ 130.000,00 para jornalistas, equivalente a R\$ 1.197,72; Cr\$ 110.000,00 para radialistas da área artística, equivalente a R\$ R\$1.103,46; Cr\$ 96.000,00 para radialistas da área técnica, equivalente a R\$ 884,97 e Cr\$ 63.000,00 para o pessoal de escritório, equivalente a R\$ 580,00. A categoria trabalhava na proposta de 171% de reajuste linear, a valer de novembro, mas estava flexibilizando a proposta para 120% a fim de estabelecer um cenário mais propício ao diálogo junto ao patronato. O sindicato patronal solicitou um prazo de 24 horas para analisar a proposta dos dois sindicatos, e foi marcada uma nova – e derradeira – reunião para o dia 22 de novembro, às nove horas e trinta minutos na sede da DRT.

Braços cruzados

Aracaju, 22 de novembro de 1991. A sexta-feira caminhava a passos largos sobre as pedras do Calçadão da João Pessoa, esquina com Calçadão das Laranjeiras. Encerrada a reunião com a Ásert, era hora de passar pelas redações e emissoras e recrutar quem pudesse em direção à Rua Itabaianinha, nº 261. Não tinha almoço certo pra rebater a moleza que chacoalha o corpo quando os

ponteiros do relógio se juntam para apontar ao céu, um em cima do outro. Agora a conversa era a quente e de bucho vazio, mas haveria de valer algum no fim das contas. Instalada a assembleia às doze horas e cinquenta minutos, em segunda convocação.

O presidente do Sindijor, José Araújo, abriu o plenário explicando o resultado da reunião ocorrida com a Associação de Rádio, Televisão e Jornais do Estado de Sergipe, às nove horas e trinta minutos da manhã. Atentos ao relato do presidente do Sindijor, os radialistas e jornalistas ouviram o repasse: nenhuma contraproposta diferente apresentada. *“Mais uma vez eles provaram que estavam dispostos a nos humilhar. Apenas o advogado dos patrões, João Vasconcelos e o presidente da Asert, Augusto Júnior, compareceram à reunião, que durou menos de vinte minutos, já que não houve nenhum avanço. Simplesmente eles disseram que a proposta seria a mesma”*, afirma a nota pública dos sindicatos emitida três dias após a assembleia. O presidente do Sterts, Carlos Rodrigues, declarou que os rumos do movimento reivindicatório estavam nas mãos dos associados presentes, instância máxima das duas entidades, e que eles deveriam deliberar sobre os encaminhamentos. Várias intervenções dos associados dos dois sindicatos se sucederam e o encaminhamento foi unânime: deflagração imediata de greve por tempo indeterminado, encaminhamento do processo de dissídio coletivo junto ao Tribunal Regional do Trabalho (TRT), da 55ª região em Salvador-BA.

Mesmo em meio ao relato dos ritos de negociação, o presidente da Asert ressaltou a ausência de diálogo de ambas as partes naquele momento. “Não havia bom senso de ambas as partes. Tanto de nós do patronato quanto dos radialistas. De certa forma medíamos forças e terminávamos dando errado”.

Nem o advogado dos sindicatos, Lealdo Feitosa, entendeu muito bem aquela assembleia. “As pessoas não acreditavam que tinham deflagrado greve, eu mesmo não acreditava. Uma greve de jornalista, de radialista, ninguém tinha visto, como é que ia ser isso?”. A jornalista Ofélia Onias trabalhava na redação do Jornal da Manhã e na Secretaria de Comunicação do Estado, além de ser a

suplente de delegada junto à Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). Militante do PT – até a data de nossa entrevista em 17 de abril de 2017 – ela relata como foi a assembleia e como as categorias receberam apoio de outras entidades sindicais em um momento até então inédito. “Eu me lembro como se fosse hoje. A gente saiu da DRT e foi pra lá, fizemos uma grande mobilização pra galera ir pra DRT, de lá. Mobilizamos todo mundo, a gente passou três dias de redação em redação. Deflagramos a greve meio dia e meia. Eu me lembro que eu liguei pra CUT, o que tava de jornalista, radialista, uma confusão. A gente meio perdido que nem cego em tiroteio... A gente não tinha logística de greve. Eu falei ‘Gente, vamos chamar a CUT’. Era Paulo Aragão, o Paulão da CUT que a gente chamava... Daí eu liguei e falei: ‘Paulão venha *praqui* que a gente tá que nem cego em tiroteio, venha *praqui* pra fazer a logística’. A galera da CUT toda chegou. Liguei pra Zé Eduardo: ‘Zé, venha pra cá’. Edmilson, Araujo também do Sindimina... por eu ser do PT eu era muito próxima dessas pessoas... Aí pronto, a galera que tinha *knowhow* no assunto chegou e nós organizamos a greve”. Da logística da paralisação foram tiradas comissões de convencimento que circulariam nas redações e locais de trabalho, além de organizar a estrutura e logística dos piquetes que viriam a surgir dali por diante.

Niúra também falou sobre aquela tarde quente de sexta. “À tarde já, os jornais tiveram dificuldade de botar os jornais na rua. Você não sabe o que é um auditório entupido, todo mundo clamando por greve e você não fugir? Calor da peste, ventilador não funcionava, não dava vencimento. O clima era muito, era muito bom. Não tinha onde sentar, todo mundo em pé”.

A vida do lado de fora do auditório

Naquela mesma sexta-feira (22) o prefeito em exercício de Aracaju, Carlos Alberto Menezes (PDT), acabava de exonerar o superintendente da SMTU, Aerton Silva, por não nomear oficialmente um substituto para o posto durante sua viagem ao Chile, na comitiva do prefeito Wellington Paixão. Acontece que a redação da Secretaria Municipal de Comunicação havia aderido à greve e

não enviaria qualquer material a partir do decreto da paralisação.

Francisco Ferreira Pereira, o Chiquinho Ferreira²⁷, havia assumido a secretaria em abril de 1991. O primeiro radialista a assumir um cargo público de acordo com suas próprias palavras, ressaltou a importância daquela decisão em um momento de crise política no executivo municipal. “Nosso diretor de redação era Adiberto de Souza, e nós combinamos na redação que não iríamos fazer nenhum *release*, ou seja, a redação entrou no movimento. Não é que a prefeitura entrou, a redação era composta por profissionais de comunicação, então foi feita uma combinação. Inclusive o Jornal de Sergipe na época de Pimentel, queria porque queria informações e nós dissemos que não, e o Carlos Alberto chegou a me chamar inclusive para comunicar da decisão dele de demitir Aerton... Não cabia à gente discutir na época, a única coisa que eu fiz foi informar ao vice e que estava na titularidade, em exercício, é que eu informei que já tinha comunicado ao titular da decisão da nossa redação. Não foi uma decisão minha enquanto secretário de Comunicação, foi uma decisão da redação composta por jornalistas e radialistas. E eu pessoalmente na condição de secretário, e sendo o primeiro radialista a assumir um cargo público no estado, eu tinha um compromisso com a categoria. Até porque quando todo mundo me chamava de secretário eu dizia: ‘estou’. Eu sou radialista”.

No dia anterior, o vereador Edvaldo Nogueira (PC do B) havia feito uma grave denúncia do púlpito da CMA, sobre um débito de grandes e médias empresas do valor de 45 bilhões de cruzeiros – equivalentes a 414 milhões de reais em abril de 2017, conforme explanado no capítulo anterior – aos cofres da prefeitura, valor que equivaleria ao dobro do orçamento previsto para o ano de 1992, com 16.058 devedores entre entidades públicas e privadas. O diretor do Departamento Estadual de Trânsito (Detran), Eliziário Sobral, entrega o cargo na manhã de quinta (21) em meio a disputas entre Arthur Reis e Rosendo Ribeiro sobre a realização de exames de admissão na cidade de Lagarto, a decisão estreme-

27 Entrevista concedida ao autor em 14 de março de 2017

ceu o “acórdão” que garantia a coalisão no Governo do Estado, devidamente explicado no capítulo anterior.

Ainda na quinta-feira (21), o grupo LGBT sergipano Dialogay lançara, em parceria com a Associação dos Moradores do Bairro América (Amaba), uma campanha de conscientização e esclarecimento em relação à AIDS. O primeiro lote do antirretroviralazidotimidina (AZT), medicamento utilizado no tratamento contra os efeitos do vírus HIV, chegara a Sergipe para distribuição gratuita. Oitenta e oito frascos de cem comprimidos cada para suprir a demanda do estado no prazo de três meses. Cada frasco custaria Cr\$ 180.000,00, equivalente a R\$ 1.535,89, quase quatro vezes o valor do salário mínimo calculado pelo período, o dobro do salário do jornalista, duas vezes e meia do salário do radialista de área artística e quase o triplo do salário de um radialista de nível técnico. Morte e vida inflacionada. No final da tarde daquela sexta-feira a estudante Ana Cristina S., de 16 anos, foi detida por xingar o presidente Collor na descida da rampa do Palácio do Planalto. Pegando carona numa mini-caravana composta por estudantes da UNE, que ficou a 200 metros da rampa, a secundarista também decidiu protestar e foi levada de camburão na Delegacia do Menor e do Adolescente, sendo liberada poucas horas depois.

Os eletricitários estavam em greve desde o dia 18 de novembro, a segunda-feira daquela semana. Organizados pelo Sindicato dos Eletricitários do Estado de Sergipe (Sinteese), presidido por Jailton Francisco dos Santos, os funcionários da Energipe reivindicavam a recuperação imediata de 397% de perda salarial, enquanto que a direção da empresa insistia na contraproposta de parcelamento das perdas nos meses de outubro, novembro, janeiro e fevereiro de 1992. Os funcionários da Deso também se encontravam paralisados desde o dia 8 de outubro. O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Purificação, Distribuição de Água em Serviços de Esgoto do Estado de Sergipe (Sindisan) reivindicava o cumprimento do Plano de Cargos e Salários, definido em 25 de outubro de 1990, além do abono concedido pelo Governo Federal.

Primeiros Piquetes

Substantivo masculino. Guarda de honra em formaturas, destacamento militar designado diariamente nos quartéis para serviços internos ou saídas de emergência, grupo de trabalhadores a quem cabe certo serviço por turno... As três primeiras explicações para a palavra “piquete” no dicionário Google, já nos dá a ideia tanto de sua origem militar, quanto de seu caráter de enfrentamento. Como forma de assegurar um processo de paralisação na porta dos locais de trabalho, algumas categorias organizam piquetes para obstruir a passagem nos locais de trabalho. Violência de classe em estado pleno, os jornalistas e radialistas experimentavam a tática em sua primeira paralisação. Foram relatados piquetes nas portas de quatro jornais impressos em funcionamento naquele período: Jornal da Manhã, Jornal da Cidade, Gazeta de Sergipe e Jornal de Sergipe, mas só foram coletados os relatos mais detalhados do enfrentamento no Jornal de Sergipe. O acervo do Instituto Histórico e Geográfico não dispunha das edições de 23, 25 e 29 de novembro do Jornal da Cidade, mas não há qualquer evidência que ligue a ausência destes exemplares a atividade grevista, tendo como hipótese mais provável o extravio ou perda das edições nos arquivos²⁸. O periódico Jornal de Sergipe, veículo de maior circulação e tiragem do período de acordo com o relato dos entrevistados, era de propriedade do jornalista Nazário Pimentel, tinha o jornalista Gilvan Manoel como editor-chefe neste período e localizado na Rua H, Quadra C, nº 170, Distrito Industrial de Aracaju (D.I.A.).

Diógenes Menezes Santos, o Diógenes Di²⁹, tinha 26 anos e era repórter fotográfico do Cinform e Jornal da Manhã. Membro da terceira geração de repórteres fotográficos da família, Diógenes aderiu à paralisação e contou um pouco do operativo dos piquetes na porta das redações. “Um ato que nós fizemos no Jornal

28 A reportagem entrou em contato com a direção do Jornal da Cidade a fim de acessar o acervo da época, sem retorno.

29 Entrevista concedida ao autor em 17 de agosto de 2017

de Sergipe foi pixar ‘Estamos em greve’. A gente simulava um troca-tapa bobo entre a gente mesmo pra chamar a atenção do segurança e o outro ia lá e pixava. Isso foi feito na TV Atalaia, na TV Sergipe, em todos os lugares”.

Diógenes também fala sobre a técnica de “captar” os releases das assessorias, que eram entregues em mãos naquele período. “Na frente do jornal a gente fazia um piquete bem inteligente. A gente sabia quais veículos do governo, da prefeitura, do Sesc... Dessas empresas institucionais que entregavam os *releases*. Existia o fax mas ninguém usava, não era pra todo mundo não. Então o motorista ia lá e levava os envelopes que eram os releases, e com os releases você montava um jornal, você fazia um jornal. Aí a gente montava um piquete disfarçado, ficava um na porta conversando com o vigia, quando vinha o carro que trazia o release aí só uma pessoa saía, atravessava a rua, pegava o *release* e agradecia. Pegava o *release* e botava no bolso. E qualquer outra pessoa que quisesse entrar no jornal a gente não deixava. Só entrava se a gente desse um baculejo”.

Fernando Cabral era secretário adjunto da Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Aracaju (Secom), chefiada por Chiquinho Ferreira. Em meio à paralisação das categorias, a Secom municipal deixou de enviar materiais de divulgação a partir do dia 22 de novembro. Candidato pela oposição nas eleições do sindicato ocorridas em 6 de abril daquele ano, Cabral participou dos primeiros piquetes na porta do Jornal de Sergipe. “WO Jornal de Sergipe circulou, mas circulou todo borrado, capenga... Quando eu estava na porta do Jornal de Sergipe, estávamos eu e Nubem Bomfim, com a Kombi. Aí o telefone da Secom do município tocou, ligaram pra casa de Chiquinho Ferreira, aí ligaram dizendo: ‘Olhe, mande seu adjunto sair daqui porque ele está furando os pneus dos carros e tá botando aqui cola nos cadeados’. Porque na verdade secaram alguns pneus dos carros, não sei nem se secou, estava no microfone no carro de som, não sei quem secou o pneu (risos)... Como eu estava na linha de frente, no microfone, o Gilvan Manoel que é do Jornal do Dia hoje, disse que eu estava fazendo vandalismo... Mas na verdade não fui eu quem colocou não, e também não vi quem colocou”.

Núbem Bonfim era repórter da Gazeta de Sergipe, editor da TV Sergipe e correspondente do Tribuna da Bahia neste momento. Ele afirma que se tratava de uma invenção chamada “miguelito”, uma armadilha de pregos que era posicionada próximo aos pneus dos carros e que furava no primeiro movimento de baliza dos automóveis. “A gente jogava o miguelito e furava os pneus dos carros, além de impedir a entrega de releases nas portas das redações. O enfrentamento era direto”, afirma.

A jornalista Rita de Cássia Oliveira Pinto chegou de Penedo-AL³⁰ aos 14 anos pra fazer o ensino médio em Aracaju, em 1979³¹. Entrou na terceira turma de Jornalismo das Faculdades Integradas Tiradentes (FITS) em 1982. Começou sua carreira como repórter na Gazeta de Sergipe, aos 21 anos, e por lá permaneceu por 17 anos até o fechamento do periódico em 2003. Rita era repórter do Caderno de Cidade da Gazeta em novembro de 1991, e foi escalada para a porta do Jornal de Sergipe no começo da paralisação. Ela relata que o piquete ocorrido na noite do dia 23 e na madrugada do dia 24 de novembro atrasou a rodagem da edição de domingo e segunda, 24 e 25 de novembro, que só foi para as bancas depois do almoço.

“O Jornal que tinha mais dificuldade era o Jornal de Sergipe, com Pimentel. Então eu tinha a maior raiva porque as conquistas não melhoravam porque ele segurava... Conseguimos fechar o Jornal de Sergipe por um dia. Nós ficamos uma noite de sábado pra domingo. Nós ficamos na porta do Jornal de Sergipe... Havia pessoas pelegas né, no meio do movimento trabalhando, então a gente, com raiva, secamos o pneu desse povo que tava na porta do jornal, quando era lá no Distrito Industrial, secando pneu. Ficávamos lá na porta impedindo quem chegasse. Na época os *releases* chegavam de carro né, não tinha internet, não tinha fax, não tinha e-mail, então as fotos e os releases a assessoria mandava num carro diretamente lá no veículo de comunicação. Então a

30 Estado de Alagoas.

31 Entrevista concedida ao autor em 19 de abril de 2017.

gente interceptava este material, não deixava entrar pra dificultar mesmo o acesso... Mas ainda faltava uma etapa. Seguramos a pessoa que rodava o jornal quando chegou meia noite, pra começar a rodar, a gente pegou essa pessoa, eu me lembro perfeitamente disso, e nós fomos, levamos prum bar, pra beber, e seguramos a pessoa que roda o jornal até sete da manhã. E... quando foi sete da manhã levamos pra casa. E quando foi sete da manhã o jornal não estava nas bancas, porque o jornal vai pra banca quatro da manhã... e fomos também pra casa, sete da manhã. Só que Pimentel mandou pegar o cara em casa, ele foi bêbo trabalhar, e o jornal saiu, mas saiu depois de uma hora da tarde. Não deixou de sair, mas pra gente foi um grande marco”.

Ao observar o exemplar digitalizado da edição do Jornal de Sergipe, de 24 e 25 de novembro, disponibilizado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe em 15 de abril de 2017, o exemplar não apresentou manchas ou sinais borrados, tal como relatado por Fernando Cabral. É possível que a digitalização venha a esconder ou maquiagem detalhes de impressão de uma rotação cheia de percalços como relatado por Rita Oliveira, mas pelo observado o exemplar da edição nº 3883 seguiu o padrão de *layout* dos demais exemplares do mês de novembro.

Diógenes Di dá mais detalhes sobre o “sequestro dos gráficos” do Jornal de Sergipe naquele final de semana. O seu depoimento afirma que, diferente da versão de Rita, a obstrução dos gráficos durou o dia inteiro. “Era o gráfico e mais três ajudantes. Daí chamamos ele pra conversar, pra tomar um café da manhã no mercado, e isso lá na esquina. Nós esperamos eles rodarem o jornal da sexta pro sábado umas três, quatro horas da manhã, e pegamos eles na esquina. Um deles a gente foi pegar em casa, porque eles (os patrões) levaram em casa. Fomos lá e conversamos com eles, não foi coercitivamente, fomos tomar um café da manhã no mercado. Deste café fomos pra almoço, de almoço foi pra jantar, de jantar foi pra bebida e aí vai. E foi até a madrugada. A gente saiu pra tudo quanto foi bar. Bar, cabaré e o diabo. A gente ficava revezando. Ia um grupo, ia outro, todo mundo esteve com eles. E era aquela coisa de massificar, daí os gráficos fecharam com a

gente... Daí quando foi dez horas da manhã deixamos os caras. Mas Elenilton (diretor gráfico do Jornal de Sergipe) obrigou os caras a irem rodar o jornal e ele saiu quase uma hora da tarde”.

O jornalista Gilvan Manoel, editor chefe do Jornal de Sergipe na época, não deu retorno à reportagem quando contatado nos dias 2 e 16 de agosto de 2017. A versão de Gilvan seria fundamental para compreender e narrar o clima interno da redação neste mesmo dia, as pressões e dilemas de quem se encontrava nas dependências do jornal, dentre outros elementos cruciais da narrativa.

Com a chamada “Basta o empate para o Confiança ser campeão”, a capa da edição estampa duas notas em boxes que nos dá pistas deste processo de rodagem. Ao lado direito do logotipo do jornal, o comunicado “Revista” informava que “Em virtude de problemas técnicos o Jornal de Sergipe circula hoje sem os suplementos JS Domingo e JS Moda. Na próxima semana volta a circular novamente”, uma pista forte que nos atenta para os impactos da rodagem precária e atrasada, coordenada por um funcionário supostamente alcoolizado, que não conseguiu concluir a impressão dos suplementos dominicais.

O outro box, este de forma direta e objetiva, nos apresenta no lado esquerdo da capa o drops intitulado “Greve e vandalismo”, seguido de denúncias de violações ocorridas no piquete da noite anterior. O texto defende o direito de greve, mas faz o recorte em demarcação aos atos violentos. O editorial segue:

GREVE E VANDALISMO

O JORNAL DE SERGIPE tem assumido, em todos os movimentos grevistas registrados neste estado a postura do direito de greve. Mas com a mesma veemência que defende este direito, o JS tem repudiado os piquetes violentos, que tolfhem pela opressão física e moral o livre arbítrio daqueles que desejam exercer o direito ao trabalho. Desde a última sexta-feira que os jornalistas sergipanos estão em greve, no exercício de um direito constitucional e utilizando uma arma democraticamente reconhecida para reivindicar melhores salários.

Todavia, o exercício deste direito não pode implicar em práticas de vandalismo como as exercidas por um pequeno grupo de pessoas ligadas aos sindicatos dos jornalistas e radialistas. Aqui, na portaria do JORNAL DE SERGIPE, foram feitas agressões morais e ameaças físicas, além da depredação do patrimônio privado, com a destruição de cadeados e esvaziamento de pneus. Tudo comandado por pessoas que em nada se parecem com profissionais que supostamente têm a obrigação ética da informação e da defesa das liberdades democráticas. O JS vai continuar na sua posição e procurar, por todos os meios, assegurar o livre arbítrio dos que desejarem trabalhar. (JORNAL DE SERGIPE, 24 E 25 DE NOVEMBRO)

Na mesma edição, a coluna do repórter Jurandir Santos, intitulada “Chopp, água e areia”, sugere uma tensão entre os que não se centralizariam pela paralisação e a cobertura do clássico que ocorreria no domingo (24), além de duas grandes matérias de título: “*Edmilson, casamento feliz, bem como a sua profissão*” e “*Na vida de Ribeiro o amor nunca faltou*”, assinada pelos repórteres Jurandir Santos e Odil Teles, respectivamente, que ocupara toda a página 7 do exemplar. Às vésperas da final do campeonato, publicar duas matérias que podemos considerar como “frias” sobre a vida amorosa dos dois técnicos pode ser interpretado como uma movimentação da editoria para fechar a edição do jornal, tradicionalmente chamada de “encher linguiça”. Quanto à nota na coluna de Jurandir Santos, ela segue a mesma linha argumentativa expressa no editorial do jornal, a mesma afirma: “*Somos daqueles que respeitamos o direito de quem o tem e gostaríamos que o nosso fosse respeitado, e isso se faz necessário, dada a responsabilidade que temos. Olha, não é brincadeira cumprir com essa responsabilidade, o que muita gente não sabe o que significa*”. (JORNAL DE SERGIPE, 24 E 25 DE NOVEMBRO)

O CLÁSSICO DO SILÊNCIO

Retardatário, o Jornal de Sergipe chega às bancas no domingo supostamente borrado e espumando rancor pelas bordas com o editorial “Greve e Vandalismo”, logo de cara, no canto direito da capa. Em compensação, a chamada central da edição não renderia vacilo: “Basta o empate para o Confiança ser campeão”. O piquete grevista retardou, mas não conseguiu obstruir a edição de domingo, afinal era dia de final de campeonato. A edição de domingo e segunda, 24 e 25 de novembro, do jornal Gazeta de Sergipe apresentava a manchete sob o prisma rubro da disputa: “Sergipe tenta vencer Confiança”. O caderno de esporte do Jornal da Cidade de 24 de novembro dava a letra: “Sergipe quer vencer o Timão para adiar a decisão novamente”. Os olhos e ouvidos do estado de Sergipe estavam voltados ao Estádio Estadual Lourival Batista, o “Batistão”, Rua Cedro, sem número, Bairro São José. Casa de colorados e azulinos que tricotam décadas de amor e ódio em cada banda do concreto armado, CEP da rivalidade da capital sergipana desde 9 de julho de 1969.

As atas dos sindicatos não trazem qualquer registro das ações ocorridas nos dias 23 e 24 de novembro, sábado e domingo, deram folga ao livro de registro no feriado. Deve pegar mal pra organização sindical ficar cobrando serviço do funcionário mais antigo no fim de semana. No sábado ocorreram os piquetes para obstruir as edições de domingo, como já relatado no capítulo anterior, e ações de panfletagem pela manhã na praia de Atalaia. Diálogo, convencimento e corpo-a-corpo mirando as ondas do mar. Na manhã de domingo um grupo de grevistas se encontra com o Cônego Carvalho, diretor da Rádio Cultura AM e membro da Asert, na praia de Atalaia. Apenas um relato faz menção às panfletagens ocorridas na manhã de domingo, o do jornalista Eugênio Nascimento. Ao relatar o encontro, Eugênio se refere ao Cônego como presidente da Asert naquele período, mesmo sabendo que a entidade era presidida por Augusto Júnior no momento exato da paralisação. A menção que também é encontrada no depoimento de Fernando Cabral.

“Fomos distribuir o panfleto mostrando o salário da gente, o quanto a gente ganhava, e lá encontramos o Cônego Carvalho que era o dono da Rádio Cultura e presidente da Asert. Aí encontramos ele lá na praia de short, bonezinho na cabeça, aí cercamos ele: ‘Padre, o senhor tá aqui passeando e a gente aqui arrombado, no sol quente’. Ele respondeu: ‘Meu filho, tenha paciência’... Eu sei que no final do encontro ele ficou meio abalado porque a gente jogou pesado em cima dele”. Ainda de acordo com Eugênio Nascimento, o encontro rendera tanto que na reunião seguinte o Cônego Carvalho, curiosamente, propôs um reajuste 2% a mais do que o valor reivindicado pelos grevistas. “Ele chegou na reunião e botou dois por cento a mais do que a gente tava pedindo, ‘É, os meninos ganham mal mesmo’. E os outros empresários se perguntando “O que é que aconteceu que este padre tá tão bondoso assim?”. Mal sabia o Cônego que aquele domingo renderia bastante eletricidade pelas bandas do Bairro São José.

Bola pro mato que o jogo é de campeonato

O Sergipão 91 estava prestes a conhecer seu vencedor na tarde do dia 24 de novembro, ou não. A Associação Desportiva Confiança era a atual campeã do torneio estadual, vencera a edição de 1990 em cima do seu principal rival, o Club Sportivo Sergipe, e disputava o bicampeonato com amplo favoritismo. O time que era comandado pelo técnico Edmilson Santos já estava classificado para as finais desde o mês de julho, com a vantagem de cinco pontos de bonificação. O favoritismo era tão grande que o presidente do clube, Fernando França, organizara uma grande festa com trio elétrico na porta e muito chope para fazer a “carreata da vitória”, e uma soltura de pombas no início do jogo para celebrar a paz no decorrer da partida. Na sexta-feira, 22, ele tinha se reunido com as “facções” das torcidas do clube – só fora reconhecida a logomarca da Torcida Trovão Azul (TTA) pelas fotos dos jornais pesquisados – para deixar tudo acertado, a reunião rendeu matéria no caderno de esportes do Jornal de Sergipe da edição de sexta-feira. O jogo só acaba quando termina, não levar a sério este ditado pode custar caro.

O Sergipe vinha em uma crescente desde a derrota para o Amadense por 3 x 2 no primeiro semestre, derrota que dera ao Confiança os dois pontos necessários para a vitória do hexagonal do primeiro semestre e a classificação precoce para as finais. A partir desta derrota do Sergipe o técnico Ribeiro Neto³², que substituíra Mitermayer Chagas a poucas semanas, criou uma peça psicológica – definição do próprio Ribeiro – para dar suporte à equipe: ele criou uma estória de um “anjinho” que falou com ele depois do terceiro gol do Amadense, que chegou em seu ouvido declarou: “não se preocupe não Ribeiro, que você ainda vai ser campeão este ano”, a reação da crônica esportiva foi imediata. “Era uma mangação da peste comigo, a imprensa toda zoolo com a minha cara, todos os colegas”. Após algumas alterações na equipe, como a dispensa do atacante Baianinho por ser um desagregador do grupo, e remanejamentos financeiros propostos por Ribeiro Neto e aprovados pelo presidente do clube, Antônio Soares da Mota, o “Motinha”, o Sergipe foi melhorando progressivamente até vencer o hexagonal final em disputa contra o Itabaiana. O Sergipe venceu o Confiança por um a zero no Batistão e ficou no gramado aguardando o resultado de Itabaiana e União de Propriá, que ocorria em Itabaiana, e que se estendeu até os 54 minutos do segundo tempo. O empate do Itabaiana por um a um deu ao Sergipe a liderança do hexagonal final, acarretando uma disputa extra com dois jogos para a decisão final.

O primeiro jogo da final entre Confiança e Sergipe ocorreu no dia 17 de novembro e terminou em um a um, com gols de Rocha (Sergipe) aos 13 minutos do primeiro tempo, e Luis Dias (Sergipe) contra, aos vinte minutos do segundo tempo. A partida contou com a arbitragem de José Roberto Wright, quadro da FIFA, e teve a maior renda do campeonato sergipano até o momento, com 24 milhões de cruzeiros, o equivalente a 220 mil reais em 2017³³. O zagueiro Luis Dias fora expulso por jogada violenta.

32 Entrevista concedida ao autor em 7 de março de 2017

33 FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Atualização de valores**. Disponível em <<http://www.fee.rs.gov.br/servicos/atualizacao-valores>>

Os relatos da crônica esportiva indicam que este jogo fora muito “pegado”, com muitas faltas e lances perigosos. A Comissão de Arbitragem da Federação Sergipana de Futebol, a pedido do Confiança, escalara o árbitro paulista Ulices Tavares da Silva, outro árbitro da FIFA, para apitar a partida do dia 24 de novembro, juntamente com os auxiliares José Isidório e Rubem dos Santos. O Confiança tinha a vantagem do empate para levar o caneco do bicampeonato para o Sabino Ribeiro³⁴.

Durante a semana que antecedeu a partida, o Sergipe treinou no Estádio Francisco Leite, na cidade de Riachuelo. O clube seguia sem maiores dúvidas na equipe, apenas o centroavante Rocha não havia participado de todos os treinos naquela semana em virtude de uma lesão na região da virilha ocorrida no jogo passado, mas sua escalação era dada como certa. A presença do meia Osvaldo nos coletivos também chamara a atenção da crônica esportiva. A entrada de Osvaldo implicava na saída de Lêniton, artilheiro do campeonato naquele momento. O rearranjo tático dava uma característica mais ofensiva ao time, mas a mudança deixava a torcida insegura por se tratar do artilheiro da competição. O Confiança realizou seus treinos na cidade de Salgado durante a semana e partiu na sexta-feira (22) para Lagarto, para o último coletivo no Estádio Paulo Barreto de Menezes. A dúvida na equipe azulina para a partida era o centroavante Gilvan, um dos artilheiros do campeonato, e o zagueiro Marquinhos, ambos se recuperando de lesão. O destaque do time nos coletivos, de acordo com matéria publicada na edição de 23 de novembro da Gazeta de Sergipe, fora o meia Paulinho, que jogara na manhã da sexta-feira com mais características de ataque e menos de marcação.

A greve do clássico

Tanto o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Aracaju (Sindijor) quanto o Sindicato dos Trabalhadores de Empresas de Rádio e Televisão (Sterts), tiveram seus atos de fundação nas dependên-

res/> Acesso em 08/04/2017.

34 Estádio da Associação Desportiva Confiança, localizado no Bairro Industrial.

cias do Complexo Esportivo Lourival Batista, o Batistão. Quis a história que as duas organizações sindicais, unificadas em campanha, retornassem a seus locais de origem para mais uma batalha. Gestadas em campo, elas fariam suas provas de fogo uma década depois de seus estatutos brotarem das instalações da Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe (ACDS).

A edição de sexta-feira (22) do Jornal da Cidade trazia uma expectativa de público abaixo do esperado, com uma renda especulada entre 20 e 22 milhões de cruzeiros. A baixa expectativa se dava em virtude do alto custo de vida exposto nos capítulos anteriores, e pela data não bater “com o adiantamento salarial e nem com o pagamento do serviço público”. Mesmo com este prognóstico a matéria aborda a expectativa forte para o clássico, atentando para o combate aos “biguzeiros” e bilheteiros acusados de falsificar ingressos para a partida e diminuir a renda. O campeonato estadual ainda gozava de uma força e capacidade de público que não fora mantida nos anos subsequentes.

Luzinete Silva não rende maiores explicações para sustentar uma intervenção da paralisação no jogo que se aproximava. “Greve de imprensa tem que estar nos locais dos principais fatos jornalísticos como uma decisão de campeonato de futebol. Era um grande fato para a nossa interferência junto à população”.

Raimundo Macedo conta que a ideia de interromper a transmissão do jogo de domingo foi levantada na sexta-feira, 22, na primeira reunião de avaliação dos dois sindicatos. Suspeitando de vazamento de informações, as direções sindicais decidiram organizar uma comissão a parte, que se reuniria logo após no Bar Fans, localizado na Avenida Ivo do Prado, para rever a estratégia de domingo.

“Nós fizemos uma comissão de discussão: Araújo, Luzinete Silva, Raimundo Macedo, Gutemberg Chagas, Elito Vasconcelos, Niúra Belfort, Carlos Rodrigues e outros nomes que não me recordo agora... Bar chamado Fans, na Rua da Frente, com os cabeças da greve. Nós desconfiávamos que tinha alguém infiltrado

que passava informações ao patronato. Lembro como hoje. Depois que terminou a reunião do sindicato, que era na ASI, ali na Rua Itabaianinha, a reunião dos dois sindicatos, aí criamos uma outra comissão. ‘Olhe, vamos nos encontrar em tal lugar’. Já era o quê, meia noite e meia, uma da manhã, isso da sexta pro sábado, pra gente marcar uma estratégia diferente, pra gente não deixar as emissoras entrarem no estádio”.

Os portões do Batistão estariam abertos a partir das treze horas para acesso dos vendedores ambulantes, o início da partida estava prevista para as dezessete horas, o trio do Confiança chegaria às quatorze horas ao portão da Avenida Anízio Azevedo, acesso da torcida azulina. Fora organizada a seguinte estratégia para interrupção dos trabalhos: a partir do meio-dia, horário de chegada das primeiras equipes de transmissão de rádio, se instalaria um forte piquete no portão principal de acesso à imprensa e às cadeiras, localizado na Rua Cedro. Militantes de outras organizações sindicais e da CUT foram chamados para compor o piquete, um enfrentamento daquela magnitude precisaria do maior número possível de pessoas, relatada mais uma vez a presença de militantes do Sindimina e Sindipetro.

Não foi possível precisar a eficácia exata do piquete na interrupção total da transmissão. Eugênio Nascimento afirma que alguns locutores chegaram a entrar no ar no pré-jogo, como o narrador esportivo Carlos Magalhães. Já Fernando Cabral afirma o contrário, reforçando ainda que Carlos Magalhães, então locutor da Rádio Cultura AM 670, não só aderiu à interrupção da transmissão desde o início como fora o fiscal das demais estações de rádio. O que se constatou de fato é que o radialista Carlos Magalhães aderiu à interrupção da transmissão, chegando a ser hostilizado pela imprensa dias depois. Em entrevista no dia 12 de abril, o radialista admite o feito, mas não se recorda de maiores detalhes, como se chegou a abrir ou não a transmissão do pré-jogo. Com 79 anos de idade e 60 de rádio, Carlos José Magalhães de Melo, o Magá, ressaltou o peso de sua equipe na adesão à greve. “Nós apoiamos integralmente a realização do jogo sem a transmissão... Foi um fato inédito no futebol. Uma partida com bola rolando

sem transmissão... O pessoal do interior ligava e a gente dava o resultado. O jogo tá ‘tanto’, entendeu? Mas nós não transmitimos o jogo, nós fomos corretos... Foi um episódio único, talvez um dos raros do Brasil... Mas houve um capítulo decisivo, o comando da maior equipe dar adesão à greve, isso eu não tenho dúvida”.

A Coluna “Periscópio” da edição de 27 de novembro do Jornal da Cidade, traz a nota curta intitulada “GREVE”, que descreve: *“De um radialista famoso, ontem, em um restaurante da cidade. ‘O Carlos Magalhães não irradiou o jogo entre Sergipe e Confiança porque se colocou ao lado dos grevistas. Como se ele não fosse empregador e como se ele pagasse aos seus funcionários o piso salarial’*”. Procurado para mais explicações, Carlos Magalhães declarou não recordar da provocação em nota.

Cabos cortados

Ivan Lima Tavares começou no rádio em 1981, como operador de áudio da Rádio Liberdade AM. Ele migrou para a Rádio Jornal 540 AM um ano depois, a convite do jornalista Glau Peixoto³⁵. Aos 29 anos de idade, o radialista nível técnico e torcedor “fervoroso” do Sergipe aderiu à paralisação desde o começo, e participava daquele piquete. “Eu particularmente lhe digo: eu não gosto de greve de jeito nenhum, não gosto de greve. Mas também, se eu entrar, eu só saio quando a nossa categoria for beneficiada, foi o que aconteceu no ano de 1991”.

Mesmo com o piquete a todo vapor na porta do Batistão, era fundamental obstruir qualquer condição de transmissão ao vivo daquele jogo. Ivan fala de como surgiu a ideia de cortar os cabos telefônicos do estádio. A memória confunde e ele cita a empresa “Telemar”, quando nesta época quem detinha o monopólio das telecomunicações em Sergipe era a estatal Telergipe. “Eu, apesar de ser um torcedor fervoroso do Sergipe, naquele dia a minha participação maior lá foi não deixar ninguém transmitir. Partiu do nosso colega Luciano Vieira né, do saudoso Gutemberg Cha-

35 Entrevista concedida ao autor em 12 de abril de 2017

gas né, ali era uma coragem da pega mesmo né, que disse. ‘Rapaz, a gente só tem um jeito de parar aqui, é desativar as linhas da Telemar’. Aí fomos lá no quadro e desligamos as linhas lá, aí parou né, ninguém transmitiu nada... Foi eu e Luciano Vieira... A experiência foi boa porque surtiu efeito né, surtiu efeito e a categoria saiu ganhando né...”.

Rita Oliveira dá uma versão diferente daquela ação. Primeiramente, ela afirma que a energia fora cortada, não os cabos de telefone, e que houvera uma equipe de plantão que chegou a religar a energia para a viabilização da partida. “E aí chegou a Energipe na época, pra consertar. E aí eu disse: ‘Olha amigo, a gente apoiou a greve de vocês – eu como repórter de cidade, começando na Gazeta de Sergipe –, sempre deu apoio, deu cobertura, e agora é o momento de vocês apoiarem a nossa greve. Então não conserte não, por favor, não dê energia pra ter a transmissão’. Aí ele falou ‘Infelizmente eu não posso, a gente tem que consertar porque é meu emprego e tal, não posso fazer isso. Agora, eu vou dar uma orientação: Se você for no canal lá, no jogo de fiação né, que fica ao lado do vestiário do Sergipe e cortar um fio laranja aí não tem como a gente consertar, só amanhã...’. Aí Ivanzinho, me lembro de Ivan, ele era operador da Rádio Jornal AM, Ivan Tavares. Aí eu fui com Ivan, e aí a gente cortou o fio e realmente não teve a transmissão de nenhuma rádio, aí a gente chamou de ‘clássico do silêncio”.

Diógenes Di nos conta que a “sabotagem” no corte dos cabos de energia e telefone foram sucedidos anteriormente, ainda na sexta-feira. “Como a gente sabotou o Batistão? Antes do jogo, o jogo era domingo, na sexta-feira a gente adentrou no Batistão, cortamos os cabos de energia elétrica. E como é que a gente fez pra cortar a energia elétrica? A gente puxava o fio pela tomada, cortava o fio e colocava no lugar. O fio tava no lugar mas não tinha corrente porque tava torado o fio. Até você descobrir que aquele fio foi cortado... Isso foi a força. E os cabos de antena que já existiam lá fixos. A força de energia e alguns cabos de antena a gente cortava. Daí eles chegaram lá no domingo para montar os equipamentos, viram que não tinha corrente elétrica e tinha que resolver de outra forma: extensão... Essa foi uma dificuldade técnica”.

TV Atalaia no camburão

Tanto o piquete quanto o corte dos cabos funcionaram a contento na obstrução da transmissão. Naquele tempo as emissoras de TV não faziam a cobertura ao vivo em virtude da ausência de espaço na grade nacional, mas no ano de 1991 a TV Atalaia fizera um contrato de grande quantia junto ao Banco do Estado de Sergipe (Banese) para colocar o VT do jogo no ar após o programa do Silvio Santos, já pelo turno da noite. Contando com uma equipe diminuta, a TV Atalaia contou com apoio da Polícia Militar para romper o piquete organizado pelos grevistas. Fernando Cabral estava na linha de frente naquele momento e avalia a ação da emissora como um “tiro no pé”.

“A única emissora que conseguiu furar a greve, mesmo assim foi um furo que foi um tiro no pé no meu entendimento, eles conseguiram entrar no Estádio, foi a TV Atalaia com uma equipe de filmagem composta de Jackson Cabral, cinegrafista, e Roberto Silva pra fazer a narração da partida. Ela só conseguiu entrar porque ela foi dentro de um camburão da Polícia Militar. O gerente de operações Gildo Rego, solicitou a polícia e um camburão da polícia levou a equipe para o Estádio. Na entrada da equipe para o Batistão, eles entraram pelas cadeiras, eu estava com o microfone com o carro de som e eu disse que não ia sair da frente, né, que não ia entrar. Eu ia resistir à entrada do carro da polícia, mas eu tive que pular senão eu ia ser atropelado, que o Gildo Rego mandou que o cara entrasse de qualquer jeito”.

Raimundo Macedo também protagonizou uma cena de confronto com a polícia na porta do Batistão. “Pingo” quase chegou às “vias de fato” com um tenente da Polícia Militar cujo nome preferiu não revelar, mas ao analisar as notas e repercussões daquele período é possível apontar que se tratasse do Tenente Robson, responsável pelo policiamento do Batistão e protagonista de outros episódios de truculência naquela tarde. Graças aos demais colegas, em especial ao jornalista e radialista José Eugênio de Jesus, o confronto não evoluiu. “Eu tomei nesse dia um empurrão de um oficial de polícia, aliás ele armou a pistola pra atirar em mim. Eu sei quem é.

Ele tá na reserva já. Ele me vê, me cumprimenta, eu cumprimento ele... Sabe, foi um fato que me magoou bastante, foi Zé Eugênio quem tirou o policial na hora, que eu ia partir pra ele. A gente tava no calor da discussão, lutando para que duas emissoras lá não tivessem acesso ao estádio... A gente não deixou ninguém entrar, ninguém transmitiu. Não vai entrar ninguém”.

Em meio à confusão e de momentos de embate, Niúra Belfort se recorda de uma vendedora de espetinho que ficara assustada ao saber o contracheque dos jornalistas e radialistas na boca do estádio. Neste relato é possível perceber a discrepância entre o olhar superestimado que demais setores da sociedade remetem aos trabalhadores da comunicação, além da flagrante desvalorização salarial da categoria. “Teve um fato interessante nessa época, que foi uma vendedora de espetinho, nunca me esqueci deste fato. A gente estava na porta do Batistão barrando a entrada da imprensa... e uma vendedora de espetinho chegou pra mim e fez assim: ‘Por que é que você estão fazendo essa greve, ein? Por que? Jornalista, o povo na televisão ganhando tanto dinheiro e vocês aqui’. Eu não me lembro quanto era o salário na época, mas nas atas deve ter, e ela virou pra mim e falou: ‘Quanto é que vocês ganham mesmo, ein?’. Eu disse na época quanto era: ‘Nosso salário é isso, a gente tá brigando pra ganhar isso’, não me lembro dos valores exatamente. Ela: ‘Faça greve mesmo moça, pode fazer greve mesmo, porque isso aí eu tiro no jogo de futebol vendendo espetinho aqui na porta, no final de semana’. Era o salário da gente do mês. ‘Tem mais é que fazer greve mesmo’. Eu nunca me esqueci da fala dessa moça”.

Núbem Bonfim também relata uma experiência de diálogo igualmente estapafúrdio com uma ambulante, desta vez uma vendedora de laranja, nas proximidades da bilheteria do Batistão. “Eu me recordo que neste momento uma senhora vendedora de laranja, dentro do Batistão, virou e disse: ‘porque o pessoal não tá deixando ninguém transmitir o jogo?’. Ali na bilheteria, na parte de dentro. Ela vendendo laranja. Daí tava eu e mais dois colegas, e a gente dizendo ‘não, porque os profissionais de imprensa eles estão fazendo este movimento para que aumente o piso, o piso é o

menor salário de referência da categoria’. E ela: ‘e quanto é este tal de piso?’, aí digamos como se fosse hoje, mil e quinhentos... Daí ela disse: ‘isso? Vocês estão brincando que vocês ganham isso?... Pois eu tiro é o dobro disso vendendo minhas laranjas. Eu não deveria nunca ser jornalista’. Foi uma coisa que aconteceu, que saiu de uma pessoa do povo, uma coisa espontânea, natural. Porque uma imagem que as pessoas construíram é a de que todos os jornalistas são muito bem pagos, é aquele glamour que ele vai em todo lugar, que ele tem acesso, que ele pode tudo... Então quando ela ficou sabendo quanto era o piso da categoria, ela se espantou”.

O jogo prestes a começar

O ponteiro caminha apressado em direção às dezessete horas. Naquela mesma tarde do outro lado do mundo, a exatos 7.794 quilômetros e 32 metros de distância em reta transatlântica, falecia em Kensington, zona oeste de Londres, o cantor Freddie Mercury aos 45 anos de idade. O vocalista do grupo britânico Queen tinha declarado ao público que era portador do vírus HIV apenas um dia antes de sua morte, em decorrência de uma broncopneumonia acentuada pela AIDS. O autor de “*we are the champions*”, canção composta em 1977 em forma de hino inspirada pelo universo do futebol, encerrava sua participação no espetáculo dos humanos e humanas de carne, osso e cabelo. Considerada a canção “mais grudenta da história” em um estudo britânico feito para a Competição Nacional de Ciência e Engenharia no ano de 2012, ela é componente de uma fatia importante das comemorações em triunfos esportivos como a Copa do Mundo da França em 1998, para fixarmos apenas um exemplo. O mundo perderia uma de suas vozes naquela tarde, o Batistão ficaria órfão dos microfones que esculpam as bonitezas e pelepas desenhadas a quente no gramado. Cada um com sua agonia, cada qual com seu silêncio.

O Estádio Estadual Lourival Batista recebia naquela tarde exatos 22.427³⁶ torcedores pagantes, além dos jogadores, comissão

36 Dados apresentados pelo diretor de competições da Federação Sergipana

técnica, cartolas e os grevistas que tiveram sua entrada autorizada pela Federação Sergipana de Futebol (FSF). Enquanto o lado de fora explodia em enfrentamentos com a polícia e aqueles que insistiam em transmitir o jogo, Ribeiro Neto narra como o vestiário do Sergipe vertia em superstições na preleção. “Sandoval me fez andar um quilômetro pra pegar o quadro, porque toda preleção eu botava o quadro em cima da mesa e explicava pá, pá, pá, pá, pá. Nesse dia da final eu disse: ‘Hoje não tem quadro, não tem porra nenhuma. Hoje é no pau e tal... Com os anjinhos’. E ele disse: ‘Não senhor, vai ter que ter quadro...’. Me fez ir no estacionamento, que é um quilômetro, pra apanhar o quadro, botar em cima da mesa e não falar nada. Só pela superstição... É impressionante”.

Exatos 22.427 torcedores e torcedoras que não faziam ideia da situação de seus times, que não ouviram informações do vestiário, que não tiveram a escalação de seus clubes confirmada. Será que Marquinhos começa jogando? O departamento médico liberou Gilvan pra reforçar o ataque do Confiança? E Rocha, se recuperou totalmente da lesão na virilha? Será que Ribeiro Neto vai manter Osvaldo no meio campo e sacar Lêniton só no segundo tempo? E a renda do clássico, quanto foi? Faltam quantos minutos pra acabar o tempo? Questionamentos que não encontravam nenhuma resposta na procura dos *dial's*. Os ruídos do clássico ficariam exclusivamente por conta do torpor das torcidas.

Ribeiro Neto era um dos poucos cronistas esportivos a prestar atenção de fato naquela partida, além de técnico de futebol ele era – e ainda é – cronista esportivo licenciado pela Fundação Aperipê. “Era um silêncio mermão, parecia que não tinha ninguém no campo. Era um silêncio total... Chegava sempre no campo aqueles gaviões, aqueles sinais né, piuiuiuiui isso vai lá dentro... Nada. Parecia que... Aí eu olhava pra lá, via aquela turma agitando bandeira de, de sindicato... dentro do estádio, nas cadeiras”.

Mas a ação dos grevistas ainda não estava concluída naquela tarde

de domingo: a equipe de transmissão da TV Atalaia estava na cabine prestes a gravar a partida. De acordo com Fernando Cabral, a equipe era composta por Roberto Silva e Jackson Cabral, mas o próprio Roberto não se lembra da participação de Jackson na gravação, não recordando de quem se tratava o cinegrafista. Uma vez nas cadeiras brancas do Batistão, os grevistas tiveram a seguinte ideia: obstruir as filmagens com bandeiras e xingamentos, pra comprometer o áudio. Como a diferença de altura entre o muro da cabine de transmissão e as cadeiras não passava de um metro e meio ou dois metros, aproximadamente, seria possível executar o plano. Ajudados por Tia Jaci, ou Ciganinha, torcedora cativa do Sergipe e proprietária da Casa Noturna Sítio do Pica-Pau Amarelo, os grevistas partiram pra ofensiva conforme relato de Fernando Cabral. “Tem uma torcedora apaixonada do Sergipe que se chama Tia Cigana, a Tia Jaci. Ela tinha uma casa noturna, o Sítio do Pica Pau Amarelo, que tinha muitas garotas, e ela levava as garotas pro jogo, pro futebol. E todas iam pra torcida do Sergipe, pras cadeiras em especial e com bandeiras né. Aí nós conseguimos umas bandeiras de Tia Jaci, de Ciganinha, e de mais alguns torcedores, do Sergipe, do Confiança, e ficamos em frente à câmera da TV Atalaia, balançando pra impedir a filmagem. E, claro, xingando quem estava trabalhando de pelego, de safado, de filha da puta, e todos esses palavrões foram pro ar... Eles colocaram no ar com muita deficiência, mas foram botar no ar lá pra onze da noite a gravação, mas com toda aquela nossa esculhambação”.

Em contato com o atual diretor de jornalismo da TV Atalaia e personagem deste livro, Eduardo do Valle, em entrevista realizada no dia 6 de março, o mesmo afirmou que este vídeo não consta nos arquivos da TV em virtude de um problema interno que suprimiu os arquivos da rede no início da década passada. Em entrevista no dia 18 de março a torcedora Jaci Silva Pereira, de 76 anos, não se recorda do episódio. Personagem célebre do Club Sportivo Sergipe, Tia Jaci ou Ciganinha já recebera diversas homenagens do clube, ela contribuía por décadas na alimentação dos atletas do Siqueira Campos pelos anos 1970 e 1980.

Rita Oliveira dá um relato mais individualizado em relação ao

episódio com as bandeiras, envolvendo a presença da Polícia Militar mais uma vez, na tomada das bandeiras que interceptavam a câmara da TV. “A TV Atalaia com bateria, com alguma coisa assim, era a única emissora que estava filmando... E aí o que é que foi que eu fiz? ‘Não é possível’. Aí eu peguei uma bandeira de Ciganinha, que era chefe da torcida do Sergipe, era dona de um cabaré famoso daqui, e era líder de torcida do Sergipe. Aí eu disse: ‘Me empresta essa bandeira do Sergipe’. Eu peguei a bandeira do Sergipe e fiquei, uma bandeira imensa, daquelas imensas de não sei quantos metros, e fiquei na frente da TV Atalaia, fiquei com a bandeira pra lá e pra cá pra que eles não pudessem transmitir... Aí veio a polícia e foi tomar. Daí eu virei e disse: ‘Meu amigo eu sou torcedora’, ‘Você está impedindo a transmissão’, eu disse: ‘Não, eu sou torcedora, eu paguei e tenho direito de ficar com a bandeira’... Aí a polícia veio, aí ele ficou puxando a bandeira. Eu digo ‘Não, sou torcedora’. ‘É, mas você tá impedindo’, eu digo ‘É quem manda então construir a rádio de transmissão no mesmo nível né, que é aqui e aqui, tem que ser bem alta a cabine né, pra que... Então, eu não vou sair daqui, vou ficar com minha bandeira’. Aí a polícia foi e ficou puxando a minha bandeira, e eu puxando do lado, ele puxando do outro, enfim, levou a bandeira; Era só eu segurando uma bandeira imensa de não sei quantos metros”.

A Coluna GS da edição de 26 de novembro nº 9898 da Gazeta de Sergipe reportou o fato em notas advindas de declarações do deputado Venâncio Fonseca (PRN) na sessão da Assembleia Legislativa ocorrida um dia depois do jogo. De acordo com o parlamentar, ele teria sido agredido pelo Tenente Robson, responsável pelo policiamento do Batistão naquela tarde, enquanto tentava mediar o conflito entre manifestantes e policiais, juntamente com o deputado estadual Ismael Silva (PT), pedindo providência ao comandante da Polícia Militar, coronel Joselucci Prudente. Na oportunidade o parlamentar fora sucedido pelo deputado Renatinho (PT) que salientou o combate à violência contra todas as categorias em greve, e o deputado Almeida Lima (PDT) que declarou apoio à greve dos jornalistas e radialistas. A nota segue: “*DENÚNCIA: Radialistas em greve estavam tentando evitar uma transmissão de TV, passando por bandeiras de seus*

clubes em frente à Câmara, o tenente Robson não gostou e foi impedir o ato, inclusive determinando que seus subordinados rasgassem as bandeiras. Nesse instante, Venâncio Fonseca e o deputado Ismael Silva foram conversar com o tenente, solicitando que não rasgassem as bandeiras e que a questão dos radialistas e jornalistas poderia ser resolvida pacificamente. O tenente então agrediu o deputado Venâncio Fonseca com um empurrão, e logo puxou o cassetete, para atacá-lo e por pouco não comete uma agressão maior” (GAZETA DE SERGIPE, 26 DE NOVEMBRO de 1991).

Fundador do Sterts, membro da Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe (ACDS) e figura respeitada na crônica esportiva sergipana, o “repórter internacional” Roberto Silva comenta sua participação como narrador daquela partida pela equipe da TV Atalaia. Ele nega a denominação de “fura-greve” e afirma que contribuiu com a sua divulgação no registro da partida, além de ressaltar que não estava ocorrendo transmissão e sim uma gravação, o que não prejudicou o movimento ocorrido naquela tarde. Ele afirma que não estava presente no Camburão da Polícia Militar junto com o gerente de operações da TV Atalaia, Gildo Rego, que havia chegado sozinho mais cedo nas cabines. “Todas as emissoras deixaram de transmitir. A única a gravar, não foi a transmitir ao vivo, foi a TV Atalaia, emissora da qual eu pertenci por quase 35 anos. Estava sendo feita a gravação para postar posteriormente, e mesmo assim ainda com a greve a gravação saiu, a duras penas mas saiu, com toda movimentação grevista. Em meio à movimentação grevista este comunicador dizia ‘o movimento paredista continua, tal e tal’, também divulguei o movimento dentro da gravação, mas muita gente não chegou a entender que não estava furando a greve, estava também contribuindo. Estava afirmando que a greve estava sendo organizada e que a televisão estava lá registrando a greve, que foi a primeira existente no estado de Sergipe”. Roberto Silva afirma que a manifestação em frente às câmeras durou de quinze a vinte minutos, tempo suficiente pra dificultar o registro do gol do centroavante Rocha, do Sergipe, logo aos seis minutos da etapa inicial, após aproveitar uma jogada que nasce pelo lado direito do campo. Um a zero no placar.

Seguindo as ações de mobilização e diálogo junto ao público do clássico, Ofélia Onias e Rita Oliveira estenderam uma grande faixa informando a paralisação dos jornalistas e radialistas logo atrás do gol, não precisando exatamente qual das duas traves do estádio, a fim de pegar as câmeras que eventualmente estivessem filmando ou fotografando os lances de ataque. Tanto a edição do Jornal de Sergipe quando da Gazeta de Sergipe do dia 26 de novembro, terça-feira, trazem fotografias da partida, o que significa que a adesão junto aos repórteres fotográficos fora, no melhor cenário, parcial. Milton Alves alega ter tomado um murro nas costas de um repórter fotográfico, cujo nome preferiu não revelar, no meio do campo com a partida rolando. Sobre a faixa atrás do gol, Ofélia recordou do medo de ser atingida pelas bolas. “Eu e Rita Oliveira com uma faixa enorme atrás do gol. Eu sempre fui muito medrosa. Daí eu virei e disse: ‘Rita, se esta porcaria desta bola topar em mim eu mato você’ (risos)... Ficamos atrás do gol o jogo todo, porque seria impossível a televisão não filmar a gente... E fomos para o centro de campo no intervalo, a população aplaudindo...”. Rita Oliveira afirma que além desta grande faixa, cujos dizeres não foram lembrados pelas grevistas, houveram diversos cartazes menores espalhados pelo campo. Naquele episódio, as três maiores lembranças de Milton Alves foram “um murro que eu tomei nas costas, nas faixas atrás do gol. ‘Jornalista em Greve... Estamos em Greve!’ e o coro na frente da TV Atalaia: ‘Filho da puta, filho da puta! (risos)’. Era Roberto Silva quem tava transmitindo ‘Lá vai o ataque do Sergipe’... Nem me lembro mais o nome dos jogadores, do Sergipe, do Confiança... Samuca, nem me lembro o nome dos jogadores... ‘Lá vai o Sergipe pro ataque...’ ‘Filho da puta! Filho da puta!’”.

Segundo tempo

O primeiro tempo chega ao fim e os ânimos se amenizam. Milton Alves e Rita Oliveira recordam que houve uma assembleia da categoria ali mesmo, nas cadeiras, mas não há detalhes sobre o conteúdo da avaliação e o horário específico da reunião. Pelo desenrolar dos acontecimentos é possível especular que a assembleia ocorrera no intervalo do jogo por se tratar de um momento mais

propício tanto dentro quanto fora de campo. A partir deste momento não há mais relatos sobre as mobilizações e enfrentamentos do movimento grevista, é possível sugerir que os objetivos daquela ação já teriam sido cumpridos. A disputa seguiria quente dentro das linhas brancas do gramado.

O jogo recomeça dentro de campo e o resultado parcial da partida leva a disputa do campeonato para uma melhor de três. Pelo Confiança, o centroavante Gilvan, recém-recuperado de uma lesão, sai para dar lugar a Beto Sergipano. Pelo Sergipe, Lêniton entra no lugar de Agnaldo. Audair empata a partida aos 16 minutos de jogo, após uma jogada que começou com Araújo. Sergipe 1, Confiança 1, resultado que dava o bicampeonato ao time azulino. A partir daí o jogo fica pegado dentro das quatro linhas, o clima de confronto que tomara as cadeiras no início do primeiro tempo em frente à câmera da TV Atalaia e junto à Polícia Militar irradia para o gramado na etapa complementar da partida. O zagueiro colorado Valdeci agride o meia Paulinho, do Confiança, leva o cartão vermelho e carrega junto com ele o meia-esquerda azulino Quinha. Dez de cada lado, segue a disputa. Poucos minutos após a expulsão, Beto Sergipano, que entrara no lugar de Gilvan pela equipe do Bairro Industrial, entra violentamente num jogador rubro e vai pro vestiário mais cedo. O “quiprocó” se instaura no gramado e, na mesma confusão iniciada por Beto Sergipano, são expulsos o centroavante do Sergipe Elenilson, artilheiro da competição naquele momento com 15 gols, e o zagueiro Malvina, do Confiança. Nove jogadores do lado vermelho, oito jogadores do lado azul. O Confiança sente a pressão do meio-campo do Sergipe, que perde uma oportunidade com o chute de Alex. Mas aí aos 28 minutos do segundo tempo o colorado Lêniton, vice-artilheiro da competição, entra forte em um jogador do Confiança e também leva cartão vermelho. Oito jogadores de cada lado do campo, seis no chuveiro, 22.427 torcedores no estádio e nenhuma viva alma nas cabines de rádio.

Após a expulsão de Lêniton o Sergipe fica sem os dois goleadores da equipe, que terminaram a competição como artilheiros empatados, com 15 gols cada. Neste momento o técnico Ribeiro Neto

tira Evandro da partida e coloca em seu lugar o ala direita Tuica, substituição crucial para o desfecho daquela disputa. Ribeiro Neto narra os causos que deram sucessão àquele final de jogo violento e surrado.

“Tuica tava voltando de uma infecção de uma porra de uma injeção que ele tinha tomado. Ponta direita, desses velocistas. Trinta e oito minutos do segundo tempo, um a um, Confiança bicampeão né. Aí tá o banco do Confiança mostrando vela apagada pra mim, mostrando garrafa de uísque, dando cambalhota, a galera gritando... E eu aqui, porque o único lugar em que eu sou frio pra cacete é ali. Pense... Eu aqui tô olhando o jogo, pensando como é que eu vou fazer pra ganhar esse jogo e tal, aquela coisa toda, e conversando com o homem lá de cima. Aí ele disse: ‘Bote Tuica’, o homem lá de cima. Aí eu digo, olhei pro banco e disse assim ‘é, só tem essa solução mesmo... Tuica, faz o favor’. Lá vem ele todo... Trinta e oito minutos do segundo tempo rapaz, e disse: ‘Tuica, o campo tá maior’. E ele disse: ‘Como, cresceu o campo foi?’, e eu disse: ‘Não Tuica, tem menos seis dentro de campo, e tá todo mundo morto, cansado. O que é que você vai fazer?’, o que ele fazia. ‘Você vai pegar a bola lá atrás, vai arrastar, vai brilhar, cavar um pênalti, cruzar. Mande Rocha centralizar e tal. Vá lá’. Ele foi. Primeira bola rapaz – mas Deus é importantíssimo na minha vida – Alex Balança tinha errado numa saída de bola e tinha proporcionado o gol de empate do Confiança, que a gente fez um a zero. Tava dando de tudo, sabe como é? Alex Balança arrasta uma bola pela esquerda, o cara dá uma porrada nele, ele cambaleia mas fica em pé na raça, arrasta mais um pouco, dá a bola pra Sandoval já perto da área, Sandoval dá pra Tuica... Pela intermediária aqui, no lado esquerdo... Sandoval atravessa a bola lateralmente pra ponta direita, pelo lado direito no final da meia-lua com a grande área... Ele pega a bola e eu digo: ‘Pronto, vai balançar, vai dar tapa, o cara pode empurrar, vai arrumar um pênalti, ou vai cruzar pra Rocha...’, sabe o que ele fez? Deu-lhe um canudo na gaveta. Tuica, que não chuta pítica nenhuma... Pow, na gaveta... Gaveta meu irmão, quarenta e poucos minutos... Wellington³⁷ ainda toca

37 Goleiro da equipe do Confiança naquela partida

nela, ela cai lá atrás e... Aí foi uma doideira, ele botou a camisa na cara, eu também botei, saí correndo igual a um louco. Veio o introspectivo: eu já ia em direção ao banco do Confiança, quando eu acordei... eu digo: 'Porra, que é isso? Aí eu voltei, shiuuu... Aí cheguei na beira de campo e disse: 'Se eles não quiserem acabar o jogo então a gente acaba'. Bico pra todo lado, porrada... Cabou o jogo, dois a um. Aí os anjinhos era mais do que a verdade, era o grande líder da história...".

Os números da crônica esportiva não batem com os tempos relatados por Ribeiro Neto. O gol de Tuica fora registrado aos 32 minutos do segundo tempo e não aos quarenta e poucos, assim como a sua entrada em campo, o caráter volúvel dos relatos quanto a números sempre se manifesta. O tempo que corre no gramado não respeita a cronologia dos ponteiros. Sergipe 2 X 1 Confiança. A equipe azulina, que estava classificada para a final desde o meio do ano, acabara de perder os cinco pontos de bonificação e iria disputar a final do Sergipão 91 numa melhor de três. O trio elétrico estacionado no portão em frente à Avenida Anízio Azevedo permanecera mudo, ducha de água fria e boca quente pra cima da equipe azulina. O goleiro Wellington, do Confiança, levou um soco após a partida e só não foi linchado porque a polícia entrevistou a tempo, como anunciava a chamada do Caderno de Esportes do Jornal de Sergipe, na edição nº 3885, de quarta-feira (27). O arqueiro deixa o vestiário auxiliado pelo irmão. Dias depois ele solta uma declaração honrada em direção ao torcedor que lhe agredira. "Para aquele torcedor do Confiança que na tarde daquele último domingo, na saída do Batistão, aplicou-me um murro, irei fazer de tudo para presenteá-lo com o título de campeão sergipano. E, por outro lado, eu quero agradecer a proteção da Polícia Militar, pois se não tivesse sua intervenção, a situação poderia ter sido bem pior para mim", declarado ao Jornal de Sergipe em 27 de novembro. Os títulos da edição de terça-feira do Jornal de Sergipe são implacáveis com a equipe derrotada e ufanistas com o time vencedor. "*Confiança continua sendo freguês de caderno do Sergipe*", "*Ribeiro Neto agradece vitória ao 'anjinho'*", "*Elenilson: O Chopp está empedrado*", "*Tuica o herói rubro explica o gol*", "*Marcos dá recado aos azulinos depois da*

vitória”, “Edmilson lamenta gols perdidos”, “Gilvan assegura que foi injustiça derrota azulina”, “Marquinhos lamenta má sorte proletária no último domingo”. (JORNAL DE SERGIPE, 26 DE NOVEMBRO DE 1991)

A coluna do articulista Jurandir Santos, editor do caderno, estampa o título “*Não tem jeito não*”, iniciando o texto com o grito da torcida rubra após a partida: “*Um dois três, Confiança é frenguês*”. Já a edição de terça-feira da Gazeta de Sergipe apresenta uma cobertura menos polarizada, transpassando maior equilíbrio editorial, ao menos naquele certame: “*Sergipe e Confiança decidem título em série melhor de três*”, “*Edmilson tem dificuldades estruturais*”, “*Expulsões prejudicam Sergipe mais seriamente*”, “*Dragão não concentra em Salgado*”. (GAZETA DE SERGIPE, 26 DE NOVEMBRO DE 1991)

O único comentário que destacou a greve na crônica esportiva dos jornais impressos foi na coluna assinada pelo cronista Wellington Elias, na edição nº 5.818 de 27 de novembro do Jornal da Cidade, portanto três dias após a partida. Em uma espécie de radiografia dos causos ocorridos no Batistão, o “diabinho” dispara contra o nível técnico do campeonato, a relação capital x trabalho com “*o primeiro sempre querendo arrombar com o segundo*”, romantiza uma possível convivência pacífica entre os dois campos, nomina a interrupção da partida como “*decisão do silêncio*”, se solidariza com os torcedores que foram desprovidos de “*todas as informações que o capital andou negando no domingo passado*”, criticou o lado esquerdo do Confiança e a escolha da arbitragem da FIFA. Uma metralhada-r giratória de frases e sílabas. Segue a coluna na íntegra.

Está ofuscando

Acabou-se a cantilena da tal vantagem que o Confiança tinha sobre os demais, principalmente sobre o Itabaiana que deu adeus prematuramente e sobre o Sergipe que mais firme e mais determinado, foi nadando, nadando e agora chega na beira da praia em igualdade de condições com este mesmo Confiança que chegou a decisão sem o devido embalo. Mas tudo bem. Decisão é decisão e os dois times são

realmente as duas forças do futebol sergipano e dentro de campo vão inscrever os últimos capítulos de um campeonato que foi tecnicamente um dos piores dos últimos anos mas que financeiramente, pelo menos para Sergipe e Confiança, foi talvez dos mais pródigos. Falar em finanças a gente lembra dessas greves e falar em greve fica mais uma vez a triste realidade de um confronto que devia ser um convívio salutar entre o capital e o trabalho com o primeiro sempre querendo arrombar com o segundo. Se o capital tivesse humanismo e menos ganância lucrativa jamais o trabalho recorreria às greves na tentativa de sobreviver com dignidade. Por essas e outras é que o Japão tem hoje o melhor convívio entre capital e por isso o Sol Nascente brilha para o mundo inteiro numa intensidade que está ofuscando o poderio da Águia – Estados Unidos. Se o patrão – o brasileiro – se convencesse de que multiplica sua fortuna explorando o suor e o talento do empregado, jamais haveria greve porque haveria o reconhecimento ou o sincero e honesto agradecimento do patrão ao seu empregado. Mas voltemos ao futebol que domingo vivera sua histórica “decisão do silêncio”. Os torcedores que foram ao Batistão lamentavam e lastimaram o silêncio dos microfones e solidários ficaram com os grevistas. Domingo, quando de um novo Confiança e Sergipe, esperamos que os microfones voltem a funcionar e o torcedor tenha direito a todas as informações que o capital andou negando no domingo passado. Nessa altura, acho que o time do Sergipe mais motivado, mais embalado, mais certinho que o Confiança cheio de problemas naquele lado esquerdo. E a arbitragem? Não seria melhor confiar em Sidrack Marinho ou querem teimar com os Ulices Tavares da vida? Reflitam. (JORNAL DA CIDADE, 27 DE NOVEMBRO DE 1991)

Desiludida e frustrada, a torcida azulina promete boicotar as próximas partidas e o resultado é sentido na bilheteria dos clássicos seguintes que definiram o campeonato. A bilheteria que fora de 22.427 pagantes no dia 24 de novembro, cai para 7.132 no primeiro jogo da melhor de 3, ocorrido em 1 de dezembro, menos da metade atingida. Na segunda partida, ocorrida no dia 8 de dezembro, o público fora de 11.341 pagantes. Na melhor de três, o Sergipe precisava de um empate e uma vitória para levar o caneco. Com duas vitórias por 1 a 0 com gols de Lêniton, nos dias 1 e 8 de dezembro daquele ano, o Club Sportivo Sergipe consagrara-

se campeão da 68ª edição do Campeonato Sergipano de Futebol Profissional, seu 24ª título estadual, que viria a ser o primeiro título do hexacampeonato do clube na competição.

E fim de papo

Núbem Bonfim, ao rememorar o silêncio que abraçou o estádio naquela tarde, afirmou um pouco sobre o saldo do desfecho da partida para o comando de greve. “O silêncio, ele tem várias formas de você entender. Quem tá fora né, que não conseguia acompanhar. As pessoas que estavam dentro, jogando, participando também. O torcedor. E aí foi o momento que deu maior visibilidade. Eu me lembro que quando terminou tudo a gente se reuniu, e teve aquele abraço coletivo. Todo mundo um agradecendo ao outro. Porque ali pra mim foi o marco né. Os donos de veículos eles entenderam que não podiam ficar brincando com os profissionais né, e pagar um salário tão irrisório... Porque a sociedade começou a comentar. Rapaz... O assunto do campo né, o pessoal saía dali ia pro barzinho, ia pra suas casas. Então eles mesmos propagaram a notícia”.

Ribeiro Neto relatou que a interrupção da transmissão daquele jogo histórico interferiu negativamente na equipe do Sergipe, tanto do ponto de vista da visibilidade da vitória quanto do ego da equipe. Ele explica que a greve foi “especial negativamente. Primeiro que era um fato inédito, segundo que o comando de greve explorou o evento. O evento favorecia ao comando da greve. O evento era de alta visibilidade, era uma decisão e de um buchicho muito grande pelo fato do Sergipe ter alcançado a vaga pra decidir numa coisa que tava morta, praticamente. Como todo mundo dizia em agosto, em julho, que não tinha ninguém. Eles faziam assim pra mim mesmo ó: Não tem ninguém na minha frente. Então... nós que sempre tivemos o carinho e a atenção da mídia e que recebia este afago no ego de falar, de explicar, de saber notícia do adversário, escutar o cara lá falar... A greve foi justa, o comando foi inteligente, mas teve esse lado. Não teve ressentimento, teve sentimento”.

Houve uma grande comemoração no Estádio João Hora³⁸, o “Mundão” do Siqueira Campos, regado a muito chope. Os grevistas foram pra casa recuperar as energias do domingo conturbado, de panfletagem na praia, piquete no estádio, mobilização e faixa em campo. A segunda-feira prometia mais ação e enfrentamento. Naquela noite ocorreria o show do cantor Lulu Santos e Banda Auxílio Luxuoso, na boate do Augustu’s, a partir das vinte e uma horas. Os telespectadores sergipanos ficaram atônitos com a reportagem que fora ao ar no “Fantástico”, revista eletrônica da Rede Globo. O programa contou o dilema da sergipana Sônia Regina da Silva, ex-mulher do empresário e proprietário da Incorsel, Luis Crispim de Veras, que fora perseguida e internada compulsoriamente na Clínica Dr. Eiras, no Rio de Janeiro, a mando do ex-marido, que queria provar para a Justiça que ela teria debilidades mentais para recusar a partilha de herança e a guarda dos filhos. Sônia galgara sua primeira vitória judicial naquela semana, na 7ª Câmara Cível do Rio de Janeiro. O assunto foi destaque na imprensa nacional e ganhou a capa da Gazeta de Sergipe do dia 26 de novembro. Acabara ali o “clássico do silêncio”, precedidos por uma semana inteira de barulho, piquete e suor.

38 Estádio do Club Sportivo Sergipe, localizado no bairro Siqueira Campos.

A ÚLTIMA SEMANA DE NOVEMBRO

Segunda-feira, 25 de novembro de 1991. A cidade acordava bocejando para mais uma semana de serviço e obrigação. Às quatro horas da manhã, Aracaju submersa no breu, Ofélia Onias passa na Panificação Cecy, na Avenida Simeão Sobral, nº 602, Bairro Santo Antônio, compra pão, manteiga e queijo coalho e sobe em direção ao Alto do Morro da TV. Se os patrões não queriam comunicar a greve, então o jeito seria obstruir a programação e mostrar pra população de Sergipe que não haveria “Bom Dia SE”, noticiário matinal da TV Sergipe. Não bastasse a interrupção do clássico no dia anterior, era necessário intervir nas TV’s. “Era ponto de honra pra gente tirar o Bom Dia do ar, porque tirando o Bom Dia a gente comunicava à sociedade a nossa posição... porque eles negavam a greve”.

Os relatos se contradizem em relação à data da primeira interrupção do programa Bom Dia Sergipe. Ofélia Onias afirma que fora já na segunda-feira, Milton Alves reitera que houve sim uma tentativa de fechamento no primeiro dia, mas só foi possível interromper a programação no dia seguinte, portanto, na terça-feira. O que há de comum nos relatos é que, primeiramente, houve piquete na segunda-feira e, segundo, que a programação da Rede Globo fora interceptada por dois dias. Como não havia noticiário matutino em final de semana, as ações nas TV’s ocorreram a partir de segunda-feira. Foram organizados piquetes em frente aos principais grupos de comunicação: O Grupo Jornal, no Edifício Glau Peixoto, o Grupo Atalaia – ambos da Rua Claudio Batista – e a sede da TV Sergipe, no alto do morro, no Bairro 18 do Forte. Segue abaixo o relato de Milton Alves.

“Este foi o marco do movimento sindical nosso, foi quando nós tiramos a TV Sergipe dois dias do ar né, e que eles não acreditavam né, e nós dissemos: ‘Meia noite, vamos fechar? Vamos’. Eu passei foi uns quatro dias, cinco dias sem ir em casa, com a mesma roupa, a mulher já estava aborrecidíssima. ‘Onde é que você anda?’, ‘Tô dormindo no sindicato’. Eu novinho, ca-

sadinho... Aí disse: ‘meia-noite a gente fecha’. Quem for da TV Sergipe vai pra frente da TV Atalaia, quem for da TV Atalaia vai pra um jornal. Aí no primeiro dia de greve não deu pra fechar. No segundo dia, aí sim. E aí o sindicato dos radialistas, eles foram também fabulosos, eles tiveram uma participação do cacete. Sem eles nós não fecharíamos as emissoras. A importância dos radialistas foi imensa”.

Na segunda-feira é publicada a nota de denúncia e avaliação da greve assinada pelos dois sindicatos, no semanário Cinform. A nota apresenta um panorama do processo de mobilização, apresenta um saldo de 80% e 90% de adesão das categorias até o presente momento – entre o terceiro e o quarto dia de paralisação – e apresenta fortes denúncias contra o patronato. O documento, presente na página 11 da edição nº 450 do Cinform verificado no dia 22 de agosto de 2017, apresenta uma diferença de valor do piso dos jornalistas apresentados em ata – fala em 87 mil cruzeiros quando os demais documentos falam em 89 mil cruzeiros – e também narra a interrupção do Repórter Jornal, noticiário da TV Jornal. Segue a nota na íntegra:

A GREVE DOS JORNALISTAS E RADIALISTAS: PATRÕES CHAMAM POLÍCIA E AMEAÇAM DEMITIR

Inconformados com as reivindicações e a greve dos jornalistas e radialistas sergipanos que estão cansados de serem explorados pelos donos dos meios de comunicação (na sua maioria políticos que usam o rádio, a TV e os jornais para permanecerem no poder, como por exemplo o governador João Alves Filho, dono da Rede Jornal de Comunicação, o senador Albano Franco, dono da TV Sergipe, Heráclito Rollemberg, dono da Rádio Liberdade, Hélio Dantas, dono da Gazeta de Sergipe, o empresário Nazário Pimentel, dono do Jornal de Sergipe que sempre foi um dos aliados do Poder, e tantos outros que a cada dia vêm crescendo o patrimônio às custas do suor e do sacrifício dos trabalhadores da comunicação), o patronato decidiu utilizar a polícia para bater e intimidar a categoria, tratada como marginal.

Na história do jornalismo sergipano, é a primeira vez que os jorna-

listas, junto com os radialistas e os gráficos entram em greve. Depois de cinco rodadas de negociação, os patrões sentaram à mesa da DRT e não levaram nenhuma proposta concreta para a categoria. Muito pelo contrário, sempre trataram a categoria com desprezo. Senão vejamos: Entregamos a primeira proposta do acordo no dia 17 de outubro. No entanto, a primeira reunião de conciliação só foi marcada para o dia 30. Mesmo assim, os patrões que lá compareceram alegaram que não poderiam discutir o acordo porque “o advogado não compareceu”. A segunda reunião ficou marcada para o dia 5 de novembro na DRT. Desta vez, quem sumiu e levou a proposta do acordo foi o presidente da Aserf, Augusto Júnior.

O divertido, para não falar o contrário, é que nenhum empresário presente à reunião, nem mesmo o advogado, tinham em mãos uma cópia da pauta. A cena mais lembrava um filme americano, a tragicomédia “Apertem os cintos, o piloto sumiu”. Os jornalistas e radialistas estão reivindicando apenas o que têm direito. De acordo com índices do próprio Governo Federal, as perdas chegam a 178%. Para mostrar que estavam dispostas a negociar, as categorias rebaixaram a proposta de aumento para 120%, mas nem isso eles levaram em conta. E tiveram a coragem de apresentar uma proposta ridícula, desumana e cruel – 35%. Hoje o piso salarial do jornalista é de 87 mil cruzeiros e do radialista 71 mil cruzeiros. As duas categorias pedem o apoio da população sergipana e, ao mesmo tempo, perguntam: pode um profissional da imprensa em Sergipe sustentar seus filhos com esse salário?

Sentindo que as categorias estavam mobilizadas, já que estava em “estado de greve”, os patrões pediram vinte e quatro horas para apresentar uma contraproposta e uma nova reunião fora marcada para a manhã de sexta-feira, dia 22. Mais uma vez eles provaram que estavam dispostos a nos humilhar. Apenas o advogado dos patrões, João Vasconcelos e o presidente da Aserf, Augusto Júnior, compareceram à reunião, que durou menos de vinte minutos, já que não houve nenhum avanço. Simplesmente eles disseram que a proposta seria a mesma. Os jornalistas, radialistas e gráficos não tiveram outra saída: cruzaram os braços por não aceitarem mais ser escravos dos poderosos da comunicação de Sergipe. De maneira pacífica, todos

percorreram os jornais, as TV's e as rádios, tentando conscientizar alguns colegas. Mas alguns patrões mostraram que são "democráticos" apenas em época de campanha, e usaram a polícia para reprimir os trabalhadores da imprensa e ameaçar demitir que aderisse ao movimento. Há o exemplo da Rádio Jornal, do governador João Alves, que já anuncia que vai demitir o companheiro Ivan Tavares, um profissional altamente responsável, mas que pode perder o emprego porque está reclamando que o seu salário não dá para alimentar e oferecer uma vida digna à sua família.

No primeiro dia de greve, cerca de 80 por cento da categoria aderiu ao movimento. As rádios apenas tocaram música, os jornais saíram poucas páginas e alguns noticiários não foram ao ar, como por exemplo o Repórter Jornal (TV Jornal). Apesar dos patrões ameaçarem demitir quem não for trabalhar e colocar a polícia para intimidar a categoria, os profissionais da imprensa de Sergipe estão unidos e vão continuar com o movimento até que os patrões apresentem uma proposta digna, capaz de satisfazer as necessidades básicas de cada trabalhador da imprensa. A greve chega, nesta segunda-feira ao terceiro dia. E o movimento já conta com quase 90% de adesão. Enquanto isso, até mesmo os diretores dos sindicatos estão sendo proibidos de entrar nas empresas.

Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Aracaju e Sindicato dos Radialistas.

(CINFORM, EDIÇÃO Nº 450, DE 25 DE NOVEMBRO À 1º DE DEZEMBRO)

Sobre o papel do Cinform naquele período, Diógenes Di afirma que a redação não paralisou por dois motivos: a negociação salarial já estava pacificada no veículo e, o mais importante, o Cinform dava espaço para o movimento sindical naquele momento. "Alguém tinha que cobrir a greve". A nota assinada pelos sindicatos foi o único material publicado nas edições de novembro e dezembro observadas, contando ainda com uma chamada em box no canto direito. "*Jornalistas entram em greve e fazem críticas aos patrões*".

Em relação à ameaça de demissão, Ivan Tavares afirmou não recordar o episódio e que não recebera qualquer ameaça concreta. Como presidente da Asert e quadro ligado diretamente ao Grupo Jornal, mesmo afastado para assumir a Fundação Aperipê naquele momento, Augusto Júnior nega taxativamente qualquer tentativa de retaliação aos funcionários da Rádio Jornal. “Aqui não, porque eu não deixei. E se houvesse eu não deixaria. Mas houve tentativas que não foram confirmadas. Até porque a cabeça do nosso empresariado é muito pequena, é muito curta”.

Assessores legislativos

Os departamentos de imprensa da Assembleia Legislativa de Sergipe (Alese) e da Câmara Municipal de Aracaju (CMA) aderiram à paralisação e que, portanto, não enviariam boletins para os veículos naquela semana. Na sessão da Assembleia Legislativa de Sergipe daquela segunda-feira, o deputado estadual Venâncio Fonseca (PRN) denunciara a agressão sofrida pelo Tenente Robson em meio ao confronto entre os grevistas e os policiais militares, como destacado no capítulo anterior. O deputado estadual Almeida Lima (PDT) declarou solidariedade à greve dos jornalistas e radialistas, seguido dos deputados Ismael Silva e Renatinho, ambos do PT.

A Secretaria de Comunicação do Município de Aracaju (Secom) que tinha a frente o radialista Francisco Ferreira, também anunciou que não enviaria boletins de comunicação à imprensa. A prefeitura passava naquele momento por um grande imbróglio envolvendo a demissão do superintendente da SMTU, Aerton Silva, pelo prefeito em exercício Carlos Alberto Menezes (PDT). De acordo com relato de Fernando Cabral, que trabalhava como secretário-adjunto da Secom, houve ameaça de exoneração como retaliação, que não se concretizou.

A categoria se reuniu em assembleia às vinte horas e trinta minutos no auditório da Associação Sergipana de Imprensa (ASI) na Rua Itabaianinha, nº 261. De acordo com relatos descritos em ata, houve um “alerta a categoria sobre a estratégia divisio-

nista utilizada pela classe patronal para enfraquecer a greve”. Não há registro ou relato sobre o que seria ou como se orquestraria esta estratégia divisionista naquele momento. Os patrões haviam se reunido naquele mesmo dia e estavam com uma reunião marcada para o dia seguinte, não há relato de reunião de negociação nesta data.

Assessoras em um turno, grevistas em outro.

Tanto Ofélia Onias quanto Rita Oliveira eram funcionárias do Governo do Estado. Ofélia trabalhava na Secretaria de Estado da Comunicação desde 1983, trazida por Luis Antônio Barreto e efetivada por Raimundo Luis, e era repórter do Jornal da Manhã. Rita era concursada da Secretaria de Educação desde 1982, concurso de nível médio, remanejada para a Assessoria de Comunicação, e trabalhava na redação da Gazeta de Sergipe. As duas continuaram trabalhando no estado, o que nos dá um quadro da dificuldade de paralisação das assessorias como um todo. Ofélia explica que não caberia “cruzar os braços sozinha”, já que o seu setor não aderira à paralisação, e tentava evitar ações de maior exposição na Secretaria. “De tarde eu ia trabalhar na Secom. Ninguém na Secom parou, eu ia parar sozinha? Eu já chegava assim: ‘Olhe, eu já estou aqui pra não perder meu emprego, não me mandem fazer nada não, senão o povo vai comer meu couro... Tô tão cansada...’”.

Rita levanta um aspecto importante para compreender a dificuldade de adesão das assessorias, em especial as do serviço público em Sergipe: a ausência de concurso específico para profissionais da comunicação nos quadros do Estado. “Se a pessoa não recebe o piso da categoria, ou ela está em função comissionada, porque é que ela vai entrar numa greve se ele não é contratado como jornalista? Até hoje o Estado não tem concurso pra jornalista, até hoje não tem”. Assim como Rita e Ofélia, que estavam em greve na redação mas seguiam seus turnos no serviço público, há relatos de uma série de profissionais na mesma situação, seja no Governo do Estado, seja na Prefeitura de Aracaju, seja em assessorias da iniciativa privada. Os nomes foram preservados, mas o registro

destes profissionais é uma constante em boa parte dos relatos. A continuidade dos trabalhos das assessorias, com exceção da Secom municipal que contara com apoio do secretário Chiquinho Ferreira, e dos assessores do Legislativo municipal e estadual, seguia seus trabalhos normalmente, ressaltando aí a importância dos piquetes nas portas das redações. Como não havia internet naquele tempo, os boletins eram entregues em mãos. A *World Wide Web*, prefixo www, acabara de ser anunciada publicamente naquele ano, as redações estavam a anos-luz da internet.

Editores e diretores de jornalismo

Outro ponto importante para análise foi o comportamento de alguns diretores de jornalismo e editores de veículos naquele momento de paralisação. O editor do Jornal da Manhã naquele momento, segundo relatos de Niúra Belfort e Ofélia Onias, era o jornalista Célio Nunes. O editor do Jornal da Cidade, de acordo com relato de Eugênio Nascimento, era Leo Filho. Dois fundadores do Sindicato dos Jornalistas – tendo Célio sido presidente por mais de uma gestão – que não estavam no epicentro da principal mobilização da entidade sindical até o presente momento. Esta relação do editor-chefe de maior proximidade com as direções do jornal, em detrimento do restante do corpo da redação, foi uma constante em todos os veículos. Em relação à postura de Célio Nunes, Niúra Belfort faz uma ponderação importante. “Célio fechava o jornal porque precisava, porque era o editor, porque não podia sair dali, mas Célio nos apoiava, não nos perseguia. Era um ótimo chefe, era bom demais trabalhar com Célio. Ele foi membro do Partido Comunista por muito tempo, ele não perseguiu a gente em momento nenhum. Era ele quem segurava a nossa barra”. O editor da Gazeta de Sergipe era o jornalista Diógenes Brayner, que também não paralisou as atividades, Gilvan Manoel estava a frente do Jornal de Sergipe e não paralisou, tal como relatado no capítulo 2.

Mílton Alves reporta a postura do diretor de jornalismo da TV Sergipe, José Rodrigues, durante os dias de piquete. “Cara, foi de uma hombridade absurda a postura dele. Só de segurar a onda

do pessoal da TV e não colocar nenhuma programação local no ar no primeiro dia da paralisação já valeu bastante. Se ele tivesse tido outro comportamento os funcionários da TV Sergipe estariam em dificuldade durante e depois da greve”. Não há relatos de diretores dos demais veículos de TV.

Correspondentes da imprensa nacional

Eugênio Nascimento era correspondente da Folha de São Paulo, Adiberto Souza do Jornal do Brasil, Milton Alves era correspondente de O Globo e José Andrade do Estado de São Paulo. Nenhum dos quatro deixou de enviar notícias e boletins às suas sedes. A continuidade destes trabalhos fora aprovada em assembleia unificada das duas categorias de acordo com os relatos de Milton e Eugênio, as atas das assembleias não versam sobre este ponto, de qualquer forma a ação não levanta suspeita de legitimidade perante as ações da greve. Mas o que levava aos correspondentes de veículos nacionais, dois deles dirigentes sindicais envolvidos no epicentro da paralisação, a continuar enviando suas matérias? Milton Alves relata a mesma situação apresentada por Ofélia Onias na Secom do Estado: se a sede daquele veículo não está paralisada, porque cruzar os braços? “Não fazia sentido. Se a redação de O Globo decidisse paralisar, tanto na sede quanto nas sucursais, aí sim faria sentido, do contrário não”. Eugênio Nascimento apresenta outro argumento que sustentaria a manutenção dos trabalhos nos periódicos nacionais: a cobertura da paralisação nestes jornais, já que os veículos locais apresentavam apenas suas versões sobre os conflitos da paralisação. “A gente enviava as notinhas, que a gente chamava de ‘drops’ da greve e os jornais davam a greve, isso era importante pra gente. Os jornais locais não davam nada”.

Núbem Bonfim era correspondente do Tribuna da Bahia, jornal de dimensão regional, Ofélia Onias era correspondente do Correio Braziliense e Jurandir Santos, que estava furando a greve, era correspondente do Jornal do Comércio. “Eu parei totalmente e eles nem me questionaram. Mesmo que eu não quisesse eu não iria produzir, porque eu fiquei 24 horas dedicado ao movimento”.

Adiberto Souza³⁹ afirmou que, mediante acordado em assembleia, o acordo junto à matriz consistia em fazer com que a matéria enviada não retornasse através das agências de notícias que supriam os jornais locais com suplementos nacionais. “O que fechou foi o seguinte na assembleia, isso eu lembro. A gente manda o material, entra em contato com a editoria do Rio, informa que estamos em greve e pede que a matéria não retorne pela agência. Só mando a matéria pra vocês se o material não voltar pela agência. Funcionou bastante, funcionou pra todo mundo”.

Terça-feira, 26 de novembro de 1991. Mais uma manhã de piquetes nas portas dos principais grupos de comunicação do estado. De acordo com a versão apresentada por Milton Alves, foi na terça-feira que a programação da TV Sergipe fora interrompida. A primeira orientação foi para incluir a programação da Globo RJ para ocupar o espaço do Bom Dia SE, logo depois a orientação mudara e o sinal da Globo Nordeste fora ao ar. A terça-feira em que Sergipe virou Rio de Janeiro. Niúra Belfort se recorda da presença do superintendente da TV Sergipe, César Franco, que pedia ao jornalista Núbem Bonfim que a tirasse do piquete. Repórter da TV Jornal e do Jornal da Manhã, Niúra fora reconhecida pelo superintendente. “Núbem, diga aquela baixinha ali pra falar mal das empresas em outro lugar, ela não trabalha na TV Jornal? diga a ela que vá pra lá, não venham falar mal aqui não”.

O piquete da TV Sergipe rendeu alguns casos pitorescos, como a escapulida do jornalista Hermínio Matos, apresentador do noticiário esportivo da emissora, que atravessara a cerca de arame farpado para driblar os grevistas. Ao ser avistado furando o piquete, Hermínio fora hostilizado pelos manifestantes. De nada adiantara tanto esforço, já que o diretor de jornalismo José Rodrigues havia determinado que nenhuma programação local iria ao ar, em respeito à paralisação. Ivan Tavares relata também a ofensiva do carro que levava a esposa do senador Albano Franco, Leonor Franco, uma das proprietárias da TV, com o carro em cima do piquete. “Quando a gente fez piquete na TV Sergipe,

39 Entrevista concedida ao autor em 22 de agosto de 2017

até o carro botaram pra cima da gente, daí a gente tinha que sair né, ninguém vai morrer atropelado... Rapaz, foi complicado viu. Tem até um, até um fato pitoresco. Na época o Hermínio Matos, ele apresentava o Globo Esporte lá na TV Sergipe né, aí quando ele entrou por debaixo da cerca rapaz, a galera foi uma onda da porra. ‘Pelego’, era uma gritaria da porra pra lá e pra cá. Aí a gente ficava na porta, e a Leonor Franco que tomava conta da rede lá, da TV e FM Sergipe né, ela chegou, ela botou o carro por cima da gente né, pra subir da emissora. Com autorização dela né”.

Diógenes Di também relata a tentativa de furo da âncora Ester Jacó, do jornal de meio-dia da emissora, no piquete da TV Sergipe. “Ester Jacó era a Suzane Vidal do meio-dia, do jornal de meio-dia. Aí a gente fazendo aquele piquete, a TV Sergipe a portaria era antiga, era lá em cima, não é a de hoje não. Aí a gente fazendo piquete pra não entrar, pra não deixar entrar os carros, a gente só deixava entrar os carros se abrissem os porta-malas. Que a gente já tinha informação de que ela ia vim no porta-malas. Daí abrimos o porta-malas... ‘Desce, desce, desce!’, ela, que é negra, saiu branca do porta-malas. Hoje eu entendo que ela estava defendendo o salário dela, ela era a âncora da TV né”.

Ofélia Onias afirma que, diferente da suposta ordem do José Rodrigues, o telejornal do meio dia teria ido ao ar, “a primeira edição foi armengado, todo capenga”, mas foi. O rateio para comprar pão, queijo e mortadela dava a liga das ações de solidariedade no enfrentamento aos seguranças, que em geral estavam armados. Acusado de constituir claro movimento de suspensão do direito de ir e vir, o piquete era tido como uma ação para blindar os demais funcionários que aderiam à greve, em boa parte das situações cumpria um aspecto mais teatral, uma ação aparente de justificação para a adesão ao piquete. Niúra Belfort explica esta relação de cooperação velada. “Os colegas iam chegando e não resistiam. Eles tinham que dizer que não puderam entrar, que foram impedidos pelo piquete, entendeu? A gente tinha que salvaguardar os colegas né”. Ivan Tavares apresenta relato similar ao explicar a relação entre os funcionários que não estavam em greve e os manifestantes paralisados. “O pessoal que não entrava em

greve por medo de perder o emprego nos ajudava, nos avisando. ‘Olhe, a gente vai ali fazer tal coisa em tal lugar’, daí o pessoal ia lá e secava o pneu dos carros. Mas a próprio pedido dos funcionários das emissoras de Rádio e TV e jornal, inclusive na Gazeta de Sergipe... A gente ia lá fazer a manifestação e tal, aí secava o pneu dos carros pra equipe não sair e a gente conseguia atrasar né”.

Diógenes Di explica como funcionava a secagem de pneus em frente aos piquetes nas portas dos veículos. “Eu furei pneu de carro da Rede Cabaô de Notícias com quatro jagunços dentro. E como é que eu fiz isso? A gente pegava um raio de moto e fazia como uma espécie de espeto, afinava na ponta, amarrava embaixo do tênis ou na bota e chegava no carro encostando, conversando com quem tá dentro e furando com o pé. ‘Rapaz, não faça isso não companheiro, você vê uma greve dessa...’, e enquanto isso você ia picotando o pneu do carro. Ele não furava na hora não, mas na bochecha do pneu, na lateral dele assim, você já via o carro andando e vinte minutos depois já estava com os quatro pneus baixos, porque enquanto eu abordava aqui outro companheiro ia abordar o outro lado lá. Ninguém se acorava não, era só empurrando o tênis no pneu(risos) ”.

Núbem Bonfim era editor da TV Sergipe naquele momento e fora acusado de furar o pneu do carro de Leonor Franco. “Imputaram a mim o papel de ter furado o carro de Leonor Franco, e não fui eu. Aí se você perguntar quem foi eu não me lembro. O local era o Restaurante Le Maison, perto da Praça do Mini-Golf, o carro que a conduzia parou lá, ela foi almoçar umas duas horas da tarde e furaram o pneu. Depois ela veio me perguntar se fui eu. Eu disse ‘não, mas se fosse eu não teria problema de te dizer. Se eu furei o outro eu não sei, mas o da senhora eu não furei não (risos)”.

Também houve relatos de confronto nas dependências da TV Atalaia. De acordo com relato de Milton Alves, um carro da TV Atalaia atentara contra a integridade física de alguns manifestantes na curva de acesso à Rua Claudio Batista, além de hostilidades provocadas por seguranças fortemente armados. Perguntada sobre

este episódio, Niúra Belfort afirma que estava presente no atentado e que só escapara de ser atropelada porque foi puxada por Milton Alves quando o carro se aproximou. Niúra dá a autoria do incidente ao diretor de operações da TV Atalaia, Gildo Rego, o mesmo que ordenara ao camburão da Polícia Militar avançar sobre os manifestantes na porta do Batistão. Milton Alves narra o episódio. “Eu vi carro da TV Atalaia ser jogado em cima de companheiros jornalistas e radialistas, essa cena nunca eu esqueço... Era quase na porta. Teve um lá na porta, lá na entrada do portão que o cara jogou por cima, e o outro que ele subindo a ladeira do Santo Antônio, aí você faz a curva à esquerda, que é o fundo da igreja né, pra você pegar a entrada, a curva bem fechadinha pra ir lá na não sei quê lá batista... Claudio Batista. Os companheiros estavam ali sentados no meio fio, quando o carro da TV Atalaia aparece o cara não mantém a direita, acintosamente ele vem pra esquerda, na contramão, e joga. Uns conseguiram se levantar e pular, outros milagrosamente só fizeram levantar os pés e jogar o corpo pra trás. Nego sendo puxado... E escopeta? Mostraram a escopeta pra gente na TV Atalaia, na porta da TV Atalaia. ‘Vá, gritem pra vocês receberem o que merecem’”.

Na terça-feira a paralisação recebeu a adesão oficial dos locutores de FM, que comunicaram a decisão após a intervenção de uma das comissões de convencimento. O radialista Elton Ricarty era locutor na Delmar FM e 103 FM naquele período. Ele já havia participado de outra greve de radialistas em Salvador no ano de 1989, quando fora demitido. Ao aderir à greve, Elton tinha certeza que seria demitido mais uma vez, mas a solidariedade pesou mais forte em sua decisão tomada em plena transmissão, no ar. “Tá no meu sangue, esse guerreiro da tribo de Judah. Eu tava no ar, na época, eu já estava com esta experiência de greve. Meu Deus do Céu, e agora, o que fazer? Eu participei de uma, fui demitido. Mas o fato curioso é que eu estava no ar, e o peso, a responsabilidade era imensa porque eu sabia que uma vez participando da greve... Meu Deus, e agora? Ligo ou desligo? Fico ou não fico? Eu disse: ‘não, eu vou ser solidário aos meus amigos’. É inadmissível que, a gente tá lutando por melhoria, se eu não contribuir com que cara eu vou receber os benefícios? Como pos-

so olhar pra meu filho, para os meus colegas, uma vez eu sendo taxado como fura-greve, pelego? Então tinha essa preocupação. Fiz como se estivesse fazendo a maior coisa do mundo. Deixei o medo de lado, esqueci das consequências e disse: ‘eu vou virar um revolucionário’ (risos) ”.

A edição de 26 de novembro do Jornal de Sergipe especulava, na Coluna Paineis, que o secretário de Comunicação Chiquinho Ferreira poderia cair nos próximos dias, juntamente com o secretário geral da prefeitura, Lises Campos, por suas posições frente à demissão de Aerton Silva, da SMTU. Aerton havia retornado do Chile na noite de segunda-feira para tentar assumir o cargo, sem sucesso. A mesma edição também informa que, a pedido do prefeito Wellington Paixão, que se encontrava em viagem no Chile, a edição do Diário Oficial de Aracaju estava sem circular, para que não fosse publicada oficialmente a decisão de demitir o superintendente Aerton Silva.

Sobre a ameaça de exoneração, Chiquinho Ferreira afirmou que, diferente do que afirma a nota, não se tratava um imbróglio com sua posição mediante a demissão do superintendente da SMTU, Chiquinho sequer tinha posição sobre a decisão do prefeito em exercício. Ele apontou um possível incômodo com a decisão de respeitar a greve dos jornalistas e radialistas, não enviando desta forma qualquer material para a imprensa, mas que nenhum informe ou posição oficial do prefeito em exercício chegou aos seus ouvidos. Ele ressalta que, caso o prefeito não tivesse adiado seu retorno a Aracaju, a sua demissão poderia ter se confirmado. “Eu não tenho dúvida que, talvez, se não houvesse o retorno antecipado, poderia ter acontecido. Porque na verdade eu percebo que nós contrariamos uma decisão, não a do prefeito Wellington Paixão, o prefeito acatou de forma tranquila a nossa posição.... O prefeito em exercício não chegou a expressar algo contrário à minha decisão, pelo menos no contato que tive com ele. Ele não expressou, nem sequer manifestou a possibilidade de dizer assim: ‘se você não cumprir a minha determinação eu exonero’. Nem oficialmente nem pessoalmente chegou. Essa notícia que você está colocando, ela circulou sim, ela circulou nos corredores

da prefeitura na época, mas a mim de forma oficial nada chegou”.

A edição da Gazeta de Sergipe daquela terça anunciava o reajuste dos aluguéis em 140,49%, o do cigarro poderia chegar a 40%, anunciava também a inflação medida em Aracaju no mês de outubro em 28,68%. Já o Jornal da Cidade reservara o editorial da coluna Periscópio para denunciar os “atos de vandalismo” organizados pelo comando de greve. Intitulado *Direito sagrado*, o editorial defende o direito de greve mas sugere falta de legitimidade da paralisação perante a categoria, além de condenar combate seus atos violentos. Segue na íntegra:

Direito sagrado

Movimento grevista é um direito sagrado do trabalhador previsto na própria Constituição, desde que seja deflagrado dentro de clima respeitoso entre empregados e empregadores. O que não se pode – mesmo porque atinge às raíais da irracionalidade, é admitir o radicalismo selvagem que não leva a nada de útil, a não ser o acirramento dos ânimos.

Insatisfeitos com o acordo salarial, os dirigentes do Sindicato dos Jornalistas desencadearam, sem ouvir a totalidade da classe, uma greve que se arrasta desde a última quarta-feira. Tudo bem, tudo perfeito. Acontece que alguns radicais estão exagerando ao tentar intimidar os que decidiram continuar trabalhando.

Ora, se a Constituição estabelece garantias para a greve, também estabelece o direito de cada um decidir pela sua própria trajetória de vida. Os direitos são iguais. O que vem acontecendo nas portas de algumas empresas de comunicação não só é lamentável como desrespeita o mais elementar amparo legal assegurado em lei.

Quem fura pneu dos carros de colegas de profissão, quem danifica cadeados para impedir o livre trânsito das pessoas, não pode ser chamado de companheiro nem de jornalista. Só tem um nome: vandalismo, etapa derradeira do terrorismo. (JORNAL DA CIDADE, 26 DE NOVEMBRO DE 1991)

O editorial termina com uma paródia da obra do revolucionário

russo Vladimir Lênin, bastante corrente entre as organizações de esquerda, intitulada: “Esquerdismo: doença infantil do comunismo”. Na mesma coluna, uma notinha informava a decisão dos assessores de imprensa da Assembleia Legislativa de Sergipe (Alese) que, uma vez reunidos, aderiram à paralisação e não enviariam boletins legislativos para as redações. O caderno de esportes destacava os preparativos para a próxima decisão do Sergipão 91. “Expulsos por Ulices não jogarão domingo”, referindo-se aos seis jogadores que foram mais cedo para o chuveiro no clássico do silêncio, expulsos pelo árbitro Ulices Tavares da Silva.

A assembleia de avaliação daquela terça-feira, às vinte horas e trinta minutos na ASI, comunicou a adesão dos locutores de FM. O presidente do Sindicato dos Jornalistas, José Araújo, afirmou que as categorias “não podem arrefecer os ânimos e manter a confiança num desfecho positivo ao final do movimento”, o que nos aponta os primeiros sinais de algum cansaço e arrefecimento dos grevistas.

Quarta-feira, 27 de novembro de 1991. O terceiro dia de piquetes em frente aos grupos de comunicação não conta com maiores relatos. As assembleias discutiam outras propostas de piquete nos demais veículos e uma sugestão inusitada colocaria em risco o apoio da opinião pública à paralisação, de acordo com Ofélia Onias. “Tinha uma proposta que eu fui contra. Alguém, não lembro quem, queria fazer piquete na saída da Catedral, eu digo: ‘não, minha gente, não vamos misturar as bolas não’. Porque Padre Carvalho era diretor da Rádio Cultura e o presidente da associação... Eu digo: ‘não, pelo amor de Deus, não vamos misturar as coisas porque a gente vai perder a opinião pública a’”.

No piquete da TV Sergipe, o superintendente Cesar Franco convida uma comissão de representantes para uma conversa em sua sala. O editor de imagens Demóstenes Araújo, conhecido como Dida, lembra que suspeitou da ação na saída da sala do superintendente. Dida fora representante do sindicato na emissora entre 1987 e 1989 juntamente com Bertulino Meneses, eleitos pelos funcionários da emissora, ele decidiu abandonar a paralisação naquele instante. “Eu estava lá dentro e havia aderido à paralisação

até o momento, mas estava lá dentro. Foi quando eu vi Milton Alves saindo com um disco debaixo do braço da sala do César Franco e desconfiei de que aquilo não estava certo, que tinha alguma coisa errada. A partir daquele momento eu decidi voltar a trabalhar”.

Ofélia Onias reconhece a cena apresentada por Dida Araújo, mas discorda da sua visão sobre os acontecimentos. “Cesar Franco, realmente, chamou. A gente jogou lá no piquete. ‘E aí, o que vocês acham? Entra? Não entra?’, daí, pra não dizer que a gente é intransigente, que é greve pela greve, porque você sabe né, que a pecha que jogam em cima é que são os terroristas né, vamos entrar e conversar. Entramos, conversamos... Eu, Milton Alves e outra pessoa que não lembro agora. Na saída ele deu de presente um disco de uma novela. Como é que você vai virar e dizer: ‘Não quero disco não’, ué, não é por aí... Se o Dida teve essa leitura ele foi infeliz, tanto é que a greve não acabou, porque ele podia primeiro ter perguntado a gente né. Ele, Cesar Franco, apenas pediu ponderação, que ia ver o que podia fazer”.

Outro caso que chama atenção ocorreu na porta da TV Jornal, quando a então primeira dama Maria do Carmo Alves, mandara um segurança mandar acabar com o “piquenique” na porta da TV. Conta Milton Alves: “Maria do Carmo passou e a gente estava num piquete. Depois ela mandou um vigilante dizer que ali não era lugar de ‘piquenique’. Daí eu virei e falei ‘piquenique não, aqui é piquete. PIQUETE!’ (risos)”.

De acordo com Diógenes Di, as comissões de convencimento cumpriam um papel duplo: enquanto um grupo partia, de fato, para o convencimento, outro grupo tratava de “expropriar momentaneamente” objetos e apetrechos das emissoras a fim de obstruir as transmissões. “Um grupo entrava, uma comissão entrava lá pra fazer o convencimento e a outra entrava pra roubar mesmo. Pra roubar não, pra tirar alguma coisa, tipo antena, transmissor... Uma equipe ia pra rádio que a gente tirou o transmissor, transmissor da Rádio Jornal, foi como eu posso dizer: suprimido (risos) foi desapropriado momentaneamente. E aí é que a gente

viu que eles estavam conseguindo fazer a transmissão pelos cabos de telefone das rádios, que a rádio transmitia por telefone. A Rádio Jornal, que era a campeã de audiência, então fechar a Rádio Jornal era uma questão de honra. E foram lá e tiraram uma peça da rádio”.

Ivan Tavares explica como conseguiu deixar a mesa de som da Rádio Jornal AM inutilizável por um bom período naquela paralisação. “Assim que começou a gente paralisou. Foi meio complicado sabe, perseguição que sempre houve né, sabe que quando tem paralisação o radialista... o radialista não, qualquer categoria que faz greve, com certeza o patrão fica de olho em você né. Eu não tirei a placa (da mesa de som) porque se você tirar a placa você facilita para o técnico encontrar onde está o defeito né. Eu só fiz o quê: suspendi a placa um pouquinho, aí suspendendo a placa um pouquinho, aí a mesa não toca né, só que é um pepino da poxa você descobrir o que é ali que não ta funcionando. ‘Rapaz, o que é que esse cara fez aqui?’ O coronel que era superintendente da Rádio Jornal, eu esqueci o nome dele agora... ‘Rapaz, quem foi que tirou essa rádio do ar aqui pelo amor de Deus, ein?’. Mas não era eu sozinho, era eu e a equipe né, todos que participaram. A gente foi e fez isso aí, deu pepino e ninguém conseguiu botar no ar não. Demorou muito viu”.

A edição de 27 de novembro do Jornal de Sergipe alertava para a suspensão do reajuste de 147,06% aos aposentados, em decisão proferida pelo juiz Jirair Meguerian, do Tribunal Regional Federal de Brasília. As primeiras notícias sobre a expectativa de compras para o Natal, Réveillon e o décimo terceiro ocupavam de mansinho as páginas impressas. O prefeito Wellington Paixão finalmente retornara de viagem ao Chile na noite do dia 26 de novembro, assumindo o posto em cerimônia ocorrida na área vip do aeroporto, vista a pressa em reverter as medidas tomadas pelo vice-prefeito em sua ausência, e renomeara o superintendente Aerton Silva no dia 27 no auditório da SMTU. Naquela quarta-feira ocorria o primeiro Congresso do Partido dos Trabalhadores (PT) em São Bernardo do Campo, com cerca de 1.200 delegados. O único delegado do partido em Sergipe foi o presidente

do Sindimina, José Eduardo Dutra. O deputado estadual Ismael Silva também participara do espaço na condição de observador. O congresso ocorria no olho do furacão do desmantelamento da União Soviética no Leste Europeu, as tensões entre o campo majoritário e as correntes de oposição, boa parte delas de orientação trotskista, davam o tom da disputa. Naquela quarta-feira, a edição da Gazeta de Sergipe anunciava que dois ônibus com trabalhadores da Nitrofértil saíram em direção à fábrica de Camaçari (BA), em solidariedade, para auxiliar a obstrução da entrada de 4 auditores para análise fiscal, financeira e contábil da empresa, visando a sua privatização. O presidente do Sindicato dos Químicos naquele momento era o sindicalista José Raimundo. A edição de 27 de novembro da Gazeta de Sergipe informava na Coluna GS, que no dia anterior os deputados Ismael Silva e Renatinho, ambos do PT, pediam que seus pronunciamentos não fossem enviados à imprensa em respeito à greve dos jornalistas e radialistas, fato que coloca em dúvida a eficácia a adesão dos funcionários da Alese. Na mesma linha, o deputado estadual Almeida Lima não fizera nenhum pronunciamento em solidariedade à paralisação e fora chacoteado na oportunidade. Segue a nota na íntegra:

SOLIDARIEDADE

Enquanto isso, José Almeida Lima, representante do PDT na Assembléia, declinou de usar a tribuna em solidariedade a greve dos jornalistas e radialistas. Os deputados até gostaram, porque foi um alívio ficar livre de Zé Almeida, por uma tarde. (GAZETA DE SERGIPE, 27 DE NOVEMBRO DE 1991)

A Gazeta também dava a matéria sobre a perda do repasse no valor de 475 milhões de cruzeiros para o estado de Sergipe, para o orçamento do ano de 1992 na Comissão de Orçamento do Congresso Nacional. O valor equivaleria a R\$ 4.379.793 em abril de 2017⁴⁰. A notícia envolvia diretamente o deputado federal

40 FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Atualização de valores. Disponível em <<http://www.fee.rs.gov.br/servicos/atualizacao-valores/>> Acesso em 12/04/2017.

Cleonâncio Fonseca (PRN). Os eletricitários seguíam no décimo dia de paralisação, organizando suas assembleias na Associação Sergipana de Imprensa (ASI) no período da manhã.

Denúncias da Gazeta contra Chiquinho Ferreira

A edição de 27 de novembro do periódico Gazeta de Sergipe apresentou fortes denúncias contra o então secretário Chiquinho Ferreira. De acordo com a reportagem, o gestor estava descumprindo o piso mínimo constitucional fixado em Cr\$ 42 mil cruzeiros naquele momento. A matéria estampada na página 3 do caderno de política do periódico vai além, denunciando Chiquinho Ferreira e Fernando Cabral de utilizarem a estrutura da Secom para perseguir demais categorias do serviço público municipal, como no caso dos funcionários da Emsurb. A matéria não contém a versão do gestor e de seu adjunto e afirma categoricamente que tanto o prefeito quanto o vice em exercício, Carlos Alberto Menezes, não estavam a par desta situação. Para quem estava no epicentro de uma paralisação de duas categorias, como no caso de Fernando Cabral e Chiquinho Ferreira, ser denunciado por perseguição e prática anti-sindical é um fato absolutamente grave. Segue a matéria na íntegra.

Servidor com nível superior ganha menos do mínimo na PMA

A Prefeitura Municipal de Aracaju está desrespeitando a Constituição quanto ao pagamento de salários dos servidores através da Secretaria de Comunicação Social, onde, embora o prefeito Wellington Paixão tenha determinado a equiparação salarial dos prestadores de serviço, tem servidor de nível superior ganhando Cr\$ 34 mil cruzeiros mensais e se quiser ficar acima ou se igualar ao salário mínimo de Cr\$ 42 mil cruzeiros, tem que se submeter ao vexame e se humilhar ao secretário Francisco Ferreira, o Chiquinho, para que ele conceda um abono, a título de hora extra.

O fato não é de conhecimento do prefeito Wellington Paixão e nem do prefeito em exercício, Carlos Alberto Menezes, pois existe o medo de denunciar a irregularidade e haver a punição por parte do secre-

tário e de seus assessores, uma vez que quem não reza na cartilha de Chiquinho é punido com falta ou nos salários através do corte de vantagens (direitos legais e não representam qualquer favor por parte do superior aos seus subalternos), conforme comentam servidores.

Aliás, por falar em represálias e arbitrariedades, o vereador Antônio Souza está revoltado com as demissões de servidores da Emsurb e já denunciou o fato da tribuna da Câmara, pedindo a demissão do presidente da Emsurb, Bosco Mendonça.

Souza teve conhecimento que as demissões foram resultantes de fotografias entregues pelo Secretário de Comunicação Social, Francisco Ferreira, o Chiquinho, e seu assessor Fernando Cabral de funcionários que participaram de manifestações exigindo o pagamento dos salários. No ato de protesto o presidente da Emsurb não estava presente, entretanto, Chiquinho e Fernando Cabral determinaram que as fotografias da Secom e uma equipe de cinegrafistas, que fica a sua disposição, filmasse todo o movimento, para identificação daqueles que protestavam contra os salários atrasados e, conseqüentemente, de posse de tais provas que a administração pública tomasse as devidas providências, ou seja, a demissão, como vem acontecendo. (GAZETA DE SERGIPE, 27 DE NOVEMBRO DE 1991)

Em resposta às denúncias, Chiquinho refutou todas as acusações apresentadas pela reportagem: “Tudo ficção da Gazeta por não ter conseguido o que eles queriam”. E o que queria o Grupo Gazeta, afinal? De acordo com o radialista, a Gazeta de Sergipe deu início a uma forte campanha difamatória contra a sua gestão em virtude da negativa de uma proposta de permuta apresentada pelo grupo. O veículo pretendia permutar dívidas referentes ao IPTU e ISS mediante páginas publicitárias da prefeitura no veículo. Ocorre que o veículo, ainda de acordo com Chiquinho, nunca apresentou o valor de tabela da página para calcular a permuta, além de não estabelecer o limite correto do valor do periódico, apresentando os valores tributários de outras empresas do Grupo Dantas. Segue na íntegra a explicação de Chiquinho:

“Em resumo, você já percebeu que havia uma campanha siste-

mática da linha editorial da Gazeta contra a gestão e contra os membros da gestão. No meu caso específico houve uma proposta na época de permuta da Gazeta, a Gazeta tinha dívida com a prefeitura, dívida de impostos. E não só o jornal, além do jornal as empresas em torno do grupo que comandava a Gazeta, o Grupo Dantas. Tinha usina de açúcar... O grupo detentor da Gazeta tinha outras atividades. E foi colocado pelo secretário Joaquim Feitosa, a época secretário de Finanças, foi colocado para minha apreciação a permuta, que não havia nada de ilegal, desde quando aquele valor devido dos impostos específicos da Gazeta fosse apresentado, e não de outras empresas em torno, que aí passaria a ser ilegal fazer permuta, pelo menos para a Secretaria de Comunicação. Ou seja, a troca era: a prefeitura passaria a ter páginas, espaços no jornal, páginas publicitárias, e se calcularia o valor. Quanto custa aquela página? Então vamos abater a quantidade de imposto através da quantidade de páginas que a empresa deve... O meu contato não era com o jornal, eu recebi e devolvi ao secretário de finanças a proposta de permuta. Eu consultei o jurídico e a procuradoria, e a procuradoria – que na época era uma secretaria de assuntos jurídicos – ela nos orientou que fosse passado do jornal para a prefeitura quanto era aquela página, e esta resposta nós nunca obtivemos. Eu não poderia chegar e dizer: eu vou abater os impostos pela página X, e essa página X custa tanto. Eu sei quanto tem a dívida, mas eu precisava que o jornal dissesse: essa página é tanto, e a gente tem tabela. É preciso que, de forma oficial, a Gazeta dissesse que a página custa tanto. Se a dívida é de 50 mil e a página é de 5 mil, nós fazemos a permuta de 10 páginas... Só que nem tabela, nem de forma oficial a Gazeta nunca nos devolveu”.

Ele também ressalta o papel de um dos redatores do jornal e responsável pelo Informe GS, o jornalista Claudio Messias, então diretor de comunicação da Secom municipal exonerado a pedido de Chiquinho. De acordo com seu depoimento, Claudio Messias era o responsável por parte da campanha difamatória contra a sua pasta. Ele cogitou a possibilidade de mover ação judicial contra o jornalista e o veículo por difamação e calúnia, mas foi convencido por colegas a não seguir em frente. “E na redação da

Secom nós tínhamos um diretor de comunicação que, paralelo ao fato de ser diretor da redação, ele também escrevia no Informe GS, da Gazeta. E este Informe GS começou a tratar o secretário Chiquinho Ferreira com hostilidade. E não foi só essa não, foram várias e várias denúncias. Aí não me restou outra decisão que não fosse... Ele atendia à direção do jornal, insatisfeita porque eu não aceitei a decisão de fazer a permuta vazia. O que é que me restou? Depois da insistência e da permanência de Claudio Messias na função, comuniquei a Wellington Paixão do meu desconforto com a situação e da impossibilidade de continuar com Claudio Messias como diretor de jornalismo. Passei para o prefeito pessoalmente, e um dia antes de uma viagem para Brasília, pra viajar com o prefeito, e eu antes de viajar deixei no gabinete duas cartas de demissão. A minha e a de Claudio Messias. O prefeito fez a opção pela minha permanência. O Cláudio chegou a ser nomeado em outra secretaria, acho que a secretaria de Obras, mas não durou muito tempo”.

A assembleia daquela quarta-feira foi bem atribulada, ocorrida no mesmo horário e local, vinte horas e trinta minutos, na Rua Itabaianinha, nº 261. Os registros de ata dão conta de uma divergência no seio do setor patronal envolvendo o diretor da Gazeta de Sergipe, Paulo Brandão, e o proprietário do Jornal de Sergipe, Nazário Pimentel, que defendiam um posicionamento mais rígido em relação à greve. A Asert estava dividida internamente, o que evidencia que já houvera uma reunião de negociação entre as partes já naquela semana, já que os grevistas não teriam como fazer esta avaliação fora do espaço de negociação. Foi aprovada uma ação junto à Polícia Federal para retirada dos funcionários irregulares das redações e emissoras, além da fiscalização da Divisão de Relações de Trabalho (DRT). O plenário também aprovou uma grande manifestação na abertura da 1ª Feira de Sergipe, que ocorreria na noite do dia seguinte no Parque João Cleofas, além da confecção de cartazes contendo o nome dos jornalistas e radialistas que estavam furando a greve.

Quinta-feira, 28 de Novembro de 1991. A nota de esclarecimento da Associação de Rádio, Televisão e Jornais do Estado de

Sergipe (Asert) tomara as capas dos impressos sergipanos, sendo observada nas edições do Jornal da Cidade e da Gazeta de Sergipe, esclarecendo que a reportagem não teve acesso à mesma edição do Jornal de Sergipe por não constar nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS). Segue abaixo a nota na íntegra:

Nota de Esclarecimento

As empresas sergipanas de comunicação – rádios, televisões e jornais – em face da greve dos jornalistas e radialistas, e das notícias distorcidas sobre perdas salariais e da proposta patronal, vem esclarecer aos seus funcionários e ao público em geral o seguinte:

Com as antecipações salariais já efetuadas, e tomado como base o INPC do IBGE, encontramos uma perda salarial de 52,25% para as categorias.

A proposta das empresas recupera amplamente esta perda. Foi oferecido ao Sindicato dos Jornalistas um piso de Cr\$ 130 mil, e um percentual de 35% em novembro para os profissionais que recebem acima deste piso, com dois reajustes subsequentes, em fevereiro e abril, de 10% cada, desconsiderando as antecipações salariais de lei, em janeiro e março, perfazem um total de 63,35%

I Para os radialistas, as empresas propuseram pisos salariais de Cr\$ 110 mil para a área artística, Cr\$ 96 mil para a área técnica, para os profissionais com salário acima do piso, uma proposta idêntica a dos jornalistas. Ou seja, 35% em novembro, e 10% em fevereiro e abril.

Ressaltamos ainda que, estes pisos salariais terão reajustes legais, estabelecidos pela política salarial do Governo, já a partir de janeiro próximo. Outrossim, informamos que os pisos oferecidos, são superiores aos de algumas praças, economicamente bem mais fortes do que Sergipe. (GAZETA DE SERGIPE, 28 DE NOVEMBRO DE 1991. JORNAL DA CIDADE, 28 DE NOVEMBRO DE 1991)

Através da nota é possível levantar duas constatações: primeiro,

que a necessidade de uma nota pública é o termômetro do impacto e aprovação da paralisação perante a opinião pública. O *Jornal da Cidade*, que na edição de 26 de novembro saía com o editorial afirmando que a paralisação se tratava de “vandalismo: etapa derradeira do terrorismo”, publicar uma nota que disputa a narrativa de percentuais e perdas salariais informadas pelo comando de greve, é um giro e tanto. A segunda constatação é do avanço da proposta patronal desde a primeira planilha apresentada cinco dias atrás, no dia 22 de novembro. A proposta avançara nos reajustes para quem recebe acima do piso, sem contar com os abonos concedidos pelo Governo Federal ao salário mínimo. Importante ressaltar que neste período o piso da categoria estava atrelado ao salário mínimo em vigor, reajustando o mínimo deveria reajustar também os seus pisos. Não foi possível encontrar a razão de disparidade no cálculo apresentado pelas categorias, que denuncia perda salarial de 171%, e o cálculo dos padrões, baseado no INPC, tendo em vista que não foi possível acessar arquivos do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Econômicos e Sociais (Dieese), organização que auxilia as entidades sindicais nos processos de negociação salarial. Como relatado no segundo capítulo, a diretora técnica do Dieese em Sergipe na época, Lúcia Falcon, não guarda recordações desta paralisação. A pesquisa de Cesta Básica da entidade só começou a ser levantada a partir de 1995, antes disso as suas ações eram organizadas a partir do escritório de Salvador (BA). Ainda no dia anterior (27), o presidente Fernando Collor anuncia que enviará a proposta de abono do salário mínimo em 10 mil cruzeiros para os meses de novembro, dezembro e 13º salário do ano de 1991, este abono também inferira na proposta de reajuste negociado entre as categorias.

Naquela quinta-feira o *Caderno de Cidades da Gazeta de Sergipe* informava que a pesquisa decenal de domicílios do IBGE estaria concluindo seus trabalhos no sábado (30), mesma pesquisa utilizada no primeiro capítulo desta obra. A *Gazeta* noticiava o adiamento do retorno do petroleiro e sindicalista Luis Fernando Barreto, de 37 anos, que estava afastado do trabalho desde 1989 acusado de incapacidade mental. O governador acabava de enviar

à Assembleia Legislativa a proposta de diminuição da alíquota do ICMS de 18% para 17%. As repercussões em torno da briga entre o prefeito Wellington Paixão, e o vice-prefeito Carlos Alberto Menezes, ainda residia nas colunas e notas da cobertura política. Estava marcada para a sexta-feira a próxima assembleia do Sindicato dos Eletricitários do Estado de Sergipe (Sinteel) que seguia em greve reivindicando 397% de reajuste. A assembleia estava marcada para as onze horas no auditório da ASI. O Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Superior de Sergipe (Sintiese) acabara de fazer uma assembleia no dia anterior (27) para discutir os quatro índices de reivindicação, mas não decidiram por cruzar os braços. Havia uma expectativa muito forte em relação a esta assembleia, já que os cartões para a primeira fase do vestibular da Universidade Federal de Sergipe (UFS) já estavam sendo distribuídos naquela semana, e uma paralisação do setor poderia comprometer a primeira fase do vestibular, prevista para a primeira semana de dezembro.

Mediante a proposta publicada pelos patrões em nota, as direções dos sindicatos convocaram uma nova assembleia às vinte horas e trinta minutos, mais uma vez na Associação Sergipana de Imprensa (ASI) e em virtude da assembleia não houve manifestação na 1ª Feira de Sergipe, cuja abertura ocorrera naquele mesmo horário no Parque João Cleofas. Em assembleia foi repassado que houvera, naquele mesmo dia, avanço nas negociações das cláusulas sociais, e que o acordo de estabilidade profissional após a paralisação seria discutido no dia seguinte. Neste momento os sindicatos pediam um prazo de noventa dias de estabilidade, ou seja, os patrões não poderiam demitir nenhum funcionário durante este período. Uma nova assembleia foi marcada para a sexta-feira, 29 de novembro, que definiria sua posição frente à proposta final dos patrões.

Sexta-feira, 29 de novembro de 1991. Naquela manhã, às onze horas no auditório da ASI, se encerrava a greve dos eletricitários de Sergipe, com reajuste de 305% e avanços em outras cláusulas sociais. A Associação dos Aposentados organizou uma assembleia naquela tarde, a fim de reivindicar o reajuste de 147% anulado

pela justiça na mesma semana, além de outro reajuste de 56% que também envolvia o Governo Federal. Naquela tarde também ocorreu a assembleia dos servidores da previdência, cuja categoria já se encontrava paralisada em onze Estados brasileiros. Eles reivindicavam reposição salarial de janeiro a dezembro, o reajuste integral dos aposentados, avanços no Plano de cargos e Salários e contra a privatização da previdência. A assembleia não decretou a paralisação, mas aprovou a manutenção de “estado de greve”, podendo ser convocada uma assembleia a qualquer momento sem necessidade de comunicação prévia. Os jornais fervilhavam de suplementos comemorativos em detrimento do título de “Homem do Marketing”, concedido à primeira dama Maria do Carmo, a primeira mulher a figurar na premiação desde a sua primeira edição em 1981. Um relatório da Agência estadual do Meio Ambiente (Adema) alertava que, das 15 praias da capital sergipana, apenas seis foram consideradas próprias para banho naquela semana: Praia dos Artistas, da Coroa do Meio, da marina (proximidades do Shopping Riomar), 13 de julho, Bairro Industrial, Praia do Siri, Praia de Atalaia Nova, do Rio Poxim e Prainha do Bico do Pato. O lazer junto ao mar do final de semana estava comprometido. Uma matéria do Jornal de Sergipe da edição de 29 de novembro alertava para os números assombrosos de atendimentos relativos a abortamentos, ocorridos na Maternidade Hildete Falcão, constituindo 90 dos 100 atendimentos efetuados por mês na maternidade.

Naquela noite foi ao ar o pronunciamento do presidente Fernando Collor sobre os números alarmantes da Aids no território nacional. O pronunciamento gravado a pedido da Organização Mundial da Saúde (OMS), afirmava que o Brasil era um dos “países-problema” da doença no mundo, e anunciaria medidas para redução dos índices de contágio nos próximos meses. Em paralelo ao pronunciamento do presidente Fernando Collor ocorria a última assembleia unificada dos jornalistas e radialistas de Sergipe. No oitavo dia de paralisação, em torno de bastante desgaste físico e emocional, as direções já avaliavam a correlação de forças com mais ponderação. Sobre o tempo de descanso naqueles dias, Niúra Belfort dispara de “bate pronto”: “A gente já não tinha

mais fôlego. Dormir? Cochilar. A gente dormia uma da manhã, acordava três e meia pra ir pro piquete e passava o dia todo lá. A gente era novinho né, trinta anos, a gente aguentava”.

Pela primeira vez a assembleia fora aberta por dirigentes de outros sindicatos que não fosse dos jornalistas e radialistas. De acordo com o registro das atas, o presidente do Sindicato dos Petroleiros de Sergipe (Sindipetro) Gilvan Melo, que acompanhara as atividades daquela paralisação do início ao fim, avaliou “o movimento grevista vitorioso devido à unidade de jornalistas e radialistas e alertou às direções dos dois sindicatos que o pós-greve é a fase mais difícil de uma paralisação de trabalhadores”. Gilvan foi seguido de outro diretor do Sindipetro, Edson Nunes, que “fala sobre a participação de sua entidade no movimento paredista das duas categorias, que se constitui, na sua avaliação, num dever, o dever de defender a classe trabalhadora da opressão, da exploração”. Terminada a saudação e contribuição dos militantes do Sindipetro, o presidente do Sindicato dos Jornalistas, José Araújo, leu a contraproposta apresentada pela Asert na reunião que ocorrera pela tarde.

“Pagar no corrente mês Cr\$ 130 mil cruzeiros para jornalistas, o que perfaz um reajuste de quarenta e nove vírgula zero três por cento (49,03%), para os radialistas da área artística Cr\$ 110 mil cruzeiros, cinquenta e quatro vírgula sessenta e seis por cento (54,66%), área técnica um piso de Cr\$ 96 mil cruzeiros, 62%, e para o pessoal de escritório fica o reajuste de sessenta e três mil cruzeiros. Para quem recebe acima do piso, reajuste de 40% no mês de novembro. Os patrões se comprometem a repassar nos meses de janeiro e março de 1992, os reajustes determinados pelo governo federal, e nos meses de fevereiro e abril, 12% para quem recebe piso salarial e 15% para quem recebe salários acima do piso, indistintamente, seja jornalista ou radialista”. A proposta avançou no reajuste dos que ganhavam acima do piso, além de inserir o abono recém- declarado pelo Governo Federal. A proposta apontava um período de estabilidade de 45 dias, metade do tempo reivindicado pelas direções sindicais.

Após uma discussão demorada e acalorada, os jornalistas e radialistas aprovaram a proposta por setenta e sete votos favoráveis, oito votos contrários e duas abstenções, além da aprovação dos 45 dias de estabilidade. Houve setores que argumentavam que ainda haveriam condições de continuar a paralisação, como o jornalista Vieira Neto, apontado no relato de Niúra Belfort. Nenhum dos entrevistados deste livro defendeu esta posição na assembleia. Raimundo Macedo relata o clima do final daquele encontro. “Depois todo mundo chorou. José Eugênio, Luzinete, Rodrigues... Quando terminou a greve, quando terminou e os patrões concordaram, aí nós fizemos, lembro como hoje, nós fizemos uma sacolinha, nós fomos na assembleia, aí fizemos um fundo de greve e a gente foi comemorar lá na Associação Sergipana de Imprensa. Ali foi a memória exatamente da greve, de você olhar pra companheiros muito mais experientes, muito mais velhos que a gente na época né, e dizer o seguinte: ‘Valeu a pena’, mas valeu. Aí a gente cantou o hino nacional, lembro como hoje, cantou o hino nacional. Eu me arrepio olha... A gente cantou o hino nacional e agradeceu. Foi, foi um fato que ninguém vai apagar”.

No mesmo dia a Asert organizara uma assembleia para decidir a composição de sua diretoria. O jornalista e economista Paulo Brandão, diretor da Gazeta de Sergipe, fora escolhido para assumir o lugar de Augusto Júnior no comando da entidade, a posse só viria a ocorrer no dia 12 de dezembro. Os preparativos para o primeiro jogo da melhor de três entre Sergipe e Confiança estavam a todo vapor. Naquele domingo o Sergipe vencera por 1 a 0 com gol de Lêniton, desta vez a partida fora transmitida com todos os seus detalhes e nuances, tal como reivindicado por Wellington Elias.

Mílton, que estava há cinco dias com a mesma roupa, finalmente voltou pra casa. Niúra perdeu pelo menos dois quilos, Ofélia adoeceu. Fernando Cabral afirma que, com todos os reajustes e correções dos meses, o salário do radialista passou a três salários mínimos e meio naquele período. As negociações salariais retornariam a ocorrer em maio de 1992 e, sem mais a ocorrer, ela,

Niúra Belfort, secretária geral do Sindicato dos Jornalistas, lavrou a última ata daqueles oito dias de confronto e correria. Depois de atrasar a edição do Jornal de Sergipe, de interromper a transmissão de Sergipe e Confiança pelo Sergipão 91, de obstruir a programação das TV's por dois dias seguidos, por agregar os funcionários das FM's, dos departamentos de imprensa legislativa do Estado, a assembleia decidira descruzar os braços e voltar aos trabalhos com alguma conquista salarial e uma grande vitória política. A partir dali um jornalista ou radialista valeria muito mais que um copo de cachaça e um prato de comida, eles valeriam o peso de suas próprias forças mesmo sem contrapartida salarial adequada para todo o esforço empreendido. Jornalistas e radialistas, unidos e organizados, mudaram as regras do banquete ao menos naquele curto espaço de tempo. Já era hora de retornar à labuta e registrar o tempo presente pelas editorias e estações da cidade.

PROGNÓSTICO E CONSEQUÊNCIAS

Respeitado o prazo de 45 dias de estabilidade definido em negociação, a previsão do presidente do Sindicato dos Petroleiros de Sergipe, Gilvan Melo, faria sua prova de fogo: “o pós-greve é a fase mais difícil de uma paralisação de trabalhadores”. Raimundo Macedo tinha 30 anos de idade quando fora retirado da apresentação do noticiário esportivo Atalaia Esportes, ficando afastado das dependências do Sistema Atalaia de Comunicação pelo prazo de seis meses. Raimundo retorna à frente das câmeras pra apresentar o Jornal do Estado, primeira edição, a convite do então coordenador de jornalismo da emissora, Eduardo do Valle. “Na época eu tava barbudo, esse negócio todo. Porque na televisão você tem que se arrumar todo dia né. E ele disse: ‘venha aqui na televisão agora’. Aí eu fui pra televisão, quando eu cheguei lá ele disse: ‘Pode tirar a barba, vá se arrumar que você vai fazer o jornal do meio-dia, o Jornal do Estado’. Pronto, voltei e fiz durante cinco anos”. Aos cinquenta e seis anos, “Pingo de Leite” continua trabalhando na cobertura esportiva da TV Atalaia e na Aperipê FM e AM. Questionado sobre a possibilidade de uma paralisação similar no presente momento, Pingo pondera sobre o peso das redes sociais na transmissão dos jogos, dando peso ao episódio do Batistão, além dos riscos de perseguição, mas dispara sem dúvida: greve é greve. “Os tempos são outros né, os tempos são outros. Hoje em dia o torcedor teria mais acesso ao jogo, por causa do *Whats App*, por causa do *Facebook*, por causa das redes sociais. Naquela época nós não tínhamos este recurso, esta tecnologia. Agora, o impacto seria o mesmo: greve é greve. Tem os seus efeitos, tem os seus problemas. Alguém perde com a greve, alguns colegas foram demitidos, isso não resta dúvida. Aqueles que não foram demitidos porque tinham imunidade sofreram perseguições. Eu fiquei afastado da televisão por causa da greve, não me arrependo, mas tem suas consequências”.

Ribeiro Neto não sofreu retaliações por estar afastado da crônica esportiva, fora campeão estadual pelo Club Sportivo Sergipe em 1991, tendo comandado a equipe nos anos de 1992, 1994

e 1995, e não chegando ao final do campeonato em nenhuma destas oportunidades. Assumiu o comando do Náutico na década de 1990, sua última passagem pelo campeonato sergipano foi no América de Propriá, em 2007, onde fora campeão estadual. Aos sessenta e seis anos de idade, Ribeiro Neto é comentarista esportivo da Aperipê FM e ainda pretende concluir o curso de Jornalismo na Universidade Tiradentes. Ribeiro argumenta no sentido contrário à avaliação de Raimundo Macedo sobre os possíveis impactos de uma paralisação no tempo presente, vide o peso da cobertura midiática nos eventos esportivos, sobretudo com a ampliação da cobertura televisiva. “Eu acho que ia ter mais. Porque hoje a imprensa ela é mais, ainda é mais forte do que era em 91, no sentido de contexto, de assimilação, de audiência. A população que aumentou, e todo mundo continua muito ligado a rádio e essas coisas, televisão, tanto é que a televisão, que naquela época não transmitia o campeonato, o máximo que fazia era um VT, hoje transmite. Ela hoje transmite ao vivo, todo sábado né, então há um investimento, há um crescimento”.

Mílton Alves era delegado da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) naquele tempo e relata que os processos de perseguição nas redações se davam de forma velada. Logo depois da paralisação, ele fora colocado para trabalhar, na redação do Jornal de Sergipe, em frente a uma janela que recebia todo o sol do dia, tornando o trabalho insalubre. Ameaçada de denúncia junto à DRT, a direção do jornal arranjava outro lugar para Mílton na redação, mas não haveria mais clima para se manter ali e Mílton abriu mão da imunidade sindical, negociando sua demissão. O Jornal de Sergipe funcionou até o mês de novembro de 1992. Mílton retornaria à presidência do Sindicato em 1995, quando combateria os profissionais clandestinos que se infiltravam nas equipes de imprensa do Pré-Caju. Aos sessenta e seis anos, Mílton é Diretor Industrial da Segrase desde 2007 e está longe das redações desde o ano de 2003, período em que ocupara postos da administração pública na Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura de Aracaju (cedido pelo Governo do Estado – então funcionário da Emsetur). Perguntado sobre a possibilidade de uma nova paralisação nos dias de hoje, ele afirmou não enxergar qualquer

perspectiva. “É difícil. Não há mobilização, não há mobilização... Eu posso até tá sendo traído por uma avaliação, não vejo tesão para uma paralisação. Hoje você com *Facebook*, com *Twitter*, com *Whats App*, você faz sua matéria de casa e manda pelo *Facebook*, pelo *E-mail*. Naquele tempo não tinha *E-mail*. Naquele tempo não tinha *Facebook*, não tinha *Twitter*... Hoje em dia é diferente, é outro mundo... Eu nem sei hoje como é que estão as relações entre as redações... E o medo é tão grande de demissão, tão grande, e agora com este projeto de terceirização... Aí arrebenta qualquer estrutura sindical...”.

Elton Ricarty tinha apenas vinte e seis anos quando fora demitido da Delmar FM 88.7 e da FM Aracaju 103, após aderir à paralisação no meio de uma transmissão ao vivo. Ele, que ainda nem tinha completado um ano em Aracaju, já havia conquistado certa estabilidade financeira com oito salários mínimos, não afirma ao certo se a causa da demissão se restringiu à participação na greve, já que havia tido problemas com a então direção das rádios. Relutante em não retornar a Salvador, Elton fez o que pode para se manter na capital sergipana. “Se não tiver nada pra fazer eu vou vender amendoim na feira (risos), vender amendoim na praia”, mas ele acabou declinando do ofício de vendedor de amendoim e acabou suspendendo sua estada em Aracaju por alguns anos, retornando à cidade um ano depois. “Foi difícil. Pra Sergipe foi uma greve histórica, e passávamos um momento muito delicado. Tinha muita dificuldade de vaga, não tínhamos a quantidade de rádios que temos hoje, e pra um jovem de apenas vinte e poucos anos é uma situação muito difícil... Eu já tinha alugado um apartamentozinho, estava vivendo já por conta própria. Eu tinha oito salários mínimos... Neste período eu ainda não tinha um ano de rádio, de Delmar, e foi deste jeito que a Delmar acabou me demitindo, a Delmar e a FM Aracaju, as rádios do grupo Cosil. Eu não sei se por conta da greve... E eu acabei tendo uns conflitos com a direção na época. E eu disse: ‘eu não volto mais pra Salvador’. Vou vender amendoim na praia, bater minha bolinha. Só que as coisas ficaram difíceis. Eu fiquei sem espaço... E não fui só eu não. Vários colegas tinham sido demitidos de suas respectivas rádios, e eu me lembro que, por consequência de já ter criado uma estrutura

acabei não querendo voltar. Amarguei este período de demissão, e o dinheiro acabando, coisa e tal. Minha mãe preocupada. Eu disse: ‘sabe de uma? O rádio não se faz só da locução não, tem outros artifícios que você pode sobreviver’. E botei uma pastinha debaixo do braço e comecei a vender comercial. Só que, mãe né: uma cobrança... e eu acabei voltando pra Salvador”.

Aos cinquenta e dois anos, Elton é diretor do Sindicato dos Trabalhadores de Empresas de Rádio e Televisão de Sergipe (Sterts) e secretário de Comunicação do município da Barra dos Coqueiros. Em sua avaliação, aquela paralisação foi fundamental para a categoria. “Hoje o que nós somos, partimos daquele princípio da greve. A greve demonstrou para os patrões que somos uma categoria unida, e que merecemos respeito”. Perguntado sobre a possibilidade de uma mobilização daquele tamanho na presente data, Elton afirma que “é muito relativo. Vivemos um momento muito difícil na atual conjuntura do nosso país. As questões sociais, econômicas, deixam os colegas temerosos. Nós participamos de algumas assembleias e vivemos um número muito reduzido, mas o homem é o momento. Dependendo da necessidade, talvez consigamos sim fazer uma greve semelhante àquela”.

Núbem Bonfim tinha trinta e um anos e naquele momento estava afastado da TV Sergipe por motivos alheios à paralisação. Convidado para voltar à reportagem na eminência da paralisação, Núbem recusa a oferta e afirma que não sofreu qualquer retaliação nem na TV Sergipe e nem na Gazeta de Sergipe. “Eu fui afastado da TV Sergipe e muita gente confundiu, queria inclusive o assunto pra assembleia sobre este tipo de perseguição. Porque eu passei cinco meses sem trabalhar, somente frequentando a redação, que depois nem na redação ficava. Eu ficava no estúdio lendo... Mas foi outro tipo de razão, foi razão de ordem pessoal anterior à greve. E como este assunto tinha ligação com a esposa do dono, com Leonor, justamente conversa de colega lá dentro mesmo, que eu não quero declarar o nome porque a pessoa hoje é minha amiga, foi dito que eu trabalhava contra o grupo... Eu não seria burro de fazer algum tipo de trabalho contrário. Eu era jornalista, fazia o meu papel”.

Núbem ressalta que foi necessária uma intervenção direta na TV Sergipe em defesa dos radialistas. “Para um jornalista né, que trabalha em rádio, em jornal, ele poderia sair dali, procurar um emprego e trabalhar em outro lugar. É um cinegrafista, que as duas televisões era da família Franco? Né? E eu me recordo que teve consequências, demitiram depois da greve, e a gente lá da TV Sergipe foi até o sindicato e eles (a TV Sergipe) foram obrigados a manter o emprego do pessoal por mais um ano de todo mundo que participou da greve, pra não ter retaliação. Porque estas pessoas iriam ficar desprotegidas”.

Ele continuou na TV Sergipe até meados de 1997, quando passou no concurso da Telebrás, passando ainda por outros veículos e pela assessoria de comunicação do Sindicato dos Petroleiros de Sergipe e Alagoas (Sindipetro AL/SE).

Niúra Belfort tinha trinta e dois anos naquele mês de novembro de 1991. Repórter de TV e de impresso, ela relata que sofreu retaliações veladas em seu ambiente de trabalho, que fizera com que ela abrisse mão de sua imunidade sindical e negociasse uma demissão. Contudo, Niúra não autorizou a publicação das nuances que envolvem esta história, a fim de não ressuscitar imbróglios que permanecem adormecidos por duas décadas e meia. Por estes anos ela trabalhou como pauteira do Jornal da Manhã e Correio de Sergipe por várias oportunidades, completando sua carreira nas redações no semanário Cinform, em 2011. Atualmente é assessora da Central de Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB). Ela cita o enxugamento das redações, a precarização do trabalho em torno das contratações por CNPJ e o peso do mercado de assessorias de comunicação neste intervalo de 26 anos. Questionada sobre uma nova possibilidade de paralisação no tempo presente, responde taxativa. “Não. Primeiro porque o jornalista hoje não depende mais da redação. O mercado de trabalho se amplificou demais. Antigamente a gente vivia basicamente da redação... Eu por exemplo, eu trabalhava só na redação, mas tinha gente que tinha cargo nas Secom’s, mas o trabalho era muito, muito, muito centralizado nas redações, de TV, de jornal de rádio,tudo. Havia uma demanda grande de trabalho nessas

áreas, hoje não há mais. O número de jornalistas trabalhando em redações diminuiu, não tem mais quase gráfico nenhum, existe muita gente trabalhando em blog, muita gente trabalhando em sites, muita gente nem vai na redação trabalhar, envia de casa. E ampliou muito o mercado de assessorias de imprensa, então antigamente eram poucas as empresas que contratavam jornalistas, hoje eu vejo o mercado de assessoria muito grande... Então você não consegue reunir estas pessoas pra defender uma causa comum. E tem a questão política mesmo, da formação do jornalista. Ele não se vê como trabalhador, ele se vê como profissional liberal. Não tem essa visão de que faz parte de uma classe”.

De acordo com a pesquisa *Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país*, organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ, publicada em 2012, 69,9% dos profissionais que participaram da enquete tinha entre 23 e 40 anos, composta por 64% de mulheres e 72% era branca. Os números apresentam ainda um índice alto de sindicalização, com 74% dos participantes, mas apenas um terço participa de ações e movimentos sociais. Sobre suas condições salariais, “dois terços tinham renda até cinco salários mínimos e quase metade dos jornalistas trabalhavam mais de oito horas por dia. 59,9 % recebiam até cinco salários mínimos”. O relato de Niúra em relação ao peso das assessorias ganha pouca repercussão nos dados apresentados pelo relatório, que demonstra um equilíbrio relativo entre o mercado de fora e dentro da mídia. Enquanto os trabalhos fora da mídia representam 40% da área de atuação na enquete, os veículos de comunicação ainda correspondem a 55% do mercado de trabalho pesquisado, com 5% dos participantes declarando trabalhar em docência. Importante ressaltar que a enquete, que aponta 2% de imprecisão, é uma pesquisa de âmbito nacional, podendo haver profundas distorções ao aplicar mecanicamente seus números para a realidade do Estado de Sergipe. O Estado não conta com grandes redações de jornais de circulação, como O Globo ou da Folha de São Paulo, os dados apresentados pela pesquisa devem ser analisados partindo desta premissa.

De acordo com dados apresentados pelo Sindicato dos Jornalistas de Sergipe (Sindijor) a evolução do piso da categoria seguiu uma curva elevatória que fica abaixo do avanço do salário mínimo, contabilizando o ano de 1995 até a presente data. Enquanto que o piso da categoria evoluía 793%, o salário mínimo alcançou 937% no período avançado⁴¹. “Foi Fernando Henrique quem desindexou o nosso piso ao mínimo, antes quando o salário mínimo reajustava o nosso ia junto.” Isso significa dizer que, caso a indexação ao mínimo ainda estivesse em vigor, calculando a base do piso dos jornalistas sergipanos em 1995, no valor de R\$ 210,00, o piso da categoria na atualidade deveria constar o valor de R\$ 1.967,00, ao invés de R\$ 1.667,60.

Rita Oliveira continuou trabalhando na Gazeta de Sergipe até o seu fechamento, em 2003, e nas assessorias de comunicação do Governo do Estado, e declarou não ter sofrido qualquer retaliação e perseguição no período após a greve. Colunista de política do Jornal do Dia e assessora da Secretaria de Estado do Planejamento (Seplag) Rita reconhece as dificuldades de se reviver aquele patamar de mobilização no tempo presente, mas não descarta a possibilidade. “Deveria ter, eu acho mais difícil hoje. As coisas mudaram, mas eu não acho que é impossível não. É o povo querer, se reunir, se mobilizar e fazer isso né. A maior dificuldade é de mobilizar a categoria. Eu não vejo, eu vejo assim... Tudo é possível sim, desde que assuma o sindicato com esse perfil de querer, de ser aguerrido. Eu me lembro que a gente ia, a gente mobilizou as redações, pregar cartazes de mobilização, entendeu? Quando a greve foi deliberada, a gente ia nos veículos de comunicação e pregava cartazes, nos quadros de aviso. Mesmo assim o povo chegava lá, e mesmo que tirasse depois a gente ia lá e mobilizava, entendeu? A gente foi no corpo-a-corpo, nas redações, no horário de pico”.

Aos cinquenta e três anos, Ivan Tavares continua trabalhando

41 SINDICATO DOS JORNALISTAS DO ESTADO DE SERGIPE. **Piso Salarial.** Disponível em <<http://sindijor-se.com.br/>> Acesso em 10/05/2017.

como técnico de som na Rádio Jornal AM, além de trabalhar como locutor há cinco anos, fazendo a cobertura do plantão esportivo na ausência de Wilson Tavares. “Graças a Deus o povo tem gostado muito”. De acordo com Ivan, não houve maiores problemas junto à direção da rádio e o clima de trabalho sempre fora muito tranquilo. Ameaçado de demissão na época, Ivan afirma que não teve problemas no retorno ao trabalho. Ele relata o quadro de terceirização que povoa o rádio sergipano e da dificuldade na mobilização, mas também não descarta a possibilidade de retorno às mobilizações. “Rapaz, hoje eu acho mais complicado. Complicado por que? Hoje o rádio, ele tá todo terceirizado, não é? Aí com isso uma greve é muito difícil de acontecer. Pode acontecer, mas eu acho muito difícil. A gente vai tentar até o último recurso que conseguir, se não conseguir aí é que vai. Mas eu espero que não precise de greve para que nós consigamos os nossos intentos em relação ao nosso salário né... Se a categoria decidir, claro, sem dúvida”.

Roberto Silva se aposentou da TV Atalaia no início de 2017, após 35 anos e 7 meses de serviço. Aos sessenta e quatro anos, ele trabalha na Rádio Jornal e no Ginásio Constâncio Vieira, mas não nos dias de domingo. “Domingo agora é com a família”. Ele segue a mesma preocupação levantada por Ivan Tavares, em relação à terceirização dentro do espaço das rádios, além do avanço do PL da Terceirização recém-aprovado no Congresso Nacional. “Emprego tá difícil. Agora a pessoa pensa duas, três, até mil meses antes de aderir”.

Ofélia Onias continua trabalhando na Secretaria de Estado da Comunicação (Secom), na assessoria do Sebrae e não pretende se aposentar tão cedo. Ela trabalhou no Jornal da Manhã por onze anos, até a mudança do nome para Correio de Sergipe, em 2001. Ela se afastou de todas as atividades sindicais ainda na década de 1990, restringindo sua atuação às redes sociais. “Militância só no face, meu face é um campo de batalha (risos)”. Delegada da Fenaj juntamente com Milton Alves na gestão 1990-1993, Ofélia não sofrera qualquer perseguição. Ofélia segue a mesma percepção de Niúra e Milton com relação a um possível retorno das mobili-

zações. “Hoje em dia? Que nada. Com essa desunião toda que a gente tá vendo, com esse individualismo todo... A gente é a rapa do tacho da geração dos anos sessenta, que quis fazer a revolução, da contracultura.... Hoje é a geração *yuppie*”.

Diógenes Di ficou no Jornal da Manhã até fevereiro de 1992, quando fora demitido, e permaneceu na equipe de jornalismo investigativo do Cinform até 2003. Membro da equipe de assessoria da senadora Maria do Carmo (DEM-SE) a quase uma década, Diógenes não acredita em outra paralisação daquele porte nos dias de hoje. “Vivemos num momento crucial, um momento de extinção de veículos. Veja o caso do Cinform hoje, que está apenas com a edição online. Nos veículos impressos é muito caro. E hoje uma pessoa só faz um jornal, um programa de rádio, uma TV. Uma pessoa só bota uma TV no ar, mantém um dia inteiro no ar. Um editor e um técnico mantém a TV no ar direitinho... Eu acredito mais hoje na greve dos gráficos de que dos jornalistas. E gráfico também tem muito pouco nos jornais”.

Fernando Cabral assumiu a presidência do Sindicato dos Radialistas em 1995, com o falecimento de Carlos Rodrigues. Ele seguiu na presidência da entidade até abril de 2017, e seguirá na direção da gestão que o sucederá. Secretário Adjunto de Comunicação na época, ele afirma que não houve ruído junto ao titular da pasta, o secretário Chiquinho Ferreira. Nota na Coluna Painel do Jornal de Sergipe, na edição de 30 de novembro, especula um desentendimento entre Fernando Cabral e Chiquinho Ferreira, segue na íntegra:

CABRAL

Difícilmente o assessor da Secom da PMA, o radialista Fernando Cabral, vai ter a liberdade que sempre teve junto ao secretário Francisco Ferreira. Isso por conta da greve dos jornalistas – Cabral se meteu de cabeça – cujo comportamento deixou Chiquinho bastante chateado. No mínimo, quando de seu retorno, Cabral terá um outro tratamento. (JORNAL DE SERGIPE, COLUNA PANIEL. 30 DE NOVEMBRO DE 1991)

Esta suposição de relações estremecidas foi reputada categoricamente por Chiquinho Ferreira. “A prova de que isso aqui nunca foi verdade foi que eu coordenei a campanha de Fernando Cabral para o sindicato. A relação nunca esteve estremecida e não existe nada que alterasse isso”. Chiquinho Ferreira passou por outras experiências no serviço público, assumindo a assessoria de comunicação da Secretaria de Estado Saúde e a Secretaria Adjunta de Estado da Comunicação nas gestões de Eloisa Galdino e Carlos Cauê, na administração de Marcelo Déda. Atualmente é assessor de comunicação do senador Eduardo Amorim (PSDB-SE).

Sobre a possibilidade de retomada das mobilizações das duas categorias, Fernando Cabral afirma que há um caminho grande na retomada da consciência e mobilização junto às bases. “A gente chegou a um patamar salarial até então inédito para os radialistas, patamar que não conseguimos manter no decorrer dos anos. A unidade das categorias é muito importante pra qualquer avanço nas mobilizações. Hoje, infelizmente, as negociações ocorrem em separado, nós achamos um erro, não faz sentido isso aí. A gente só vai voltar a ter força quando as duas categorias voltarem a se unir, aí sim a gente cresce”.

Após ouvir parte dos depoimentos em relação aos percalços e possibilidades para o tempo presente, foi possível detectar de forma empírica quatro elementos-chave para este entrave, em caráter de contribuição ao debate e desprovido de maior rigor conceitual. São eles:

1- O crescimento do mercado de assessoria e enxugamento das redações.

As redações constituíam não apenas o espaço de trabalho entre jornalistas e radialistas, mas constituía o espaço de convívio direto, de aprendizado comum. Com o advento do crescimento do mercado de assessorias e a não regulamentação de boa parte deste mercado – os jornalistas não são contratados como assessores de fato – parte do sentimento de pertencimento a uma categoria se esvai. O advento do “trabalho remoto” com o avanço da internet

sobre o trabalho jornalístico. Também é fundamental para este movimento de fragilização, por mais avanços que este tenha trazido para o trabalho jornalístico.

2- Terceirizações e contratações de CNPJ

Este aspecto atravessa o campo dos mercados de trabalho como um todo, não sendo uma especificidade dos veículos de comunicação. Ao fragilizar as relações de pleno-emprego, a contratação por CNPJ vira as costas para direitos fundamentais dos funcionários, como estabilidade e fundo de garantia, que se encontram cada vez mais dependentes de uma relação precária. A própria existência da Cooperase, cooperativa de radialistas que arrendam espaço nas estações de AM para a cobertura do esporte sergipano, já apresentava naquele momento um movimento de desmantelamento dos departamentos esportivos fixos.

3- Enfraquecimento do futebol sergipano

A paralisação da transmissão da final do campeonato sergipano fora um capítulo fundamental para o sucesso daquela paralisação. Com o crescimento dos campeonatos nacionais em detrimento dos torneios estaduais, o peso dos clássicos locais fora bastante arrefecido. O surgimento da Cooperase, apontado no tópico acima, também é um indicador deste quadro. Mesmo com a crescente midiaticização do futebol, levantada por Ribeiro Neto, as condições relativas à audiência e bilheteria dos torneios estaduais, sobretudo nos estados do Nordeste, é um fator de enfraquecimento.

4- Ausência de Unidade entre as categorias

Todos os depoimentos coletados foram uníssonos em relação à importância da unidade entre as categorias para o sucesso da paralisação. De perfis socioculturais distintos e providos de uma série de diferenças de formação e concepção, a união das duas categorias depende centralmente da vontade política das direções sindicais em questão.

CÉLULA MATER

Aracaju, 13 de março de 2017. Atravesso os canteiros centrais da Avenida Augusto Maynard às dez horas e quinze minutos em direção à Agência do Banese, nº 321. Subo as escadas direto para o segundo andar, passo o auditório e me deparo com a porta da divisória que avisa a quem quiser olhar: Comissão Estadual da Verdade Paulo Barbosa de Araújo. Me distraio com as cópias de matérias e reportagens penduradas no quadro de avisos, as ações, audiências públicas e artigos analíticos sobre a comissão que se propõe a apurar as violações em curso na ditadura civil-militar entre 1964 e 1985, além das atrocidades orquestradas no período do Estado Novo.

Célula Mater, célula mãe, princípio de tudo, base fundamental. Ao ouvir que “a ASI é a *Célula Mater* da imprensa sergipana”, decidi correr atrás do sujeito que pariu a frase e exigir-lhe explicações, sílaba por sílaba, como se maternidade precisasse de recibo ou atestado. Elito finalmente chega de sua viagem ao interior de Sergipe e parte para as dependências internas da repartição. Demoro cerca de dez a quinze minutos pra associar o nome à pessoa por um combinado de desleixo e timidez, mas finalmente me apresento e tomo acento na mesa redonda e frágil que ocupa o centro da sala dos fundos. Sentado com as mãos repousadas e coluna reta, os dedos batucadores na mesa bamba causando estrondos no gravador que testemunha a conversa, camisa de algodão azul marinho dobrada nas mangas e cabelo milimetricamente penteado, o ex-presidente da Associação Sergipana de Imprensa (ASI) está pronto para falar.

José Elito de Vasconcelos tem cinquenta e cinco anos de idade, cinquenta deles vividos em Aracaju, veio ao mundo pelas bandas de Lagarto, coração do Centro-Sul sergipano. Jornalista, advogado, professor e fazedor de poesia, tendo publicado, em 1994, o livro “Marcas de um ser”, de inspiração romântica, pela Editora Scortecci. Vigésimo quarto presidente da Associação Sergipana de Imprensa, entre os anos de 1988 e 1993. Atualmente é assessor

especial da Comissão Estadual da Verdade, morada de nossa entrevista. Sua carreira como jornalista teve início na Folha da Praia, periódico alternativo de Aracaju dirigido por Amaral Cavalcante, pelos idos da década de 80. “Depois passei a ter uma coluna lá, ele me registrou, na época poderia registrar provisionado. E na lei que fechou né, os provisionados foram todos provisionados... Hoje não, hoje está uma esculhambação, todo mundo pode ser jornalista, radialista, comentarista...Enfim, mas na época não”.

Ele passou pela reportagem da Gazeta de Sergipe, pela Rádio Aperipê e encerrou sua estada como jornalista de redação no Jornal da Cidade. Foi também assessor da Procuradoria Geral do Estado (PGE) e Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe (TJSE). Sua aproximação com a ASI se deu a convite do jornalista Benvido Sales, presidente da entidade no triênio 1984-1987, por seu envolvimento na área artística, quando chega a ser diretor cultural. Foi levado ao PMDB por José Carlos Teixeira e permanece filiado até hoje pelas bandas de lá. No final de década de 80 ele recebe um convite do jornalista Célio Nunes, que estava se despedindo da presidência do Sindicato dos Jornalistas, para disputar a associação. “Célio Nunes era presidente do sindicato na época... O sindicato ficava no primeiro andar e havia um aluguel simbólico, só pra manter o contrato... Daí formamos uma chapa, eu e Célio, para mudar a diretoria como um todo. Porque lá era praticamente uma eleição indireta né. A maioria era idoso, era difícil ter jovem lá”.

Rua Itabaianinha, nº 261, Centro. Marco zero da organização dos trabalhadores e trabalhadoras da imprensa sergipana. A Associação Sergipana de Imprensa (ASI) foi criada no dia 31 de agosto de 1933, em Aracaju, exatamente às nove horas e trinta minutos daquele dia, pegando carona na visita do presidente Getúlio Vargas ao estado. O evento reuniu jornalistas da capital e do interior para saudar “a visita da fina flor do Jornalismo do Sul”, representada pelos profissionais de imprensa que compunham a Luzide Embaixada, comitiva do governo provisório da revolução de 1930 chefiado por Getúlio Vargas. A atividade apresentava todas as condições para a criação de uma entidade de defesa dos jornalistas sergipanos.

A imprensa em nosso Estado era intensa e vibrante... Só na capital existem cinco jornais diários e mais nove no interior, editados nas cidades de Estância, Maruim, Laranjeiras e Simão Dias, três semanários dedicados à literatura, dois jornais humorísticos, além da presença marcante dos jornais sindicais, influenciados pelo florescimento do movimento sindical, estimulado pelas novas leis trabalhistas, a partir da revolução de trinta. (ASSOCIAÇÃO SERGI-PANA DE IMPRENSA, 1994, p. 21)

A entidade fora idealizada pelos jornalistas Antônio Ferraz e José Maria e fora gestada no salão nobre do Club Recreio. De acordo com depoimento do jornalista e radialista José Eugênio de Jesus, fundador do Sindicato dos Jornalistas, do Sindicato dos Radialistas e presidente de honra da ASI até a data de seu falecimento em três de fevereiro de 2017, em entrevista ao Portal Infonet concedida em agosto de 2013⁴², a questão salarial estava no centro da criação da ASI. “Criou-se então uma entidade para encaminhar as reivindicações no intuito de alcançar os diversos objetivos da categoria, dentre eles, a fixação de um salário, que era o principal”.

A entidade já nasce filiada à Associação Brasileira de Imprensa (ABI), representada na solenidade pelo jornalista Américo Facó. A ata de fundação conta com a assinatura de uma série de repórteres e editores de veículos nacionais como a Folha da Manhã e o Correio de São Paulo (SP) Jornal do Brasil, O Globo e A Pátria (RJ), O Estado de Alagoas (AL), Diário da Bahia e Estado da Bahia (BA), Associação Baiana de Imprensa, Correio do Povo (RS), dentre outras representações de outros estados. Dos veículos sergipanos estiveram presentes delegações dos periódicos: Sergipe Jornal, A República, Aracaju Jornal, Jornal da Semana, A Razão (Estância), Estado de Sergipe, Cadastro de Sergipe e Revista Mercúrio. Seu primeiro presidente é o Desembargador Edson de Oliveira Ribeiro.

42 Disponível em <<http://www.infonet.com.br/noticias/cultura//ler.asp?id=146420>> Acesso em 17/04/2017

A pedra fundamental do prédio da associação foi apresentada no dia 31 de agosto 1950, aniversário de 17 anos da entidade, através de uma doação do Governo do Estado. Após uma série de movimentações junto a órgãos e entes públicos municipais, estaduais e federais para captação de recursos, inclusive junto ao presidente Juscelino Kubitschek no final dos anos 50 para que este regularizasse as subvenções destinadas à entidade, o prédio levou quase três décadas para ficar pronto. No dia 24 de fevereiro de 1978 foi inaugurada a “Casa do Jornalista”, como foi chamada a sede da entidade. O prédio recebeu o nome oficial de seu idealizador e um dos principais articuladores, o ex-presidente Eliézer Leopoldino de Santana. O Sindijor funcionou nas dependências da ASI até o mês de maio de 2014, quando inaugurou sua própria sede, localizada na Rua Maruim, nº 767. A associação foi a única entidade de defesa dos trabalhadores da imprensa por cerca de vinte anos em Sergipe, até a fundação da Associação dos Jornalistas Profissionais de Sergipe nos idos dos anos cinquenta – núcleo impulsionador do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Aracaju (Sindijor), fundado em três de janeiro de 1976 – e a criação da Associação dos Radialistas Profissionais de Sergipe, núcleo fundador do Sindicato dos Trabalhadores de Empresas em Rádio e TV (Sterts), em 12 de maio de 1979.

Ao assumir a presidência e vice-presidência da ASI no ano de 1987, Célio e Elito provocaram um choque geracional e político na entidade. “Antes de eu e Célio assumirmos havia uma separação muito grande. O que separava era a ideologia. Porque a maioria dos componentes da ASI era de idosos... Era coronel da polícia reformado... As pessoas mais retrógradas que tinha. E a ideia deles é que, quando o sindicato foi formado, enfraqueceu a associação. E como no sindicato quem ganhava as eleições eram pessoas ideologicamente progressistas então eles detestavam. Diziam que lá só tinha comunista (risos)”.

Célio se afasta do comando da ASI e Elito assume o posto, segue a frente da entidade e se reelege novamente em chapa única. De perfil conciliador, Elito consegue convencer os antigos filiados a retornarem à associação e até compor a nova direção. Naquele

momento a ASI conseguiu reformar o prédio através de uma parceria com o Governo do Estado, reformou o estatuto da entidade e restringiu a reeleição a dois mandatos consecutivos. Foi criada a biblioteca e pinacoteca, além da edição comemorativa ASI 60 anos, organizada em convênio com a Universidade Tiradentes (Unit), Fundação Cultural Cidade de Aracaju (Funcaju) e Banco do Nordeste (BNB), publicada em 1994.

A associação também cumpria, junto aos sindicatos, um papel de defesa da integridade física profissional dos trabalhadores da comunicação, na denúncia de agressões e violações físicas e simbólicas que ocorriam na época. “A questão da polícia quando batia em jornalista, quando jornalista era atacado por alguém na, na... Quando ia fazer entrevista. Tudo a gente tomava a frente, publicava nota, ia na Secretaria de Segurança pedir providência, dava entrevista... Então a gente cumpria um papel de desgaste, mas as pessoas respeitavam... Quando batia, eles se curvavam mesmo, eles respeitavam a Associação Sergipana na época. E a gente se dava ao respeito”. E em relação às providências tomadas em época, ele não poupa as instituições da Segurança Pública no Estado. “Ah, a mesma coisa de hoje. Dizia que ia abrir inquérito, que ia pra Corregedoria. Corregedoria e merda é a mesma coisa, só faz feder. Não funciona. Eu fui ouvidor estadual de Direitos Humanos e sempre defendi a extinção de Corregedoria. Ali é só pra comerem dinheiro, porque quem tá no cargo ganha 20% a mais, e não dá em nada, absolutamente nada... Abria inquérito, mas não dava em nada. A gente até acompanhava, mas não dava em nada, mas pelo menos a gente fazia um fuzuê, o cara ficava né...”.

Chega o ano de 1991 e as mobilizações da campanha salarial estavam a todo vapor. Todas as assembleias unificadas de jornalistas e radialistas do ano de 1991 foram convocadas para o segundo andar da Rua Itabaianinha, nº 261, Centro. “Sindicato e partido político, seja quem fosse, nunca foi cobrada nenhuma despesa, até pra incentivar”. A única exigência da associação era a limpeza do espaço após o uso.

Além de ceder o auditório para as assembleias unificadas, a ASI

proveu apoio político, logístico e financeiro à paralisação. Os sindicatos sequer dispunham de sede própria naquele momento. O Sterts se reunia na Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe, localizado nas dependências do Complexo Esportivo Lourival Batista, o Sindijor funcionava nas dependências da ASI sob a cotização de um valor simbólico. O apoio financeiro era fundamental para o sucesso de qualquer atividade paredista. “Parte de negociação a gente não se metia, isso era prerrogativa do sindicato. A parte política, de estratégia, aí sim a gente se meteu. Fazia muita coisa na porta de jornal, muito piquete. Ficava na porta da associação dos patrões. E a questão era o custo, o custo da greve é muito alto”.

A ASI não apenas arcava com boa parte da alimentação e da maioria das despesas, juntamente com os sindicatos parceiros, “era tudo recibo e nota fiscal”, mas era parte na comissão que organizava as ações de piquete para o dia seguinte, juntamente com as direções dos dois sindicatos. Ele não participou dos piquetes e da interrupção da transmissão do clássico estadual no Batistão, seu papel era de retaguarda. As reuniões que sucediam as assembleias seguiam conspirando madrugada adentro. “Se fosse levar pra assembleia vazava. Havia a reunião ampla e havia a reunião dos terroristas (risos)”.

Elito reforça o papel dos técnicos na paralisação dos veículos de radiodifusão. “A parte primordial era a parte dos técnicos. Eles que sabiam tudo, eles que conheciam tudo”. Havia um setor do movimento paredista que não estava diretamente ligado ao comando de greve e às comissões de convencimento, que organizava ações diretas de obstrução dos trabalhos para além dos piquetes. Antenas eram capturadas, cabos cortados, os pneus dos carros eram esvaziados ou furados nas emissoras, e passavam colas nos cadeados das redações. “Eles botaram polícia em todas as portas de jornais, mas não houve agressão. Eles respeitavam muito o pessoal da greve. E era um momento difícil em Sergipe”.

Pouco tempo após a paralisação dos jornalistas e radialistas a ASI coordenou, juntamente com a Ordem dos Advogados do Bra-

sil (OAB-SE), presidida na época pelo advogado Jorge Aurélio, os protestos em favor do impeachment do presidente Fernando Collor em Sergipe no ano de 1992. Elito era conselheiro da OAB na época, o que facilitou a coordenação das atividades no Estado. “A denúncia foi formalizada por Barbosa Lima Sobrinho (presidente da Associação Brasileira de Imprensa na época) foi ele quem entregou a denúncia no Congresso nacional e no Supremo. A formalização foi feita pela ABI... A ABI orientou todas as associações a liderar os protestos nos estados. As reuniões eram na OAB, junto com as entidades sindicais, estudantis e centrais sindicais, e os custos foram rateados entre a OAB e a ASI... Foi uma decisão de reunião nossa, de coordenação, de que nós não admitiríamos ajuda de ninguém para não haver comprometimento, vinculação”. Elito chegou a compor a direção do Sindicato dos Jornalistas como secretário adjunto na gestão presidida por Núbem Bonfim, que sucedeu a gestão de Luzinete Silva (1990-1993) mas o foco de suas atividades estava centrado na associação. Ele deixa a ASI em 1993.

A melhor lembrança que carrega dos tempos da greve unificada está nas primeiras ações que englobaram a paralisação do Batistão e o piquete na porta das emissoras. “No dia que parou tudo, a transmissão. O pessoal ficou louco. E a questão dos piquetes da manhã, organizando gente às quatro horas na porta das empresas... Eles (os patrões) ficaram loucos. Você sabe o que é ficar um dia perdendo os comerciais?... Acumulou, porque eles passaram a ter mais respeito. Até então eles faziam negociação com desdém, só pra cumprir a lei... A gente nem sonhava fazer nenhuma greve em nenhum dia (risos) imagine”.

Perguntado sobre a possibilidade de outra paralisação do mesmo tipo nos dias atuais, ele não mede termo e ofensa. “Greve nos dias de hoje... Que nada. Hoje? Que nada. Pela desmoralização da categoria. Não se respeita mais. Todo mundo, meu colega, em Sergipe é radialista, jornalista, colunista social... Todo mundo, pessoas que na minha época, quando houve provisionamento, eu nunca vi, se dizendo jornalista e radialista... Como fazer greve? Não tem reserva de mercado, hoje todo mundo é jornalista”.

A conversa chega ao fim após uma hora, oito minutos e algumas dezenas de socos e batucadas na mesa redonda para azar do gravador, o pobre do áudio levou a pior. Me despeço de Elito com o pensamento firme no almoço, fico de dar retorno sobre o livro comemorativo da associação e de demais contatos que poderiam contribuir para a história daquele tempo. “A ASI é a *Célula Mater* da imprensa sergipana” e maternidade, diferente do que reza o senso comum, também carece de registro, papel e carimbo.

OS GREVISTAS DE ONTEM E OS DIRETORES DE HOJE

Eduardo do Valle e Eugênio Nascimento são espécimes distintos em geração e estilo. O primeiro é sucinto, pragmático, sóbrio no gesto, organiza o raciocínio na cadência de um roteiro de TV recortado em abertura, passagem, sonora e OFF. O segundo é expansivo no trato, não poupa a infinidade das estórias que conhece e se deixa perder por elas no labirinto escorregadio da memória, dispara sílabas feito gatilho de um AK 47 russo. Eugênio e Eduardo estabeleceram relações distintas com o movimento paredista unificado.

Enquanto um rendeu participação pontual em seu local de trabalho, o outro se instalou no centro do furacão devido à participação na direção sindical. Eugênio e Eduardo são diretores de jornalismo de seus respectivos veículos: Jornal da Cidade e TV Atalaia. Quais são os limites que circundam as prerrogativas do jornalista e a função das direções de jornalismo? Como organizar seus dilemas? Segue abaixo um perfil de dois sujeitos da paralisação entrecortados pelas pejeas do passado e as encruzilhadas do presente. Dois organizadores de palavra, gesto e narração.

Eduardo piqueteiro, Eduardo diretor.

Aracaju, 6 de março de 2017. Subo, aperreado, a colina do Bairro Santo Antônio às quinze horas e cinquenta minutos, o encontro marcado para as dezesseis, e sigo derrapando, destrambelhado por natureza, na curva que desemboca na Rua Claudio Batista, nº 122. O endereço do Grupo Atalaia de Comunicação pulsa na aorta furiosa do Santo Antônio, ponto de partida da capital sergipana em direção à perdição de mangue e areais que se espalham entres os rios do Sal, Poxim e Sergipe. Aracaju, plana que só ela, é carente de ladeira desde o princípio, daí todo ponto alto serve de mirante e refúgio para as antenas que a modernidade carrega no bornal. Assim o Santo Antônio se transformou na *Sierra Maestra* da radiodifusão sergipana desde os idos da década de setenta, excetuando os charutos e os cubanos indignados do Movimento 26

de Julho. Hasta la Vitoria, só que não.

O encontro é com o Eduardo do Valle, diretor de jornalismo da TV Atalaia e repórter piqueteiro nos tempos da paralisação unificada. A secretária anuncia minha chegada, sou recebido às quatro horas e três minutos daquela segunda-feira. Eduardo é cortês e breve, me recebe com duas ou três frases embaladas em voz de prata e mãos entrecortadas, sua sala guarda alguma imponência apesar da simplicidade. Camisa branca de botão sem qualquer sinal de linha amassada, um cinto aboletado em calça jeans azul escura, barba feita e corte reto de cabelo. Formalidade pesada e medida em cumprimento e gesto, afinal estamos na televisão.

Cinquenta anos de idade e trinta e dois de jornalismo. O cara que sonhava em ser biólogo marinho na adolescência sentiu o peso de duas gerações de jornalistas sobre os ombros em outubro de 1984, um mês após a morte de seu pai, quando decidiu aceitar o convite para trabalhar como auxiliar de escritório na TV Atalaia, morada de seu primeiro e único emprego até hoje. Seu avô, Humberto Pinto do Valle, fora colaborador da Gazeta de Sergipe de Orlando Dantas. A ancestralidade pesou no lombo. Eduardo começa a trabalhar na TV que seu pai, Sergio Gutemberg, não só ajudara a criar nos anos 1970 onde fora seu primeiro diretor de jornalismo, na precisão soberba do pretérito perfeito. Conhecia cada canto da redação desde menino, aquele endereço nunca lhe foi estranho. “Eu sempre fui fascinado por isso aqui. Isso é uma cachaça. Tanto que quando os colegas trazem os filhos aqui eu digo: ‘Rapaz, não faça isso não. Isso vai pegar’ é uma magia.” Foi secretário de redação, redator de jornal da rádio AM, da FM, foi cinegrafista, repórter e editor de texto, coordenador de departamento, chefe de reportagem e diretor de jornalismo desde 2001, com pausa de um ano e três meses e retorno em 2016.

Eduardo era repórter de TV no ano de 1991, cumpria o turno da manhã de oito à uma hora da tarde para mais ou para menos, geralmente para mais. A saída recente da ditadura civil-militar ameaçava soprar ares mais frescos em direção ao jornalismo sergipano. “Havia a transição para um jornalismo mais comunitário,

com mais liberdade política, com uma preocupação maior com a qualidade do trabalho em que era levado para o cidadão. Já existia aí uma participação maior do cidadão” e tudo isso sem o advento da internet, o telespectador chegava junto na base do telefone, em boa parte no orelhão de ficha.

A inflação aluía o bolso e desidratava a feira do mês. O instrumento do “gatilho”, que reajustava o salário automaticamente a partir do momento em que o índice de inflação chegava a um determinado patamar, era uma ferramenta que sempre perdia a corrida contra as perdas salariais reais. “Você tinha uma ilusão salarial né, você tinha um salário que era reajustado todos os meses, mas que na realidade era corroído pela inflação. Você tinha uma situação... Jornalista nunca ganhou bem em lugar nenhum do mundo, com raríssimas exceções. Mas aqui em Sergipe a gente vivia uma situação crítica porque sempre foi o pior piso salarial do Nordeste. Então era uma realidade que a gente convivia sempre”.

Chega o mês de novembro e Eduardo é convencido a aderir à greve num piquete organizado em frente à TV Atalaia, logo nos primeiros dias de paralisação. Ele não ia às assembleias da categoria e não mantinha maiores contatos com a turma dos sindicatos, mas as pífias condições salariais daqueles anos lhe persuadiram a cruzar os braços. E assim foi. Escalado para subir o “Morro da TV” e encalacrar os portões da TV Sergipe no dia seguinte, Eduardo guarda lembranças divertidas daquela experiência.

“Eu me lembro que na época o superintendente da emissora veio conversar com a gente e tudo, dizer que a emissora estava aberta à negociação... Mas eu acho que, se não me engano, eu acho que a TV Sergipe deve ter sido a emissora mais prejudicada. Também era a principal emissora do estado, os carros que eles tentaram colocar na rua tiveram os pneus furados... Mas houve muito respeito aos colegas, não houve agressão, não houve nada disso...”.

Curiosamente a TV Atalaia, que tinha Roberto Batista a frente da direção de jornalismo naquele tempo, não chegou a paralisar completamente suas atividades nos piquetes. Diferente da TV

Sergipe, nenhum telejornal deixou de ir ao ar naquele tempo. Também foi da TV Atalaia a equipe que adentrou ao Batistão para tentar gravar o VT de Sergipe X Confiança no primeiro domingo da greve unificada. Eduardo remete o fato à maior proximidade entre a diretoria e o corpo de funcionários da emissora, que era menor em comparação a outras TV's do Estado, e da quantidade de matérias "engavetadas" que foram usadas para fechar os telejornais. Ao relatar o caso ele deixa a pista que confunde a chefia do presente com o piqueteiro do passado, e corrigiu de bate-pronto que "eles conseguiram" ao invés de "a gente conseguiu" colocar o noticiário no ar. "Aqui não chegou a parar o jornalismo. Tiveram equipes que não saíram, mas a gente conseguiu, eles conseguiram na época, colocar o noticiário no ar. E como havia uma reserva de notícias, e como a paralisação mais dura foi de apenas um dia, o noticiário conseguiu ir pro ar e tudo sem maiores consequências".

Além do reajuste salarial, a paralisação conseguiu o abono de um salário mínimo nas negociações daquele tempo. Para Eduardo a greve fora um divisor de águas na categoria, já que nunca havia experimentado uma paralisação nas emissoras e redações em uma ação unificada. Mesmo com o peso do movimento sindical em geral no Estado, da presença das centrais sindicais e de entidades, jornalistas e radialistas ainda estavam "engatinhando" na luta por seus direitos. Indagado sobre retaliações posteriores, ele nega que tenha havido qualquer perseguição nas dependências do Grupo Atalaia, assédio ou demissão aberta.

Mas como a direção da empresa havia recebido a notícia de que o Eduardo, que conhecia a TV desde criança e cujo pai fora um dos fundadores, como a chefia enxergou a participação de Eduardo no piquete? "Eu acho que tiraram foi onda, entendeu? (risos) Não só comigo, mas com os colegas que estavam mais próximos. 'Pô, como é que vocês vão fazer piquete? Esse negócio todo?', 'E de lá, foram pra onde? Foi todo mundo pro bar?' (risos) pronto. E... E.... Foi um dia né, foi um dia, ninguém morreu por isso".

Vinte e seis anos repartem o jovem repórter que engrossou o piquete na porta da TV Sergipe, do diretor de jornalismo da afi-

liada à Rede Record em Sergipe, responsável por uma equipe de 42 funcionários e atribuições a perder de vista. Seu cargo não acumula propriedade ou posse, o dono da emissora ainda é o empresário Walter Franco. Eduardo não deixou de ser jornalista e sindicalizado, “sempre fiz questão de ser”, ressalta com força. Em uma hora e quatorze minutos de conversa o telefone toca cinco vezes, além de uma interrupção simpática do jornalista e apresentador do “Jornal do Estado” Gilvan Fontes, que trouxe algumas uvas em copos de plástico.

Além da filiação ao Sindicato dos Jornalistas e o emprego na emissora, o que mais haveria em comum entre o diretor e o “piqueteiro”? Seus papéis se combatem ou se complementam? O que um aprendeu com o outro? Ao responder a última pergunta ele se apresenta na primeira pessoa do plural mais uma vez, desta vez sem correções, o que dá a entender a voz institucional da empresa. O CNPJ prevalece sobre o CPF.

“Eu acho que ajudou a gente a enxergar que do outro lado tem um ser humano, que tem suas necessidades, e que precisa que suas necessidades, elas precisam ser acalentadas de alguma forma, entendeu? E infelizmente a gente, pela atual conjuntura do país, a gente não pode fazer muito, mas o que é possível fazer é feito na TV Atalaia... Na minha cabeça isso funciona muito bem. Eu entendo que o gestor tem que fazer muito pela empresa, mas eu entendo que o gestor tem que fazer muito pela ferramenta principal que é o funcionário. E a gente, por exemplo, a gente de jornalismo e televisão que precisa de profissionais extremamente preparados. Essa relação de apoio tem que ser conjunto. Essa relação é fundamentalmente conjunta, não pode ter um sujeito insatisfeito o tempo todo”.

Questionado sobre a possibilidade de outra paralisação naqueles moldes nos dias de hoje, Eduardo a descarta em primeira linha por três motivos pilares: A desunião das categorias, o peso da crise que assola os veículos de comunicação e o peso das assessorias na contratação de profissionais em Sergipe. “Se um parar e outro não parar, não adianta”.

Me despeço de Eduardo às dezessete horas e vinte e cinco minutos um tanto forçado pela pressa, entre outro compromisso agendado e três ou quatro funcionários que aguardavam o término da conversa para vê-lo em frente à porta de vidro translúcido da sala. O diretor que sonhava em ser biólogo marinho segue torcendo para que se encerre nele a herança e as gerações de jornalistas que acompanham a família. “Minha filha acabou de transferir o curso para Publicidade, espero que a sanha de jornalistas morra comigo”, solta entre dentes num combinado de deboche e preocupação. Isso é uma cachaça.

Eugênio grevista, Eugênio diretor.

Aracaju, 4 de abril de 2017. O sol castigava forte na primeira terça-feira do mês. O desencontro na mudança da sede do Jornal da Cidade, ocorrida há poucos meses, me deixou à uma hora de distância do horário marcado. Quarenta minutos entre Centro Histórico e o Distrito Industrial de Aracaju (D.I.A) temperados na agonia que vinha insistente na garupa do moto-taxi. Minha entrada é autorizada após quinze minutos na portaria da Cisa, tecelagem da família Franco e novo endereço do jornal. Tintura e notícia partilhadas em tecido e papel. Tempos de crise.

Abro a porta de vidro da chefia às dez horas e trinta e cinco minutos e encontro Eugênio despachando com Célia Silva, chefe de reportagem do JC. Outra porta dá acesso à redação, a sala pequena segue sob o olhar vigilante das imagens de Augusto e Antônio Carlos Franco, avô e pai dos proprietários do JC, penduradas no lado direito. Eugênio e Célia me recebem com simpatia, curiosidade e pouco caso com meus sessenta e tantos minutos de atraso. Ele segue atendendo telefonemas e encaminhando os pagamentos de início do mês, ela segue interessada no objeto da entrevista. Célia, formada no final do ano de 1991 pela Universidade Tiradentes, não fazia ideia da greve que estava prestes a ouvir da boca do diretor de jornalismo. Ela decide acompanhar a conversa, nós fazemos gosto.

Eugenio Bispo do Nascimento é um caboclo forte da cabeça

branca e fala acelerada. A voz grave dos cinquenta e nove anos foi contando e gargalhando, apressadamente, os primeiros causos que vinham à mente. Mais dois telefonemas e o informe retumbante: “A ordem é pagar a folha toda de pessoal hoje”, afirma com orgulho de cumprir o pagamento até o quinto dia útil do mês. Aquele era o segundo.

Sua aproximação com o jornalismo veio ainda no ensino secundarista, quando organizava o jornal do Grêmio do Colégio Costa e Silva. Seu pai, Zeca Nascimento, era ferroviário da Leste e próximo ao trabalhismo getulista do PTB, grevista de primeira hora nas “bocas de forno da Leste” que atingiam o país inteiro. Ele chegou a ser afastado do emprego por conta das atividades sindicais, mas nunca fora demitido. O quadro de Getúlio Vargas na sala de casa revelava a gratidão dos tempos de reajuste do Fundo de Garantia, os jornais da Rede de Ferroviários (Refer) garantiam o debate político na hora da janta. Célia se despede da conversa em pouco mais de vinte minutos e parte para as obrigações diárias, o jornal precisa andar.

Eugenio sai do exército no ano de 1976 e passa na seleção do Jornal Gazeta de Sergipe, na época dirigido por Ivan Valença, pouco depois de estourar a Operação Cajueiro em Sergipe. A operação consistia em uma ação das Forças Armadas que visava capturar e neutralizar lideranças ligadas ao PCB e focos dispersos de oposição clandestina à ditadura civil-militar, ainda em atividade na capital.

“Eu estava lá no exército. Eu, Adiberto (Souza), Gilvan Manoel... Mas a gente não participou de nada não, a gente estava servindo só ao exército. Eles mandaram a gente pra casa e ficou só o pessoal antigo, o pessoal do PELOPS, Pelotão Especial, o pessoal de Pernambuco e Bahia que vieram pra cá. Disseram que ia faltar água no quartel, abriram um monte de buraco no quartel, e quando recuperasse a rede de água mandavam buscar a gente de volta. Aí, no dia seguinte, estourou o boato de que estava lá com um monte de gente presa”. Seu irmão Afonso, que militava na ala jovem do MDB na época, por pouco não entrou na lista da Operação. Eugenio tinha simpatia pelo “partidão”, mas o perfil conciliador

da sigla sempre o manteve distante de uma relação mais orgânica.

Eugênio trabalhou por dez anos na Gazeta de Sergipe, passando por diversos veículos da imprensa na capital. Em 1991 ele era repórter de política do Jornal de Sergipe, de propriedade de Nazário Pimentel, editor do noticiário Bom Dia Sergipe, da TV Sergipe, juntamente com Nairson Socorro, e correspondente da Folha de São Paulo. Morava de aluguel na Rua Bahia, no Bairro Siqueira Campos, com a esposa e o primeiro filho de pouco menos de dois anos. A esposa trabalhava como professora na cidade de Boquim e chegava em casa depois das onze da noite. “Pagava aluguel de casa... Comprava aquele leite Nanon, sei lá, era esse leite de guri (o entrevistado se refere ao suplemento alimentar infantil Nan), tudo caro a porra todinha... Quando chegava no dia 15 eu tava quebrado..... Era uma vida de peão do caralho (risos)”.

Ele conta que poucos jornalistas sequer tinham carro na época, muitos cobriam suas pautas de ônibus. A ata da assembleia unificada dos jornalistas e radialistas ocorrida em dois de setembro de 1991 apresentou o cálculo de 171% de perda salarial da categoria no último ano. Eugenio fora um dos fundadores do PT e participou do congresso de formação da CUT no início da década de oitenta. Em 1991 ele compunha a direção do Sindicato dos Jornalistas juntamente com Luzinete Silva, José Araújo, Niúra Belfort, Ofélia Onias e Milton Alves, ocupando o cargo de primeiro tesoureiro.

No dia 13 de novembro, nove dias antes da decretação da greve, houve mais uma assembleia conjunta entre jornalistas e radialistas no auditório da Associação Sergipana de Imprensa (ASI), na Rua Itabaianinha, Centro. Naquele encontro o presidente em exercício do Sindijor, José Araújo, levantou concretamente a possibilidade de dissídio coletivo caso o patronato não transigisse nas negociações. Eugenio completava 34 anos naquela noite e sua esposa organizara uma festa surpresa no Cacique Chá, a duas quadras do auditório da ASI. A comemoração agregou os colegas depois da assembleia e o debate seguiu na mesa do bar. “Por mim esta greve começa já, eu paralisei a partir de agora”,

disparou em clima de esbórnia e comemoração junto aos amigos e colegas da categoria.

A decretação da greve ocorre no dia 22 e a TV Sergipe foi paralisada por dois dias, os noticiários da cabeça de rede de Pernambuco chegaram às residências de Sergipe. Foram organizados piquetes em todas as emissoras e veículos de comunicação no primeiro final de semana. Os locutores de FM aderiram fortemente à paralisação, os poucos que não aderiam ajudavam na divulgação direta. Os jornalistas que não aderiram à greve passavam mais cedo na redação, antes da chegada dos piquetes, e colocavam suas colunas e textos por baixo da porta.

Eugênio, juntamente com Adiberto Souza, Eduardo Andrade e Milton Alves, continuaram escrevendo para os respectivos jornais nacionais em que trabalhavam por correspondentes. A decisão foi aprovada em assembleia sob o argumento de contribuir com a divulgação da atividade na imprensa nacional. Eugênio na Folha, Adiberto no Jornal do Brasil, José Andrade no Estadão e Milton em O Globo. “A gente foi muito criticado naquela época pelos patrões por enviarmos os nossos textos pra imprensa nacional, mas a gente estava respaldado em assembleia e os jornais do sul davam a greve, os daqui não davam”.

Vinte e seis anos depois do feito, o diretor de jornalismo do Jornal da Cidade não consegue enxergar qualquer paralisação daquela natureza nos tempos de hoje. Há dezoito anos no jornal, dois a frente da direção de jornalismo, ele sente o impacto da redução de anúncios sobre os veículos impressos no Brasil e no Mundo. “A gente tinha três equipes de reportagem há alguns anos atrás, agora só temos uma. Os impressos demitiram muito e nós demitimos muito também porque a receita está lá em baixo. Com esse desemprego todo, se você paralisar tem mais quatro ou cinco pra assumir o seu lugar”.

A contradição entre o diretor de jornalismo, mesmo integrando a categoria, e o restante da equipe é algo que atravessa seu trabalho. Em meio à conversa ele tratou diretamente com o superinten-

dente do Jornal, Marcos Franco, que apareceu em sua sala para definir a escala de plantão para o feriado da semana santa. “Na época da greve nenhum diretor de jornalismo parou, nenhum deles. As questões da empresa começam a ganhar espaço na nossa cabeça e ela vai pensando mais próximo do chefe mesmo, a gente tem mais responsabilidade e recebe a mais pra isso”. Eugênio segue filiado ao sindicato porque acredita na instituição como polo de organização das lutas da categoria, mas entende que a relação da categoria com o sindicato mudou. “O sindicato mudou os padrões de atuação sindical, a categoria tornou-se mais burocrática, virou mais estudante universitário e com padrão de servidor público, sabe? Negócio de cinco horas e não sei o quê. Porque eu trabalhava na época, logo quando a gente trabalhava no Jornal de Sergipe, na tribuna de Aracaju, no Jornal da Manhã... A gente tinha uma vida muito folgada e aperreada ao mesmo tempo”.

Ao suscitar a ausência de “tesão” dos novos profissionais, pergunto sobre o papel das organizações sindicais frente a isso. Ele, de fato, não responde, mas complementa o desabafo em comparação a outros tempos. “Às vezes eu tava lá bebendo no bar cinco, seis da tarde, alguém dava uma informação e eu pegava minha moto, ia pro jornal correndo e mudava o jornal, cara. Porque a gente tinha aquele orgulho, aquela disputa de dar. Hoje não, hoje se fez, fez... As pessoas não conhecem bem Sergipe, não conhecem bem as pessoas que são boas fontes para informação. Às vezes o entrevistado dá a entender que sabe mais coisa que a pauta... Eu me queixo muito sobre isso aqui, eu me queixo muito com Célia sobre isso...”.

O relógio grita doze horas e quarenta e cinco minutos, o gravador ligado passa dos cento e dez minutos de registro, a fome apertada e os compromissos não podem ficar pelo engarrafamento da Heráclito Rollemberg. Eugênio me passa três ou quatro contatos, marca uma entrevista, pra mim, na mesma semana. Ao final da conversa senti que ele estava “avivado” das memórias e histórias, o olho vidrado, mesmo em meio à fadiga do meio dia. Me despeço, sigo para a portaria da Cisa e catar o ônibus mais próximo. Tintura e notícia partilhadas em tecido e papel. Tempos de crise.

LUZINETE QUER TUDO OUTRA VEZ

Aracaju, 3 de maio de 2017. A quarta-feira nublava o céu em peso no Bairro Cirurgia, nas bordas do trânsito que corria impiedoso entre a Pedro Calazans e a Desembargador Maynard. A moto para na porta da Clínica do Coração às oito horas e trinta e dois minutos, Rua Permínio de Souza, nº 160. Escorrego afoito em direção às dependências da clínica já sabendo que dois minutos de atraso não matam ninguém, mas vai saber. O celular, quase descarregando, declarou não possuir crédito pra efetuar qualquer chamada, teria que achar a sujeita que nunca vira na minha vida com base no olho e na foto do *Whats App*. O recinto, coalhado de gente e cansaço, seguia sua rotina de cadastro, recolhimento de material, espera de consultas e exames, entre painéis barulhentos de visualização e estantes de biscoito de água e sal com café frio, o “Mais Você”⁴³ passando na televisão com volume abafado. Subo as escadas para seguir a busca pelo segundo piso. Procurando, fui encontrado. “Henrique?”, viro de costas e dou de cara com Luzinete de pé em frente aos bancos de espera, os olhos acesos divididos em um par de óculos e um rabo de cavalo curto sortido de três ou quatro fios grisalhos. Ela encosta no guichê pra se informar sobre o número e ordem de chamada, é a décima segunda da fila, tempo de sobra pra registro e prosa. Atravessamos uma porta de vidro, passamos por um corredor ensolarado e finalmente encontramos um canto vazio sem maiores ruídos, climatizado e com banheiro próximo. A última entrevista do semestre está prestes a começar.

Luzinete Silva é nome sucinto. A um mês e cinco dias de completar 60 anos, ela finalmente arranjava tempo para uma prosa gravada após dois meses de insistência, tentativa e erro. Ela está fazendo uma bateria de exames para picar a mula em direção à maior selva de pedra da América Latina, para a eletricidade cantada por Belchior e o desamor narrado por Criolo. Não existe amor em SP? Há controvérsias. Após uma temporada de sete anos para

43 Programa matinal da Rede Globo apresentado por Ana Maria Braga.

cuidados de sua mãe, Inez dos Santos Silva, ela decidiu fazer as malas ao encontro da filha e do neto após o último suspiro de dona Inez, que descansou em fevereiro de 2017. Naquela quarta-feira ela aguardava um Raio-X das artérias carótidas e eu, filho de cardíacos que sou, conhecia aquele procedimento e ambiente de trás pra frente em três idiomas. Ela também está reformulando a prótese dos dentes da frente, dos motivos o maior que tanto a fizera declinar de nossa conversa, mas a urgência da viagem e os limites de prazo deste trabalho fizeram com que ela ponderasse. Cá estamos.

Sentados num desses bancos enfileirados de quatro encostos, Luzinete conta da infância na Rua Bahia e do tempo na Escola Normal. Despojada em blusa laranja sem mangas e uma calça jeans que oscilava entre o marrom claro e o azul marinho, Luzinete segue disparando sílabas que desenham sua trajetória. Dotada de uma articulação vocal de dar inveja a quem quiser ouvir, a voz empostada denuncia o ofício de radialista e locutora, ela segue falando pelos cotovelos e pontuando pelos braços. A mão sobe à boca a cada período, a cada final de frase, a fim de esconder a boca órfã dos dentes da frente que aguardavam a finalização da prótese. Sorriso é porta de entrada, ela não haveria de esquecer em qualquer instante da entrevista. Aos cinquenta segundos de conversa ela saca um leque para driblar a quentura que tabelava com a janela fechada sobre nossas cabeças, nas nove horas de calor e céu nublado daquela quarta. O ar condicionado não estava nos seus melhores dias.

Filha de comunista, Luzinete conta a história do relojoeiro e ourives Nelson Valentin da Silva. Almejando se voluntariar para as Forças Expedicionárias Brasileiras (FEB) na Segunda Guerra Mundial, Nelson chegara atrasado para o combate. Ao fazer o traslado de Própria, cidade onde morava, para Aracaju, Nelson fora informado que a grande guerra se encerrara a poucas horas, o relojoeiro retornaria a sua cidade sem o seu combate às tropas fascistas que se alastravam pelo continente europeu. Nelson era difusor do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e foi preso em 4 de abril de 1964, permanecera 45 dias incomunicável no 28º Ba-

talhão de Caçadores da Capital. “Ele foi preso porque era amigo daquele pessoal de Propriá que foi preso, era da turma dele: Cleto Maia, Geraldo Maia, que eram irmãos, eram compadres mesmo, ainda tem o Hélio Gomes, além de outros e outros. E meu pai foi preso... Minha mãe grávida... Minha mãe pariu no dia 31 de março, meu pai foi preso no dia 4 de abril. Rapaz, passou o aniversário do meu irmão, que nasceu na ditadura militar, tenho que ligar pra ele. Em 64, no início mesmo. E só quarenta e cinco dias depois, meu pai que era um cara que andava de punho erguido, que lutou tanto pelo bem comum né, igualdade, fraternidade, lembra lá do... *de libérté* né, fraternidade, igualdade, liberdade... Desta vez ele foi preso com os punhos abaixados assim. Eu era pequenininha...”. As lágrimas tomam conta do relato e fazemos uma pausa breve pra uma água misturada – meio gelada, meio fria – no bebedouro da clínica, os sentimentos afloram e transbordar é preciso. “Mamãe não aguentava a palavra comunismo, acho que ficou com trauma né, nestes 45 dias ela não teve acesso a ele um dia”. Libertado, Nelson fora trazido para Aracaju pelos amigos do comércio quando Luzinete tinha entre sete e oito anos. A família de Luzinete está reivindicando o pedido oficial de desculpas do Estado Brasileiro, além de ações junto à Comissão Estadual da Verdade.

O ensinamento de Nelson ficou. Vestida de normalista, ela encarou a fila quilométrica do concurso para a escolha de locutores da Rádio Jornal AM, ainda no último ano da Escola Normal. Já moça, não gostava de depender de seu ninguém. “Desde jovem que eu era muito atirada. Eu não sei se porque nas minhas veias tem sangue de... contra a injustiça, meu pai foi preso político... Isso ficou nas minhas veias e desde pequena eu não gostava de injustiça, eu não gostava de pedir dinheiro nem em casa pra comprar minhas coisas. E eu já fazia concurso. Me esquecia, passava, não aparecia. Eu só me lembrei que passei na Universidade porque me avisaram lá em casa... Então no último ano da Escola Normal eu já trabalhava na Rádio Jornal... Foi, surgiu um novo concurso pra Rádio Jornal e eu disse: ‘Eu vou fazer’. Era uma fila imensa de gente pra fazer este concurso, eu me lembro bem. Tinha a Nazaré Carvalho, que era uma referência, e aí eu cheguei

com a minha fardinha da Escola Normal e fiquei lá no fim da fila, uma fome da peste, mas eu sou persistente. Fiquei, fiquei. E passei. Era nessa época, em 79, não, era em 77”.

Passando no concurso da Rádio Jornal AM, Luzinete “gostou da onda”, “foi o único concurso que eu passei e gostei”. Nesse período ela passou no vestibular para Letras Vernáculas na Universidade Federal de Sergipe (UFS), transferindo o curso para Serviço Social no período de 1979.2 e retornando mais uma vez para Letras. Também cursou Jornalismo em 1981, nas primeiras turmas das Faculdades Integradas Tiradentes (FITS). Formada pela UFS, ela passou no concurso para professora da Rede Estadual em 1981, e trabalhou até se aposentar em 2010, na Escola Estadual José Alves do Nascimento, no Coqueiral, pelas bandas do Rio do Sal na fronteira com Nossa Senhora do Socorro. Também era componente do grupo Opinião de Espetáculo, organizado por Aglaé Fontes. Radialista, jornalista, professora e atriz, o dinheiro era o que menos interessava, ela gostava era de trabalhar mesmo. Pouco tempo depois ela foi chamada para a Rádio Cultura 670 AM, e depois a Rádio Difusora (Aperipê 630 AM), e depois a TV Atalaia e depois a TV Sergipe, onde trabalhou como editora do Jornal Hoje juntamente com Nestor Amazonas. Locutora, locutora comercial, produtora, editora e redatora, tudo na Carteira de Trabalho. Na Rádio Difusora ela entrou em contato com a redação, ali começava a carreira como jornalista juntamente com Álvaro Macedo. “É bom o jornalismo em Sergipe, você faz tudo, você aprende a fazer tudo”.

Chega a década de oitenta e, com ela, as primeiras mobilizações sindicais na luta contra a inflação, a carestia e a ditadura que seguia caquética, paquidérmica. Diversas categorias em estado de mobilização e paralisação, o processo de redemocratização dando seus primeiros frutos na cobertura jornalística dos casos que sucediam no Estado. Uma lembrança atordoada que junta jornalismo e sindicalismo no bolo batido da memória. “A década de oitenta foi de desafio, de muita adrenalina, muita adrenalina até o início da década de noventa, de muito sindicalismo... Sindicalismo que não era só unitário, unilateral, jornalista corporativo,

não era. Era aquele jornalismo bonito que a gente trabalhava, sindicatos juntos. A gente se dava ao luxo, nos anos oitenta, de fazer paralisação: jornalistas, junto com professores, junto com bancários, junto com gráficos, junto com relações públicas, junto com radialistas. Era lindo demais”.

A cada dia mais envolvida com as questões da categoria e compondo os processos de reivindicação no local de trabalho, um dia Luzinete é escolhida como representante dos funcionários da Fundação Aperipê na gestão de Raimundo Luis, mas era necessário formalizar e registrar oficialmente, “não poderia ser nada de boca. E desta forma foi fundada a Associação dos Servidores da Fundação Aperipê. Raimundo Luis até criou uma frase: ‘Criamos um monstro’. Mas ele nos apoiava, nos dava plena liberdade apesar de dizer, dizia rindo ‘Criamos um monstro’. Porque ele achava que nós estávamos corretos, e ele sempre proporcionou abertura pra negociar. É tanto que quando, quando Milton Alves que foi presidente antes de mim... A gente pode dizer que a Fundação Aperipê elegeu Milton pela nossa mobilização... Foi em peso. Nós fazíamos reunião lá dentro da Aperipê, nós fazíamos reunião das categorias lá, quando não era na ASI, mas a gente chegou a fazer na Aperipê, tá entendendo?”.

E a partir desta experiência à frente dos servidores da Fundação Aperipê, ela é convidada para assumir a presidência do Sindicato dos Jornalistas na chapa de Milton Alves, Ofélia Onias e Niúra Belfort. A primeira reação foi negativa: “Deus me livre! Não quero não”, sobretudo por discordar da forma como estava colocada a composição política partidária nos quadros do sindicato em uma chapa que envolvia militantes do PT (Milton Alves, Eugênio Nascimento, Ofélia Onias) e do PC do B (José Araújo, Niúra Belfort), “eu não quero misturar sindicato com política partidária, eu não quero”. Mas a conversa seguiu na base da insistência e do convencimento, quando deu a hora em que ela estabeleceu sua condição a Milton Alves para aceitar o convite: “Esse vai ser meu lema de campanha (não misturar sindicato com política partidária) esse vai ser o lema da campanha, se você topar eu topo. Ele topou, e nós vencemos por ampla maioria. E isso graças a

Deus foi respeitado”. Desta forma a Chapa 1 “Renovação” venceu o pleito do Sindicato dos jornalistas de Aracaju por 130 votos contra 78 votos da Chapa 2, no dia 27 de abril de 1990, bem no abre-alas da década. A primeira mulher a assumir a presidência da entidade sindical foi empossada em junho de 1990. Seu discurso de posse bate e denuncia uma série de violações em curso nas redações até a presente data, a sanha do patronato, o caráter perseguidor do governo federal, a relação da mídia com os políticos do local, a necessidade de unificar toda a categoria da comunicação em um único sindicato. O texto digitado em roteiro de rádio fora enviado poucas horas depois de nossa conversa, que segue abaixo na íntegra, as partes em *italico* foram corrigidas por caneta e corretivo, as partes em **negrito** foram sublinhadas:

“bem, estamos aqui.//
 fomos eleitos por 61% dos jornalistas mas estamos
 prontos para trabalhar para 100% da categoria.//
 estamos de mangas arregaçadas para tornar a
 nossa corrente cada vez mais forte, em busca de nossos
 direitos, hoje tão pisoteados a cada medida, a cada decreto.//
 torturas maiores não podemos suportar, assim como não
 podemos aceitar intimidações gratuitas ao pleno
 exercício da liberdade de imprensa.//

as ações do governo são verdadeiras investidas para
 o enfraquecimento do movimento sindical do Brasil,
 com afrontas, ameaças, demissões, demissões e arrocho salarial.//
 o trabalhador organizado está sob a mira do governo e a
 cada ação, vamos tendo nossos direitos cassados, nossos
 bens confiscados, nossa liberdade de expressão
 ameaçada, nossa cultura e nossa arte repelidas
 nos planos do governo.//
 isto é, nada mais nada menos, do que uma ditadura
 civil que começa a se instalar no país, feito
 uma guilhotina, ameaçadora e decisiva.//
 enquanto isso as torturas se aplicam, claras e dolorosas
 no bolso e na barriga do povo brasileiro mas, por certo,
 não vai fazer recuar a coragem e a determinação do

trabalhador da comunicação para erguer a cabeça e dizer não, a tudo isso.//

para agir livremente, o governo procura enfraquecer o congresso, cassar poderes do judiciário, burlar a constituição, através de atos tipicamente ditatoriais.//
É nossa obrigação repudiar isso.//

hoje, no Brasil, ser presidente se resume simplesmente em possuir poderes para realizar os próprios interesses políticos.//

é chegada a hora de mostrarmos a nossa capacidade, de assumir a nossa responsabilidade.//
não devemos confiar, por exemplo, a guarda do nosso dinheiro nas mãos de estrangeiros que não falam a nossa língua.//

não estamos assumindo o sindicato dos jornalistas para brigar com os patrões.//
mas se necessário vamos ao confronto, porque mais do que nós, eles sabem que um trabalhador bem remunerado produz mais e melhor.//
nós vamos à luta pelos nossos direitos, porque os nossos deveres estão, rigorosamente em dia.//

estamos atentos.//
seremos intransigentes na defesa da ética profissional e da liberdade de expressão.//
a hora é essa de se inverter os papéis porque, mais importantes que as questões político-partidárias num veículo de comunicação deve ser o respeito ao trabalho do profissional de imprensa.//
jornalista é, afinal, mais legítimo e fiel porta-voz da sociedade, do cidadão, do que o político tem procurado se apresentar, em sua grande maioria.//

repudiamos os métodos adotados
 pela maioria dos veículos de comunicação para
 aplicar a auto-censura.//
 o trabalhador da imprensa não pode continuar tendo
 a sua palavra cassada, as suas reportagens relatando
 a verdade dos fatos serem modificadas, para darem lu-
 gar às versões facciosas dos patrões-políticos-partidários.//
 ao povo, neste caso, chega, apenas, a estória
 que os patrões quiseram contar, para não incomodar
 aos seus aliados políticos.//

como se não bastasse esse tipo de censura,
 os proprietários dos veículos de comunicação pensam,
 primeiro, no dinheiro; a notícia vem depois.//
 quando se trata de faturar, eles não fazem diferença entre
 jornalismo e mercadoria.//
 os jornalistas que se danem.//
 hoje quem dá as ordens, as cartas, são os anunciantes
 enquanto isso, companheiros são levados a abandonar as
 principais editorias.//
 a palavra do anunciante, a palavra do governo, vale mais
 do que a competência de um editor e até um camelô pode
 demitir jornalistas, desde que pague para isso.//
 quero aqui fazer alusão à matéria de jorge oliveira,
 no último jornal do jornalista, quando diz://
 “ o jornalista hoje está relegado à censura econômica
 e política” e acrescenta.//
 “ o patrão agradeceu o apoio dos jornalistas na
 resistência á ditadura mas, distanciou-se deles para salvar
 as suas empresas, subjugando-as ao poder econômico”.//
 os jornais hoje, chegam aos seus leitores com posições
 político-partidárias bem definidas, permitindo-se aliar
 livremente, utilizando o poder da mídia para vender
 os seus candidatos.//

em contrapartida, a faculdade continua jogando centenas
 de novos jornalistas no mercado, onde tornam-se presas
 fáceis para os planos políticos destes patrões que adotam

como critério para contratação, a inexperiência total.//
 o mercado inchou, a mão de obra barateou e os jornalistas
 mais antigos perdem o seu espaço.//
 nas redações, os meninos das faculdades brincam com botões
 e teclas, enquanto os veículos vão em busca de novos
 leitores e de maior faturamento, deixando para trás
 os jornalistas que, por formação ética, e ideológica
 foram repelidos das redações, cedendo espaço para o
 poder econômico.//
 livres deles, os patrões podem fechar os seus acordos
 transformando os veículos de comunicação em simples produtos
 de consumo, onde o conteúdo passa a dar valor à embalagem.//

por isso tudo é que queremos convocar a todos os
 profissionais de imprensa da capital e do interior do
 estado; todos os profissionais da área de comunicação://
 radialistas, relações públicas, publicitários, gráficos,
 telefônicos, além dos estudantes da área, para que
 travemos uma ampla discussão sobre os problemas das
 nossas categorias porque isolados não passaremos de fragmentos
 nas mãos de quem tem o poder de fabricar o pó.//
 não seremos fortes, mesmo em entidades bem organizadas.//
 seremos fortes se unidos, todos numa só organização e esta
 será uma das nossas bandeiras: unir todos os trabalhadores
 da área da comunicação sob uma mesma identidade e defendê-la
 a nível nacional, contando com o aval de cada trabalhador
 da comunicação em Sergipe.//

O chamado para a unidade no final do discurso dá uma pista
 sobre as ações que ocorreriam naquele período. “Meu jovem, em
 1991, quando eu assumi, eu acho que a gente se fez uma mobi-
 lização só o sindicato dos jornalistas foi muito. A gente sempre
 trabalhou conjuntamente, inclusive as negociações na DRT”. As
 mesas de negociação junto à associação do patronato eram duras,
 especialmente com o diretor da Gazeta de Sergipe, Paulo Bran-
 dão, o *Paulinho da Gazeta*, e o diretor da Rádio Cultura 670 AM,
 Cônego Carvalho. Mesmo com a presidência da Asert a cargo de
 Augusto Júnior, da Fundação Aperipê, até 29 de novembro de

1991, “nas reuniões só quem falava nas reuniões era Paulinho e o Cônego Carvalho, e só”.

As movimentações da campanha salarial de 1991 seguiam a todo vapor quando a maternidade se deu por descoberta. Grávida, ela seguiria organizada na campanha salarial, mas as atribuições do Pré-Natal fizeram com que ela optasse por se afastar da presidência do sindicato em ata da diretoria datada de 30 de setembro de 1991. Ela se licencia por um prazo de seis meses, chegando a reassumir a presidência em 12 de março de 1992, mas foi necessário se afastar da presidência definitivamente para dar cabos das novas tarefas que chegaram pra ficar. A correria e a surpresa foram tão grandes que a transferência de cargo para o vice-presidente, José Araújo, foi assinada na sala de pré-parto. “Só era arriscado né, por causa da barriga. Mas meu filho, eu era tão ativa, tão ativa, era tão ativa, tão ativa que eu esquecia que tava grávida, subia aquela escada do sindicato e descia duzentas mil vezes, ta entendendo? E tanto que quando eu saí pra parir, eu saí pra parir, eu estava na sala de pré-parto, a gente não lembrou de passar o cargo pra Araújo. O cargo pra Araújo não teve solenidade, eles reuniram porque eu já estava na maternidade esperando pra parir, daí chega o pessoal do sindicato com o livro da reunião pra eu assinar. Isso em 1992, abril de 1992, minha filha nasceu em 10 de abril de 1992”. A partir do dia 13 de abril de 1992, primeira reunião extraordinária após o nascimento de Luna Valentin, o presidente da entidade de fato era o jornalista José Araújo.

A greve unificada fora decretada em 22 de novembro de 1991, e Luzinete foi cumprir atividades de greve, chegando a participar dos piquetes, mas acabou mais centralizada nas ações de logística. As lembranças da interrupção do Batistão se embaralham nas demais ações daquele final de semana. “No final de semana se faziam os grupos pra panfletar, equipes de quatro, cinco pessoas. E a gente saía panfletando na praia. Onde tinha aglomeração, onde havia ambiente público a gente tava... Todos os lugares... E no Batistão foi lindo, eu acho, achei, porque foi inusitado né, nunca havia tido isso. Eu estava na sede, estávamos monitorando o rádio, mesmo porque pra descansar a barriga né, porque Batistão,

muita aglomeração, era perigoso. A gente organizava. O Milton tava comigo na sede, tenho quase certeza, ele foi pro Batistão e voltou. Eu ficava na sede pra logística, mas no que precisasse eu ia. Fui pra TV Sergipe, pra TV Jornal, tá entendendo? Os meninos me cuidavam também, me poupavam muito”.

Luzinete se recorda do piquete em frente ao prédio do Grupo Jornal, na Rua Claudio Batista, quando foi chamada de “*persona non grata*” pela primeira dama do, Maria do Carmo, além das paralisações na Rua Laranjeiras, nas instalações da Fundação Aperipê. “Mas eu... Eu tinha experiência com o pessoal da Aperipê, que era um exército da peste (risos) era ‘um monstro né’, segundo Raimundo Luis, mas o pessoal era um peso. Aperipê era fichinha pra gente fechar. A gente chegou a tirar jornal do ar, as rádios eram mais fortes, mas na TV tinha aquela pressão de patrocinador do ar, eu não lembro que estava no jornalismo da Aperipê... Mas na época nós tiramos o jornal da Aperipê, era o Jornal Aperipê, edição do meio-dia, a gente tirou do ar. Os piquetes da Aperipê eram bonitos... A grosso modo, quem mandava na Aperipê era a gente. Na Rádio Jornal eu fui com Niúra, Niúra é que foi subir com Maria do Carmo, e Maria do Carmo apareceu de lá de cima... Os guardas não deixavam, porque eram armados também... Como na TV Sergipe. TV Sergipe, TV Atalaia, era tudo armado... Então eles não deixaram entrar, e lá de cima do portão, a gente com medo de alguém se ferir ou dos próprios guardas, para aparecer perante o patrão né, eles atacarem, ferirem, derrubarem, sei lá... Daí a Maria do Carmo disse que não era pra deixar a gente subir, e não deixou... A gente queria entrar pra fazer o trabalho de convencimento com o pessoal... ficava uma parte na porta e outra parte ficava no piquete. A Maria do Carmo estava mais armada que os guardas “Não entram, não sobe. Saíam daqui. *Persona non grata*, não quero saber”.

O debate político tinha início na reunião do sindicato, tinha continuidade nas assembleias e se estendia para o bar. E não há como não falar em bar sem citar o ex-diretor de jornalismo da TV Aperipê, Cleomar Brandi. Cadeirante, Cleomar dificilmente acompanhava as assembleias do sindicato em virtude dos longos lances

de escada do prédio da Associação Sergipana de Imprensa (ASI), a lembrança do jornalista Fernando Sávio, que batiza o nome do Terminal do Centro de Aracaju, também foi reavivada. “Coloque Cleomar Brandi aí pelo amor de Deus. Cleomar Brandi é uma figura importantíssima também em todos os processos. Cleomar era grevista. Ele não subia né, aquele lance de escada imenso lá no... na ASI. Fernando Sávio era de linha de frente. Fernando Sávio era um daqueles que estavam contra, mas era amigo, certo? Mas na hora das discussões claro que tem as divergências né? Mas ele era muito ferrenho, muito ‘cri-cri’ a gente dizia... A gente saía das redações e ia pros bares, todo mundo junto”.

Após uma pausa para checar se já tinha chegado sua vez no exame, aos cinquenta e quatro minutos de conversa – ela era a décima segunda, haviam acabado de chamar o quinto da fila, fila de exame é uma desgraça mesmo – a conversa segue para as relações de solidariedade da época. “A gente passava a pauta de um jornal pro outro, não tinha frescura não, a gente tinha muito isso nos barezinhos, a gente saía, tomava a cervejinha, e saía muita coisa, e saía muita pauta importante daí.”

Luzinete era “arrima” de família, vivia pra trabalhar. E aqui surge a oportunidade de inaugurar o “Dicionário do Nordeste”, de autoria de Fred Navarro, que ganhei de presente de Milton Alves em nossa primeira conversa no final de março. Encontro o termo “arrimado”, que significa “escorado, ancorado com base ou arrimo em algo”. Dadas as devidas explicações, de volta à entrevista. “Eu vivia pra trabalhar e estudar, aí não tinha muito tempo, mas os bares eram muito legais. Muito cigarro também, eu fumava na época”. A década de 90 foi passando e Luzinete seguiu na labuta. Na Aperipê, no Coqueiral. Foi assessora do Incra e da Petrobrás, dentre outros trabalhos. Acompanhava as atividades sindicais esporadicamente, não voltou para a diretoria. Ela se aposenta do Estado e pede demissão do Cinform, seu último emprego na área, em 2010 para cuidar de sua mãe.

Questionada sobre o principal saldo daquela greve, ela joga a questão para o tempo presente e projeta novas possibilidades para

sua vida. “Política, união, marco na história do sindicalismo sergipano, eu considero assim. Porque se a gente não teve o salário que a gente queria, a gente não teve, a gente teve a certeza de que ainda hoje é possível se fazer isso: unificar, unificar pra lutar conjuntamente sem partido político no meio. Foi isso que ficou... Eu fecho o olho e vejo aquele movimento tão bonito de sobe e desce escada da ASI, porque sindicato e ASI era um organismo só. O suor na testa da gente, brilhando, e a gente sentado pelo chão lá do sindicato, muita gente... E da amizade que ficou de nossos advogados, eles ficavam o tempo todo com a gente. O Lealdo Feitosa ficou com a gente o tempo todo, o Nivaldo Elias”.

De malas prontas para São Paulo, Luzinete pretende retomar a carreira de jornalista naquele bolo de gente, fumaça e metal, a começar pelo rádio mais uma vez. Na véspera de completar seis décadas de vida, labuta e suor, a filha do relojoeiro comunista de Propriá volta ao fim da fila para a vaga num mercado de trabalho cada vez mais estratificado e enxuto, desta vez sem a farda de normalista. São Paulo é a velha cidade nova que promete novos tempos, temperados a fogo alto nos trinta e nove anos de experiência em rádio e jornal e as nuances de mãe e avó. Sobre a possibilidade de outra greve como a de 1991, ela é curta e otimista. “Eu acho que é possível sim, eu acho”.

Encerramos a entrevista exatamente às dez horas e quarenta e dois minutos, após duas horas e vinte e seis segundos de conversa registrada. A fila do exame seguiria paquidérmica, ainda estava na chamada do décimo paciente, Luzinete seguiria impaciente para o raio-X das carótidas, havia mais dois ou três exames para realizar naquele mesmo dia. “A vida tá corrida, nego veio”. Levo comigo algumas fotos da época para digitalizar, o mesmo rabo de cavalo de vinte e seis anos atrás chama minha atenção, fico de retornar as imagens o mais rápido possível já que o roteiro de sua viagem é pra partir de vez. Ela só volta em dezembro. A Clínica segue topada de gente e semblante tedioso, o céu em peso continuava nublando forte aquele final de manhã. A última entrevista do semestre irradiou o peso da história e a afirmação para a disputa do tempo presente. O semblante de quem acaba de embarcar

na vida de comunicador deve carregar a história e a vontade de quem se propõe a viver tudo, tudo outra vez. A vida há de seguir furiosamente, sem dó nem perdão. Sigamos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ATLAS DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NO BRASIL. **1989- O segundo turno nos municípios de Sergipe.** Disponível em <<https://sites.google.com/site/atlaseleicoespresidenciais/1989---segundo-turno-nos-municipios-de-sergipe>> Acesso em 06/04/2017.

ASSOCIAÇÃO SERGIPANA DE IMPRENSA. **ASI 60 anos.** Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1994.

A8SE. **TV Atalaia: 37 anos de história.** Disponível em <<<http://a8se.com/sergipe/noticia/2012/05/24159-tv-atalaia-37-anos-de-historia.html>> Acesso em 27.04.2017.

AZEVEDO, Eliano Sérgio Lopes. **Considerações sobre o panorama econômico, político e social do estado de Sergipe.** 2003. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=1940:consideracoes-sobre-o-panorama-economico-politico-e-social-do-estado-de-sergipe-&Itemid=414> Acesso em 22/03/2017.

CARVALHO, Carlos Eduardo. **As origens e gêneses do Plano Collor.** 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000100003&lng=en&nrm=iso#_edn1> Acesso 23/04/2017.

DANTAS, Ibarê. **Eleições em Sergipe.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

FEDERAÇÃO INTERESTADUAL DOS TRABALHADORES EM RÁDIODIFUSÃO E TELEVISÃO. **A entidade.** Disponível em <<http://fitert.org.br/a-fitert/a-entidade>> Acesso em 26/04/2017.

FÓRUM NACIONAL PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO. Fenaj: 60 anos cumprindo seu papel na história.

Disponível em <<http://fndc.org.br/clipping/fenaj-60-anos-cumprindo-seu-papel-na-historia-94280/>> Acesso em 26/04/2017.

FÓRUM NACIONAL PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO. **Quem somos**. Disponível em <<http://fndc.org.br/forum/quem-somos/>> Acesso em 26/04/2017.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Atualização de valores**. Disponível em <<http://www.fee.rs.gov.br/servicos/atualizacao-valores/>> Acesso em 03/04/2017.

GLOBO.COM. **Pioneirismo e inovação marcam 45 anos da TV Sergipe**. Disponível em <<http://redeglobo.globo.com/se/tv-sergipe/TV-Sergipe-45-Anos/noticia/2016/11/pioneirismo-e-inovacao-marcam-historia-de-45-anos-da-emissora.html>> Acesso em 22/04/2017.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos. O breve século XX (1914-1991)**. Companhia das Letras. 2.ed. São Paulo, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Dados da população de Aracaju**. 2016. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?cod-mun=280030>> Acesso em 05/04/2017

INSTITUTO MARCELO DEDA, **Quadro Político**. 2016. Disponível em <<http://www.institutomarcelodeda.com.br/biografia-md>>. Acesso em 04/04/2017
NASCIMENTO, Isaias Carlos. **Dom Távora: o bispo dos operários**. Aracaju: Paulinas, 2008.

PICCOLO, Mônica Almeida. **Programa Nacional de Desestatização do Governo Collor: Uma Leitura Gramsciana**. 2007. Disponível em <http://www.historia.uff.br/polis/files/texto_10.pdf> Acesso em 24/03/2017.

SINDICATO DOS JORNALISTAS DO ESTADO DE SERGIPE. **Piso Salarial**. Disponível em <<http://sindijor-se.com.br/>> Acesso em 10/05/2017.

SINDICATO DOS METALURGICOS DO ABC. **Histórico**. Disponível em <<http://www.smabc.org.br/smabc/>> Acesso em 25 de março de 2017

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE SERGIPE. **Resultado das eleições municipais em Sergipe. Edição Histórica 1947-1996**. 2015. Disponível em <https://issuu.com/tre-se/docs/livro_completo_vol_01> Acesso em 10/04/2017.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Repositório de dados eleitorais**. Disponível em <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais>> Acesso em 05/04/2017.

PERIÓDICOS

A greve dos jornalistas e radialistas: Patrões chamam a polícia e ameaçam demitir. **CINFORM**, Aracaju, 25 nov.1991. Geral. Pag.11

ABONO será definido hoje. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Economia. Pag. A6

ADOLESCENTE que xingou o presidente será processada. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Política. Pag. A3

AERTON tenta assumir hoje a direção da SMTU. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Capa. Pag. A1

AERTON Silva fere princípio da autoridade e já foi exonerado. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 23 nov. 1991. Política. Capa. A1

AERTON Silva reconduzido a SMTU. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 28 nov. 1991. Capa. A1

APOSENTADOS de Sergipe lutam pelos 147% do INSS. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 29 nov. 1991. Cidade. B1

ARTHUR explica briga que resultou na derrubada do diretor do DETRAN **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 23 nov. 1991. Política. Pag. A3

AUMENTO de aposentados é suspenso. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 27 nov.1991. Capa. Pag. A1

BARRA dos Coqueiros comemora 38 anos de emancipação política. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 23 nov.1991. Municípios. Pag. B3

BASTA o empate para o Confiança ser campeão. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 24 e 25 nov.1991. Capa. Pag. A1

CARLOS Alberto demite Aerton Silva. **Jornal de Sergipe**, Ara-

caju, 23 nov.1991. Cidade. Pag. A1

CARLOS Alberto mantém a exoneração de Aerton. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Capa. A1

CHEGA a Aracaju primeiro lote de AZT para aids. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 22 nov.1991. Cidade. Pag. B2

COMEÇA hoje no João Cleofas a 1ª Feira de SE. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 28 nov. 1991. Geral. B2

CONFIANÇA continua sendo um freguês de caderno do Sergipe. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Esporte. Pag. B7

CONTROLE da cólera em Rondônia está apresentando muitas falhas. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Nacional. Pag. A5

COLLOR assume campanha contra a AIDS e faz pronunciamento na TV. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 28 nov. 1991. Nacional. A4

CUSTO de vida é alto em Aracaju. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Capa. Pag. A1

CUSTO de vida aracajuano sobre 332% em 91. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Cidade. Pag. B1

DIALOGAY lança campanha. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 22 nov.1991. Cidade. Pag. B1

DRAGÃO não treina em Salgado. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Esporte. C1

EDMILSON lamenta gols perdidos. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Esporte. Pag. B8

ELENILSON “O Choop está empedrado”. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Esporte. Pag. B8

ELETRICITÁRIOS avaliam hoje contraproposta. **Gazeta de**

Sergipe, Aracaju, 22 nov. 1991. Cidade. Pag. B1

EM Aracaju, Lulu Santos e banda Auxílio Luxuoso. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 23 nov.1991. Variedades. Pag. B4

EMPATE dá o título. Marquinhos é dúvida. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 24 e 25 nov.1991. Esporte. Pag. B8

ENERGIPE aceita negociar com eletricitários. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Cidade. B3

ENERGIPE anuncia proposta para acabar com a greve. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 22 nov.1991. Cidade. Pag. B2

ENERGIPE apresenta contraproposta a grevistas. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 27 nov. 1991. Cidade. B1

EXPULSÕES prejudicam Sergipe mais seriamente. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Esporte. C1

FALTAM 100 tipos de remédio em Aracaju. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 22 nov.1991. Cidade. Pag. B3

FÃNS lamentam a morte de Freddie Mercury. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Internacional. Pag. A7

FRANÇA pensa no título e programa festa de campeão. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 22 nov.1991. Esporte. Pag. B7

FUNCIONÁRIOS da Energipe acabam greve. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 30 nov. 1991. Capa. A1

GILVAN assegura que foi injusta derrota azulina. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Esporte. Pag. B8

GOVERNO confirma abono de 10 mil cruzeiros. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 28 nov. 1991. Nacional. A4

GOVERNO decidido a fixar o abono para o salário mínimo em Cr\$ 10 mil. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 27 nov. 1991. Nacional. A4

GOVERNO e prefeitura vão pagar o 13º de 63 mil funcionários antes do Natal. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Cidade. Pag. B1

GREVE e vandalismo. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 24 e 25 nov.1991. Capa. Pag. A1

GREVE pode acabar nesta sexta-feira. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 28 nov. 1991. Capa. A1

IBGE deve concluir senso de Sergipe no Sábado. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 28 nov. 1991. Cidade. B1

INFLAÇÃO em Aracaju é de 28,68%. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Capa. A1

INFORME GS. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 27 nov. 1991. Opinião. A2

INFORME GS. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Opinião. A2

JOÃO envia projeto à Assembléia diminuindo o ICMS para 17% em 92. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 28 nov. 1991. Política. A3

JUIZ manda prefeito pagar salários de professores. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 23 nov. 1991. Cidade. Pag B1

JUIZ suspende liminar que dava os 147,06 por cento para aposentados. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 27 nov. 1991. Nacional. A4

JUSTIÇA obriga prefeito de Glória a pagar professores. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Política. Pag. A3

JUSTIÇA julga na terça-feira volta de petroleiro. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 23 nov. 1991. Cidade. Pag.B3

LÊNITON ou Osvaldo? A dúvida de Neto. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 23 nov.1991. Esporte. Pag. B8

MARCOS dá recado aos azulinos após vitória. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Esporte. Pag. B8

MARIA do Carmo recebe hoje o prêmio Homens do Marketing. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 29 nov. 1991. Capa. A1

MARQUINHOS lamenta má sorte proletária no último domingo. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Esporte. Pag. B8

MARQUINHOS sofre ameaça de ficar de fora da decisão. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 23 nov. 1991. Esporte. C4

MATO GROSSO combate a doença. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Nacional. Pag. A5

MENOR xinga Collor na descida da rampa. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 23 nov. 1991. Nacional. A4

NASCIMENTO, Eugênio. Vale define em 60 dias a situação dos 830 funcionários da Petromisa. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 22 nov.1991. Cidade. Pag. B1

NOTA de esclarecimento. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 28 nov. 1991. Capa. A1

OSWALDO é novidade no meio campo do Sergipe. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 23 nov. 1991. Esporte. C4

PAINEL. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 24 e 25 nov.1991. Política. Pag. A4

PAIXÃO chega e pode nomear Aerton Silva. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 27 nov.1991. Capa. Pag. A1

PARALISAÇÃO pode influenciar na realização do vestibular. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Cidade. B1

PAULINHO o grande destaque do coletivo. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 23 nov. 1991. Esporte. C4

PDT quer CPI para apurar irregularidades na SMTU. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Política. A3

SERVIDOR com nível superior ganha menos do mínimo na PMA. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 27 nov. 1991. Política. Pag. A3

PROBLEMA conjugal de um casal sergipano é destaque no Fantástico. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Capa. A1

PREVIDENCIÁRIOS em alerta máximo. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Cidade. B3

PREVIDENCIÁRIOS prontos pra paralisar. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 30 nov. 1991. Cidade. B1

PT realiza Congresso. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 27 nov.1991. Capa. Pag. A1

REAJUSTE da casa própria pode chegar a 54% no próximo mês. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 23 nov.1991. Economia. Pag. A6

REAJUSTE dos alugueis assinados em maio é de 140,94%. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Nacional. A4

REAJUSTE no cigarro pode ser até 40%. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Capa. A1

RETORNO de petroleiro ao trabalho é adiado. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 28 nov. 1991. Cidade. B1

RIBEIRO Neto agradece vitória ao “anjinho”. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Esporte. Pag. B8

SANTOS, Jurandi. Edmilson Santos, casamento feliz, bem como sua profissão . **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 24 e 25 nov.1991. Esporte. Pag. B7

SANTOS, Jurandi.Choop, Água & Areia. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 24 e 25 nov.1991. Esporte. Pag. B7

SANTOS, Jurandi. Não tem jeito não! **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Esporte. Pag. B7

SERGIPE arma equipe no coletivo de hoje. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 22 nov.1991. Esporte. Pag. B7

SERGIPE e Confiança decidem título em melhor de três. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Esporte. C1

SERGIPE é franco atirador. Dragão favorito. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 23 nov. 1991. Esporte. C4

SERGIPE perde Cr\$475 milhões no orçamento da LBA. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 27 nov. 1991. Política. A3

SERGIPE tenta deter Confiança. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 24 e 25 nov. 1991. Capa. A1

SERGIPE tenta pela segunda vez adiar a festa dos proletários. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 24 e 25 nov. 1991. Esporte. C3

SERVIDORES da UFS não definem paralisação. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 28 nov. 1991. Cidade. B3

SUCCESSOR de Aerton não se acha superintendente. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Cidade. Pag. B2

TELLES, Odil. Na vida de Ribeiro o amor falou alto. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 24 e 25 nov.1991. Esporte. Pag. B7

TELLES, Odil. Virou tabu. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Esporte. Pag. B7

TRABALHADOR de Sergipe ajuda colegas da Bahia. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 27 nov. 1991. Capa. A1

TRT pode multar Deso por Cr\$ 5 milhões por dia. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 27 nov. 1991. Cidade. B3

TUICA o herói rubro explica lance do gol. **Jornal de Sergipe**,

Aracaju, 26 nov.1991. Esporte. Pag. B8

UFS entrega cartões para vestibular. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 nov. 1991. Capa. A1

VEREADOR tenta anular decisão da Câmara. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 24 e 25 nov.1991. Política. Pag. A3

VIOLÊNCIA contra a mulher denunciada. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 26 nov.1991. Nacional. Pag. A5

ANEXOS

AGRESSÃO

Durante o jogo Sergipe 2 x 1 Confiança, realizado no último domingo, no estádio Lourival Baptista, o Batistão, o deputado Venâncio Fonseca foi agredido pelo tenente Robson, que comandava soldados da PM no policiamento do Batistão.

DENÚNCIA

Ontem, durante a sessão da Assembleia Legislativa, o deputado Venâncio Fonseca denunciou a agressão e pediu providências ao comandante da Polícia Militar, coronel JoséLuiz Prudente, a fim de que tais fatos não se repitam, porque assim como ele foi agredido e tem a quem recorrer, um cidadão comum pode sofrer violência por parte de algum elemento da PM e ficar por isso mesmo.

BANDEIRAS

Fadialistas em greve estavam tentando evitar a transmissão de uma emissora de TV, passando com bandeiras de seus clubes em frente a Câmara, o tenente Robson não gostou e foi impedir o ato, inclusive determinando que seus subordinados resgassem as bandeiras. Nesse instante, Venâncio Fonseca e o deputado Ismael Silva foram conversar com o tenente, solicitando que não resgassem as bandeiras e que a questão dos fadialistas e jornalistas poderia ser resolvida pacificamente. O tenente então agrediu o deputado Venâncio Fonseca com um empurrão e logo tentou de puxar o casseteleto, para atacá-lo e por pouco não cometeu uma agressão maior.

RENATINHO

Renato Brandão, líder do PT na Assembleia, aproveitou a denúncia de Venâncio Fonseca, para pedir ao comandante da Polícia Militar que evite a violência de seus comandados nos movimentos grevistas.

nhecido como Agenor. Os marginais, como tratou Renatinho, agora, estão ameaçando as famílias dos espancados, professores e comissários de menores que também foram surrados, durante a reunião, quando os filhos de Agenor invadiram a escola.

SOLIDARIEDADE

Enquanto isso, José Almeida Lima, representante do PDT na Assembléia, declinou de usar a tribuna em solidariedade a greve dos jornalistas e radialistas. Os deputados até gostaram, porque foi um alívio ficar livre de Zé Almeida, por uma tarde.

Gazeta de Sergipe, 27 de novembro. Edição Nº 9899. Informe GS Registro 2

REGISTRO

Ismael Silva fez um pronunciamento ontem na Tribuna da Assembléia Legislativa, criticando o acordão, mas fez questão de pedir ao Departamento de Imprensa que não divulgasse seu material para os jornais, emissoras de rádio e televisão, por causa da greve dos jornalistas.

RENATINHO

Renato Brandão, líder do PT na Assembléia, também pediu aos jornalistas da Assembléia que não divulgasse seu pronunciamento, que denunciava a violência contra crianças que participaram de um encontro no Colégio Estadual Souza Porto, bairro América e foram espancadas por dois filhos do vigilante daquele educandário, co-

Gazeta de Sergipe, 27 de novembro. Edição Nº 9899. Informe GS Registro



Gazeta de Sergipe. Edição Nº 9902. Diretor da gazeta é eleito para presidência da Asert.

Carlos Alberto Menezes explicou que Aerton Silva leru o princípio da autoridade, quando viajou para o Chile e não comunicou ao prefeito e nem deixou alguém substituindo.

DATAS

Quanto a viagem de Chico Dantas, secretário Municipal de Assuntos Urbanos, Carlos Alberto explicou que ele viajou, mas contou com a antecedência e deixou Renato Santos substituindo, para qualquer eventualidade.

CONTINUIDADE

No caso de Aerton Silva, entendeu Carlos Alberto Menezes, foi criado um problema para o município, uma vez que sem substituto, setor tão importante como o transporte coletivo poderia sofrer solução de continuidade.

POLÍTICA

Sérgio Bezerra discordou das colocações feitas por Carlos Alberto Menezes ontem na Câmara Municipal, argumentando que Aerton Silva viajou para um congresso sobre transportes, portanto, estava dentro da sua área.

EXONERAÇÃO

Para Sérgio Bezerra, o prefeito em exercício poderia designar um substituto interino para Aerton Silva e com o seu retorno, naturalmente, que as explicações seriam dadas.

SUSPENSOS

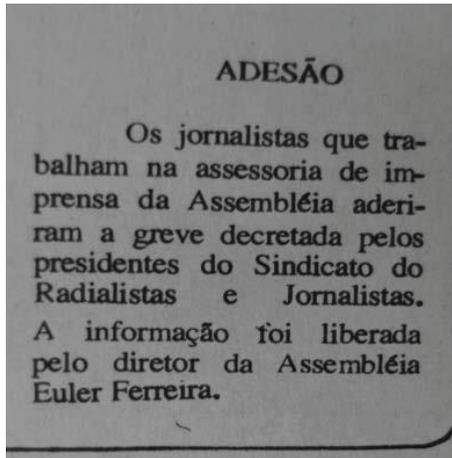
Atendendo pedidos dos jornalistas e radialistas, os Departamentos de Imprensa da Assembleia Legislativa e Câmara Municipal de Aracaju suspenderam a distribuição dos boletins, contendo matérias dos disputados e vereadores.

ALMEIDA

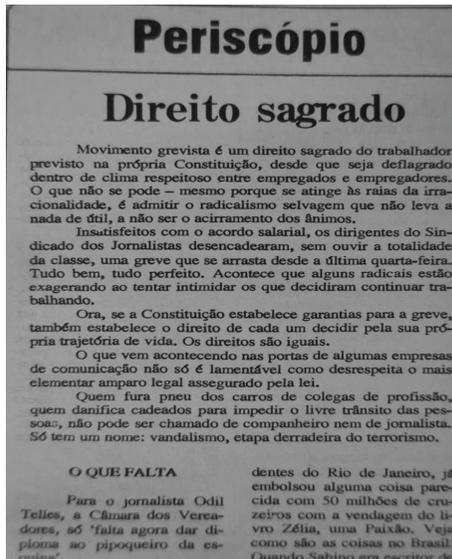
José Almeida Lima (PDT) não deixou passar a oportunidade e foi a tribuna, para dizer de sua solidariedade para com os profissionais da imprensa que estão em greve.

DOENDO

Quando José Almeida Lima teve um deputado não ignorou e comentou: Tudo bem que ele esteja solidário, mas não precisa ficar o tempo todo mantendo esse assunto, sem que ser rápido e objetivo.



Jornal da Cidade, 26 de novembro; Edição Nº 5.817. Coluna Periscópio
ADESÃO



Jornal da Cidade, 26 de novembro. Edição de Nº 5.817. Coluna Periscópio
Direito Sagrado

Revista

Em virtude de problemas técnicos, o Jornal de Sergipe circula hoje sem os suplementos JS Domingo e JS Moda. Na próxima semana volta a circular normalmente.

JORNAL DE SERGIPE

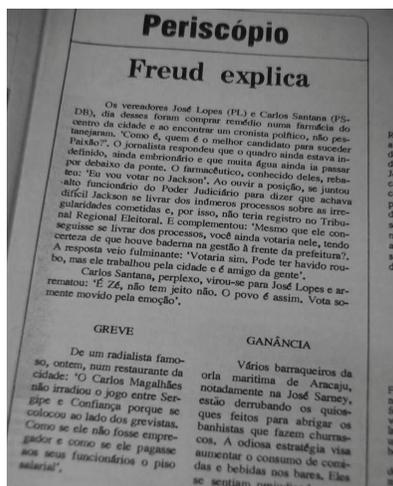
ARACAJU, DOMINGO E SEGUNDA-FEIRA, 24 E 25 DE NOVEMBRO DE 1991 ANO XIII — Nº 3883 — Cr\$ 250,00

Jornal de Sergipe, 24 e 25 de novembro. Edição Nº 3883. Revista

Greve e vandalismo

O JORNAL DE SERGIPE tem assumido, em todos os movimentos grevistas registrados neste estado a postura da defesa do direito de greve. Mas, com a mesma veemência que defende esse direito, o JS tem repudiado os piquetes violentos, que tolhem, pela opressão física e moral o livre arbítrio daqueles que desejam exercer o direito ao trabalho. Desde a última sexta-feira que os jornalistas sergipanos estão em greve, no exercício de um direito constitucional e utilizando de uma arma democraticamente reconhecida para reivindicar melhores salários. Todavia, o exercício desse direito não pode implicar em práticas de vandalismo como as exercitadas por um pequeno grupo de pessoas ligadas aos sindicatos dos jornalistas e radialistas. Aqui, na portaria do JORNAL DE SERGIPE foram feitas agressões morais e ameaças físicas, além de depredação do patrimônio privado, com a destruição de cadeados e o esvaziamento de pneus. Tudo comandado por pessoas que em nada se parecem com profissionais que supostamente têm a obrigação ética da informação e da defesa das liberdades democráticas. O JS vai continuar na sua posição e procurar, por todos os meios, assegurar o direito ao livre arbítrio dos que desejarem trabalhar.

Jornal de Sergipe, 24 e 25 de novembro. Edição Nº 3883. Box Capa greve e Vandalismo



Jornal da Cidade, 27 de novembro. Edição Nº 5818. Coluna Periscópio.

Nota: GREVE

UMAS & OUTRAS

A essa altura do campeonato, esta- mos certos de que, as providências ne- cessárias, por quem de direito já foram tomadas para evitar a entrada dos **pe- netras** na tarde de hoje, no Batistão. Tem que acabar com essa praga que infesta o futebol sergipano.

Somos daquele que respeitamos o direito de quem o tem e gostaríamos que o nosso fosse respeitado, e isso se faz necessário, dada a responsabili- dade que temos. Olha, não é brincadeira cumprir com a responsabilidade, o que lamentavelmente muita gente não sa- be o que isso significa

Jornal de Sergipe, 24 e 25 de novembro. Edição Nº 3883. Coluna Jurandir Santos

Paralisação pode influenciar na realização do vestibular

A possível paralisação dos servidores técnicos administrativos da Universidade Federal de Sergipe, prevista para amanhã, poderá dificultar a realização do concurso vestibular 1992, com a primeira prova marcada para dezembro. A decisão de suspender as atividades será definida em assembléia geral a ser realizada no auditório da reitoria como concluíram na semana passada.

Os serviços técnicos reivindicam melhores salários do Governo Federal, pois entendem que perderam o poder aquisitivo em consequência das medidas econômicas adotadas pelo presidente Fernando Collor de Melo. Devido a greve anterior, o segundo semestre só termina em fevereiro o que retarda, também, o início da matrícula do pessoal do primeiro período.

Eles iniciam o entendimento com o reitor Clodoaldo Aler-

car com objetivo de recuperar os salários, mas isso depende exclusivamente do Governo Federal que é o responsável pelo repasse das verbas. Uma outra greve praticamente inviabiliza o funcionamento da Universidade Federal de Sergipe que ainda se recupera do primeiro movimento que demorou dois meses e influenciou no calendário estudantil.

Amanhã, os servidores voltam a se reunir para discutir a provável paralisação dos trabalhos como forma de pressionar o governo em reajustar os salários de acordo com a necessidade de cada categoria. Esse movimento é a nível nacional e a proposta de aumento já foi encaminhada ao ministro José Goldemberg, da Educação para viabilizar as negociações com os funcionários das universidades brasileiras.

Gazeta de Sergipe, 26 de novembro. Edição Nº 9898. Paralisação pode influenciar na realização do vestibular

Previdenciários em alerta máximo

Os previdenciários dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo são os únicos que aderiram à greve na sua totalidade e quatro outros Estados estão com um índice entre 75 e 90 por cento de adesão. Sergipe é um dos 11 Estados que estão em "estado de greve" desde o dia 20 passado. Até sexta-feira o cretam greve. Os outros Estados brasileiros não se tem informado sobre a greve dos previdenciários.

De acordo com o diretor administrativo do Sindicato dos Previdenciários de Sergipe (Sin-

Greve está marcada para sexta-feira

previd), André Francisco dos Santos, a categoria realiza visitas e conversações em todos os setores de Previdência Social no Estado, convencendo os funcionários para uma assembléia, às 10 horas de sexta-feira no auditório do órgão. Um segundo podem renegar a greve em Sergipe por tempo indeterminado.

Introduzido-se satânico com as vistas e sede do Bibó. André dos Santos revelou que estar tirando a "temperatura do doente", para saber o "pulsão", na sociedade. No topo das reivindicações e nível nacional está reposição salarial de janeiro no dia 1º de dezembro do 01, com antecipação de 1/3 por cento, como a privatização da Previdência e Saúde, reajuste integral dos benefícios da aposentadoria e pensão vitalícia, como a retirada do PCCS, pelo cumprimento do acordo de greve passado: manutenção da jornada de 30 horas, contra o emendaço, por uma política salarial de reposição mensal das perdas, reintegração dos demitidos e dispensados, e ainda por melhor condições de trabalho em todos os setores no Estado.

Os incondicionais não funcionam, os sanitários fazem água para descargas, e até para beber, os comedores do pré-faculdade estão entregues a ruínas, além do fato de vários ancares estar sendo sobre os funcionários com não, também, atingido por doenças elétricas dos fios que sofrem em curto-circuito. Revelados com essas deficiências, André dos Santos convocou os colegas para desfilarem a greve na sexta-feira.



Gazeta de Sergipe, 26 de novembro. Edição Nº 9898: Previdenciários em alerta máximo.

Reajuste dos aluguéis assinados em maio será de 140,94 por cento

Declarações de Cleto Falcão geram crise na bancada do PRN

BRASÍLIA - As afirmações do deputado Cleto Falcão de que seria "insistente" pelos amigos, publicadas pela revista "Veja", acirram ainda mais a crise que vive o partido do presidente Fernando Collor - onde já se fala de sua destituição - e não agradaram a outros parlamentares próximos do Falcão do Planalto. A tarde, enquanto Cleto preparava seu discurso em plenário, o líder do PFL, Ricardo Fiuza, e o deputado Paulo Octávio (PRN-DF), amigo do presidente, encontraram-se num corredor da Câmara para ter o seguinte diálogo:

- Como é que pode? Como é que ele cometeu a loucura de fazer essas declarações? - lamentou Fiuza ao ser abordado por Paulo Octávio.

crólone, a mensagem dos demais de que gostariam de estar assinando aos discursos. Quando Cleto, da Tribuna, agradeceu a solidariedade dos outros líderes, Fiuza fez questão de exclamar:

- Solidariedade, não. Os líderes de oposição só disseram que gostariam de estar aqui.

Enquanto Cleto falava, alguns deputados de sua própria bancada articulavam um início de reticênça e discutiam a possibilidade de convocar uma reunião da bancada para tratar da atitude do líder e talvez até mesmo destituí-lo. Cuidadosos, porém, evitavam admitir publicamente esses entendimentos.

- Vamos ouvir primeiro o que o líder tem a dizer. Depois,

BRASÍLIA - Os contratos de aluguel anteriores a fevereiro com índices extintos que venceram em novembro terão um reajuste de 40,67%. Esse percentual corresponde ao Índice de Salários Nominais Médios (ISN) acumulados de setembro a outubro, que pela lei 8.178 passou a reajustar esses aluguéis. O ISN de outubro ficou em 20,47%, e, portanto, abalou de inflação para primeira vez desde que foi criado. Entretanto, o acúmulo do semestre, que serve para todo ano aluguéis novos assinados em maio, ficou em 140,94%, o que supera o acúmulo dos índices de inflação. O IGP no mesmo período ficou em 122,50%.

A queda no ISN em outubro é resultado da recessão que começou a se refletir na indústria de transformação, acredita-se técnicos do Ministério de Economia. O índice é medido nesse setor e, desde março, quando começou a ser apurado, tem permanecido acima da inflação. A tendência de queda deve continuar nos próximos meses, acredita-se em analistas, por causa da queda no gasto na indústria e na construção pública local e estadual.

A lei 8.178 estabelece que os contratos em vigor em maio de 1989 sejam reajustados pelo ISN. A partir de então, quando houve o ajuste de inflação do período de contrato, passaram a usar os índices de setembro, que são os mais novos, o ISN não pode ser determinado que o índice de inflação pode ser fortemente influenciado apenas o ano de assinatura-mínimo. O ISN, nesse caso, serve como base de reajuste. Por exemplo, se um contrato novo no semestre de maio de 1989, o reajuste de maio de 1989, o índice de inflação de outubro de 1989, o acúmulo de um período superior à utilidade pública do contrato.

Gazeta de Sergipe, 26 de novembro. Edição Nº 9898. Reajuste dos aluguéis 140,94%.

Inflação em Aracaju é de 28,68%

A inflação de outubro em Aracaju foi de 28,68% segundo dados fornecidos pela Superintendência de Estudos e Pesquisas, da Secretaria de Planejamento. O acumulado de janeiro a outubro é de 332,61% e as variações de preços mais significativas foram registradas em alimentação (38,7%), vestiário (32,8%) transporte/comunicação (26,2%) e saúde (20,1%). O setor alimentação continua sendo o mais atingido, tendo em vista a necessidade de consumo, mesmo que a população tenha diminuído alguns hábitos e passarem a comprar apenas o necessário.

Gazeta de Sergipe, 26/11/2017. Edição 9898. Inflação em Aracaju.

Trabalhador de Sergipe ajuda colegas da Bahia

Trabalhadore da Nitrofértil seguem, hoje, em dois ônibus, para a fábrica de Camaçari, na Bahia, para ajudar aos colegas daquele Estado na luta para impedir a entrada de quatro auditores que tentam entrar na empresa para análise fiscal, financeira e contábil da estatat, visando a sua privatização. A informação foi prestada, ontem à tarde, em Aracaju, pelo secretário geral do Sindiquímica, em Sergipe, José Raimundo. Os dois ônibus saem hoje às 23 horas.

Ontem à tarde, em Camaçari, militantes do Sindicato da Indústria Química da Bahia (Sindiquímica), filiado à CUT, impediram o acesso de quatro auditores da empresa Deloitte Ross Tohmatsu, subcontratada do BNDES, às instalações da Nitrofértil, em Camaçari, a 41 quilômetros da capital: "nós não podemos deixar compenheiros de Salvador sozinhos", disse José Raimundo.

Há duas semanas, o Sindiquímica impedira a entrada do auditor Luís Henrique Moura, de outra empresa subcontratada do BNDES, na fábrica da Nitrofértil, em Laranjeiras, a 20 quilômetros de Aracaju, onde teria utilizado inclusive armas para intimidá-lo. José Raimundo desmente a informação ao considerar que é "coisa inventada". Admitiu, entretanto, que os funcionários da fábrica, fortalecidos pelo Sindiquímica, interceptaram o auditor Luís Henrique Moura na porta da fábrica.

(Página 1B).

Gazeta de Sergipe, 27 de novembro. Edição Nº 9899. Trabalhador de Sergipe ajuda colegas da Bahia.

TRT pode multar Deso em Cr\$ 5 milhões por dia

Consejo aprova normas acadêmicas

O Conselho de Ensino e Pesquisa (Conep), reunião convocada do professor Aguiar Oliveira, aprovou normas acadêmicas que resultam de uma reforma pedagógica, iniciado em 1965, quando o cargo o professor Aguiar, e o trabalho no âmbito da Universidade de Sergipe.

A proposta é coordenada pelo professor Luiz Aguiar Oliveira, quando iniciou a reforma do projeto pedagógico da Universidade. A reforma foi aprovada em um processo participativo envolvendo todas as

O TRT não considera greve abstrata e Deso pode ser multado em Cr\$ 5 milhões por dia. (Foto: Fernando Tiburi).

Transportes de cargas enfrentam pior crise

Af. o setor de transportes de 10 anos no ramo de transportes de mercadorias, quando Jovialdo Marques, atualmente diretor do TRT, não considera greve abstrata e Deso pode ser multado em Cr\$ 5 milhões por dia. (Foto: Fernando Tiburi).

O diretor do Sindicato, Jovialdo Marques, disse ainda que o procurador Virgílio Palm, alegou no seu parecer que o Deso vem evitando os funcionários com o "desrespeito aos imperativos do acordo coletivo firmado em greve". Com isso, requereu ao Tribunal Regional do Trabalho a condenação de multa diária de Cr\$ 5 milhões, a ser rateada entre os empregados da empresa, em quanto houver "provação do direito adquirido dos trabalhadores do Deso.

O adiamento do julgamento do dissídio coletivo para dezembro, vem deixar um espaço para que a empresa possa negociar com a categoria - revelou o diretor do Sindistan, Jovialdo Marques. "Estamos aberto para qualquer conversa com a direção da empresa onde represente o estado", disse. "Eles foram quem descumpriam o acordo coletivo firmado em outubro do ano passado que vigoraria até este ano".

Com cinquenta dias parados, os funcionários do Deso só voltaram ao trabalho depois que os itens do acordo coletivo de 25 de outubro do ano passado foram cumpridos. Jovialdo Marques, principalmente depois que

O procurador do Ministério do Trabalho, Virgílio Antônio de Sena Palm, deu parecer de que a greve não é abusiva e solicita a empresa a pagar os dias parados.

O Plano de Cargos e Salários e o alorbo estabelecido pelo Governo Federal, são os principais litígios o Sindistan, vem reivindicando desde que entrou em greve, no início do mês passado, um ano depois de terem firmado o acordo com a direção do Deso. Jovialdo disse que, o litígio, por cento da categoria está parados tendo em vista que os vinte por cento são os funcionários escalados para não reentrarem nos serviços. Itens de bombardeio, manutenção e tratamento de água.

Gazeta de Sergipe, 27 de novembro. Edição Nº 9899. TRT pode multar Deso em 5 milhões por dia.



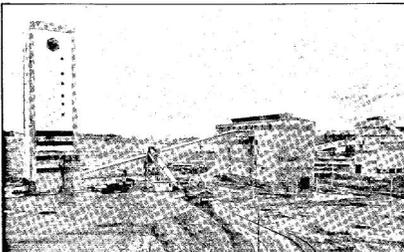
Gazeta de Sergipe, 28/11/1991. Edição Nº 9900. Eletricitários não aceitam a contraproposta



Gazeta de Sergipe, 29/11/1991. Edição 9901. Aposentados lutam pelos 147% de reajuste.

Vale define em 60 dias a situação dos 830 funcionários da Petromisa

Quinze técnicos da Companhia Vale do Rio Doce se reuniram ontem com o presidente do Sindicato dos Mineiros e se comprometeram a estudar a situação dos funcionários da Petromisa. Mas nada de concreto foi definido.



gar a única mina-usina do hemisfério sul em exploração de potássio a uma empreiteira. Os trabalhadores são contrários à essa alternativa, porque entendem que "foram as empreiteiras as responsáveis pelo caso que atingiu a Petromisa". A Companhia Vale do Rio Doce, conforme informações dos técnicos, ainda não definiu quem responderá pela Gerência Administrativa da extinta Petromisa em Sergipe, mas os trabalhadores suspeitam que será Luiz Carlos Celaro, que esteve em Sergipe juntamente com Paulo de Azevedo, Sérgio Alvarez, Paulo Sérgio Martins, Fernando Rizzato, Cezar Castro, Francisco Lauriano Fonseca Francisco Vaziro, Ricardo Dequech, Marcos Martins Costa, Luiz Felipe Figueiredo, Sérgio Galvão. Anuário Condições e

Jornal de Sergipe, 22 de novembro. Edição N° 3881. Vale 830 funcionários da Petromisa

Custo de vida aracajuano sobe 332% em 91

O custo de vida em Aracaju acumulou de janeiro a outubro deste ano o elevado índice de 332,61 por cento. Este dado foi fornecido pela Secretaria de Estado do Planejamento, de acordo com pesquisas realizadas pela Superintendência de Estudos e Pesquisas. O mesmo constatou ainda que 40 no mês de outubro a taxa inflacionária cresceu 38,68%.

Os setores que mais colaboraram

para o crescimento desordenado de preços no mês de outubro, segundo o que foi apurado pelo órgão de pesquisas estatísticas, foram o dos gêneros alimentícios, os artigos de vestuário, os gastos com transporte e com comunicação.

Na alimentação, o trabalhador aracajuano chega a gastar 47% dos seus vencimentos, e os artigos que mais sobiram seus preços foram a

farinha de mandioca, com 156%; bananas teve um acréscimo de 85,0%; carne caprina aumentou 77,1% e depois por ordem vem a mandioca, óleo de soja, carne de sol, charque, arroz, queijo, carne bovina, ovos, margarina e leite, todos gêneros de primeira necessidade.

A pesquisa mostra ainda que no segmento de alimentação, os produtos que apresentaram menores

variações foram as carnes industrializadas, frutas cítricas, apêlar, tubérculos e café.

No grupo de artigos de vestuário, além das roupas masculinas que tiveram o índice de alteração de 49,7%, destacam-se ainda os itens saesadores, os calçados para homens que aumentaram 61,7% e calçados para mulher com acréscimo de 67,0%. As vestimentas femininas acumularam um índice de 30,78%.

A alteração nos preços dos transportes ficaram embaçadas no grande acréscimo nos preços de óleo combustível e óleo lubrificante. As passagens internacionais subiram 25,0%, enquanto o gásol com metano dispararam, contribuindo para isso, as consultas ao ônibus com 31%, as demais consultas médicas com 27,0% e os serviços laboratoriais que subiram 27,4%.

Jornal de Sergipe, 26 de novembro. Edição N° 3884. Custo de vida sobe 332%.

O abono será definido hoje

BRASÍLIA — O presidente Collor decide hoje o valor do abono que será concedido ainda este mês aos trabalhadores da iniciativa privada que recebem um salário mínimo. O ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, está reunido agora à noite com os líderes governistas no Congresso, para tentar encontrar uma proposta que possa receber o apoio da oposição.

Passarinho, que apresentará o balanço das negociações ao presidente, voltou a defender um abono de oito mil e quatrocentos cruzeiros, que correspondem a 20% do salário mínimo atual. Antes da reunião, ele negou a existência de um estudo da equipe econômica que admitiria a concessão de um abono de 16 mil cruzeiros.

A proposta de Cr\$ 16 mil é confir-

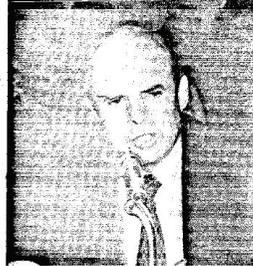
mada por um dos auxiliares doministas da Economia, Marcelo Marques Moreira, e tem como base de cálculo a inflação registrada em setembro e outubro.

O ministro da Justiça disse que não há possibilidade do governo ceder às pressões da oposição e transformar o abono em um aumento real no salário mínimo. Ele explicou que o abono é a única forma legal que impede o aumento na folha de pagamento da União — principalmente da Previdência Social —, estados e municípios.

Passarinho não descartou a possibilidade de o governo editar uma Medida Provisória, mas acredita numa negociação com os partidos de oposição para que o abono seja aprovado em projeto de lei, a ser votado em urgência argüentíssima.

Aumento de aposentado contestado

BRASÍLIA — O procurador-geral do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), José Domingos Teixeira Neto, entrou ontem com mandado de segurança no Tribunal Regional Federal para suspender os efeitos de liminar concedida pela 2ª Vara da Justiça Federal de Brasília, que concedeu restrição de 1973 para os aposentados e pensões da Previdência Social. Caso a medida seja mantida, representará um ônus de Cr\$ 2,2 trilhões nos cofres da Previdência, segundo o governo. Pelos cálculos do INSS, a diferença entre o reajuste concedido e o pleiteado na Justiça representa um gasto adicional de Cr\$ 440 milhões em mais a abono e no...



Jornal de Sergipe, 26 de novembro. Edição Nº 3884. O abono será definido hoje.

Taxa de desemprego aberto em outubro fica em 4,26%

A taxa de desemprego aberto em outubro foi de 4,26%, informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Este índice é praticamente estável ao do mês passado (4,21%) e quase igual ao apurado em setembro último (4,35%). A menor taxa de desemprego é a do Rio (3,28%) e as maiores são as de Salvador (6,30%) e de São Paulo (4,52%). O IBGE in-

formou também que o rendimento médio real das pessoas ocupadas, em setembro, permaneceu praticamente estável em relação a agosto, mas caiu 12% em média, em comparação com setembro do ano passado. Os pequenos empregadores sofreram as maiores perdas (-29% no rendimento médio real), seguidos das pessoas que trabalham por conta própria.

Jornal de Sergipe, 29 de novembro. Edição Nº 3887. Taxa de desemprego em outubro fica em 4.26%

Congresso define o futuro do PT

BRASÍLIA — A seis dias do mais importante congresso do PT, os militantes se dividem entre os que trabalham por uma maior abertura e os que pregam o fechamento do partido. O deputado Paulo Delgado (PT/MG) afirma que nesse congresso será definido se o PT deve "ir para dentro do gueto ou se sai dele". Delgado é um dos que defendem a abertura do PT. Os parlamentares estão preocupados, pois a maioria das teses a serem discutidas no encontro faz referências a eles. A primeira é de autoria do próprio presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva. Ele quer instituir o rodízio entre parlamentares eleitos e suplentes. A tese foi combatida pela unanimidade dos 35 deputados petistas. Ninguém admitiu abrir mão do mandato.

Há, ainda, teses que propõem o enquadramento dos parlamentares à direção. Como a que dá a executiva nacional o direito de estabelecer o salário do parlamentar, independente das decisões do Congresso. Por exemplo: o PT estipula o salário em Cr\$ 500 mil. O excedente seria todo repassado ao partido. Atualmente, cada parlamentar contribui com 30% do salário para o PT.

O deputado Chico Vigilante (PT/DF) acha que a questão

das contribuições tem que mudar. "O partido se acomodou. Da receita total, 95% são provenientes das contribuições de parlamentares. É preciso fazer com que o militante também contribua", disse. O deputado quer, ainda, que o partido mude o enfoque de suas reuniões. "Ninguém mais consegue participar dos nossos encontros. Durante todo o tempo só falamos na crise do leste europeu. Estamos excessivamente teóricos e chatos", afirmou.

O líder do PT, deputado José Genoíno (SP), considera "bobagens" as teses que procuram limitar o trabalho dos parlamentares. "Espero que nosso Congresso rejeite todas elas. Não queremos ir para um museu nem nos transformarmos no último partido comunista do século XX", disse. Ele deseja, também, que o congresso do partido, que acontece dia 27 deste mês ao dia 1º de dezembro, enquadre as tendências trotskistas que atuam no PT, como a convergência socialista (deputado Ernesto Gradella, de São Paulo) e a democracia socialista (deputado Raul Pont, do Rio Grande do Sul). Estas duas tendências não acatam as decisões do partido e combatem o trabalho parlamentar.

Problema conjugal de um casal sergipano é tema de Fantástico

**Associações
gridem
nEnergiepe**

Associações entre a Enerpe e a Energiape tiveram algum sucesso na tentativa de mudar a direção da empresa após o fiasco de 1989. Em 20 de novembro, o conselho de administração decidiu pela demissão de Luiz Cripim de Vasas, presidente da Enerpe, e nomeou a Energiape para assumir a direção da empresa. O conselho também decidiu pela demissão de Luiz Cripim de Vasas, presidente da Enerpe, e nomeou a Energiape para assumir a direção da empresa. O conselho também decidiu pela demissão de Luiz Cripim de Vasas, presidente da Enerpe, e nomeou a Energiape para assumir a direção da empresa.



A luta que o empresário sergipano Luiz Cripim de Vasas, presidente da Enerpe, travou com sua ex-mulher Sônia Regina da Silva, tomou as manchetes nacionais e virou tema do "Fantástico", programa de informações e amenidades, levado ao ar todos os domingos pela rede Globo. Há seis anos Cripim briga para não dividir os bens com a ex-mulher, alegando que ela sofre de distúrbios mentais. Na semana passada, ele teve a primeira decisão judicial, na 7ª Câmara Civil do Rio de Janeiro, de posse de um laudo médico, assinado por peritos da Unicamp, Sônia Regina provou que não tem problemas mentais, como alegava o marido.

A luta também é para que Sônia não fique com a guarda dos quatro filhos do casal, o que lhe dá direito à parte dos bens do ex-marido. Ela foi internada à força na Clínica Doutor Elias, no Rio de Janeiro, para ser submetida a um tratamento psiquiátrico, a pedido do médico Albino Salati.

Com os depoimentos que pretendem tomar a partir dessa semana, a justiça quer apurar a responsabilidade pela internação de Sônia Regina, e por quê o médico Albino Salati alegou que ela era portadora de esquizofrenia. A libertação da mulher só foi possível graças à intervenção de um dos diretores da clínica, Manoel Alves Veloso, e uma enfermeira, os quais reconheceram que ela não tinha nenhum sintoma da doença a ponto de ficar despada por vários dias, como forma de não escapar do tratamento forçado. (Página 15)

Mônica Zilli **Conversações continuam em greve, mas negociações progredem**

Gazeta de Sergipe, 26 de novembro de 1991. Edição Nº 9898. Capa problema conjugal Fantástico

PDT quer CPI para apurar irregularidades na SMTU

Para aonde estão indo os recursos do ISS repassados para a Superintendência Municipal de Transportes Urbanos (SMTU), segundo os empresários de transporte coletivo, mas que não constam como recebidos na Secretaria Municipal de Finanças? Por que a São Mateus não paga ISS e as outras empresas não têm o mesmo privilégio? São algumas das perguntas que o vereador Rosalvo Alexandre, vice-presidente do diretório regional do PDT, quer respondidas e por isso vai pedir uma Comissão Parlamentar de Inquérito na Câmara Municipal de Aracaju, a fim de apurar as constantes denúncias de irregularidades na SMTU, inclusive que o ex-superintendente Aerton Silva, demitido por Carlos Alberto Menezes, viajou para o Chile com dinheiro da SMTU.

Segundo ainda denúncia de Rosalvo Alexandre, o dinheiro arrecadado pela SMTU com a Zona Azul não está sendo repassado para a Secretaria Municipal de Ação Social, para ser aplicado nas creches mantidas pelo município de Aracaju.

Rosalvo quer saber também a razão da SMTU cobrar dez cruzeiros a mais na tarifa dos transportes coletivos, argumentando que esse dinheiro é para tirar a Prefeitura de Aracaju do sulco.

O povo de Aracaju merece uma resposta e tem que tirar as dúvidas sobre essa série de denúncias e comentários na cidade e algumas já comprovadas, como o não repasse dos recursos da Zona Azul para as creches. A sociedade exige que seja esclarecido o destino do dinheiro, porque não podemos continuar pagando pelo que não existe de benefício para a população-comentou Rosalvo Alexandre.

Gazeta de Sergipe, 26 de novembro. Edição Nº 9898. PDT quer CPI na SMTU.

Carlos Alberto Menezes explicou que Aerton Silva teria o princípio da autoridade, quando viajou para o Chile e não comunicou ao prefeito e nem deixou alguém substituindo.

DATAS

Quanto à viagem de Chico Dantas, secretário Municipal de Assuntos Urbanos, Carlos Alberto explicou que ele viajou, mas comunicou com antecedência e deixou Renato Sanches substituindo, para qualquer eventualidade.

CONTINUIDADE

No caso de Aerton Silva, entendeu Carlos Alberto Menezes, foi criado um problema para o município, uma vez que sem substituto, setor tão importante como o transporte coletivo poderia sofrer solução de continuidade.

POLÍTICA

Sérgio Bezerra discordou das colocações feitas por Carlos Alberto Menezes orientar na Câmara Municipal, argumentando que Aerton Silva viajou para um congresso sobre transportes, portanto, estava dentro da sua área.

EXONERAÇÃO

Para Sérgio Bezerra, o prefeito em exercício poderia designar um substituto interno para Aerton Silva e com o seu retorno, naturalmente, que as explicações seriam dadas.

SUSPENSOS

Atendendo pedidos dos jornalistas e radialistas, os Departamentos de Imprensa da Assembleia Legislativa e Câmara Municipal de Aracaju suspenderam a distribuição dos boletins, contendo matérias dos deputados e vereadores.

ALMEIDA

José Almeida Lima (PCT) não deixou passar a oportunidade e foi a tribuna, para dizer de sua solidariedade para com os profissionais da imprensa que estão em greve.

DOENÇA

Quando José Almeida Lima estava um deputado não soube o que comentar. Tudo bem que ele esteja solidário, mas não precisa ficar o tempo todo mantendo esse assunto, em que ser rápido e objetivo.

Rosendo adverte João para ter cuidado com Artur Reis

Rosendo Ribeiro Filho (PMDB) disse ontem que o deputado Artur Reis não pode querer ser o dono de tudo e impor sempre sua vontade, como aconteceu no episódio que culminou com o pedido de exoneração do ex-deputado Elizário Sobral da direção do Detran, porque Artur não concordou com a mudança de local para a realização, no último final de semana, do exame de habilitação em Lagarto.

O deputado peemedebista lembrou que Artur Reis, quando do Governo Valadares, depois de romper com o ex-governador, passou, através da emissora de Rádio de sua propriedade, a xingar Valadares, sem necessidade.

Segundo Rosendo Ribeiro Filho, o ex-prefeito de Lagarto e deputado estadual Artur de Oliveira Reis não tem o direito de tentar acabar com o acordo, só para satisfazer suas vaidades pessoais, como aconteceu com o episódio envolvendo Elizário Sobral, que teve dignidade para não aceitar as imposi-

ções de Artur.

O peemedebista defende a tese de umão de esforços, para que o governador João Alves Filho continue conseguindo recursos e realizando obras tão necessárias para o desenvolvimento de Sergipe.

Rosendo insiste que há de se pacificar os ânimos dos mais exaltados, como Artur Reis, porque o Estado não pode ter os benefícios para o povo interrompidos por vontade deste ou daquele político, só porque um exame deixa de ser realizado numa Escola para ser em outra, pois o importante é que o Serviço seja executado.

Conversando fora do plenário da Assembléia, o deputado peemedebista disse que teme que Artur Reis agrida verbalmente o governador João Alves Filho, como fazia com Valadares, só porque não gostou dessa ou daquela atitude de um secretário ou qualquer assessor, porque não atendeu aos seus caprichos.

Gazeta de Sergipe, 26 de novembro. Edição Nº 9898. Rosendo adverte João para ter cuidado com Artur Reis.



medito pede cursos para Santa Rosa

Zé Almeida satisfeito com passagem grátis para PMs

Além da solidariedade.

Além da solidariedade.

Veredores solidários com a exoneração de Aerton

A exceção do vereador Sérgio Bezerra, líder do prefeito Wellington Paiva na Câmara Municipal de Aracaju, que entende ter sido um ato político, pois poderia haver substituições sem exoneração, os vereadores se manifestaram favoráveis ao ato do prefeito em exercício, Carlos Alberto Meneses, de demitir o superintendente municipal de Transportes, Aerton Silva, por entender que este desrespeitou a autoridade, quando viajou para o Chile, sem comunicar-lhe e sem deixar um substituto, como fez Chico Dantas, secretário municipal de Assuntos Urbanos.

Carlo Alberto Meneses compareceu ontem à Câmara Municipal de Aracaju, onde, em plenário, declarou seu apoio, justificando com vários exemplos negativos dados por Aerton Silva.

EXPLICAÇÃO

O prefeito deixou bem claro que foi obrigado a demitir Aerton Silva, porque este via-

lento, enquanto que Chico Dantas viajou para o Chile, onde participou de um Congresso de Transportes, mas comunicou ao prefeito e disse que qualquer coisa poderia ser resolvido por Renato Sales, seu substituto interino.

Mas três fatos marcaram a saída de Aerton Silva, conforme Carlos Alberto Meneses explicou aos vereadores. O primeiro deles é que uma comissão de moradores propôs o prefeito para saber sobre as linhas do Marcos Freire (integrado) e este não sabia a quem recorrer para obter informações sobre a situação, dentro do projeto das planilhas de tarifas de ônibus, também contribuiu, pois Carlos Alberto queria informações e não obtive, e por fim, quando se encontrava perto da garagem da Progresso, Carlos Alberto encontrou uma turma de servidores da PMA, querendo saber sobre a distribuição de vias de transportes e o prefeito em exercício ficou em dificuldades, uma vez que não tinha quem informasse.

Carlos Alberto marcou uma

mir Queiroz e o Joaquim Feltoas (inacur) e mais Antonio Jacinto, para discutir a questão do vale transportes e foi informado que era difícil, visto que não existe ninguém para explicar a decisão.

O prefeito telefonou para a SMTU e conversou com Jorge Lambe, assessor de Aerton Silva, Jorge telefonou para Odeir, procurando saber se poderia atender o prefeito Carlos Alberto. Diante disso, Carlos Alberto convocou o assessor e pediu explicações sobre o vale transportes e Jorge Lambe respondeu que não podia dá-las, assim como substituir Aerton Silva, porque este não o designou para coisa alguma.

Com essa situação, Carlos Alberto decidiu por exonerar Aerton e pediu um substituto por Wellington Paiva, irmão do prefeito, mas Everton teve um problema com Aerton e sua nomeação poderia complicar mais ainda o quadro. Então, Carlos Alberto optou por Antonio Jacinto, que é assessor da instrução, contatado de

Gazeta de Sergipe, 26 de novembro. Edição Nº 9898. Vereadores solidários com a exoneração de Aerton Silva

INFORME GS

O CASO DA SMTU

O "affair" da demissão do presidente da SMTU, Aerton Menezes Silva, pelo vice-prefeito Carlos Alberto Menezes, não é o único problema que aquela secretaria está enfrentando. Está surgindo outro que pode ser mais explosivo.

As empresas de transportes coletivos que operam em Aracaju encaminharam ao líder do PC do B na Câmara Municipal, Edvaldo Nogueira, um documento dando conta de que nada devem a Prefeitura Municipal com relação ao ISS.

O que se comenta é que as empresas, quando recebiam os recursos da venda dos vales-transportes, já descontavam, automaticamente, o valor do ISS devido do mês. Portanto, se for confirmada a informação, a SMTU já teria recebido o dinheiro do INSS das empresas de transporte urbano, e não teria repassado a Secretaria de Finanças.

Agora, o vereador Rosalvo Alexandre, vice-presidente do Diretório Regional do PDT, quer a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, a fim de verificar o destino dos recursos repassados a SMTU. Inclusive o arrecadado com a Zona Azul.

XXXXXXXXXXXXX

PRESSÕES

O vice-prefeito Carlos Alberto Menezes, que interinamente responde pela Prefeitura Municipal de Aracaju disse ontem que recebeu muita pressão para não seguir a vante com a demissão de Aerton Silva da SMTU. Até anteontem a noite, houve telefonemas solicitando que voltasse atrás. Carlos Alberto porém disse que, a demissão foi necessária para re-
por o princípio da hierarquia.

ZANGADO

nhecido como Agenor. Os marginais, como tratou Renatinho, agora, estão ameaçando as famílias dos espancados, professores e comissários de menores que também foram surrados, durante a reunião, quando os filhos de Agenor invadiram à escola.

SOLIDARIEDADE

Enquanto isso, José Almeida Lima, representante do PDT na Assembléa, declinou de usar a tribuna em solidariedade à greve dos jornalistas e radialistas. Os deputados até

Rompe

Depois de 90 dias de convivência pacífica, Carlos Alberto e o prefeito Wellington Paixão romperam para valer. Para ficar igual à primeira vez está faltando apenas a publicação de notas pagas nos jornais trocando acusações.

Jornal de Sergipe, 29 de novembro. Edição Nº 3887 Coluna Painel Rompe

Collor assume campanha contra a AIDS e faz pronunciamento na TV

BRASÍLIA - Atendendo recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS) e impressionado com as projeções do Ministério da Saúde, que mostram o risco de o Brasil fechar o ano 2000 - daqui a apenas oito anos - com um milhão de doentes de Aids, o presidente Fernando Collor resolveu assumir pessoalmente parte do trabalho de prevenção contra a doença. Ontem ele gravou um pronunciamento a Várzea que será ao sexta-feira à noite em cadeia de rádio e Tv. No seu alerta, Collor disse que a única maneira de se evitar esse quadro catastrófico, reduzido de um milhão para cerca de 100 mil o número de doentes, é o início imediato de um trabalho sério de prevenção e envolvimento de todos os setores da sociedade.

A gravação do pronunciamento foi sugerida pela OMS, que aponta o Brasil como um dos países-problema em relação à Aids. Collor convidou a população à assistir um vídeo educativo do Ministério da Saúde, que será exibido no domingo de manhã, também em cadeia, mostrando regras de prevenção individual e instando as Prefeituras a formarem comissões municipais de Aids.

Ele anuncia também a criação do "Conselho Nacional de Prevenção de Aids", que será presidido por PMB. O início do funcionamento do Conselho acontecerá tão logo o atleta retornar de China.

Em um dos últimos despachos com o presidente, o ministro da Saúde, Alcegui Guerra, mostrou as propostas da Aids para o final do século no Brasil. Quando, Collor resolveu atender a sugestão da OMS e ordenou a Alcegui que desse prioridade total no combate e prevenção à Aids no seu Ministério.

Nossa intenção, com a criação das comissões municipais de Aids, é descentralizar o trabalho de prevenção e combate, entregando para Prefeituras de todo o material educativo e de consumo para distribuição à população. As campanhas do Ministério apenas darão suporte ao trabalho dos agentes de saúde - explicou o ministro Alcegui Guerra.

Ele espera fechar este ano com a formação de 2 mil comissões municipais, além das estaduais já existentes, inclusive nos 700 municípios onde já existem casos de Aids notificados.

No seu pronunciamento Collor utilizou dados do Ministério de Saúde e da OMS para ilustrar a situação nacional em relação à Aids.



Collor vai amanhã à TV

Gazeta de Sergipe, 28/11/2017. Edição Nº 9900. Collor assume campanha contra a AIDS

Dialogay lança campanha

O Grupo Dialogay de Sergipe e a Associação dos Moradores do Bairro América, Amaba, estarão realizando a partir de segunda-feira uma programação toda voltada para a discussão e esclarecimento sobre a Aids. A Semana de Mobilização, antecipa o Dia Mundial de Luta Contra a Aids, que será comemorado em primeiro de dezembro próximo.

De acordo com a programação do evento serão realizadas palestras, exames anti-Aids, exposições e shows com a participação de vários artistas de Sergipe.

Segundo o presidente do Dialogay, Wellington Andrade, as atividades que serão realizadas durante a Semana de Mobilização visam informar a população sobre as formas de prevenção e de transmissão da doença. "Esta é uma oportunidade de chegarmos perto das pessoas, levando um pouco de informação", revelou.

Com o tema compartilhando desafios, o evento vai contar com a participação das duas entidades e com o apoio de empresas, artistas, órgãos públicos e estudantes.



Wellington Andrade

Jornal de Sergipe, 22 de novembro. Edição Nº 3881. Dialogay lança campanha.

Chega a Aracaju primeiro lote de AZT para aidético

A Secretaria de Estado da Saúde recebeu ontem o primeiro lote de comprimidos de AZT a serem usados gratuitamente nos portadores do vírus da Aids que já estão com o sintoma da doença. A confirmação foi feita ontem pelo coordenador do setor de Doenças Sexualmente Transmissíveis — DST, da Secretaria da Saúde, médico Almir Santana. O medicamento que custa hoje cerca de Cr\$ 180 mil, será usado somente nos pacientes que estão doentes e cadastrados na Secretaria da Saúde.

Chegaram 88 frascos, sendo que em cada um tem 100 comprimidos. Segundo Almir Santana estes comprimidos, contidos num frasco, são suficientes para atender um doente de Aids por vinte dias. O efeito benéfico do medicamento, adiantou Almir, é que aumenta a sobrevivência do paciente e alguns chegam até a aumentar o peso. O único efeito colateral provocado pelo remédio é a anemia. "Por isso mesmo ele não pode ser aplicado em qualquer pessoa que esteja com Aids", explicou Santana.

Para se conseguir um frasco de AZT, hoje, no Brasil são enfrentadas várias dificuldades e somente o laboratório fornecedor, "já que não é vendido em farmácia", disse o coordenador do DST, Almir acredita que a distribuição gratuita do AZT para os pacientes que já estão com o sintoma da doença, pela Secretaria de Estado da Saúde, irá permitir um melhor acompanhamento dos pacientes e irá livrá-los de problemas como "falta de dinheiro para comprar o remédio", comentou.

Os comprimidos enviados pelo Ministério da Saúde para Sergipe são suficientes para atender os portadores da Aids no Estado por um período aproximado de três meses. Entretanto, segundo Almir Santana, o Ministério ficou de enviar um segundo lote antes do final deste ano para cobrir o possível surgimento de mais casos de Aids, ou melhor, de mais pessoas que são portadoras do vírus e que a doença começa a se manifestar.

Jornal de Sergipe, 22 de novembro. Edição Nº 3881. Chega a Aracaju primeiro lote de AZT para aidético.

Aracaju, 28 de novembro de 1991 página 03

POLÍTICA

João envia projeto à Assembléia diminuindo ICMS para 17% em 92

O governador João Alves Filho encaminhou para a Assembleia Legislativa mensagem governamental acompanhada de projeto que reduz o ICMS de 18% para 17%, alterando disposição do artigo 43 da Lei nº 2.707, de 20 de março de 1989.

Segundo o projeto do governador João Alves Filho, a redução da alíquota se dará a partir de 1º de janeiro de 92, pois pela atual legislação os 18 por cento seriam cobrados até 31 de dezembro.

ARGUMENTAÇÃO

Essa alteração de alíquotas, reduzindo-as de 18% para 17%, é uma proposta, segundo o governador João Alves Filho, que já vinha sendo pensada, cogitada e discutida pelo governo dentro de uma visão global a respeito do sistema tributário, no aspecto voltado ao setor empresarial, principalmente quanto ao

vel perda de receita tributária, que essa redução de alíquotas vai acarretar, vai provocar na arrecadação do Estado. Desta forma, é que, por outro lado, através desse projeto, procuramos diminuir, embora que parcialmente, ou seja, numa parte bem menor, procuramos diminuir, repito, aquela perda maior de receita provocada pela redução de alíquotas de 18% para 17% - comentou.

Assim, em contrapartida, argumenta João Alves Filho, ao se referir, no artigo 2º do anexo Projeto de Lei, uma nova redução para dispositivos do artigo 43 da Lei nº 2.707, de 20 de março de 1989 (aumento da alíquota para 25% para cigarros, charutos e opifinas e veículos importados), busca-se uma pequena compensação, mediante a elevação de alíquotas relativas a operações internas envolvendo a circulação de uns poucos produtos e a criação de outros.



Alta redução de ICMS para ajustar desequilíbrio econômico.

Gazeta de Sergipe 29/11/2017 Edição Nº 9900. João envia projeto redução de ICMS.

Federação marca para domingo melhor de três

Embora ainda extraoficialmente, pois no Boletim somente será possível na próxima quinta-feira os trâmites legais, o presidente da Federação Sergipana de Futebol, desportista José Carvaldo de Souza, já decidiu em conjunto com sua diretoria, que a série melhor de três pontos entre Sergipe e Confiança começará no próximo domingo.

A segunda partida será no domingo seguinte e se houver necessidade de uma terceira, esta

deverá ser também em um dia de domingo, pois as férias regulamentares dos atletas de futebol profissional são a partir de segunda quinzena do mês de dezembro, não havendo nenhum impedimento para que todos os encontros da série melhor de três pontos sejam nos domingos, pois existe a perspectiva de melhores arrecadações.

ARBITRAGEM

O Confiança deverá

mesmo dar entrada de um documento hoje ou no mais tardar amanhã, solicitando arbitragem da FIFA mais uma vez para os seus jogos contra o Sergipe na decisão do Sergipão 91. Porém, os dirigentes do Confiança não aceitam que seja mais Ulises Tavares da Silva ou Wilson Carlos dos Santos. O nome mais cotado é o de José Aparecido, que ficou famoso depois da cusparada do meiocampista Neto.

Jornal da Cidade, 26 de novembro. Edição Nº 5817 Federação marca para domingo melhor de três.

Sergipe e Confiança decidem o Título em série melhor de três

Confiança tem dificuldades estruturais

Confiança tem dificuldades estruturais para conquistar o título. O clube enfrenta problemas financeiros e de infraestrutura, o que dificulta a preparação para o campeonato. Apesar disso, o time conseguiu se classificar para a final, onde se enfrentará o Sergipe.



Foto: J. M. de Almeida/Agência de Imprensa

O Sergipe venceu o jogo de ida em uma partida de 1994 e agora volta a enfrentar o rival em uma revanche. O time de Confiança, apesar das dificuldades, conseguiu se classificar para a final. O jogo será disputado em um campo neutro, onde o Sergipe tem vantagem por ter sido o melhor colocado no campeonato. A partida promete ser emocionante, com o Sergipe buscando a revanche e a Confiança tentando se recuperar de suas dificuldades.

Dragão não concentra em Salgado

O Dragão não conseguiu se concentrar no jogo contra o Salgado. O time sofreu com problemas de comunicação e falta de foco, o que resultou em um desempenho abaixo do esperado. Apesar de ter sido o favorito, o time acabou sendo derrotado.



Foto: J. M. de Almeida/Agência de Imprensa

Expulsões prejudicam o Sergipe mais seriamente

As expulsões prejudicaram o Sergipe mais seriamente durante o jogo. O time ficou com menos jogadores no campo, o que afetou sua capacidade de atacar e defender. Apesar disso, o time conseguiu manter a calma e não deixar o jogo ser influenciado pelas expulsões.

O jogo foi marcado por várias expulsões, o que prejudicou o Sergipe. O time ficou com menos jogadores no campo, o que afetou sua capacidade de atacar e defender. Apesar disso, o time conseguiu manter a calma e não deixar o jogo ser influenciado pelas expulsões.

AGUARDEM O TEMPO NA SAMAM

Neto: "O coração no bico da chuteira".

Rocha entra em campo para adiar a decisão

Chopp para o Sergipe visando adiamento da decisão e vencer o jogo. Todas as partidas para não serem desclassificados e ganhar o título. Estava no jogo, não se parecia com o campeão, mas o resultado que um jogador a vitória e vencer seria para não perder o título. O jogo foi jogado e o resultado foi de empate. O jogo foi jogado e o resultado foi de empate. O jogo foi jogado e o resultado foi de empate.

Na vitória inesperada no Sergipe no jogo da tarde de hoje, no Batistão, contra o Confiança, realizado que foi o grande e decisivo de decisão o título mais valioso de três pontos. Essa é uma vitória, venceu Robert Neto. O jogo foi jogado e o resultado foi de empate. O jogo foi jogado e o resultado foi de empate. O jogo foi jogado e o resultado foi de empate.

Estava um jogador para que o time chopp se classificasse, sendo esse entre os jogadores. Neto, o artilheiro do campeonato. É uma vitória que o jogador Robert Neto que se teve um resultado de empate, com o jogo jogado e o resultado foi de empate.

Elenilson ameaça colocar areia no chopp proletário

Neto clássico Sergipe. O jogador Elenilson, que jogou no chopp proletário. Neto, o artilheiro do campeonato. É uma vitória que o jogador Robert Neto que se teve um resultado de empate, com o jogo jogado e o resultado foi de empate.

Neto clássico Sergipe. O jogador Elenilson, que jogou no chopp proletário. Neto, o artilheiro do campeonato. É uma vitória que o jogador Robert Neto que se teve um resultado de empate, com o jogo jogado e o resultado foi de empate.

OFICIAL TÉCNICA

Sergipe: Djalma Aguiar, Manoel, Valdeir e Alex. Desfilado, Saldado e Elenilson. Confiança: Evandro, Beto e Antonio. Estrela: Tarciso, Elenilson Neto. Chopp: Wellington, Aguiar, Marquinhos, Gilson, Aguiar, Malhada e Neto. (Paraná): Rômulo, Cavallari, Paulista e Quilba. Rio Sergipe: Assis e Valdeir. (Trio Elétrico): Beto, Neto e Paulo. (Trio Elétrico): Beto, Neto e Paulo. (Trio Elétrico): Beto, Neto e Paulo.

Jornal de Sergipe, 24 e 25 de novembro. Neto: O coração no bico da chuteira.

França pensa no título e programa festa de campeão

O presidente Fernando França reúne-se hoje de manhã com as diversas facções de torcida do Confiança, traçando os planos para o jogo decisivo de domingo à tarde no "Lourival Baptista", pois o Dragão pode alcançar o título. Eles vão discutir os pormenores sobre o jogo, uma possível passeata, a animação durante todo o decorrer do jogo, esteja ou não time ganhando, porque o objetivo mesmo é de se oferecer uma bela tarde em termos de animação.

Fernando França para garantir o espetáculo desde o início da semana, solicitou arbitragem de nível internacional para o espetáculo decisivo. Sua reunião hoje com os dirigentes de facções de torcida vai tratar exatamente da animação, como animar o jogo extra-campo e principalmente de uma possível passeata logo após o espetáculo em que ele tem certeza da vitória do seu time e a consequente conquista do bicampeonato sergipino.

O Confiança vai entrar saltando pombo, o símbolo da paz, buscando desarmar os espíritos que foram preparados no início da semana de maneira inadequada no entendimento do dirigente alvazul. Tanto assim que houve acusações de ambos os lados mas tudo foi serenado sem maiores animosidades. E para mostrar o seu desejo de uma tarde feliz, buscando a retidão entre os disputantes, uma série de pombo serão soltos no Batistão.

O Trio Elétrico vai chegar no Batistão a partir das 14 horas esperando apenas o apito final para sair às ruas comemorando a conquista do bicampeonato. Chopp terá a valer já encomendado com antecedência para distribuir com a torcida que irá até alas horas da noite acompanhando toda a animação. "São prováveis as chances que não podemos deixar de tomar, porque afinal de contas estamos no caminho do título de bicampeonato do estado", afirmava ontem o presidente proletário.



Jornal de Sergipe, 22 de novembro. Edição Nº 3881. França pensa no título festa.

Basta o empate para o Confiança ser o campeão

Só um empate é o que precisa de Confiança, esta tarde no Batistão, para se tornar bi-campeão sergipano de futebol. Enfrenta o Sergipe, que segundo o técnico Ribeiro Neto vai jogar com o "coração no bico da chuteira". O técnico proletário, Edmilson Santos diz que apesar da vantagem seu time vai entrar em campo procurando a vitória. Marquinhos, contundido, é a principal dúvida do Confiança. O Sergipe também tem dúvidas e Ri-

beiro não sabe se escala Leñiton ou Oswaldo. Caso consiga vencer, o Sergipe vai disputar o título com o mesmo Confiança numa melhor de três pontos. No jogo passado, no último domingo, houve empate de 1 a 1, apesar do Sergipe ter jogado melhor. A expectativa é de uma renda recorde e a torcida do

Confiança já preparou uma grande festa, caso seja o campeão. (Esportes - Páginas 6, 7 e 8 - B).

Greve e vandalismo

O JORNAL DE SERGIPE TEM ASSUMIDO, em todos os movimentos grevistas registrados neste estado a postura da defesa do direito de greve. Mas, com a mesma veemência que defende esse direito, o JS tem repudiado os piquetes violentos, que totem, pela opressão física e moral o livre arbítrio daqueles que desejam exercer o direito ao trabalho. Desde a última sexta-feira que os jornalistas sergipanos estão em greve, no exercício de um direito consi-

Jornal de Sergipe, 24 e 25 de novembro. Edição Nº 3883 Confiança basta o empate.

Confiança continua sendo um freguês de caderno do Sergipe



O estreitamento Rocha II abriu a contagem no clássico de domingo



A torcida rubra vibra com o feito dos comandados do técnico Ribeiro Neto

O Confiança, outra vez, diante do Sergipe não soube tirar proveito da vantagem que tinha a seu favor para conquistar o título de campeão sergipano da presente temporada. No jogo da tarde do último domingo, no Batistão, necessitava apenas do empate, o qual estava em seu poder, para terminar sendo, derrotado por 2x1. O ponta-direita Tuica que estava no banco entrou em campo para intensificar a vida do time proletário.

Com o Sergipe, aconteceu o que foi traçado pelo técnico Ribeiro Neto a marcação do gol logo nos primeiros minutos da partida. Isso aconteceu aos 6 minutos, quando Rocha fez o gol de abertura, ao aproveitar uma zaga que nasceu pelo lado direito.

Como era natural, na base do desespero, o Confiança partiu em busca do empate. A primeira tentativa aconteceu aos 11 minutos quando Azeiteiro cabeceou por cima, um cruzamento feito por Pimentel. Isso se repetiu aos 13 minutos, quando Marquinhos, atrapalhado por Paulinho chuta forte e pelo alto.

O Confiança insiste no ataque. Decorriam 18 minutos quando Paulinho lançou Azeiteiro, com este chutando forte, surgindo o goleiro Dilson que joga a bola para a linha de fundo. O Sergipe era um time castanho na defesa, dando condição para que o adversário insistisse no ataque. Foi o que aconteceu aos 27 minutos quando Paulinho serviu a Waldson, com este chutando pelo alto, com o goleiro rubro fazendo uma defesa perniciosa.

Para o segundo tempo o Confiança trata Beto Sergipano em lugar de outro, isso na Confiança, com Leñiton entrando na posição de Agnelão. Era natural que o time proletário insistisse em bases do empate. Isso aconteceu aos 16 minutos. Foi através de uma jogada iniciada com Araujo, chegando até Azeiteiro que só teve o trabalho de executar para o fundo da rede adversária: 1x1.

A partir daí o jogo empata. Valdeci agrada Paulinho, vai respalado e leva com ele o meia-esquerda Quinha. Desencorajadamente Beto Sergipano entra violentamente num jogador rubro, sendo expulso tam-

bém Elenilson, e que também acaba acontecendo com o saguete Malvina. Com a vantagem de mais um jogador em campo, o Sergipe resolveu perdoar de assinalar o segundo gol através de Alex que chuta por cima.

Aos 26 minutos Leñiton atinge um adversário e foi expulso, com as duas equipes ficando em igualdade numérica, o que fez o técnico Ribeiro Neto tirar Evandro do time, colocando Tuica na sua posição. Por volta das 28 minutos, num cruzamento da direita, Azeiteiro recebe a bola, livre, mas falta-lhe categoria para concluir. Só que isso foi por demais fatal para o Confiança.

Como se a vitória lhe interessava, o Sergipe continuou insistindo, tentando encontrá-la. Isso aconteceu aos 32 minutos quando o jogador foi lançado livre pela direita, com o saguete Gilvan falhando na marcação. Frente à falta com Wellington, Tuica bate forte e faz: Sergipe 2x1 Confiança.

Foi uma ducha de água fria nas pretensões do Confiança, cujos jogadores não tiveram poder de reagir. Agora o título será decidido numa partida melhor de três, com a primeira partida sendo no próximo domingo, no Batistão. Agora o Confiança quem vai correr atrás do prejuízo.

Não foi das melhores o trabalho de Ulisses Tavares da Silva que não soube cobrir o jogo violento, na hora precisa. Quando tentou corrigir o erro, passou a aplicar cartões demasiadamente e desancosamente.

Certo amarelo - Quinha Confiança.

Certo vermelho - Quinha, Beto Sergipano e Malvina (Confiança), Valdeci, Elenilson e Leñiton (Sergipe).

A renda sempre é importante de Cr\$ 24.931 mil, com 22.427 torcedores pagando ingresso.

Sergipe - Dilson; Agnelão (Leñiton); Marcos, Valdeci e Alex; Elenilson; Sandroval e Oswaldo; Evandro (Tuica); Rocha e Elenilson. Técnico - Ribeiro Neto.

Confiança - Wellington; Araújo; Marquinhos, Malvina e Pimentel; Agnelão, Paulinho e Quinha. Alex (Beto Sergipano); Gilvan (Azeiteiro) e Waldson. Técnico - Edmilson Santos.

Jornal de Sergipe, 26 de novembro. Edição Nº 3884 Confiança freguês de caderno.



Gazeta de Sergipe, 27 de novembro. Edição Nº 9899. Jogadores rubros evitam clima de já ganhou.



Jornal da Cidade, 25 de novembro. Edição Nº 5816. Decisão lotará o Batistão.

Suspensão automática

Expulsos por Ulices não jogarão domingo

Pelo fato de terem sido expulsos por Ulices Tavares da Silva árbitro da Federação Paulista e da Fifa, no 'Derby' do último domingo, os atletas Waldecy, Elenilson e Léniton (todos do Sergipe) e Beto Sergipano, Malvina e Quinha (todos do Confiança), estarão fora do 'clássico dos milhões' neste final de semana, uma vez que terão que cumprir suspensão automática.

Em contrapartida o Confiança terá de volta o meio campista Virgílio e o Sergipe Luiz Dias, profissionais que cumpriram a famosa suspensão automática. Só que o zagueiro do time 'Mais Querido' do Estado poderá até nem retornar a equipe comandada pelo treinador Ribeiro Neto, pois será julgado nesta quinta-feira pelo Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Sergipana de Futebol, que vem dotando uma conduta de linha dura para impedir a violência nos gramados de futebol.

Há quem afirme que mes-

mo perdendo a vantagem nesta decisão do Sergipão 91, o Confiança foi beneficiado nas expulsões, pois os seus atletas que receberam cartão vermelho são substituíveis e tem até um reserva. No caso dos atletas do Sergipe o time rubro ficará todo desarrumado, pois Elenilson, considerado o principal jogador em sua posição no Estado, fará uma falta enorme. Além disso, o zagueiro Waldecy vinha impondo respeito na zaga rubra.

SUBSTITUTOS

Durante toda esta semana os treinadores Ribeiro Neto e Edmilson Santos irão trabalhar bastante para encontrar os substitutos de Waldecy, Elenilson, Léniton, Beto Sergipano, Malvina e Quinha. Waldecy pode ser substituído por Luiz Dias ou até mesmo por Osvaldo, que teve papel importante na vitória do Sergipe por 2 a 1 no último domingo. Elenilson entra em seu

lugar Tuíca, com Evandro sendo deslocado para o meio campo e na posição de Léniton entra Edilson para formar o quadrado mágico da variedade do 4,4,2, do famoso Popô da Gávea. No Confiança o treinador Edmilson Santos deverá colocar em campo Gilvan Japarutaba no lugar de Malvina, Edy no lugar de Quinha e Ricardo no lugar de Beto Sergipano no banco de reservas.

Fosse o futebol sergipano feito com maior interesse econômico, as duas diretorias certamente entrariam em um acordo para que os atletas expulsos de campo domingo passado pudessem atuar na primeira partida da série melhor de três pontos, decisivos. Como não é, apesar de dizerem que está existindo, concluiu para que a decisão só aconteça na terceira partida da série melhor de três pontos, a questão será levada para o Tribunal de Justiça Desportiva.

Jornal da Cidade, 26 de novembro. Edição Nº 5817. Expulsos por Ulices não jogarão no domingo.

Wellington Elias

Está ofuscando

Acabou-se a cantilena da tal vantagem dos 5 pontos que o Confiança tinha sobre os demais, principalmente sobre o Itabaiana que deu adeus prematuramente e sobre o Sergipe que mais firme e determinado foi nadando, nadando e agora chega na beira da praia em igualdade de condições com esse mesmo Confiança que chega a decisão sem o devido embalo. Mas tudo bem. Decisão é decisão e os dois times são realmente as duas maiores forças do futebol sergipano e dentro de campo vão escrever os últimos capítulos de um campeonato que tecnicamente foi um dos piores dos últimos anos mas que financeiramente, pelo menos para o Sergipe e Confiança, foi talvez dos mais pródigos. Falar em finanças a gente lembra dessas greves e falar em greve fica mais uma vez a triste realidade de um confronto que devia ser um convívio salutar entre o capital e o trabalho com o primeiro sempre querendo arrombar com o segundo. Se o capital tivesse mais humanismo e menos ganância lucrativa jamais o trabalho recorreria às greves na tentativa de sobreviver com dignidade. Por essas e outras é que o Japão tem hoje o melhor convívio entre capital e por isso o Sol Nascente brilha para o mundo inteiro numa intensidade que está ofuscando o poderio da Águia -Estados Unidos. Se o patrão - o brasileiro- se convencesse de que multiplica sua fortuna explorando o suor e o talento do empregado, jamais haveria greve porque haveria o reconhecimento ou o sincero e honesto agradecimento do patrão ao seu empregado. Mas voltemos ao futebol que domingo viveu a histórica 'decisão no silêncio'. Os torcedores que foram ao Batistão lamentavam e lastimavam o silêncio dos microfones e solidários ficaram com os grevistas. Domingo quando de um novo Confiança x Sergipe esperamos que os microfones voltem a funcionar e o torcedor tenha direito a todas as informações que o capital andou negando no domingo passado. Nessa altura, acho o time do Sergipe mais motivado, mais embalado, mais certinho que o Confiança cheio de problemas com aquele do lado esquerdo. É a arbitragem? Não seria melhor confiar em Sidrack Marinho ou querem teimar com os Ulices Tavares da vida? Reflitam.

Servidor com o nível superior ganha menos do mínimo na PMA

A Prefeitura Municipal de Aracaju está desrespeitando a Constituição quanto ao pagamento de salários dos servidores, através da Secretaria de Comunicação Social, que, embora o prefeito Wellington Paixão tenha determinado a equiparação salarial dos prestadores de serviço, tem servidor de nível superior ganhando Cr\$ 34 mil cruzeiros mensais e se quiser ficar acima ou se igualar ao salário mínimo de Cr\$ 42 mil cruzeiros, tem se humilhar ao secretário Francisco Ferreira, o Chiquinho, para que ele conceda um abono, a título de hora extra.

O fato não é do conhecimento do prefeito Wellington Paixão e nem do prefeito em exercício, Carlos Alberto Menezes, pois existe o medo de denunciar a irregularidade e haver a punição por parte do secretário e de seus assessores, uma vez que quem não reza na cartilha de Chiquinho é punido com falta ou nos salários, através do corte de vantagens (direitos legais e não representam qualquer favor por parte do superior aos seus subalternos), conforme



comentam servidores.

Aliás, por falar em represálias e arbitrariedades, o vereador Antônio Souza está revoltado com as demissões de servidores da Emsurb e já denunciou o fato da tribuna da Câmara, pedindo a demissão do presidente da Emsurb, Bóscio Mendonça.

Souza teve conhecimento que as demissões foram resultantes de fotografias entregues pelo secretário de Comunicação Social, Francisco Ferreira, o Chiquinho, e seu assessor Fernando Cabral de funcionários que participaram

de manifestações exigindo o pagamento dos salários. Nos atos de protesto, o presidente da Emsurb não estava presente, entretanto, Chiquinho e Fernando Cabral determinaram que os fotógrafos da Secom e uma equipe de cinegrafistas, que fica a sua disposição, filmasse todo o movimento, para identificação daqueles que protestavam contra os salários atrasados e, consequentemente, de posse de tais provas que a administração pública tomasse as devidas providências, ou seja, a demissão, como vem acontecendo.

Gazeta de Sergipe, 27 de novembro de 1991. Edição Nº9899. Servidor

A GREVE DOS JORNALISTAS E RADIALISTAS: PATRÕES CHAMAM A POLÍCIA E AMEAÇAM DEMITIR

Inconformados com as reivindicações e a greve dos jornalistas e radialistas seripenses que estão cansados de serem explorados pelos donos dos veículos de comunicação (na sua maioria políticos) que usam o rádio, a TV e os jornais para permanecerem no poder, como por exemplo o governador João Alves Filho, dono da *Roca Jornal de Comunicação*, o senador Albano Franco, dono da *TV Sergipe*, Heráclito Rolimberg, dono de *Rádio Liberdade*, Hélio Daniels, dono da *Caixa de Sergipe*, o empresário Nazário Pimental, dono do *Jornal de Sergipe*, que sempre foi um dos aliados do Poder, e tantos outros que a cada dia vêm crescendo o patrimônio às custas do suor e do sacrifício do patronato decidiu utilizar a polícia para bater e intimidar a categoria, tratada como marginal.

Na história do jornalismo seripense, é a primeira vez que os jornalistas, juntamente com os radialistas e os gráficos estão em greve. Depois de cinco rodadas de negociação, os patrões sentaram a mesa do DIT e não levaram nenhuma proposta concreta para a categoria. Muito pelo contrário, sempre fofocaram a categoria com respeito. Então, vejamos: entregaram a primeira proposta de acordo no dia 17 de outubro passado. No entanto, a primeira reunião de conciliação só foi marcada para o dia 30. Mesmo assim, os patrões que lá compareceram alegaram que não poderiam discutir o acordo porque o advogado não compareceu. A segunda reunião ficou marcada para as 17 horas do dia 5 de novembro no DIT. Dessa vez, quem sumiu, e levou com ele a proposta de acordo, foi o presidente da Asst, Augusto Junior.

O quarto, para não falar o contrário, é que nenhum empresário presente à reunião, nem mesmo o advogado, tinham em mãos uma cópia de pauta: A ou não levaram um firme amarelo, e "tradicionalmente", "Agitem os cinco D piloto sumiu". Os jornalistas e radialistas estão reivindicando apenas o que têm direito. De acordo com índices do próprio Governo Federal, as perdas chegam a 17%. Para mostrar que estavam dispostos a negociar, as duas categorias baixaram a proposta de aumento para 10%, mas não são eles que levaram em conta. E tiveram a coragem de apresentar uma proposta ridícula, desumano jornalista e de 87 mil cruzeiros e o do radialista 71 mil cruzeiros. As duas categorias pedem o apoio da população seripense e, ao mesmo tempo, peduntam a esse um profissional da imprensa de Sergipe sustentar suas fofocas com este salário.

Sentindo que as duas categorias estavam mobilizadas, já que estavam em estado de greve, os patrões pediram vinte e quatro horas para apresentar tudo o contrário e a uma nova reunião foi marcada para a manhã de sexta-feira, dia 22. Mas uma vez eles procuraram que estavam dispostos a nos receber. Apenas o advogado dos patrões, João Vasconcelos e o presidente da Asst, Augusto Junior, compareceram à reunião, que durou menos de 20 minutos, já que não houve nenhum acordo. Simplesmente eles disseram que a proposta seria a mesma. Os jornalistas, radialistas e gráficos não tiveram outra saída, criaram os brecos por não aceitarem mais ser explorados. De maneira pacífica, todos percorreram os jornais, as TVs e os rádios. Mas alguns patrões demonstraram toda a contrariedade, mesmo em época eleitoral de transição e a polícia para ameaçar demitir quem atrevesse ao modo governador João Alves Filho, que é Ivan Tavares, um profissional altamente responsável, mas que não pode perder o seu salário não só para alimentar e oferecer uma vida digna à sua família, por cento da categoria aderiu ao movimento. As rádios também tiveram milhares e alguns noticiários não foram ao ar, como por exemplo o *Repórter Jornal* e *Repórter Notícias*. Muitos jornalistas não querem demitir quem não faz trabalhar e colocar a polícia na sua casa intimando a categoria, os profissionais da imprensa de Sergipe estão unidos e não negociam com o movimento até que os patrões apresentem uma proposta digna capaz de satisfazer as necessidades básicas de cada trabalhador do processo.

A greve chegou, nesta segunda-feira ao terceiro dia, e o movimento já conta com quase 90 por cento de adesão. Enquanto isso, até mesmo os diretores dos sindicatos, estão sendo proibidos de entrar nas empresas.

Sindicato dos Jornalistas
Profissionais de Alagoas,
e Sindicato dos Radialistas.

Ribeiro Neto agradece vitória ao "anjinho"

Eufórico, com um copo de água na mão, sentando num daqueles carrinhos existentes no vestiário do Batistão, foi assim que o repórter encontrou o técnico Ribeiro Neto. Na hora surgiu, novamente a história do anjinho que falou em seu ouvido, garantindo que o Sergipe ainda seria campeão estadual da presente temporada. Um gole de água e em seguida volta sua atenção para o interlocutor, com o anjinho sendo o assunto.

Explica o treinador rubro que o anjo foi o sentido psicológico dado ao grupo para poder animá-lo, "isso diante daquele golpe drástico que foi perder o segundo turno", explicando ter havido influência positiva "e nós estamos chegando devagarinho".

Ribeiro Neto considera como sendo uma das grandes vitórias conquistadas

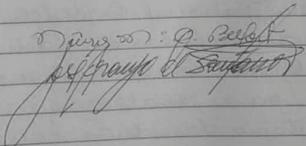
pelo Sergipe, alegando ainda que o jogo foi por demais dramático. "É um jogo que entra para a história. Dois times que proporcionaram grande espetáculo, o qual, há muito tempo, não se vê um futebol vibrante e cheio de emoção, como aconteceu nesse domingo".

Segundo o treinador rubro, Sergipe e Confiança revive a fase áurea do futebol sergipano, citando nomes de Beto, Ruiter, Daniel, Cipó, Duda e Aylton Rocha. "Então, pelo que vimos nesse domingo, no Batistão, esse é o nível do futebol sergipano".

Com a vitória do Sergipe, isso lhe garante a igualdade de condição com o Confiança. Para Ribeiro Neto, é uma nova vida, a máquina está zerada "e agora, com esse mesma determinação e jogando com o coração no bico da chuteira vamos trabalhar para conquistarmos o título".

69

is) na sede da DAT, quando seria apresentada uma Carta proposta, do dia 22 (Vinte e dois). Após a informação que foi levada a conhecimento da Assembleia Conjunta várias propostas foram apresentadas sobre a posição a ser tomada se houvesse uma greve. A resposta da Assembleia foi de que outros meios de greve, por tempo indeterminado, caso não fossem aceites as novas reivindicações, e que os Sindicatos encaminhariam imediatamente, ao Ministério Trabalho o processo do Dissídio Coletivo. Sem mais diário na mais a ser discutido os presidentes dos Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Aracaju, José Maurício de Santana e das Empresas de Rádio e Televisão do Estado Sergipe Carlos Rodolfo Rodrigues, encerraram a Assembleia Conjunta e em Nossa Maria do Carmo Ribeiro e assinou a presente Ata. Aracaju, 22 de novembro de 1991.



Ata da Assembleia Geral Extraordinária do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Aracaju realizada às 12:30 horas, em segunda convocação no dia 22 de novembro de 1991, no auditório da ASI - Associação Sergipana de Imprensa.

Aos vinte e dois dias de novembro de hum mil no

Ata Assembleia geral conjunta 22 de novembro de 1991.

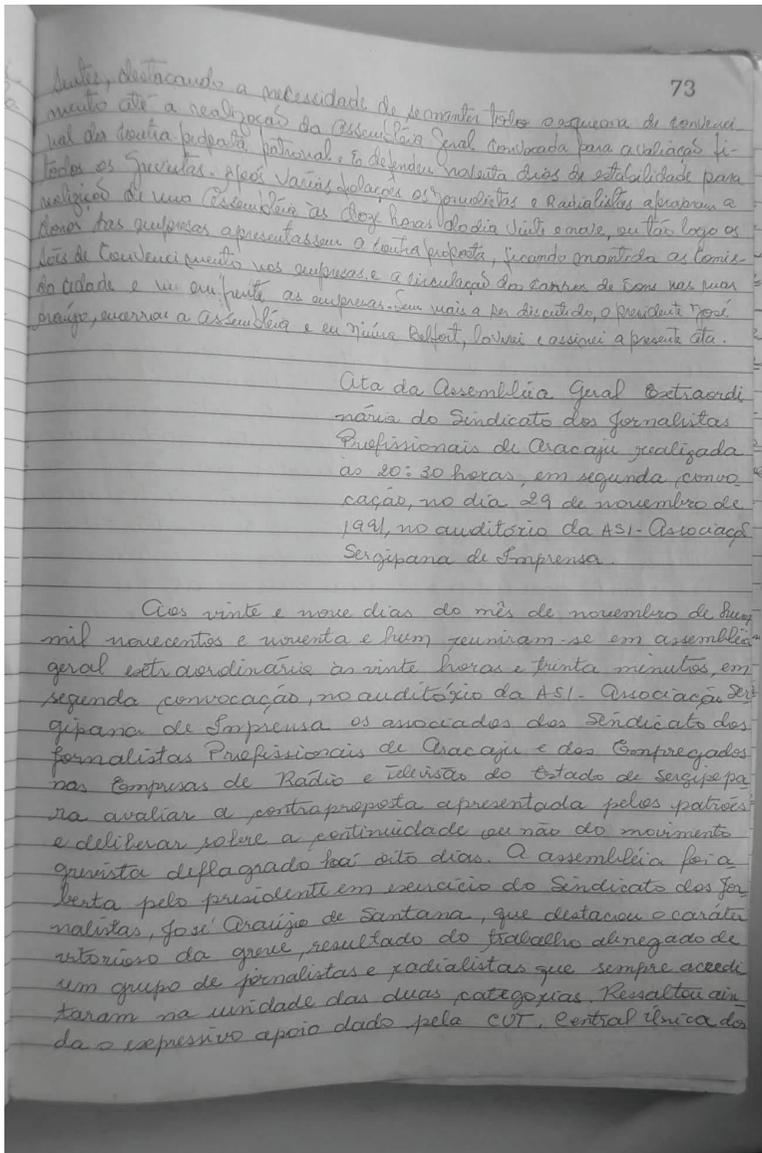
e noventa e hum reuniram-se em Assembleia Geral extraordinária às doze horas e trinta minutos, em a convocação no auditório da Associação Sergipense de Imprensa, os associados dos Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Aracaju e dos Empregados nas Empresas de Rádio e Televisão do Estado de Sergipe para tratar a seguinte pauta: avaliação da contraproposta salarial e deflagração da greve. A assembleia foi aberta pelo presidente em exercício do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Aracaju, foi Araújo de Sant'Anna, informou a categoria que, na última reunião realizada na DRT, Divisão de Relações e Trabalho do MTE, às onze horas e trinta minutos do dia vinte e dois de novembro de hum mil novecentos e noventa e hum, não apresentada nenhuma contraproposta, diante da ausência das feições das empresas em encontro ocorrido em na DRT, no dia vinte de novembro do corrente, que caracterizava um impasse nas negociações devido intransigência patronal. O presidente do Sindicato dos Empregados nas Empresas de Rádio e Televisão do Estado de Sergipe, Carlos Rodolfo Rodrigues, fez uso da palavra em seguida, para ressaltar que os rumos do movimento sindical das duas categorias estava apertado nas mãos dos associados presentes a assembleia, máxima das duas entidades, que deveria levar sobre os encaminhamentos. Após várias intervenções dos presentes, associados dos dois sindicatos, aprovaram a deflagração imediata de uma greve por tempo indeterminado e o encaminhamento do processo de dissídio para o Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região em Salvador. Foi aprovada ainda a formação de comissões de conhecimento para conseguir o acordo da categoria, ao momento paralisada. Sem mais a

70
 jornalistas, José Araújo de Santana, encorreu a reunião e
 us. N.º 27.º Carvalho Belfort, lavrei e assinou a presente a-
 ta. Aracaju, 22 de novembro de 1991.

D. N.º 27.º - C. Belfort

Ata da Assembleia Geral Extraordiná-
 ria do Sindicato dos Jornalistas Profe-
 sionais de Aracaju, realizada às 20.30
 horas, em segunda convocação, no dia
 25 de novembro de 1991, no auditório
 da AS- Associação Sergipana de Impren-
 sa.

Por vinte e cinco dias de novembro de hum mil
 novecentos e noventa e hum reuniram-se em assembleia
 al Extraordinária, às vinte horas e trinta minutos em
 unda Convocação no auditório da Associação Sergipa-
 ra de Imprensa, os associados dos Sindicatos dos Jorna-
 listas Profissionais de Aracaju e dos Empregados nas Es-
 tadas de Rádio e Televisão do Estado de Sergipe para
 scutar a seguinte pauta: avaliação do movimento para
 ita e encaminhamentos da luta. A assembleia foi aberta
 do presidente do Sindicato dos Jornalistas, José, digo, em exer-
 cis, José Araújo de Santana, que abriu as duas cate-
 gias.



Ata Assembleia geral conjunta 29 de novembro.

Trabalhadores, apoio este da ordem moral, material
 político e dos sindicatos a ela filiados, com o Sín-
 dical, Sindicato dos Bancários, Sindipetro, Sindiprensa,
 Sentese e outros. Em seguida, fez uso da palavra o
 presidente do Sindicato dos Empregados nas Empresas
 de Rádio e Televisão do Estado de Sergipe, Carlos Rodri-
 gues ao afirmar que esta primeira greve das duas
 categorias foi o primeiro passo na retomada de uma
 unidade unificada de luta e disse se sentir orgulhoso
 de ser presidente do sindicato. A palavra foi passada
 então, ao diretor do Sindipetro, Gilvan Melo, que fez
 na análise sobre o movimento grevista, reiterou, segundo
 ele, dando a unidade entre jornalistas e radialistas,
 alertou as direções dos dois sindicatos para o perigo que
 a fase mais difícil de uma paralisação de trabalhado-
 res. Logo após foi a vez do diretor do Sindipetro, Elson
 Nunes, falar sobre a participação da sua entidade no
 movimento paralisista das duas categorias, que se con-
 tituiu, na sua avaliação, num divisor de águas para
 a classe trabalhadora, da expressão, da exploração.
 Logo, disse, após as palavras do dirigente dos petroleiros
 o presidente do sindicato dos jornalistas, José Araújo
 foi para os presentes a contra-proposta patronal e
 apresentada ao final da tarde deste dia vinte e nove
 de novembro. Os donos das empresas se comprometeram
 se comprometem a pagar ao corrente mês um piso
 de Cr\$ 130 mil para os jornalistas, o que perfaz um
 reajuste de quarenta e nove vírgula zero três por cen-
 to e para os radialistas da área artística um piso de
 cento e dez mil cruzeiros equivalente a um reajuste de
 cinquenta e quatro vírgula sessenta e seis por cento
 e para a área técnica um piso de noventa e três
 mil cruzeiros, relativo a um reajuste de cinquenta
 e três mil, digamos, vírgula sessenta e dois por cento.

74

pessoal de escritório fica assegurado um piso de sessenta e três mil cruzeiros. Para os jornalistas e radialistas que percebem salários acima do piso ficará garantido um reajuste de quarenta por cento no mês de novembro. A classe patronal se compromete ainda a ultrapassar nos meses de janeiro e março os reajustes de terminações pelo, digo, de hum mil novecentos e noventa e dois os reajuste determinados pelo Governo Federal e nos meses de fevereiro e abril, doze por cento para quem recebe o piso salarial e quinze por cento para quem percebe salários acima do piso, indistintamente, seja jornalista ou radialista. A proposta foi colocada para avaliação dos presentes e em seguida, votaram dentro do encaminhamento proposto pela mesa. Por sitenta e sete votos a favor, oito contra e duas abstenções os jornalistas e radialistas aprovaram a contra-proposta e decidiram suspender o movimento grevista. As categorias aprovaram ainda a retomada das negociações em início de fevereiro, mais a ser discutido o número de dias parados e estaibilidade de emprego de quarenta e cinco dias. Sem mais a ser discutido o presidente do Sindicato dos jornalistas, José Araújo de Santana, deu por encerrada a assembleia e eu, Dário Belfort, laurei e aminei a presente ata.

José Araújo de Santana
 Dário M. C. Belfort



Niúra Belfort e Luzinete Silva assembleia geral da categoria.



Reunião da diretoria do Sindicato dos Jornalistas. Com Luzinete Silva, Cássia Santana, Niúra Belfort e Nailson Socorro.



Posse da diretoria do Sindijor (1990-1993). Com Luzinete Silva e Milton Alves.



Reunião de negociação salarial.



Manifestação na Praça Fausto Cardoso em 1990.

Tiragem	250 exemplares
Formato	15x21 cm
Tipologia	Adobe Garamond Pro, 12 Euphemia, 12 (capa)
Papel	Off-set 75g/m ² (miolo) Cartão Triplex 250g/m ² (capa)

